

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

TALITA JANINE JULIANI

Sobre as Mulheres Famosas (1361-1362) de Boccaccio
Tradução Parcial, Estudo Introdutório e Notas

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso

Coorientadora: Profa. Dra. Bianca Fanelli Morganti

CAMPINAS

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

Unidade 9001
T/UNICAMP
Culter 1042
V. 1 Ed. 2011
Tombo BC 93317
Proc. 16.130.2011 J942s
C 0
Preço R\$ 11,80
Data 01.12.2011
Cód. tit. 820626

Juliani, Talita Janine, 1985 –
Sobre as Mulheres Famosas (1361-1362) de Boccaccio
Tradução Parcial, Estudo Introdutório e Notas / Talita Janine
Juliani. – Campinas, SP : [s.n.], 2011.

Orientador : Isabella Tardin Cardoso.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Boccaccio, Giovanni, 1313-1375. De Claris
Mulieribus - Crítica e interpretação. 2. Ovídio - Crítica e
interpretação. 3. Catálogos. 4. Mulheres - Biografia. I.
Cardoso, Isabella Tardin, 1971-. II. Universidade Estadual
de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III.
Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: About Famous Women (1361-1362) by Giovanni
Boccaccio.

Palavras-chave em inglês:

Boccaccio
De Claris Mulieribus
Collection
Women - Biography
Ovid

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

Banca examinadora:

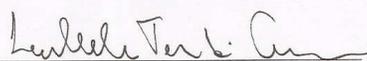
Isabella Tardin Cardoso [Orientador]
Paulo Sérgio de Vasconcellos
Ana Cláudia Romano Ribeiro

Data da defesa: 30-08-2011.

Programa de Pós-Graduação: Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

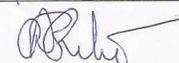
Isabella Tardin Cardoso



Paulo Sérgio de Vasconcellos



Ana Cláudia Romano Ribeiro



Carlos Eduardo Ornelas Berriel

Elaine Sartorelli

IEL/UNICAMP
2011

Para minha mãe e minhas avós,
mulheres que tanto me inspiram...

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Isabella Tardin Cardoso, em primeiro lugar, por ter vivido esta empreitada junto comigo. Sou muitíssimo grata pela dedicação e confiança que depositou em meu trabalho, pelos inúmeros ensinamentos, por sua paciência e inestimável amizade: a ausência destes fatores certamente tornaria esta pesquisa inalcançável.

À Professora Bianca Fanelli Morganti, participação especial neste estudo, pelas muitas lições sobre Petrarca e Boccaccio, bem como por suas excelentes sugestões, carinho e atenciosa colaboração.

Ao Professor Paulo Sérgio de Vasconcellos, pela vasta contribuição prestada no exame de qualificação, mas, acima de tudo, pelas aulas de latim, pelo estímulo, e pela adorável gentileza.

Ao Professor Alexandre Soares Carneiro, que há um bom tempo me apontou o caminho para esta pesquisa, por todo conhecimento que me ajudou a construir ainda na graduação.

Ao Professor Carlos Eduardo Ornelas Berriel, pelas tão instigantes aulas e pela atenção sempre dedicada.

À Professora Patrícia Prata, e ao Professor Marcos Aurélio Pereira, por tudo que aprendi em seus cursos de língua latina.

Às Professoras Ana Cláudia Romano Ribeiro e Elaine Sartorelli, que gentilmente aceitaram fazer parte de nossa banca.

A todos os amigos das Clássicas, parceiros de jornada, que me acolheram com muito carinho, estímulo, interesse e amizade.

Aos amigos Lorena, Fábio e Maysa, companheiros da graduação, que me apoiaram incondicionalmente neste trabalho, apesar da distância.

Agradeço também aos amigos José Adriano e Régis, pelas tantas ideias trocadas.

À querida amiga Melina, pelas aulas de italiano, pelas enriquecedoras conversas e pela amizade de longa data.

Às amigas de infância, Fernanda e Mariana, e à cunhada Kelly, por estarem comigo “desde sempre”, e por me incentivarem também nesta etapa.

Ao meu querido Juliano, pela paciência, apoio, e amor com os quais acompanhou este trabalho e todos os outros momentos de minha vida, completando-os.

Aos meus maravilhosos irmãos, Diego e João Vitor, pelos textos latinos digitados (!), pelas conversas instigantes e pelo bem humorado estímulo.

Por fim, agradeço especialmente a meus pais, Sandra e Vitor, que com dedicação, amor, e paciência me guiaram nos caminhos percorridos, e me deram a oportunidade de realizar o presente trabalho e tantas outras coisas. A eles um imensurável muito obrigada.

Agradeço também:

à CAPES, que fomentou esta pesquisa de mestrado, a todos os funcionários do IEL e da Biblioteca - sempre muito solícitos –, e ainda a quem eu, porventura, possa ter esquecido de mencionar.

Nam qui, ut ceteros anteirent claris facinoribus, studium omne, substantias, sanguinem et animam, exigente oportunitate, posuere, profecto ut eorum nomen in posteris perpetua deducatur memoria meruere. (De Claris, Proêmio, §2).

Pois aqueles que, a fim de preceder a outros por suas célebres façanhas, colocaram todo seu empenho, e, quando a ocasião pedia, posses, sangue e alma, mereceram efetivamente que seu nome fosse conduzido à posteridade em sua perpétua memória.

RESUMO

Nossa pesquisa apresenta uma tradução parcial do *De Claris Mulieribus*, catálogo de biografias femininas escrito por Giovanni Boccaccio entre 1361-1362. A tradução, que é a primeira da obra no Brasil, compreende Dedicatória, Proêmio e as 40 primeiras biografias constantes da obra, e é acompanhada de um estudo introdutório, composto por três capítulos. O primeiro capítulo visa oferecer breves dados a respeito da formação do autor certaldense e do ambiente cultural de seus leitores coevos - com destaque à sua relação com a literatura greco-romana, bem como um panorama de sua produção, tanto vernácula quanto latina. No segundo capítulo, por sua vez, buscamos localizar a obra em apreço dentre as produções latinas boccaccianas, e discorrer sobre sua estrutura e composição. Por fim, no Capítulo III, guiando-nos por metodologia intertextual, dedicamo-nos brevemente à relação do texto da obra *De Claris* com outros textos. Nesse âmbito, como amostra da riqueza de sentidos, uma análise de biografias boccaccianas (Tisbe XIII, e Medeia XVII) será elaborada a partir de sua relação com excertos de Ovídio.

Palavras-chave: Boccaccio, *De Claris Mulieribus*, catálogo, biografia, Ovídio

ABSTRACT

Our research presents a partial translation of *De Claris Mulieribus*, a collection of female biographies written by Giovanni Boccaccio between 1361-1362. The present translation, which is the very first one of its kind in Brazil, comprises Dedication, Preface and the first 40 biographies contained in his work, and it is followed by an introductory study composed of three chapters. The first chapter aims to provide concise data regarding the formation of the Italian author from Certaldo and the cultural environment of his coeval readers, focusing on his relation with the Greco-Roman literature, as well as an overview of his production, both vernacular and Latin. In the second chapter, we intended to position the work in appreciation within Boccaccian's Latin productions, and also to consider its structure and composition. Finally, in Chapter III, guided by intertextual methodology, we had briefly dedicated ourselves to the relation of the text of *De Claris* work with other texts. In this scope, as an illustration of

the richness of meanings, an analysis of the Boccaccio's biographies (Thisbe XIII and Medea XVII) will be elaborated from its relation with excerpts from Ovid.

Key-words: Boccaccio, *De Claris Mulieribus*, collection, biography, Ovid

LISTA DE ABREVIATURAS

No que concerne às edições do *De Claris Mulieribus*, bem como a seus tradutores para o italiano e o inglês, utilizaremos as seguintes abreviaturas:

Brown (para referências à tradução do latim para o inglês e à Introdução da autora):

Boccaccio, Giovanni. *Famous Women*. Edited and Translated by Virginia Brown. The I Tatti Renaissance Library. Cambridge/London: Harvard University Press, 2001.

Zaccaria (para referências à tradução do latim para o italiano e à Introdução do autor):

Branca, Vittore (a cura di-). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Verona: Arnaldo Mondadori editore, 1967-1970, Vol. X a cura di Vittorio Zaccaria. Milão: 1967; 2ª edição, 1970.

Quanto às obras de referência, como dicionários e compêndios de literatura, utilizaremos:

OCCL:

Howatson, M. C. (ed.). *Oxford companion to classical to classical literature*. Oxford: Clarendon Press, 1989.

OLD:

Glare, P. G.W. (Ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1982.

PB:

Branca, V. “Perfil Biografico” in Branca, Vittore (a cura di-). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Verona: Arnaldo Mondadori Editore, 1967-1970, Vol. I ([Milão] 1967; 2ª edição, 1970).

Títulos de obras de Giovanni Boccaccio mais citados neste estudo:

Em Italiano:

Decameron (1349-51)

Em latim:

Buccollicum: *Buccollicum Carmen* (1347-67)

Carmina: *Carmina*

De Casibus: *De casibus virorum illustrium* (1356-60)

De Claris: *De Claris Mulieribus* (1361-62)

De Genealogia: *De genealogia deorum gentilium* (1360-?)

De Montibus: *De montibus, silvis, fontibus, lacubus, fluminibus, stagnis seu paludis, et de nominibus maris* (1355-60)

SUMÁRIO

Introdução	17
Capítulo I – Giovanni Boccaccio: formação e produção literária	21
1.1. Obras em vernáculo e obras em latim.....	24
1.2. A opção pelo latim.....	30
Capítulo II – <i>Sobre as mulheres famosas</i>	33
2.1. Estrutura, modelos e matéria.....	34
2.2. Datação e Fases Redacionais.....	51
Capítulo III – Cenas Ovidianas em <i>De Claris Mulieribus</i>: primeiros passos de um estudo intertextual	61
3.1. Em busca de um olhar intertextual.....	61
3.2. Boccaccio leitor de Ovídio.....	68
3.3. A Tisbe antiga e sua versão Trecentista: uma leitura.....	85
3.4. Medeia ovidiana em Boccaccio.....	100
3.5. Reflexões finais sobre as cenas ovidianas em <i>De Claris</i>	120
Conclusão	125
Anexo I: Apontamentos sobre a ortografia, morfologia, léxico e sintaxe do <i>De Claris</i>	127
Anexo II: Texto Latino	135
Anexo III: Tradução	189
Bibliografia	279

INTRODUÇÃO

Nosso interesse pela obra *De Claris Mulieribus* (1361-1362) de Giovanni Boccaccio (1313-1375), um catálogo de biografias femininas, se deu a partir do estudo¹ de um momento particular de sua recepção: a obra *Le Livre de la Cité des Dames*² (1405) da autora Christine de Pizan (1363-1430), texto cujas duas primeiras partes tiveram como fonte principal tal trabalho do autor toscano.

Além da presença do texto na obra da autora francesa, e da vasta fortuna crítica apontada pelos estudiosos³, àquela época, à medida que o compêndio boccacciano era

¹ T. J. Juliani, “O *Livre de la Cité des Dames* (1405) de Christine de Pizan frente à sua principal fonte, o *De Claris Mulieribus* de Giovanni Boccaccio (1362)”. Pesquisa de Iniciação Científica, sob orientação do Prof. Dr. Alexandre Soares Carneiro (DTL – IEL), processo 06/56084-4, FAPESP, agosto de 2006 a agosto de 2007.

² *Le Livre de la Cité des Dames* (1405) apresenta-se como uma tentativa de argumentação da autora contra os ataques ao sexo feminino por parte de filósofos, intelectuais e clérigos da Idade Média. Trata-se de catálogo biográfico que reúne biografias de mulheres virtuosas pagãs, do antigo Testamento e cristãs, com as quais a autora cria uma espécie de cidade alegórica, em que os retratos femininos simbolizam as pedras de sua construção. Para a discussão sobre a misoginia medieval, várias referências podem ser citadas, sendo que uma delas seria H.R. Block (1995); ou ainda G. Duby (1989). Sobre o gênero biográfico na Antiguidade greco-romana, cf. B. Gentili; G. Cerri (1988). Sobre o biógrafo romano Suetônio, cf. G. B. Conte (1994, pp.546-52). Para *Le Livre de la Cité des Dames*, consultamos a edição de Eric Hicks e Thérèse Moreau publicada pela editora Stock, *Moyen Age* (Pizan, 2000) e a de Rosalind Brown-Grant publicada pela Penguin Books (Pizan, 1999).

³ Vittorio Zaccaria, editor e tradutor do *De Claris Mulieribus* para o italiano, em introdução à *Sobre mulheres famosas*, afirma que a “aprovação” (“favore”) da obra é atestada por sua ressonância nos escritos humanistas e literários da Inglaterra, França, Alemanha e Espanha. Dentre os muitos textos elencados pelo tradutor como sendo parte da fortuna crítica de *De Claris*, transcreveremos aqui alguns, para conhecimento, dos expostos mais detalhadamente por Zaccaria (cf. “Introduzione”, pp. 15-16): Chaucer (1343-1400) traduziu o capítulo inteiro de Zenobia (C) em *The Canterbury tales* em 1387; Laurant de Premierfait (1380-1418) foi o primeiro tradutor das obras de Boccaccio para o francês; Hans Sachs (1494-1576) escreveu dramas tendo como base as biografias de Dejanira, Clitemnestra, Artemísia, Olímpíada e Cleópatra presentes no *De Claris*; Alvaro di Luna (1388-1453) escreveu um texto, em língua espanhola (*De las virtuosas y claras mujeres*), seguindo os passos do texto boccacciano, e Alonso di Cartagena (1384-1456) é apontado por ter feito o mesmo (*De las mujeres ilustres*). Na Itália, aqueles que traduziram o *De Claris* integralmente também são muitos: Donato degli Albanzani e Antonio di San Lupidio no séc. XV, e Giuseppe Betussi e Luca Antonio Ridolfi no séc. XVI. Na Alemanha, Arrigo Steinhöwel fez uma tradução de *De Claris* no séc. XV, e a dedicou a Eleonora, filha de Giacomo I, rei da Escócia. Na Inglaterra, Henrique Parker traduziu o *De Claris* no séc. XVI, e o dedicou ao rei Henrique VIII. Duas traduções anônimas também foram feitas, uma na França, no início do século XV, outra na Espanha, publicada em 1528, em Sevilha. O *De Claris* também teve muitos imitadores, e alguns deles foram: Sabbadino degli Arienti (*Gynevera, de le clare donne*, 1490); Vespasiano di Bisticci (*Libro delle lodi e commendazione delle donne illustri*, séc. XVI); G. Betussi e F. Serdonati (*Addizioni al libro delle donne illustre*, traduzido primeiramente por D. Bordigallo, no século XVI); B. Gamba

estudado (de maneira introdutória e comparativa com a obra da escritora francesa), não pudemos deixar de notar o vastíssimo campo de estudo que se estendia a nossa frente. Isso porque, além de abrigar inúmeras chaves para seu entendimento - seja pelo viés da história das mulheres, da questão dos gêneros e catálogos biográficos, do conhecimento dos mitos e uso das fontes antigas no início do Renascimento (além de incontáveis outros temas) – o texto, escrito em língua latina, ainda não tinha tradução para a língua portuguesa.

Além da ausência da tradução para o português, o ineditismo do trabalho no contexto brasileiro nos ficou claro também à medida que nos deparamos com uma grande dificuldade em acessar a bibliografia básica sobre o assunto, quer sobre a edição e estudos sobre o *De Claris Mulieribus*⁴, quer sobre sua relação com outros autores do Renascimento.⁵

(*Alcuni ritratti di donne illustri delle province veneziane*, 1826); e E. Magliani (*Storia letteraria delle donne italiane*, 1885). Cf. Zaccaria, V. “Introduzione” in Branca, Vittore (a cura di-). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Verona: Arnoldo Mondadori Editore, 1967-1970, Vol. X (a cura di Vittorio Zaccaria, Milão, 1967; 2ª edição, 1970), p.15.

⁴ A edição do *De Claris* que usamos e a maioria dos estudos secundários só foi encontrada em bibliotecas no exterior. Em visita à Universidade de Heidelberg (Alemanha), a Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso, a quem agradeço imensamente, adquiriu a seguinte relação deles: Coulter, G.C. “Boccaccio’s acquaintance with Homer”, *Philological Quarterly*, V, 1926, pp. 44-53; Jocelyn, H.D. “Giovanni Boccaccio’s interpretations of Graeco-Roman myths and the constraints and impulses of his own times”, *Die Allegorese des antiken Mythos*, Harrassowitz, 1997, pp. 253-265; Ricci, Lucia Battaglia. “La produzione latina” in *Boccaccio*, Roma: Salerno Editrice, 2000, pp. 207-26; Ricci, Pier Giorgio. “Le fasi redazionali del *De Mulieribus Claris*” in *Studi sulla vita e le Opere Del Boccaccio*, Milano, Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1985, pp.125-135; Torreta, Laura. “Il liber *De Claris Mulieribus* di Giovanni Boccaccio”, *Giornale storico della letteratura italiana*, 1902, vol. 39, pp.252-292, vol. 40, pp. 35-65; Zaccaria, V. “Le fasi redazionali del “De Mulieribus” in *Studi sul Boccaccio*, I, 1963, pp. 253-332; Zaccaria, V. “Apunti sul latino del Boccaccio nel ‘De mulieribus Claris’ (dall’autografo Laur. Pl. 90 sup. 98)”, *Studi sul Boccaccio*, III, 1965, pp. 229-46; além do próprio volume do *De Claris Mulieribus*, parte da coleção de Vittore Branca, inexistente no Brasil.

⁵ Também tivemos colaboração da coorientadora, Profa. Dra. Bianca Farneli Morganti (Unifesp), que generosamente nos disponibilizou bibliografia (sobretudo referente a Petrarca, assunto de seu Doutorado, adquirida em estágio na Universidade de Florença, na Itália, como por exemplo: Boccaccio, G. (a cura di Gianni Villani). *Vita di Petrarca*. Roma: Salerno Editrice, 2004; Fera, V. “La filologia del Petrarca e i fondamenti della filologia umanistica” in *Quaderni Petrarqueschi*, IX, X, 1992-1993, Firenze: Casa Editrice Le Lettere, pp. 367- 391; Franklin, M. *Boccaccio’s Heroines: Power and Virtue in Renaissance Society (Women and Gender in early modern world)*. Ashgate Publishing, 2006; Kristeller, P.O; Randall, J.H. “The study of the philosophies of the Renaissance”, *Journal of the History of Ideas*, vol. I, nº 2. London, New York, San Francisco: Johnson Reprint Corporation, 1941; Petrarca. *Prose*. Milano, Napoli: Riccardo Ricciardi Editore; Petrarca. *Res Seniles. Libri I-IV*. Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 2006. A cura di Silvia Rizzo, con la collaborazione di Monica Berté; Rizzo,

Nesse contexto, o presente estudo dedicado ao *De Claris Mulieribus* tem como intuito começar a transportá-lo da língua *mater* ao português, de forma a contribuir para as reflexões em nosso país sobre Boccaccio, e autores por ele influenciados.⁶ No período que circunscreve o mestrado, empenhamo-nos, então, na execução da seguinte tarefa: iniciar a versão de pouco menos da metade do texto latino, precisamente as primeiras quarenta biografias (dentre as cento e três), mais sua Dedicatória e Proêmio.

Acompanha a tradução uma introdução sobre o livro em apreço. Nela, em primeiro lugar, nos preocupamos em informar brevemente sobre o percurso das letras de Boccaccio, e em localizar a obra objeto de estudo em meio às demais produções (em vernáculo e em latim) do autor. Esses aspectos foram trabalhados no Capítulo I. No Capítulo II nos centraremos na estrutura do *De Claris* e sobre a discussão a respeito de suas fases redacionais. Neste ponto discorreremos brevemente sobre o trabalho com os manuscritos que levaram ao estabelecimento da atual edição. Tentamos, ainda, apontar algumas informações sobre o latim do autor toscano na obra objeto de estudo, tendo como base artigos específicos sobre a língua latina no *De Claris*. Estas informações estão dispostas logo antes de nossa tradução (Anexo III).

O terceiro capítulo foi dedicado a uma questão particular: o modo como, no texto de Boccaccio, se dá a presença de outros autores, sobretudo os da Antiguidade. Como, pela riqueza de associações que o texto boccacciano suscita, tal apreciação se revelou mais complexa do que nos pareceu à primeira vista, decidimos escolher, entre tantos autores já apontados nas pesquisas, a relação entre o texto boccacciano e obras de um autor antigo: Ovídio (43 a.C. – 17 d.C.). No mesmo sentido, um olhar mais atento ao texto nos demandou a restrição do *corpus* na análise propriamente dita. Dessa forma, dentre as quarenta biografias traduzidas, escolheu-se a biografia de Tisbe (XIII) e de Medeia (XVII). Como se pretende demonstrar, ambas, por motivos opostos, acabam por

S. "Petarca, il latino e il volgare" in *Quaderni Petrarqueschi*, VII, 1990, Firenze: Casa Editrice Le Lettere, pp.7-40; Rizzo, S. "Il latino del Petarca e il latino dell'umanismo" in *Quaderni Petrarqueschi*, IX, X, Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 1992-1993, pp. 349-365; Sabbadini, R. *Le scoperte dei codici latini e greci ne' secoli XIV e XV*. Firenze: G.C. Sansoni Editore, 1967. Edizione anastatica con nuove aggiunte e correzione dell'autore a cura di Eugenio Garin.

⁶ Como exemplos de pesquisas recentes dedicadas a obras latinas do Renascimento ver B. F. Morganti, *Investive Contra Medicum de Francesco Petrarca: Tradução, Ensaio Introdutório e Notas*. Campinas, 2008, tese de doutorado do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP; e E. Sartorelli, *Estratégias de Construção e de Legitimação do Ethos na Causa Veritatis: Miguel Servet e as Polêmicas Religiosas do Século XVI*. São Paulo, 2006, tese de doutorado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

nos dar elementos importantes para entender o *modus faciendi* de Boccaccio, e alguns efeitos de sentido que se pode apreender do diálogo boccacciano com a tradição da Antiguidade.

Assim, apresentamos os primeiros passos de uma análise comparativa entre as versões ovidianas das histórias de Tisbe (*Metamorfoses*, IV, 55-166) e Medeia (*Metamorfoses*, VII, 1-452) e as biografias destas personagens encontradas no *De Claris Mulieribus* (XIII e XVII, respectivamente) de Giovanni Boccaccio. Para tanto, levamos em conta (ainda de modo incipiente) a metodologia dos estudos intertextuais aplicada (na esteira de Gian Biagio Conte [1996] e Paulo Sérgio de Vasconcellos [2001]) à área de Letras Clássicas.

A este estudo, segue, enfim, nossa tradução. A escolha das biografias traduzidas, por sua vez, segue a ordem em que se encontram no próprio texto base: a edição e tradução de 1970 de Vittorio Zaccaria ao décimo volume da coleção organizada por Vittore Branca (*Tutte le Opere di Giovanni Boccaccio*), os quais (coleção e organizador) são referência nos estudos boccaccianos.

Estão traduzidas, portanto, a *Dedicatória a Andrea Acciaiuoli*, o *Proêmio* e as seguintes biografias: *Eva*, *Semíramis*, *Ópis*, *Juno*, *Ceres*, *Minerva*, *Vênus*, *Ísis*, *Europa*, *Líbia*, *Marpesia e Lampedone* (que dividem o mesmo capítulo), *Tisbe*, *Hipermnestra*, *Níobe*, *Isífile*, *Medeia*, *Aracne*, *Oritiia e Antíope* (que também dividem o mesmo capítulo), *Eritreia*, *Medusa*, *Iole*, *Dejanira*, *Jocasta*, *Almateia*, *Nicóstrata*, *Prócris*, *Argia*, *Manto*, *As esposas dos Míniás*, *Pentesileia*, *Políxena*, *Hécuba*, *Cassandra*, *Clitemnestra*, *Helena*, *Circe*, *Camila*, e *Penélope*.

CAPÍTULO I – GIOVANNI BOCCACCIO: FORMAÇÃO E PRODUÇÃO LITERÁRIA

Largamente conhecido como “o pai da narrativa européia”⁷, Giovanni Boccaccio consagrou-se como autor de língua italiana com o *Decameron* (1349-51), famosíssimo compêndio de cem novelas, em que o autor descreve a fuga de dez jovens para uma cidadezinha ao lado de sua Florença, Fiésoli, os quais, envolvidos pela atmosfera da peste negra que dizimara a Europa no século XIV, se propõem a narrar histórias que são recebidas como retratos da Idade Média que estava por terminar.⁸

Porém, é de um Boccaccio talvez pouco menos comentado – certamente assim o é no Brasil - que nos aproximaremos aqui, levando em consideração os escritos da fase final de sua vida, ou seja, quando o autor toscano, segundo Brown⁹ e Ricci¹⁰, intensifica sua produção em língua latina, e trabalha em uma série de obras na língua *mater*, talvez influenciado pelo humanismo de Francisco Petrarca¹¹ (1304-1374), seu preceptor e amigo. Sobre as obras latinas de Boccaccio voltaremos a falar mais adiante, ainda neste capítulo, bem como sobre a relação com as obras vernáculas¹². A seguir discutiremos brevemente sobre sua vida, particularmente sobre elementos que nos ajudam a vislumbrar sua formação e o momento da composição do *De Claris Mulieribus*.

Não se sabe exatamente onde Giovanni Boccaccio nasceu. Era filho de Boccaccino di Chelino (sendo Chelino o nome de seu avô), fruto de uma relação ilegítima com uma mulher sobre a qual nada se sabe. Tal fato rendera à imagem de nosso autor, e posteriormente, à sua própria produção literária, inúmeras anedotas, inclusive cultivadas por ele, a respeito de sua origem¹³. Afirmando, inclusive, que ele nascera em Paris, e também ainda, que o autor provinha de uma linhagem real. Vittore

⁷ Cf. PB, p.3.

⁸ Sobre essas informações, cf. Boccaccio, G. *Decameron*. Vol. I e II. Milão: Oscar Mondadori, 2009, a cura di Vittore Branca; e Brusciagli, R., Tellini G. “Giovanni Boccaccio” in *Letteratura e storia. Dalle origini all’età comunale*. Vol. I. Firenze: Sansoni, 2005 e ainda Brioschi, F.; Girolamo, C. (a cura di-). *Manuale di letteratura italiana. Storia per Generi e Problemi. Dalle origini alla fine del quattrocento*. vol.I.Torino: Bollati Boringhieri, 1998.

⁹ Cf. Brown, p.xi.

¹⁰ Ricci, Lucia Battaglia. “La produzione latina” in *Boccaccio*, Roma: Salerno Editrice, 2000, pp. 207-26.

¹¹ Cf. Brown, p.xi.

¹² Cf. Capítulo III desta dissertação.

¹³ Cf. PB, p.8.

Branca, autor de um dos perfis biográficos mais respeitados sobre Boccaccio¹⁴, discorda de tal fato, e localiza seu nascimento na cidade de Florença¹⁵, ou ainda em Certaldo, um *borgo* vizinho, entre junho e julho de 1313¹⁶.

Segundo sua biografia, por fazer parte de uma família de mercadores – o pai e o tio chegaram a Florença no ano de 1297 para tentar a vida no crescente comércio da cidade¹⁷, e assim prosperaram – esperava-se que Giovanni seguisse o mesmo caminho. De fato o menino, que já sabia ler e escrever aos seis anos, foi instruído na aritmética¹⁸ aos doze, a fim de que se iniciasse na prática mercantil. Porém, já durante as primeiras instruções¹⁹ em gramática latina, Boccaccio dedicava-se ao estudo de textos ovidianos²⁰ – correntes na época – e à literatura dantesca, sendo que, em carta escrita por Petrarca em 1359, observamos o testemunho indireto das palavras de Boccaccio, que afirma ser Dante Alighieri (1265-1321) *primus studiorum dux et prima fax*²¹ (Petrarca, *Familiaris*, XXI 15, 2)²².

Aos dezoito anos, em Nápoles, iniciou-se nas aulas de direito canônico e se dedicou aos estudos humanísticos sob a influência de Cino da Pistoia, seu professor. Importante estudioso, ele proporcionou a Boccaccio um testemunho vivo do culto à poesia, e dessa forma propunha ao autor certaldense os primeiros escritos²³. Boccaccio via em Cino, ao que tudo indica, o “emblema vivo da grande poesia toscana”²⁴ (nas palavras de Branca), uma vez que ele mesmo já tomara conhecimento do *De vulgari eloquentia* (1302-1305) de Dante Alighieri, e admirava as questões ali colocadas.

¹⁴ “La biografia oggi piú sicura è V. Branca, *Giovanni Boccaccio. Profilo Biografico*. Firenze, Sansoni, 1977, poi ripubblicato in varie sedi”. Cf. Ricci, L.B. “Bibliografia Essenziale” in *Boccaccio*. Roma: Salerno Editrice, 2000, p. 262.

¹⁵ “Sempre in queste memorie d’infanzia (dalle quali naturalmente Parigi è del tutto assente) Firenze appare come la <patria> natale; e è contrapposta alle volte a Certaldo, origine e sede della famiglia”. Cf. PB. p.9.

¹⁶ Cf. PB, p. 6.

¹⁷ Cf. PB, p. 4.

¹⁸ Cf. PB, p. 13.

¹⁹ Sobre o currículo escolar do período, cf. Garin, E. *L’educazione in Europa (1400-1600). Problemi e programmi*. Bari: Editori Laterza, 1957.

²⁰ Cf. PB, p. 12.

²¹ “Primeiro guia nos estudos e primeira tocha”. Cf. PB, p.12-13.

²² Cf. também segunda carta do quinto livro das *Res Senilis* de Petrarca, em que o autor se refere a Dante de maneira análoga: *ille nostri eloquii dux et prima fax fuerit* (Petrarca, *Res Senilis*. Libri V-VIII. A cura di Silvia Rizzo. Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 2009).

²³ Cf. PB, p.30-1.

²⁴ “l’emblema vivente della grande poesia toscana” Cf. PB, p. 31.

Assim, a influência de Dante, que Boccaccio recebeu desde as primeiras lições, fora ainda mais calcada em seu espírito por Cino da Pistoia.

Por ser estudante de direito canônico e freqüentador da alta aristocracia napolitana (por meio dos serviços prestados por ele e seu pai como mercadores, além da amizade com Niccolò Acciaiuoli, a quem nos referiremos adiante), Boccaccio começou a freqüentar os centros culturais de Nápoles, como a biblioteca real, e dessa forma entra em contato com a astronomia, antiquariato, literatura, mitologia, e as culturas grega e bizantina. O entusiasmo e admiração, sobretudo com a cultura helênica, muito o influenciaram, o que é atestado por nomes e referências em suas obras²⁵, basta nos lembrarmos do título de seu *Decameron*²⁶.

Aos 20 anos Boccaccio, quando já estava muito bem provido de cultura, ainda em Nápoles, tomou aulas com o padre agostiniano Dionigi de São Sepulcro, mestre em retórica e poética²⁷. Dionigi o instruiu de Sêneca a Santo Agostinho, e teria sido para o autor, segundo Branca, uma grande referência espiritual (*theologie magister*²⁸), além de revelador de uma poesia e cultura diferente daquela oferecida até então por Cino da Pistoia e outros eruditos: foi ele quem direcionou Boccaccio aos referidos autores antigos com mais esmero.²⁹

Entre os anos de 30 e 40, amadurecia em Boccaccio aspectos que acompanhariam toda a sua carreira literária: a influência da escola de Mazzuoli, que freqüentou ainda pequeno, e das “aquisições culturais” (“acquisti culturali”, nas palavras de Branca³⁰) a que teve acesso em Nápoles, um lugar onde se intercambiava o estudo das culturas ocidentais e orientais. Tais elementos caracterizarão, segundo Branca³¹, o pluralismo cultural presente na literatura boccacciana, bem como a presença do latim e o italiano, que, atestada desde o início de sua carreira, nesta época ficará mais evidente em suas obras.

Dentre os muitos professores e intelectuais que tiveram importância na vida de Boccaccio, Vittore Branca diz ter sido Francesco Petrarca (1304–1374) uma figura

²⁵ Cf. PB, p.33.

²⁶ *Decameron*, em grego, significa “dez jornadas”. Cf. Boccaccio, G. *Decameron*. Vol. II. Milão: Oscar Mondadori, 2009, a cura di Vittore Branca, nota 1.

²⁷ Cf. PB, p.35-36.

²⁸ Cf. Boccaccio, *Vita Petracchi*, apud PB, p. 37.

²⁹ Cf. PB, p.36-7.

³⁰ Cf. PB, p. 39.

³¹ Cf. PB, p. 39.

decisiva na vida de nosso autor. Em carta de 1372, dirigida a Francesco da Brossono (*Epistole*, XXIV)³², Boccaccio afirma que devia a Petrarca tudo aquilo que nele mesmo tinha de bom (“il B. confesserà nel 1372 di essere debitore di quanto in lui fosse di buono”³³), e que se sentia ligado ao autor mesmo quinze anos antes de o conhecer, fato que só se deu em 1350. Antes disso, ainda segundo Branca, os autores se relacionavam através de correspondências, e dessa forma compartilhavam, dentre outras coisas, informações a respeito de códices (muitos deles contendo textos antigos, tais quais o *Pro Archia*, de Cícero³⁴), e sobre a vida pública florentina. Sobre alguma influência petrarquiana, nos voltaremos mais adiante.

Por ora, então, levantaremos hipóteses a respeito do uso que Boccaccio fez do latim e do vulgar, e discutiremos o momento específico em que Boccaccio desenvolveu o seu *De Claris Mulieribus*.

1.1. Obras em vernáculo e obras em latim

A biografia de Boccaccio, que Branca nos narra, sugere que o autor se dedicara ao latim desde suas primeiríssimas produções literárias (como por exemplo a *Elegia di Costanza* e *Allegoria mitologica*, ambas compostas antes de 1334). Entretanto, como mencionamos, o autor já conhecia a defesa do vernáculo presente em *De Vulgari Eloquentia*³⁵ de Dante, (texto sobre o qual discutiremos mais detalhadamente adiante), e compôs variadas obras em italiano, consagrando-se como autor justamente com um destes trabalhos, o supramencionado *Decameron* (1349-51).

Dentre suas obras em italiano, ainda encontramos *La caccia di Diana* (poema, 1334-37), um de seus primeiros trabalhos, *Il filocolo* (prosa, 1336), *Il filostrato* (poema, 1338), a *Teseida* (poema épico, 1339-40), *Il ninfale d'Ameto* ou *Commedia delle ninfe fiorentine* (prosa, 1341-1342), *L'amorosa visione* (poema, 1342-43), *Elegia di Madonna*

³² Cf. Branca, V. *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Vol. V, a cura di Vittore Branca, C. Delcorno, G. Chiecchi, G. Padoan, G. Velli, G. Bernardi Perini, G. Auzzas, R. Fabbri, M. Pastori Stocchi. Verona: Arnoldo Mondadori Editore, 1967-1970.

³³ Cf. Branca, V. “Cronologia” in Boccaccio, G. *Decameron*. A cura di Vittore Branca. Milano: Oscar Mondadori, 2009, p. LIV.

³⁴ Cf. PB, p. 85.

³⁵ Dante. *De Vulgari Eloquentia*. Ed. and Translated by Steven Botterill. Cambridge, 1996.

Fiammetta (1343-44), escrita em prosa, *Il ninfale fiesolano* (1344-45), poema sobre o amor pastoril, o *Trattatello in laude di Dante* (1351) e *Il Corbaccio* (1365), uma sátira de apelo misógino a respeito de uma mulher que lhe provocou uma decepção amorosa³⁶.

Como pudemos ver, o autor atua tanto na poesia quanto na prosa, escritas em gêneros variados. Seus trabalhos em vulgar também discorrem sobre temas diferenciados. *Il filocolo*, por exemplo, trata das venturas e desventuras dos personagens Florio e de Biancofiore. Em várias outras obras chamou-nos atenção a presença de figuras femininas, como a *Teseida*, que se compõe de doze cantos e cuja história retrata o amor de dois amigos, Arcita e Palémon, por uma mesma mulher, tendo como pano de fundo as Guerras de Teseu; a *Elegia di Madonna Fiammetta* nos apresentaria um amor idealizado da juventude de Boccaccio, e uma fascinante personagem sublimada, que representaria Maria d'Aquino, filha do rei Roberto, e que, como Vittore Branca nos instrui, era na verdade “um perfil [...] fictício, construído segundo os cânones da literatura amorosa daquele tempo”.³⁷

No que concerne aos trabalhos de Giovanni Boccaccio em língua latina, uma elucidação sobre quais e quantas seriam estas obras, de temas e títulos também variados, nos é dada com detalhes por Lucia Battaglia Ricci³⁸. Segundo a autora, a literatura latina de Boccaccio começa quando da mudança do autor para Nápoles (1327), e ganha número e volume, até tornar-se absoluta em sua produção a partir dos anos de 1350³⁹.

Mas, para a própria autora do artigo, a datação destas obras é ainda hoje bastante incerta, seja por ausência de datas internas e/ou externas irrefutáveis, seja porque Boccaccio teria trabalhado longamente em cada uma, e talvez por isso tenhamos muitas redações - acredita-se que algumas delas, como *Genealogie deorum gentilium*, sobre a qual falaremos mais adiante, tenha ficado em sua mesa durante vinte anos⁴⁰.

³⁶ Cf. Muscetta, Carlo. "Giovanni Boccaccio" in *Letteratura italiana Laterza*. Bari: Laterza, 1989; Ferroni, Giulio. *Storia della letteratura italiana vol. I "Dalle origini al Quattrocento"* Turin: Einaudi, 1991.

³⁷ Cf. PB, p.28.

³⁸ Ricci, Lucia Battaglia. "La produzione latina" in *Boccaccio*, Roma: Salerno Editrice, 2000, pp. 207-26.

³⁹ Cf. Ricci, L. B. (2000), p. 207.

⁴⁰ Cf. Ricci, L. B. (2000), p.207.

As primeiras produções latinas de Boccaccio apontadas pela autora são, então, epístolas e *dictamina*⁴¹. As epístolas que chegaram até nós, com exceção da “lettera napoletana” - importante consolatória a Pino d’Rossi que guiou os estudos sobre a datação do *De Claris* -, e um bilhete (“bigliettino d’affari”⁴²) a Leonardo de Chiaro, estão todas em latim⁴³. Para Ricci, Boccaccio não se preocupou em recolher as várias peças em um único epistolário, e por causa disso, provavelmente, grande parte de suas cartas foi perdida. Um fato que confirmaria tal hipótese seriam as infinitas respostas a cartas (a nós desconhecidas) de Boccaccio, e a desproporção entre missivas e respostas presente na afirmação de Petrarca, que diz responder *una ex mille* das cartas do amigo, além de quatro cartas de Boccaccio endereçadas a Petrarca, contra trinta conservadas de Petrarca para ele.⁴⁴

Deste material, até nós chegou um conjunto de vinte e cinco excertos esparsos, (incluindo quatro *dictamina* de 1339), isolados entre os amigos e conhecidos de Boccaccio. Trata-se de escritos de sua vida pessoal, que projetam luz sobre os relacionamentos do autor com Petrarca - sobretudo -, e com Mainardo Cavalcanti, a quem conta sua mísera condição nos últimos anos de vida em Certaldo, por exemplo.⁴⁵

O segundo texto latino apontado por Lúcia Ricci é um texto documentário, o *De Canaria et insules reliques ultra Ispaniam in oceano noviter repertis*. A sua datação tradicional o localiza no ano de 1353, mas outros estudos enumerados por Ricci afirmam que a data não pode ser muito posterior a 1341-1342.⁴⁶ O texto consiste na reescrita em latim de uma relação mercantil originalmente em língua vulgar, datada de 15 de novembro de 1341, em que se dão notícias sobre uma expedição feita naquele ano nas ilhas Canárias, chamadas *fortunatae insulae* dos antigos, que havia sido redescoberta por volta de 1336 pelo genovês Lanzarotto Malocello. Sendo uma reescrita, Ricci observa que a intervenção do autor parece não se estender além do plano lingüístico e formal: o texto repete a tipologia e a *forma mentis* característica das

⁴¹ Os tratados que regulavam o gênero epistolar eram chamados *ars dictaminis*. Sobre isso, cf. Emerson Tin (org.). *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Roterdã e Justo Lúpsio*. Campinas, Editora da Unicamp, 2005.

⁴² Cf. Ricci, L.B. (2000), p.207.

⁴³ Cf. Ricci, L. B. (2000), p.207.

⁴⁴ Cf. Ricci, L. B. (2000), p.207.

⁴⁵ Cf. Ricci, L. B. (2000), p.208.

⁴⁶ Cf. o que Ricci, L.B. (2000), p.209, aponta como exemplo destes estudos: G. Padoan. *Petrarca, Boccaccio e la scoperta delle Canarie*, in Id., *Boccaccio, le Muse*, cit., pp.290-91.

relações mercantis, a descrição das mercadorias encontradas e o sistema de numeração utilizado no original.⁴⁷

Quanto à produção poética latina boccacciana, dois textos mais importantes são apontados, o *Buccolicum Carmen* e os *Carmina*, além de outros pequenos trabalhos⁴⁸. Como dito, não se sabe ao certo a data em que foram produzidos, mas para Ricci a sua elaboração (*carmina*) perdurou por um longo período na vida de Boccaccio.⁴⁹ O *Buccolicum Carmen* é uma coletânea de dezesseis écloas, sendo que a décima sexta, chamada *Aggelos*, foi concebida como texto de dedicatória, e acompanha tal coletânea ao destinatário, Donato Albanzani. O título seria derivado do comentário de Sérvio (V d.C.) às bucólicas de Virgílio (70 a.C.–19 a.C.), e indica o gênero do texto e “l’organicità della raccolta”⁵⁰. Tais textos foram compostos em tempos e ocasiões diversas, e três grupos podem ser distinguidos pelas épocas da vida do escritor: as écloas de 1347-48, as de 1355 e as de 1367⁵¹. Seus temas são variados, vão de relatos sobre experiências pessoais ao registro de eventos político-históricos, bem como a trechos sobre seu histórico intelectual e vida afetiva⁵². No que concerne à influência que sofreu Boccaccio para a tessitura destes textos, além da já referida menção virgiliana, Giuseppe Velli diz que o autor mantém uma *fictio* pastoral e forma epistolar dantesca, desenvolvendo mais amplamente pelo menos a primeira dos dois tipos de composições: uma concepção da bucólica que seria extremamente inovadora e pessoal.⁵³

Depois das composições poéticas, seguem-se as produções biográficas. Quem inaugura o período de biografias boccaccianas é, segundo L. Ricci, *De vita et moribus*

⁴⁷ Cf. Ricci, L.B. (2000) ,p. 209.

⁴⁸ Os textos seriam: *Ytalie certus honos* (com o qual Boccaccio envia a Petrarca um códice da *Commedia delle ninfe fiorentine*), algumas epístolas métricas, *Versus ad Africam* (uma écloga), um epitáfio e também o seu próprio, versos no rodapé de sua *Commedia*, e um singular epigrama em que ele demonstra que um literato pode servir de publicitário para o poder. Cf. Ricci, L.B. (2000), p.210.

⁴⁹ Cf. Ricci, L.B. (2000), p.210.

⁵⁰ Cf. Ricci, L.B. (2000), p.211.

⁵¹ “Le egloghe sono state composte in tempi e in occasioni diversi: la critica ha individuato tre gruppi di testi appartenenti a varie epoche della vicenda intellettuale e umana dello scrittore: le egloghe del 1347-48, quelle del 1355 e quelle del 1367”. Ricci, L.B. (2000), p. 211.

⁵² Cf. Ricci, L.B. (2000), p.211.

⁵³ “Del precedente dantesco, Boccaccio mantiene la *fictio* pastoral e la forma epistolare, sviluppando, almeno, nella prima delle due composizioni [...] una concezione della bucolica profondamente innovativa e personale.” Cf. Velli, *Introduzione a Carmina*, cit., pp.381-82, *apud* Ricci, L.B. (2000), p.212.

Domini Francisci Petracchi de Florentia secundum Iohannem Bochacii de Certaldo, composto antes dos 1350⁵⁴, estimulado pela coroação poética do biografado entre os anos de 1341-42. A esta biografia soma-se a já mencionada *Vida de Dante* (ou *Trattatello in laude di Dante*) em língua vulgar, a *Vida de San Pier Damiani* (data incerta) e a *Pauca de T. Livio a Iohanne Boccaccio collecta* (data incerta), que seria na verdade uma “coletânea de informações” sobre Tito Lívio (59 a. C. -17 d.C.).

Quanto à estruturação destes textos, *A vida de San Pier Damiani* (escrita a pedido de Petrarca) e as “informações biográficas” sobre Tito Lívio respondem a exigências mais modestas, de documentação filológica e de antiquariato, sendo que a primeira foi modificada de modo a se encaixar no modelo da hagiografia, como é apontado pela autora do capítulo sobre as produções latinas de Boccaccio.⁵⁵ Já nas biografias dedicadas aos dois poetas (Dante e Petrarca) o autor “crea il genere della biografia esemplare, dei nuovi eroi: non piú guerrieri o uomini d’azione o santi [...] ma letterati maestri di conscienze e correttori di costumi personali e sociali”⁵⁶. Ainda segundo Ricci (2000), contar a vida de Petrarca teria permitido a Boccaccio traçar um perfil do que seria um poeta nato, isto é, uma figura largamente idealizada e fortemente marcada por projeções autobiográficas. A biografia de seus dois mestres assinalaria o emergir da atenção ao significado de “fazer poesia” que será próprio do Boccaccio maduro.⁵⁷

Finalmente, a estes textos seguem o *De Casibus Virorum Illustrium*, e o *De Mulieribus Claris*, que interessam mais diretamente a presente pesquisa. O *De casibus* compõe-se de nove livros, com histórias exemplares de personagens famosos que decaíram, seja por seu orgulho, seja pela sua miséria e desventura. Ele se inicia com Adão, e termina com personagens contemporâneos a Boccaccio. Interessante notar que, segundo se expressa na obra, o autor toscano recebe estes personagens como que em um sonho-visão, no qual eles mesmos contam seus declínios. A datação do texto é incerta: há hipóteses de que o tratado fora iniciado por volta de 1355, e terminado até o livro VII

⁵⁴ Cf. Ricci, L.B. (2000), p.213.

⁵⁵ Cf. Ricci, L.B. (2000), p.214.

⁵⁶ O autor “cria o gênero da biografia exemplar, dos novos heróis: não mais guerreiros ou homens de ação, ou santos [...] mas literatos, mestres da consciência, e que corrigem costumes pessoais e sociais” (Cf. Branca, *Giovanni Boccaccio rinnovatore*, p.22, apud Ricci, L. B. (2000), p.214, tradução nossa).

⁵⁷ Cf. Ricci, L.B. (2000), p.214.

em 1359, quando Boccaccio, hóspede de Petrarca, recebe deste o conselho e o estímulo para completá-lo com dois últimos livros.⁵⁸ A obra foi dedicada a Mainardo Cavalcanti, por nós já referido⁵⁹. Nossa discussão sobre o *De Claris*, evidentemente, merece atenção e espaço especiais no presente trabalho, e por isso será trazida um pouco mais adiante⁶⁰.

Ainda em produção latina, observamos agora um texto deveras importante da carreira literária de Boccaccio, a *Genealogia Deorum Gentilium*, que teve primeira redação composta em 1360, a pedido de Ugo IV di Lusignano, rei de Cipro, e também a ele foi dedicada. Trata-se de uma vasta compilação estruturada em treze livros, em que é sistematizado o patrimônio mitológico da Antiguidade greco-romana, com mais de setecentos personagens⁶¹. A este volumoso catálogo seguem dois livros (XIV e XV) dedicados a uma defesa da poesia, em que Boccaccio lança mão de “bastantes elementos para defender a poesia e, ao mesmo tempo, a mitologia como poesia, como ‘teologia poética’”.⁶²

Por fim L. Ricci menciona o *De montibus, silvis, fontibus, lacubus, flaminibus, stagnis, seu paludibus, et de nominibus maris*, um dicionário geográfico dividido por temas, exatamente na ordem que se apresentam no título e no qual são catalogados por ordem alfabética nomes e informações geográficas de origem livresca. Interessante é observar as fontes identificadas, segundo a estudiosa, para este trabalho, que são: a Bíblia, Homero, Pseudo-Aristóteles, Varrão, César, Lívio, Justino, Vitruvius, Pompônio Mela, Sêneca, Plínio, Giuseppe Flavio, Curzio Rufo, Solino, Cícero, Eusébio-Girolamo, Sérvio, Orósio, Horácio, Fulgêncio, Paolo Diacono, Virgílio, Lucano, Estácio, Isidoro, Lactâncio, Giulio Onório, Vibio Sequestre, Goffredo di Monmouth e a tradição arthuriana, Gervasio di Tilbury e o anônimo de Ravena.⁶³

L. Ricci aponta que pouquíssimos dados teriam sido acrescentados pelo próprio autor, como ele diz em: *arbitrio meo pauca quedam visa aut a fide dignis audita ultra*

⁵⁸ Cf. Ricci, L.B. (2000), p.214-5.

⁵⁹ Cf. p. 20.

⁶⁰ Cf. Capítulo II do presente estudo.

⁶¹ Cf. Ricci, L.B. (2000), p.219.

⁶² Garin, E. *Idade Média e Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1994, p.71.

⁶³ Cf. Ricci, L.B. (2000), p. 224. Os autores são citados na ordem que a estudiosa os menciona. Interessante é que Ricci não menciona Ovídio, autor cuja relação com Boccaccio nos ocupará no terceiro capítulo deste estudo.

*quam scripta compererim apposui*⁶⁴ (VII, 121), de forma que tal fato revelaria no entender de Ariani “la fede umanistica nell’autosufficienza dell’apparato erudito come sostituto dell’esperienza”.⁶⁵

A composição do *De montibus* foi retomada muitas vezes: ao núcleo originário, que data de 1355-60, e que é largamente constituído de informações da *Naturalis historia* de Plínio (23-79 d.C.) – texto que Boccaccio pode ter consultado em Padova no fim de 1351 em um manuscrito, o atual Par. Lat. 6802 – junta-se, depois de 1363, informações diretamente vinculadas ao ampliar da cultura grega do autor.⁶⁶

1.2. A opção pelo latim

Como mencionamos, Giovanni Boccaccio foi, desde a tenra idade, largamente influenciado por Dante. Assim sendo, era conhecedor de sua obra e da discussão levantada pelo grande poeta a respeito do uso das línguas vernáculas, em seu *De Vulgari Eloquentia*. O trabalho, composto entre 1302 e 1305 é um tratado sobre a linguagem que aborda de modo muito diferente do que fora produzido até então, na Idade Média. Trata-se de “um inacabado tratado em latim sobre linguagem e poesia, e que consiste de dois livros, um de dezenove capítulos e outro de quatorze, provavelmente escritos nos primeiros anos do exílio de Dante”⁶⁷.

Seu primeiro capítulo define as premissas do livro todo – é nele que Dante diz com todas as letras que, dentre o latim e a língua vulgar, “a mais nobre das duas línguas é a vernácula”⁶⁸, a língua natural e viva, e portanto superior às artificiais, mortas e não faladas como o latim⁶⁹. O autor prossegue fazendo uma relação entre o infortúnio do gênero humano com a excessiva quantidade de línguas por nós faladas – remetendo, é claro, à figura da Torre de Babel⁷⁰ – e conclui adiante com o ponto alto do livro, que

⁶⁴ “Segundo julgo, acrescentei algumas poucas coisas, vistas ou ouvidas de fonte digna de fé, além das que eu descobri nos textos escritos.” (Tradução nossa).

⁶⁵ M. Ariani, *Petrarca*. Roma: Salerno Editrice, 1999, p. 110, *apud* Ricci, L.B., p.224-5.

⁶⁶ Cf. Ricci, L.B. (2000), p.226.

⁶⁷ “[*Vulgari Eloquentia*] is an unfinished Latin treatise on language and poetry, consisting of two Books, one of nineteen chapters and one of fourteen, probably written in the early years of Dante’s exile” (cf. Botterill, Steven, “Introduction” in Dante. *De Vulgari Eloquentia*. Cambridge, 1996, p. xiii).

⁶⁸ *Harum quoque duarum nobilior est vulgaris [...]*, *De Vulgari Eloquentia*, I, 4.

⁶⁹ Cf. Botterill, Steven (1996), p. xviii.

⁷⁰ Cf. Botterill, S. (1996), p.xxi.

seria, para o autor da edição e tradução crítica ao texto, Steven Botterill, o verdadeiro propósito da obra: a defesa do uso da língua vernácula, no caso o italiano, para a “redenção das instituições seculares italianas, bem como a revitalização das tradições poéticas”.⁷¹ Para isso, segundo Dante, será necessário definir esta língua, que ainda não tem unidade, e parece que é isso que ele pretende fazer com o *De Vulgari Eloquentia*.⁷²

Tendo em mente esta questão, que com certeza fazia parte do horizonte de reflexões de Boccaccio e de outros autores Renascentistas, certamente serviu de contrapeso ao fato de que no século XIV, princípio do Humanismo italiano, a literatura está intimamente ligada ao interesse pelo estudo de obras compostas originalmente em língua latina e grega, bem como à tradição retórica⁷³. Sobre isso, por exemplo, Mcleod (1991), referindo-se a catálogos de mulheres antigas no Renascimento, bem relembra:

The early Italian humanists devoted themselves to what some ancient Roman authors had called the *studia humanitatis*, generally interpreted as including grammar, poetry, rhetoric, history, and moral philosophy. Most important, in all these areas the major emphasis lay on studying and imitating classical Latin (and later Greek) masters, usually in a more comprehensive fashion than their medieval predecessors had. (Mcleod, G. *Virtue and Venom. Catalogs of Women from Antiquity to the Renaissance*, 1991, pp. 59-60).

Assim sendo, parece natural encontrarmos uma oscilação entre textos latinos e italianos na produção de Boccaccio, uma vez que o autor estava, de alguma forma, envolvido pelas questões político-culturais que permeavam a opção por uma ou outra língua. Porém, o fato de a produção latina ter-se tornado mais freqüente no fim de sua carreira pode ser associado à amizade com o literato Francesco Petrarca⁷⁴. Embora

⁷¹ “The language for which he has hunted in vain up and down the Italian peninsula is to be employed for the redemption of Italy’s secular institutions as well as for the revitalization of its poetic traditions. Cf. Botterill, S. (1996), p. xxiii, tradução nossa.

⁷² Cf. Botterill, S. (1996), p. xxi.

⁷³ Mcleod, Glenda. “The *Mulier Clara*” in *Virtue and Venom. Catalogs of Women from Antiquity to the Renaissance*. The University of Michigan Press, 1991. Sobre o uso do latim na literatura Renascentista são obras de referência: E. R. Curtius, *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Hucitec Editora, 1996; E. Garin, *Idade Média e Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1994.

⁷⁴ “È l’epoca in cui sboccia la nuova cultura italiana, proprio sul fundamento dell’amicizia Petrarca-Boccaccio e nella coscienza del valore morale e Cristiano delle lettere classiche [...]”, cf. Zaccaria, p.5. “After the composition of the *Decameron* (1348-51), Boccaccio devoted the

Boccaccio o venha a conhecer pessoalmente apenas em 1350, como já mencionado, por intermédio do já referido Dionigi de São Sepulcro, este o influenciou largamente, quer por suas obras mesmas, quer porque a admiração e interesse de Boccaccio pelos estudos clássicos e fontes antigas, que se deu já no início de sua formação intelectual, foi reforçado pela convivência com Petrarca. Logo em seus primeiros contatos com Boccaccio, endereçou ao nosso autor um agradecimento a um *carmen* a ele enviado, e o fez conhecer “il codice della nuova cultura, della nuova fede nella poesia, il *Pro Archia*” já referido texto de Cícero.⁷⁵

Um breve levantamento de quais eram as fontes e influências dos antigos em Boccaccio será apontado em nosso Capítulo III. Porém, vale mencionar que, evidentemente, o autor estava bastante envolvido pelos estudos clássicos. Por exemplo, Hauvette (1914) chega a atribuir a Boccaccio a descoberta do historiador romano Tácito (55-120 d.C) no Renascimento, principalmente por causa da presença de algumas biografias no *De Claris* que denotam influência tacitiana. Por esse motivo, Hauvette ainda datou o *De Mulieribus* como texto posterior a 1370 (quando desta descoberta), o que foi contestado por Billanovich (1953)⁷⁶. Na verdade, como esclarece P. G. Ricci (1959), Tácito fora descoberto por Zanobi da Strada, secretário de Angelo Acciaiuoli em Montecassino, entre os anos de 1355-57. Boccaccio, sabendo de tal fato, decerto buscou o texto para lê-lo, e compôs a referida parte que refletiria uma influência do autor entre os anos de 1361-1362, data da composição do *De Claris*⁷⁷. Dados como este esclarecem, mesmo que um pouco, o contexto em que Boccaccio escreveu suas obras latinas, e traz à luz informações sobre a obra que aqui é nosso objeto de estudo. A ela, então.

last decades of his life, dominated by the influence of Petrarch's humanism, to compiling, in Latin, several large and learned tomes [...]" , cf. Brown, p. xi.

⁷⁵ Cf. Branca, PB, p. 85.

⁷⁶ G. Billanovich. *I primi umanisti e le tradizioni dei classici latini*. Friburgo, 1953, pp. 1-176.

⁷⁷ Cf. Ricci, P.G. (1959), p.20.

CAPÍTULO II – SOBRE O *DE CLARIS MULIERIBUS*

Embora pouco divulgados no Brasil, os estudos sobre o *De Claris Mulieribus* (tal como sobre a obra latina) de Giovanni Boccaccio são bastante numerosos⁷⁸. Notamos que um maior interesse por *De Claris* dá-se, sobretudo, no fim do século XIX e primeira metade do século XX⁷⁹, e começa a ser retomados no século XXI⁸⁰.

Para introduzirmo-nos nas discussões levantadas por estes artigos e dar início às considerações sobre o *De Claris*, lançaremos mão dos textos de alguns pesquisadores notoriamente importantes para a datação da obra, para a determinação de um manuscrito autógrafa, bem como para o levantamento geral de seus aspectos, a começar com as introduções de Vittorio Zaccaria ao volume do *De Claris* (presente na edição crítica de *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio* de Vittore Branca) e de Virginia Brown, autora da edição e tradução para língua inglesa, e editada pela Universidade de Harvard⁸¹.

⁷⁸ Cf. Algumas referências bibliográficas sobre o *De Claris Mulieribus*: A Hortis. *Studi sulle opere latine di Giovanni Boccaccio*. Trieste, 1879; L. Torreta. “Il liber *De Claris Mulieribus* di Giovanni Boccaccio” in *Giornale storico della letteratura italiana*, 1902, vol. XXXIX, pp.252-292, vol. XL, pp. 35-65; O. Hecker. *Boccaccio-Funde*. Braunschweig, 1902; G. Traversari. “Appunti sulle redazioni del ‘De claris mulieribus’ di Giovanni Boccaccio”, *Miscellanea di studi critici pubbl. in onore di G. Mazzoni*. Firenze, 1907, I, pp. 225-251; H. Hauvette. *Boccace. Étude biographique et littéraire*. Paris: Colin, 1914; L. B. Ricci, “La produzione latina” in *Boccaccio*. Roma: Salerno Editrice, 2000, pp. 207-26; P.B. Ricci. “Le fasi redazionali del *De Mulieribus Claris*” in *Studi sulla vita e le Opere Del Boccaccio*, Milano, Napoli: Ricardo Ricciardi Editore, 1985, pp.125-135; V. Zaccaria. “Le fasi redazionali del “De Mulieribus” in *Studi sul Boccaccio*, I, 1963, pp. 253-332; V. Zaccaria. “Appunti sul latino del Boccaccio nel ‘De mulieribus Claris’ (dall’autografo Laur. Pl. 90 sup. 98)”, *Studi sul Boccaccio*, III, 1965, pp. 229-46; V. Zaccaria. “Studi sulle opere latine e volgari del Boccaccio”, *Rinascimento*, X, 1, 1959, pp. 3 ss.; 2ª serie, II, 1962, pp. 20 ss. A grande maioria dos estudos referidos neste estudo foi obtida na Biblioteca do Instituto de Romanística e na Biblioteca Central da Universidade Heidelberg (Alemanha).

⁷⁹ Cf. os estudos que datam do fim do século XIX na nota 78.

⁸⁰ Kolsky, Stephen. *The genealogy of women: studies in Boccaccio’s De Mulieribus Claris*. Peter Lang Publishing, 2003; e *Ghost of Boccaccio: Writings on Famous Women in Renaissance Italy*. Brepols Publishers, 2005; e também Franklin, Margaret. *Boccaccio’s Heroines: Power and Virtue in Renaissance Society (Women and Gender in early modern world)*. Ashgate Publishing, 2006.

⁸¹ Cf. Brown, Virginia. “Introduction”, in Boccaccio, Giovanni. *Famous Women*. The I Tatti Renaissance Library. Cambridge, MA, and London, England: Harvard University Press, 2001.

2.1 – Estrutura, modelos e matéria

Segundo Boccaccio, sua intenção era dedicar a obra à rainha do reino de Nápoles, onde seria hóspede e cidadão temporário a convite do Senescal Niccolò Acciaiuoli, “homem que por toda vida foi para Boccaccio sinal das mais ásperas contradições, amores e rancores, de entusiasmos e reprovações”⁸²:

Verum, dum mecum animo versarem cui nam illum primum transmitterem, ne penes me marceret ocio et ut alieno fultus favore securior iret in publicum, adverteremque satis non principi viro, sed potius, cum de mulieribus loqueretur, alicui insigni femine destinandum fore, exquirenti digniorem ante alias venit in mentem italicum iubar illud prefulgidum ac singularis non tantum feminarum sed regum gloria, Iohanna, serenissima Ierusalem et Sicilie regina (Boccaccio, Dedicatória, §2)

Na verdade, enquanto eu revolvia em meu espírito acerca da pessoa a quem eu primeiramente transmitiria a obra (para que essa, sob meu domínio, não esmorecesse em ócio, e para que, fortalecida no apoio de outrem, fosse levada a público com mais segurança), e enquanto constatava que não seria suficiente destiná-la a um homem notório (uma vez que falava de mulheres) e sim de preferência a alguma insigne mulher, procurando a mais digna, veio-me à mente, antes que outras, o célebre esplendor da Itália, glória singular não somente das mulheres, mas também dos reis, Joana, sereníssima rainha de Jerusalém e da Sicília.

Porém, ainda segundo ele, receava que sua obra fosse ofuscada pelo brilho da rainha:

⁸² Para citação, cf. Branca, PB, p.23. Niccolò foi amigo de Boccaccio desde a juventude - eles trabalharam juntos nas atividades mercantis. Era três anos mais velho que Boccaccio, e viria se tornar uma importante figura da política napolitana, um homem de grande confiança em cargos reais, empregado (e pelo que indica Branca, amante) da imperatriz Catarina de Valois, e assíduo freqüentador da corte Angioina. Cf. Branca, PB, p. 24.

Tandem, quia adeo ingens regius fulgor est et opusculi tenuis et fere semisopita favillula, timens ne a potiori lumine minor omnino fugaretur in tenebras, sensim retraxi consilium. (Boccaccio, *Dedicatória*, §4)

Finalmente, porque tão imenso é o fulgor régio, e tênue, quase adormecida, a fagulha de minha pequena obra, temendo que por uma luz mais poderosa a menor fosse totalmente banida para as trevas, pouco a pouco retifiquei minha decisão.

Com isso, Boccaccio se decide por dedicar a obra a Andrea Acciaiuoli. A homenageada é irmã de seu amigo Niccolò e viúva do conde de Monteodorisio, Carlo Artus, casada pela segunda vez com o conde de Altavilla, Bartolomeu II di Cápua. Tal dedicatória, que gerou muitas controvérsias – quer pelo fato de que, a princípio, seria dedicada a outra pessoa, quer em relação às biografias descritas, em que há reprovações às viúvas que se casam novamente⁸³ (o que acontecera a Andrea) – aparece ao autor como uma oportunidade de não aparecer na casa do Senescal de mãos vazias.⁸⁴

Em primeiro lugar, poderíamos dizer que a dedicatória à rainha lembraria a tópica da *recusatio* (que na poesia antiga representa a recusa do poeta a dedicar-se a um gênero elevado, como a epopéia, alegando ser incapaz de fazê-lo)⁸⁵. Além disso, conforme Brown defende, não haveria (necessariamente) nas biografias a intenção de fazer crítica ao comportamento de Andrea. Isso porque a maior parte do *De Claris Mulieribus* já havia sido escrita antes do convite de Niccolò chegar ao autor, como veremos adiante na discussão sobre as fases redacionais da obra. É provável, portanto, que ele tenha sido compelido a presentear seus anfitriões com um trabalho novo e original que estaria preparando naquele momento.⁸⁶ De toda forma, ressalta-se no texto

⁸³ Como exemplo de biografia com tal reprovação, há a personagem Dido, biografia de número XLII não traduzida neste estudo. Boccaccio não segue a tradição virgiliana ao contar sua história, uma vez que não menciona o envolvimento desta com Enéias depois de seu casamento. Cf. C. Kallendorf. “Boccaccio’s Dido and the Rhetorical Criticism of Virgil’s *Aeneid*”, *Studies in Philology*, vol. LXXXII, nº4, University of North Carolina Press, 1985.

⁸⁴ Cf. Zaccaria, V. “Introduzione” in Branca, Vittore (a cura di-). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Verona: Arnaldo Mondadori Editore, 1967-1970, Vol. X a cura di Vittorio Zaccaria ([Milão] 1967; 2ª edição, 1970), p.7; e Ricci. P. G. “Studi sulle opere latini e volgari del Boccaccio”, *Rinascimento*, X, nº1, 1959, p. 17.

⁸⁵ Para exemplo desta tópica na Antiguidade, cf. Horácio, *Ep.* I, 3, 1; II, 1.

⁸⁶ Cf. Brown, “Introduction”. p.xiv.

o efeito desse detalhe aparentemente contraditório, entre outros que abordaremos no decorrer deste estudo.

De Claris Mulieribus abriga em seu conteúdo cento e seis personagens femininas distribuídas em 104 capítulos, constando de (em geral breves) biografias (Marpesia e Lampedone, Oritia e Antíope dividem os mesmos textos⁸⁷), além de uma dedicatória, um próêmio, uma conclusão (que na primeira redação se chamava *De feminis nostri temporis*, como é apontado por Vittorio Zaccaria).⁸⁸

Observemos o esquema básico do texto, como proposto por Brown⁸⁹: o livro começa com Eva. A segunda mulher é Semíramis, rainha assíria. Seguindo essas duas biografias, se encontram seis deusas pagãs (III – VIII): Ópis, Juno, Ceres, Minerva, Vênus e Ísis. Após as deusas, vêm trinta e quatro mulheres, entre gregas e romanas, todas figuras mitológicas de caráter heróico e semidivino (IX – XLII), fechando com Nicaula (XLIII), uma personagem bíblica. Depois começa mais uma longa série de mulheres (XLIV – CVI) que se poderiam chamar de “figuras históricas” – no sentido de que Boccaccio encontrou informações em fontes que são usualmente assim classificadas⁹⁰. Esta série de mulheres inclui Atalia (LI) e Marianne (LXXXVII), que também têm associações bíblicas. Finalmente, apenas as últimas seis mulheres retratadas no livro eram contemporâneas, o que levou a se inferir que o plano do autor era escrever apenas cem biografias sobre mulheres do período clássico, como aponta Brown⁹¹.

Por fim, o autor termina o livro com uma conclusão formal, na qual ele tenta antecipar e responder possíveis comentários e críticas a respeito das mulheres incluídas

⁸⁷ Cf. biografias XI e XII, XIX e XX, respectivamente.

⁸⁸ Cf. Zaccaria, V. “Introduzione” in Branca, Vittore (a cura di-). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Verona: Arnoldo Mondadori Editore, 1967-1970, Vol. X a cura di Vittorio Zaccaria ([Milão] 1967; 2ª edição, 1970).

⁸⁹ Para uma lista completa das biografias constantes na versão definitiva da obra, bem como em versões definitivas do texto, cf. adiante a seção “2.2. Datação e Fases redacionais”.

⁹⁰ “Then there begins another long series (XLIV-CVI), in approximate chronological order, of what may be termed “historical” figures – historical in the sense that Boccaccio finds most of his information in sources usually classified as historical”, Brown, “Introduction”, p. xv. Como exemplos dessas fontes históricas poderiam ser citadas as obras de Suetônio, por exemplo. As biografias dessa parte, porém, não fazem parte do *corpus* traduzido no presente estudo. Sobre as fontes de Boccaccio, cf. breve apanhado no Capítulo III.

⁹¹ “[...] a circumstance which has suggested to some scholars that Boccaccio’s original plan may have called for an even one hundred biographies restricted to classical women” Cf. Brown, p. xv.

na obra, e ainda defender passagens que alguns leitores poderiam considerar inapropriadas⁹². Não apenas se deduz do conteúdo do *De Claris*, como também se pode ler claramente nas assertivas de Boccaccio⁹³ (Dedicatória, § 9), que o princípio de seleção de mulheres favoreceu as mulheres pagãs romanas e gregas da Antiguidade: segundo ele, as cristãs foram deliberadamente excluídas, sob o argumento de que já teriam sido muito celebradas pelos padres da Igreja Católica⁹⁴.

⁹² “The work ends with a formal conclusion wherein Boccaccio tries to anticipate and answer his critics’ objections to his choice of women to be included, and to defend passages that some readers might consider inappropriate.” Cf. Brown, p. xv.

⁹³ *Et esto non nunquam lasciva comperias inmixa sacris - quod ut facerem recitandorum coegit oportunitas - ne omiseris vel horrescas; quin imo perseverans, uti viridarium intrans, eburneas manus, semotis spinarum aculeis, extendis in florem, sic, obscenis sepositis, collige laudanda; et quotiens in gentili muliere quid dignum, christianam religionem professa legeris, quod in te fore non senseris, ruborem mentis excita, et te ipsam redargue quod, Christi delinita crismate, honestate aut pudicitia vel virtute supereris ab extera; et, provocato in vires ingenio, quo plurimum vales, non solum ne supereris patiari, sed ut superes quascunque egregia virtute coneris; ut, uti corpore leta iuventute ac florida venustate conspicua es, sic pre ceteris, non tantum coevis tuis, sed priscis etiam, animi integritate prestantior fias: memor non pigmentis - ut plerique facitis mulieres - decoranda formositas est, sed exornanda honestate sanctitate et primis operibus; ut, dum eidem qui tribuit gratam feceris, non solum hac in peritura mortalitate inter fulgidas una sis, sed ab eodem gratiarum Largitore, hominem exuens, in claritatem suscipiaris perpetuam.*

E é fato que há de encontrar algumas vezes a lascívia misturada ao sagrado – as circunstâncias da narrativa me obrigaram a fazê-lo –, não desprezes, nem fiques horrorizada; pelo contrário: persevera até o fim, colhe o que deve ser louvado colocando de lado as obscenidades, tal como, entrando em um jardim estendes em direção à flor tuas mãos de marfim, após serem removidas as pontas dos espinhos. E todas as vezes que, na mulher pagã, leres algo de digno que em ti - que professa a religião cristã – não perceberes, excita em teu ânimo o rubor e indaga a ti mesma por que motivo, ó mulher delineada na crisma de Cristo, podes ser por aquelas superada em termos de honestidade ou pudicícia, ou ainda virtude. Assim, tendo sido o engenho - qualidade de que tu plenamente te vales - provocado em suas forças, não só não admitas ser superada, mas superes em egrégia virtude, qualquer uma que quiseses. Da mesma forma que és notável por conta de alegre juventude física e por teu florido encanto, assim também sobressais em integridade de espírito bem mais do que as restantes, não somente quanto às tuas contemporâneas, mas ainda às da Antiguidade, assim também. Portanto, lembra que não pelos cosméticos – como fazeis a maior parte de vós, mulheres – deve ser ornada a beleza; mas adornada com honestidade, integridade e, sobretudo, com ações. Isso para que, ao mesmo tempo em que agradeceres àquele que concedeu tais qualidades a ti, não somente sejas singular entre as esplendorosas mulheres no efêmero âmbito dos mortais, mas para que, ao deixar a condição humana, pelo mesmo Doador das graças sejas acolhida na luz perpétua.

⁹⁴ *Preterea he, vera et indeficienti luce corusce, in meritam eternitatem non solum clarissime vivunt, sed earum virginitatem, castimoniam, sanctitatem, virtutem et, in superandis tam concupiscentiis carnis quam supplicis tirannorum invictam constantiam, ipsarum meritis exigentibus, singulis voluminibus a piis hominibus, sacris literis et veneranda maiestate conspicuis, descriptis esse cognoscimus (De Claris, Proêmio, §11).*

Além disso, as cristãs, cintilantes de verdadeira e incessante luz, não só são famosíssimas e vivem em merecida eternidade, como também já delas conhecemos sua virgindade, castidade, santidade e virtude, bem como sua invicta perseverança em superar tanto

Ainda quanto à matéria, o autor afirma também (Proêmio, §9-11) que as biografias de mulheres cristãs têm um ponto de vista temático que entra em conflito com as das mulheres pagãs: estas procurariam a fama (*claritas*) através de presentes e de instintos que receberam da natureza e têm desejo de glória terrena, fugaz, enquanto que as cristãs buscariam a virtude celeste⁹⁵. Mas, mesmo assim, Boccaccio afirma, as conquistas das pagãs devem ser recordadas e até imitadas por mulheres cristãs, pois suas ações possuem virtudes que devem ser celebradas, como por exemplo, a coragem (*tam strenue quam fortiter*, Boccaccio, *De Claris*, Proêmio, §1, 2, 3).⁹⁶

Quanto ao modelo formal de cada texto biográfico, no que diz respeito à seqüência da narrativa, Brown⁹⁷, na esteira de Mcleod⁹⁸, elucida que todas as biografias do *De Claris Mulieribus* seguem um mesmo padrão, emprestado das obras homônimas *De uiris illustribus* de São Jerônimo e de Petrarca⁹⁹: a biografia começa com o nome da mulher, seu parentesco e sua categoria social. Depois, a razão de sua fama é esclarecida, e em seguida, e geralmente em forma de narrativa¹⁰⁰, é explicado como sua fama foi conquistada. Para Brown, o autor confere autoridade ao seu relato referindo-se à autoridades, as quais, aludidas, quase nunca são especificadas¹⁰¹. Na conclusão da

a concupiscência da carne quanto o suplício dos tiranos; sabemos ainda que todas essas qualidades foram descritas em obras individuais, segundo exigem os méritos delas mesmas, por homens devotos e eminentes na sagrada literatura e em sua venerável grandeza.

Cf. também Brown, p. xv.

⁹⁵ *He quippe ob eternam et veram gloriam sese fere in adversam persepe humanitati tolerantiam coegere, sacrosancti preceptoris tam iussa quam vestigia imitantes; ubi ille, seu quodam nature munere vel instinctu, seu potius huius momentanei fulgoris cupiditate percite, non absque tamen acri mentis robore, devenere; vel Fortune urgentis impulsu non nunquam gravissima pertulere.* (Proêmio, §10).

Isso porque mulheres da história sagrada, tomando como modelo tanto as ordens como as pegadas do sacrossanto Preceptor, obrigaram-se a uma tolerância por muitas vezes quase adversa ao que é humano, por almejar a eterna e verdadeira glória. A tal ponto as mulheres pagãs chegaram por diversos meios: quer por certo dom da natureza ou instinto; quer, antes, impelidas por desejo ardente de momentâneo fulgor (porém não sem se valer da robustez de uma mente aguda); ou ainda sob o impulso de uma premente fortuna, enfrentando não poucas vezes circunstâncias gravíssimas. (Tradução nossa).

⁹⁶ Cf. Brown, p. xv e xvi.

⁹⁷ Cf. Brown, p. xvi.

⁹⁸ Cf. Mcleod, G. "The Mulier Clara" in *Virtue and Venom. Catalogs of Women from Antiquity to the Renaissance*. The University of Michigan Press, 1991, p. 62-68.

⁹⁹ Um cotejo aprofundado entre as referidas obras de Boccaccio, Petrarca e São Jerônimo está planejada para a próxima etapa do estudo, em nível de doutorado.

¹⁰⁰ Cf. Brown, p. xvi.

¹⁰¹ Cf. Brown, p. xvi.

biografia, sempre há uma lição ou exortação moral ou uma reflexão filosófica, preceitos que algumas vezes surgem também nas próprias narrativas¹⁰². Tais reflexões filosóficas (assim chamadas por Brown) serão tratadas, adiante, segundo a estudiosa Cerbo (2001), em referência à outra obra boccacciana, por “partes exegéticas”, momentos em que Boccaccio discorre sobre o próprio texto, interpretando-o de maneira considerada moralista¹⁰³. Esta discussão será retomada em nosso Capítulo III.

Quanto às fontes¹⁰⁴, na introdução de Brown (2001)¹⁰⁵, adverte-se que as disponíveis para Boccaccio compor suas versões das personagens biografadas, e mesmo o modo como ele as explorou é assunto a ser ainda pesquisado (e ao qual voltaremos, sem a pretensão de exauri-lo, no Capítulo III deste estudo). Adiantamos, porém, que nosso autor dificilmente explicita quais são as obras em que se inspirou, como foi mencionado por Brown¹⁰⁶ em sua introdução à tradução para o inglês, e em diversos momentos não hesita em contar diferentes relatos¹⁰⁷ da história de figuras femininas mitológicas, por exemplo. Porém, contrastivamente, é no prefácio que o autor explica

¹⁰² Cf. Brown, p.xvi.

¹⁰³ Cf. Cerbo, Anna. *Metamorfosi del mito classico da Boccaccio a Marino*. Pisa: Edizioni ETS, 2001.

¹⁰⁴ O termo “fonte” é evidentemente aqui compreendido no âmbito de seu sentido figurado, como texto a partir de que algo (uma história, uma informação, um recurso lingüístico) provém. É notório que a imagem já foi empregada por G. Pasquali (Pasquali, G. “Arte allusiva”, in *Pagine stravaganti*. Firenze: Sansoni, 1968, v. II.) em uma analogia, para ilustrar a questão da relação entre obras imitadas e seus modelos: imaginemos, propõe o estudioso, as alusões como as curvas de um rio que saem necessariamente de uma fonte. A metáfora aquática, presente desde a primeira acepção da palavra latina *fons* (“nascente de água”) nos lembra que o que vem desse local flui em diferentes direções. Sabe-se que o sentido de “fonte” como texto – também já presente em língua latina (cf. *uerba...si Graeco fonte cadent*, Horácio, *Ars Poetica* 53, passo elencado no sentido 4b previsto para o verbete *fons* no Oxford Latin Dictionary (OLD): “a source, origin, fount”) - é dicionarizado em língua portuguesa, como por exemplo, em Houaiss (sétima acepção prevista para o termo): “texto ou documento original”. Cabe-nos ressaltar que, ao procurar seguir uma abordagem pautada pela intertextualidade, entendemos as fontes literárias dentro dessa perspectiva que, à medida que valoriza a originalidade no processo de imitação criativa, contribui para estender o sentido de “original” como uma característica não exclusiva do modelo ou fonte. Dessa forma, mais adiante, nos referiremos a termos-chave da intertextualidade (imitação, emulação e alusão), não estabelecemos uma hierarquia entre a “fonte” e sua imitação.

¹⁰⁵ Cf. Brown, p. xvi.

¹⁰⁶ Cf. Brown, p. xvi.

¹⁰⁷ Sobre a diversidade de versões como essencial à própria definição de mito ver a discussão trazida por J. Bremmer “What is a Greek Myth?” in J. Bremmer (1994, pp. 1-9). Para versões e respectivos registros antigos dos mitos greco-romanos, muito útil é o dicionário de P. Grimal. *Dictionnaire de la Mythologie grecque et romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1951.

que foi a influência do poeta e amigo Francesco Petrarca¹⁰⁸, e de seu livro *De viris illustribus* (1338-53), que o teria conduzido a fazer um compêndio (*sub compendio*), agora em louvor às mulheres:

Scriptere iam dudum non nulli veterum sub compendio de viris illustribus libros; et nostro evo - latiori tamen volumine et accuratiori stilo, vir insignis et poeta egregius Franciscus Petrarca, preceptor noster, scribit; et digne. Nam qui, ut ceteros anteirent claris facinoribus, studium omne substantias sanguinem et animam exigente oportunitate posuere, profecto ut eorum nomen in posteris perpetua deducatur memoria meruere. Sane miratus sum plurimum adeo modicum apud huiusce viros potuisse mulieres, ut nullam memorie gratiam in speciali aliqua descriptione consecute sint, cum liquido ex amplioribus historiis constet quasdam tam strenue quam fortiter egisse non nulla. (De Claris, Proêmio, §1, 2, 3).

Não poucos dentre os antigos já escreveram livros em forma de compêndio acerca de homens ilustres, e em nossa época – porém em volume extremamente amplo e de estilo muito acurado – um homem insigne e poeta egrégio, Francisco Petrarca, nosso preceptor, o escreve, e de modo bastante pertinente. Pois aqueles que, a fim de preceder a outros por suas célebres façanhas, colocaram todo seu empenho, e, quando a ocasião pedia, posses, sangue e alma, mereceram efetivamente que seu nome fosse conduzido à posteridade em sua perpétua memória. De fato eu me admirei, e muito, que as mulheres tenham tido tão pouca influência junto aos autores dessas obras, ao ponto de não alcançarem qualquer consideração à sua memória em descrição específica alguma, embora conste de maneira evidente nas histórias mais amplas que algumas mulheres realizaram não poucos feitos, de forma tão corajosa quanto forte.

¹⁰⁸ Petrarca, no proêmio do seu *De viris illustribus*, fala sobre seu método de busca das informações a serem narradas e seu modo de organizar a narrativa de maneira, antes de tudo, verossímil. Cf. as palavras do próprio autor: “[...] estas coisas que estou para escrever, ainda que estejam na obra de outros autores, não são encontradas tal como colocadas na obra daqueles: pois algumas coisas que faltam em um, tomei de empréstimo de outro, algumas eu disse de modo mais breve, algumas de modo mais claro; aquelas que foram tornadas obscuras pela brevidade, disse de modo mais expresso, aquelas que foram ditas de maneira esparsa por outros, eu reuni e fiz, a partir de diversos ditos, um único.” (Petrarca, *De viris illustribus*, a cura di G. Martellotti, Firenze, 1964, pp.3-4. Tradução de Bianca Fanelli Morganti).

Outros modelos e fontes citados explicitamente por Boccaccio são os textos de São Paulo (XLII) e a *Vulgata* (XLIII). Há de se dizer, porém, que, como já se notou, as próprias biografias femininas de sua obra produzem evidências de que Boccaccio hauriu de autores antigos e da chamada Antiguidade tardia¹⁰⁹.

Sobre as biografias de mulheres medievais (capítulos CI-CVI de *De Claris Mulieribus*), supõe-se que sua influência provinha de autores contemporâneos¹¹⁰. Para Brown (2001) Boccaccio provavelmente possuía muitos destes textos, e é possível que ele tivesse acesso a outros por intermédio de Petrarca¹¹¹. É interessante notar que se tem sugerido que o autor reescreveu algumas das histórias com mais detalhes do que a que teria encontrado em suas fontes. Um exemplo disso são os capítulos das biografias de *Hippo* (LIII), *Megulia Dotata* (LIV) e *Cláudia* (LXII) que têm sido vistas como mais “finamente trabalhadas”¹¹² no livro de Boccaccio do que na sua própria fonte, Valério Máximo (I d.C.?)¹¹³.

Mencionada pelo próprio Boccaccio a influência de Petrarca, é necessário trabalharmos a questão do título da obra em apreço¹¹⁴. Como podemos conferir no *OLD*, *clarus*¹¹⁵ pode significar tanto “sonoro” (*illas intelligere claras quas quocunque ex facinore orbi vulgato sermone notissimas novero*, como será notado adiante), “brilhante, claro” quanto “distinto, conhecido, famoso, notório”. Tendo Boccaccio citado Francesco Petrarca ao escrever sua própria obra, somos levados a pensar que o

¹⁰⁹ “Boccaccio never assumes that his authorities have supplied fully reliable information, and he does not hesitate to report differing opinions. The only sources explicitly cited are St. Paul (XLII), the Bible (XLIII), and Jerome (LXXXVI). But the biographies themselves by their wording or substance yield evidence that Boccaccio used classical authors such as Livy, Ovid, Pliny the Elder, Statius, Suetonius, Valerius Maximus, and Virgil.” (cf. Brown, p. xvi). Sobre o conceito de Antiguidade Tardia, ao qual voltaremos adiante, cf. Veyne, Paul (org.). *História da Vida Privada. Do Império Romano ao ano mil. Vol.I*. Companhia de Bolso, 2009.

¹¹⁰ Sobre esses autores, Brown destaca nas notas de sua introdução o estudo de A. Mazza. “L’inventario della *parva libraria* di Santo Spirito e la biblioteca del Boccaccio”, *Italia medioevale e umanistica* 9 (1966), pp. 1-74.

¹¹¹ Cf. Brown, p. xvii.

¹¹² “[...] Boccaccio’s account of the Minyan wives (XXXI), Hippo (LIII), Megullia Dotata (LIV), Claudia (LXII), Tertia Aemilia (LXXIV), and Sempronia (LXXVI) are all considerably longer and more finely wrought.”, Brown, “Introduction”, p. xvii.

¹¹³ Segundo Brown (p. xxii, nota 9), a obra de Valério Máximo aqui empregada como fonte seria *Factorum et dictorum memorabilium libri IX*.

¹¹⁴ Agradecemos à Professora Dra. Patrícia Prata a indicação deste aspecto, quando de nosso processo seletivo para o Mestrado.

¹¹⁵ Cf. *clarus*, *OLD*, sentidos nº 1 a 6 e 8: sonoro, brilhante, claro, distinto, conhecido, notório, famoso, célebre, ilustre.

autor pretenderia, em algum ponto, assemelhar-se a ele, e escrever uma versão “feminina” do *De Viris Illustribus* (*Sobre os homens ilustres*). Porém, interessante notar que as acepções do adjetivo *illustris*¹¹⁶ diferem das do adjetivo *clarus*, pois este remete mais incisivamente a uma caracterização pautada na notoriedade, claridade, celebridade, enquanto *illustris*, “brilhante, distinto, notório, nobre” parece conduzir-nos a uma significação que denotaria aquilo que é próprio dos que são nobres, distintos, virtuosos.

Sem pretendermos estabelecer aqui a significação do adjetivo *illustris* do título do trabalho de Francesco Petrarca, gostaríamos apenas de apontar esta evidente diferenciação entre os títulos das obras, e tentar estabelecer uma relação entre a significação do título de Boccaccio (contemplando o sentido de “famoso, célebre”, mais do que “nobre”), e o sentido da própria obra. Para tanto, vale observar o trecho do próêmio em que Boccaccio descreve o que para ele seria *claritas*:

Non enim est animus michi hoc claritatis nomen adeo strictim summere, ut semper in virtutem videatur exire: quin imo in ampliorem sensum, bona cum pace legentium, trahere et illas intelligere claras quas quocunque ex facinore orbi vulgato sermone notissimas novero (*De Claris*, Próêmio, §6).

Na verdade, não tenho intenção de tomar a palavra “fama” num sentido estrito, ao ponto de parecer que sempre se abranja à virtude; mas sim estendê-lo, com a gentil permissão dos leitores, a um sentido mais amplo e compreender como “famosas” aquelas que eu souber que são notabilíssimas e faladas em todo o mundo, por qualquer que seja seu feito.

Logo, têm “fama”, “notoriedade” (*claritas*) e são “famosas” (*clarae*) aquelas que se souber que são muito notáveis no mundo, por meio do que se diz pelo povo, independente de qual seja seu feito. Sobre isso Mcleod (1991) discorre de maneira bastante interessante, trazendo à tona a etimologia das palavras:

Illustris derives from the Latin phrase *in lustris* (in the light), hence its denominations of clear, bright, or lustrous. *Clarus*, however, derives from the Latin verb *clamo*, which means to declaim or to celebrate. Its denotations of clear

¹¹⁶ Cf. *Illustris*, *OLD*, sentidos nº1 a 3: brilhante, claro, lúcido, ilustre, distinto.

and distinct originally referred to the audible, not the visual. The difference is suggestive because while light almost universally indicates divine truth, speech is also the province of humans, and hence of confusion, opinion, and (naturally) eloquence. Furthermore, *clarus* historically denoted public recognition. (McLeod, 1991, pp. 64-65).

Muito adequada a observação trazida pela estudiosa, ao afirmar que Boccaccio optara por adotar o adjetivo *clarus* pelo seguinte motivo: usar *illustris* implicaria uma ligação com os catálogos que homenageiam as vidas de homens – como os de Suetônio, São Jerônimo e Petrarca – e esta memória¹¹⁷, por inferência, se ligaria à história dos feitos exemplares. Se *clarus* se refere à notoriedade, não tanto ao que é homenageado, parece então ter um uso mais adequado para um novo tipo de catálogo: de mulheres conhecidas por feitos bons e ruins¹¹⁸. A singularidade de *De Claris* em relação ao *De Casibus* boccacciano é enfatizada por Ricci:

Il *De mulieribus* não è un *De casibus* al femminile. Tra l'altro, il *De casibus* contiene numerosi *exempla* che hanno come protagoniste donne: e l'autore denuncia con chiarezza la distanza che corre tra i due testi, rivelando ancora una volta che ogni sua opera risponde a esigenze, criteri, "generi" diversi, e stabilisce un preciso dialogo con le opere precedenti. In apertura egli infatti dichiara di avere scritto il libretto *in eximiam muliebris sexus laudem ac amicorum solatium, potius quam in magnum rei publice commodum* ("a singular lode del sesso femminile e a conforto degli amici piú che a gran vantaggio dello stato", *Ded.*, I). (Ricci, 2000, pp. 217-18, grifo nosso).

O fato de que várias das heroínas são sugeridas como antiexemplo é advertido desde o Proêmio:

Nec volo legenti videatur incongruum si Penelopi, Lucretie Sulpitieve, pudicissimis matronis, immixtas Medeam, Floram Semproniamque compererint, vel conformes eisdem, quibus pregrande sed pernitiosum forte fuit ingenium. (De Claris, Proêmio, §5).

¹¹⁷ Cf. McLeod (1991), p.64. A autora nos lembra a conexão dos catálogos com a retórica e com a tradição da memória artificial (*loci illustres*).

¹¹⁸ Cf. McLeod (1991), p.64-5.

Não quero que pareça incongruente ao leitor encontrar Penélope, Lucrecia e Sulpícia, matronas extremamente pudicas, misturadas a Medeia, Flora e Semprônia, ou outras similares, de enorme e forte engenho, porém pernicioso.

Uma imagem vívida ilustra tal perspectiva, resguardando o caráter moral da obra:

Et esto non nunquam lasciva comperias inmixta sacris - quod ut facerem recitandorum coegit oportunitas - ne omiseris vel horrescas; quin imo perseverans, uti viridarium intrans, eburneas manus, semotis spinarum aculeis, extendis in florem, sic, obscenis sepositis, collige laudanda; et quotiens in gentili muliere quid dignum, christianam religionem professa legeris, quod in te fore non senseris, ruborem mentis excita, et te ipsam redargue quod, Christi delinita crismate, honestate aut pudicitia vel virtute supereris ab extera; et, provocato in vires ingenio, quo plurimum vales, non solum ne supereris patiari, sed ut superes quascunque egregia virtute coneris; ut, uti corpore leta iuventute ac florida venustate conspicua es, sic pre ceteris, non tantum coevis tuis, sed priscis etiam, animi integritate prestantior fias: memor non pigmentis - ut plerique facitis mulieres - decoranda formositas est, sed exornanda honestate sanctitate et primis operibus; ut, dum eidem qui tribuit gratam feceris, non solum hac in peritura mortalitate inter fulgidas una sis, sed ab eodem gratiarum Largitore, hominem exuens, in claritatem suscipiaris perpetuam. (De Claris, Dedicatória, §9).

E é fato que há de encontrar algumas vezes a lascívia misturada ao sagrado – as circunstâncias da narrativa me obrigaram a fazê-lo –, não desprezes, nem fiques horrorizada; pelo contrário: persevera até o fim, colhe o que deve ser louvado colocando de lado as obscenidades, tal como, entrando em um jardim estendes em direção à flor tuas mãos de marfim, após serem removidas as pontas dos espinhos. E todas as vezes que, na mulher pagã, leres algo de digno que em ti - que professa a religião cristã – não perceberes, excita em teu ânimo o rubor e indaga a ti mesma por que motivo, ó mulher delineada na crisma de Cristo, podes ser por aquelas superada em termos de honestidade ou pudicícia, ou ainda virtude. Assim, tendo sido o engenho - aspecto de que tu plenamente te vales - provocado em suas forças, não só não admitas ser superada, mas superes em egrégia virtude, qualquer uma que quiseses. Da mesma forma que és impressionante por sua alegre

juventude física e por teu florido encanto, assim também sobressais em integridade de espírito bem mais do que as restantes, não somente quanto às tuas contemporâneas, mas ainda às da Antiguidade, assim também. Portanto, lembra que não pelos cosméticos – como fazeis a maior parte de vós, mulheres – deve ser ornada a beleza; mas com adornada com honestidade, integridade e, sobretudo, com ações. Isso para que, ao mesmo tempo em que agradeceres àquele que concedeu tais qualidades a ti, não somente sejas singular entre as esplendorosas mulheres no efêmero âmbito dos mortais, mas para que, ao deixar a condição humana, pelo mesmo Doador das graças sejas acolhida na luz perpétua.

Moralidade à parte, ao ler os textos percebe-se que a escolha por personagens e feitos mais ‘famosos’ do que ‘ilustres’ (no sentido da distinção que vimos apresentando) certamente contribui para uma narrativa mais envolvente, animada – algo que o autor justifica ao apontar o seu leitor (melhor dizendo, leitora)-alvo:

Et ne more prisco apices tantum rerum tetigisse videar, ex quibus a fide dignis potuero cognovisse amplius in longiusculam hystoriam protraxisse non solum utile, sed oportunum arbitror; existimans harum facinora non minus mulieribus quam viris etiam placitura; que cum, ut plurimum, hystoriarum ignare sint, sermone prolixiori indigent et letantur. (De Claris, Proêmio, §8).

E, para que não pareça, que eu, segundo um costume antigo, toco somente a superfície dos temas, julgo não somente útil como oportuno estender-me em uma história um pouquinho mais longa do que o que pude tomar conhecimento a partir de fonte fidedigna. Dessa forma, penso que as ações das personagens hão de agradar não menos ainda às mulheres do que aos homens; além disso, visto que em sua maioria ignoram a história, elas têm necessidade de uma exposição mais minuciosa, com a qual se divertem.

Em termos mais gerais, intriga-nos que tal preocupação em agradar seu leitor se oponha a outras de caráter ‘mais elevado’. Logo no início da Dedicatória do *De Claris*, o autor toscano parece corroborar tal oposição na seguinte afirmação:

Pridie, mulierum egregia, paululum ab inerti vulgo semotus et a ceteris fere solutus curis, in eximiam muliebris sexus laudem ac amicorum solatium, potius quam in magnum rei publice commodum, libellum scripsi. (De Claris, Dedicatória, §1)

Há pouco tempo, ó egrégia entre as mulheres, afastado por um breve período da multidão inerte e como que livre de outras preocupações, escrevi um pequeno livro – **antes para elogio do sexo feminino e para o deleite dos amigos** que para o elevado interesse da sociedade. (Grifo nosso).

Com razão, Zaccaria (1970) lembra que o *De Claris* não seria uma obra histórica¹¹⁹ que se encaixa dentro de um quadro programático do moralismo medieval, mas uma antologia de material poético derivado da literatura antiga. Segundo o estudioso, em sua introdução à tradução italiana, convites à virtude e aversão ao vício¹²⁰ não seriam o mais importante em *De Claris*: o propósito da obra seria mais literário do que moralista: “Il proposito della edificazione è inferiore a quello della divulgazione culturale”.¹²¹

Menos que modéstia, além de servir de *captatio benevolentiae* a seus leitores, ao afirmar que escreveu um “pequeno livro mais para deleite dos amigos que para o elevado interesse da sociedade”, talvez tenhamos como efeito uma alusão a um gênero afim ao historiográfico propriamente dito, e normalmente, nos estudos clássicos, caracterizado por oposição a este, mas mais marcado por um caráter anedótico, por exemplo. Referimo-nos, portanto, ao gênero biográfico.

Pensemos, então, no modo como se desenvolveram os dois gêneros na Antiguidade latina. É verdade que entre as características da historiografia romana – que visava lembrar feitos do passado que possibilitariam a construção de uma memória

¹¹⁹ “Il *De mulieribus claris* non è, ovviamente, un’opera storica; ma neppure è, come altri sostennero, un organico trattato, retto da un intento programmatico, nel quadro del moralismo medievale, quasi a ritrattazione degli spregiudicati racconti del *Decameron* e a correzione del libero modo di rappresentarvi la donna; bensì un ‘fiore di racconti piacevoli, un’antologia di materiali poetici desunti dalle letterature antiche’ (Sapegno)”. Cf. Zaccaria (1970), “Introduzione”, p. 5.

¹²⁰ Cf. Zaccaria (1970), p.5.

¹²¹ Cf. V. Zaccaria (1970), p. 6.

coletiva que guiaria os cidadãos para um bom futuro -,¹²² já estivesse o uso de textos narrativos; o uso de recursos literários para recriar personagens, lugares e emoções; a fundamentação na vida e feitos de homens exemplares; e, o que consideramos mais relevante à apreciação da dedicatória, a “preocupação” com o entretenimento do leitor e ao mesmo tempo com a *utilitas* da literatura. No entanto, dentre as funções mencionadas por Horácio¹²³, poder-se-ia dizer que, no catálogo boccacciano em questão, a prioridade do *delectare* é característica distintiva do gênero biográfico (ainda que inserido em forma de catálogo) *versus* o historiográfico.

Porém, diferente da oposição entre deleite e moral que apontara Zaccaria (1970), Lucia Ricci (2000), por sua vez, nos lembra que no *De Claris* a própria narração do *curiosus inquisitor historiarum*, e o gosto pela erudição do *scolasticus homo*, encontram-se permeados por considerações moralísticas¹²⁴. A obra em elogio às mulheres oferece o prazer da leitura das histórias e, ao mesmo tempo, serve de exemplo a seus leitores, catalogando modelos de comportamento. Assim temos:

L'intento dell'autore, che si presenta qui ormai come *scolasticus homo*, è quello di catalogare ed esaltare le virtù delle donne, ma anche i gesti eccezionali da loro compiuti. Così, la raccolta si allarga a comprendere, accanto alle donne della tradizione cristiana ed ebraica, famose per virtù religiosa, le donne famose della tradizione pagana: perfino, con la biografia de Leena (L), le meretrici. (Ricci, 2000, pp. 217-18).

Muito já foi dito a respeito da moralização dos textos de Giovanni Boccaccio, e sobre as biografias do *De Claris*, vide os estudos de Torreta (1902), Zaccaria (1970), Mcleod (1991), Cerbo (2001) e Kolsky (2003), aos quais nos voltaremos frequentemente na presente pesquisa. Sobre a associação de textos de Boccaccio a

¹²² “Educar homens para que não se inclinem ao mal” (cf. Semprônio Aselião, 160-190. a.C., F-2 *apud* Kraus, C. S. “Historiography and Biography” in Harrison, S. (ed.). *A companion to Latin Literature*. Blackwell Publishing, 2007, p.242.

¹²³ Aludimos à célebre expressão em que Horácio (65-8 a.C) fala de função mais propriamente poética: cf. v. 333 da *Ars Poetica* (16 a.C), *Aut prodesse volunt aut delectare poetae*, em que o autor discute a dupla função que a poesia em geral teria: a de entreter e ao mesmo tempo de ser útil.

¹²⁴ Cf. Ricci, L.B. (2000), p.218.

muitos elementos que remetem a textos da Antiguidade pagã greco-romana e, ao mesmo tempo, a uma produção literária de cunho moral cristão não podemos deixar de apontar a concepção que tinha o próprio autor sobre a poesia: a de poesia como que “teologia poética”¹²⁵. Tal compreensão, apresentada na *Genealogia Deorum Gentilium* (XV) e na *Esposizione Dante* poderia ser aplicada ao estudo do *De Claris*. Ora, nas duas primeiras obras Boccaccio entende a poesia (principalmente em textos relacionados à mitologia, como é o próprio *Genealogia*) como instrumento para moldar a percepção dos cristãos, como se verá no Capítulo III do presente estudo, de acordo com as palavras de Giuseppe Mazzota (2003)¹²⁶.

É fato que *De Claris* carrega consigo uma visão teológico-cristã bastante forte, basta nos voltarmos ao texto em questão, e observarmos as reflexões morais incluídas pelo autor no fim de determinadas biografias (tal qual se verá mais detidamente no caso de Tisbe (XIII) e Medeia (XVII), e que serão mais minuciosamente tratadas pela estudiosa Cerbo (2001), por exemplo. Não é intuito de nosso trabalho provar o contrário, e sim tentar preencher algumas lacunas do texto boccacciano a nós apresentadas, buscando leituras que satisfaçam os questionamentos levantados a partir do estudo da obra em apreço. E a questão que nos pareceu mais pungente foi: será que o texto boccacciano se reduz a essa postura moralista? E ainda: se resumiria o *De Claris* a um texto de postura misógina – postura essa apresentada em muitas das reflexões morais que compõem partes das biografias de personagens ali retratadas?

Inerente ao *De Claris* também é a questão da misoginia, que se mostrou um assunto incontornável nos estudos sobre esta obra, mas sobre o qual não discorreremos de maneira analítica neste nível da pesquisa. Não pudemos deixar de perceber, entretanto, que, ao se mencionar a misoginia de *De Claris*, tende-se, além de relacioná-

¹²⁵ Cf. seção “Obras em vernáculo e obras em latim” do presente estudo. Transcrevemos aqui também a nota já citada anteriormente, com as palavras de Boccaccio: “Theology and Poesy agree in the way in which they go to work. But in their subject matter I affirm that they are not only quite diverse, but also in some sort adverse; because the subject of sacred Theology is the divine truth, that of ancient Poetry the gods of the Gentiles and men...I say that Theology and Poesy may be considered to be almost one and the same thing...I say further that Theology is naught else than a certain Poesy of God.” Boccaccio in *Esposizioni Dante*, apud Mazzota (2003), p. 354. Vale notar que esta perspectiva (que é também a de Petrarca), é expressa e autorizada já antes por Lactâncio e por Dante. Cf. *Divinas Instituições* do Lactâncio e a *Epístola a Cangrande de Scala*, de Dante.

¹²⁶ Mazzota, G. “Boccaccio: the mythographer of the city” in Whitman, J. (ed.) *Interpretation and Allegory. Antiquity to the Modern Period*. Brill Academic Publishers, 2003.

la à misoginia da era medieval, a destacar, mais uma vez, a posição moralizadora de Boccaccio.

Em artigo de 1902 - acreditamos que um dos primeiros estudos mais específicos sobre o *De Claris Mulieribus* - Laura Torreta¹²⁷ esboça na primeira parte de seu estudo impressões suas sobre a obra em apreço, demonstrando certa repulsão à posição do autor (segundo a estudiosa, a obra é ainda bastante misógina), quando ele, em diversas passagens, explicita no *De Claris* que uma mulher é melhor quanto mais se assemelha a um homem (vide o elogio baseado na “etimologia” do nome da dedicatária, valorizando-o por remeter ao termo *Andres*, que em grego significaria “homem”). E ainda: segundo Torreta, quando o autor toscano elogia as mulheres, ele estaria sendo “indulgente e benévolo”, e estaríamos sendo “levados” a considerá-lo um precursor dos apologistas que a mulher encontrou nos séculos XV e XVI.¹²⁸

Além da misoginia observada no texto boccacciano pela estudiosa, Torreta acrescenta que o tratamento dado por Boccaccio às fontes das biografias do *De Claris* apresenta considerável carga contraditória. Seria essa, portanto, a principal marca do texto de Boccaccio para a estudiosa: a contradição. É nesse sentido que Boccaccio estaria vestindo, (como voltaremos a mencionar ainda mais uma vez nas conclusões de nosso Capítulo III), o “capuz do moralista”¹²⁹, uma vez que a abordagem do autor em suas fontes (elemento que será mais analiticamente observado também em nosso Capítulo III) parece, segundo a estudiosa, sempre estar permeada por uma visão religiosa de muitas das personagens comumente conhecidas pela literatura pagã: estas parecem ser julgadas como mulheres cristãs. Com efeito, pode-se notar mesmo seu Proêmio, em que o autor deliberadamente exclui as mulheres cristãs de suas biografias, mas faz constantes incursões em motivos morais, e nas reflexões finais de seus textos.

¹²⁷ Torreta L. “Il liber *De Claris Mulieribus* di Giovanni Boccaccio”, *Giornale storico della letteratura italiana*, 1902, vol. 39, pp.252-292, vol. 40, pp. 35-65.

¹²⁸ “Noi dovremmo di qui giudicare il Boccaccio storico indulgente e benevolo; e, leggendo i solenni e interminabili elogi, che egli intesse alle donne celebri, saremmo indotti a considerarlo quasi un precursore dei molti apologisti che la Donna trovò nei secoli XV e XVI.”, Torreta, L (1991), p. 261.

¹²⁹ Cf. Torreta, L. (1902): “Qualque volta però l’antico Boccaccio indulgente agli amanti e ai peccati d’amore, fa capolino sotto il cappuccio del moralista”.

Para Mcleod (1991)¹³⁰, por sua vez, o *De Claris Mulieribus* também se estruturaria em “polaridades”¹³¹. No que concerne ao trato das fontes por Boccaccio, para ela, o que deve ser observado é que ele “manusearia” autores antigos da mesma maneira com que trabalharia com a língua vernácula no *Decameron*. Segundo a estudiosa esta obra deve ser tomada como chave de leitura para o *De Claris Mulieribus*, que ainda apresentaria vestígios do Boccaccio decamerônico. Sobre como seria esse “manuseio”, Mcleod ainda elucida:

Women dominate Boccaccio’s vernacular corpus and figure significantly in the *Decameron*, which is dedicated to them. *De claris Mulieribus* may continue this fascination, especially since it often uses many of the same stories as the *Decameron*. Moreover, Boccaccio’s mention of pleasure and novelty in his explication of the work’s genesis also suggests a connection between the two. Love, adventure, ingenuity, and fortune – all important themes in the *Decameron* – were often given feminine faces in medieval literature. Vernacular literature itself was sometimes specifically associated with women since most women did not read Latin and most vernacular tales concerned decidedly unscholarly (and hence inferior) subject matter and generally love. By compiling a scholarly catalog of women, Boccaccio united the subject of his vernacular works with the form and language of his Latin ones, thereby dignifying the one and providing some connection to the other. (Mcleod, 1991, pp.62-62).

Notamos, portanto, que a análise de Mcleod nos indica a leitura do *De Claris* por meio de outra obra vernácula do próprio Boccaccio. Dessa forma, mantém-se, por ora, a “contradição” e “polarização” observadas pelas estudiosas consultadas, pesquisadoras cujos estudos reconhecem a posição moral cristã dos escritos de *Sobre mulheres famosas*, mas não deixam de levantar questões a respeito do trato, por parte de Boccaccio, dos textos da Antiguidade greco-romana: este aspecto parece apontar para o modo como se constrói o *De Claris Mulieribus*¹³².

¹³⁰ Mcleod, G. *Virtue and Venom: Catalogues of Women from Antiquity to the Renaissance*. University of Michigan Press, 1991.

¹³¹ Cf. Mcleod (1991), p. 78.

¹³² Vale lembrar que o uso ou não do patrimônio greco-romano na formação do homem cristão é debate que domina alguns dos mais importantes padres da Igreja. Agostinho e São Jerônimo já defendiam a apropriação moralizada deste tesouro, que deveria ser realizada por

Em que medida, então, o olhar sobre os temas e autores antigos pode ajudar a perceber o que é próprio de Boccaccio e observar melhor seu *modus faciendi* e efeitos textuais? Seria o *De Claris* um texto com moldura clássica e conteúdo à maneira do *Decameron*? Ou ainda à moda do moralista? Não pretendemos responder à exaustão tais questões neste nível da pesquisa, mas apontar para discussões já existentes, e levantar hipóteses que respondam a estas questões – o que será feito mais minuciosamente em nosso Capítulo III.

2.2. Datação e fases redacionais

Segundo Vittorio Zaccaria¹³³, o surgimento do *De Claris Mulieribus* se coloca num período de “direcionamento espiritual¹³⁴” que teria ocorrido na vida do autor depois de 1350 (período que volta a ser comentado por Lucia Battaglia Ricci¹³⁵). De acordo com os biógrafos de Boccaccio, é nessa fase da vida de nosso autor que a consciência moral cristã, que no contexto de sua época tradicionalmente se associava às letras clássicas,¹³⁶ converge com um momento da vida do autor toscano, um período de reflexão e interioridade religiosa que caracterizará toda a sua obra latina, que toma corpo e volume a partir de então¹³⁷.

oradores cristão conhecedores dos textos originais, “doxa” que acabou por vencer no seio da Igreja. Cf. Agostinho, *De doctrina christiana*, por exemplo.

¹³³ Cf. Zaccaria, V. “Introduzione” in Branca, V. (a cura di-). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Verona: Arnoldo Mondadori editore, 1967-1970, Vol. X a cura di Vittorio Zaccaria, p. 3.

¹³⁴ “La genesi remota del *De mulieribus claris* si colloca nel periodo di lento, ma profondo rivolgimento spirituale avvenuto nella vita del Boccaccio [...]”. Cf. Zaccaria (1970), p. 3.

¹³⁵ Ricci, L. B. (2000), p.207.

¹³⁶ “È l’epoca in cui sboccia la nuova cultura italiana, proprio sul fondamento dell’amicizia Petrarca-Boccaccio e nella coscienza del valore morale e cristiano delle lettere classiche”, cf. Zaccaria (1970), p. 3. Cf., sobre a *nuova cultura italiana*: “a crítica mais moderna, contudo, têm nos últimos anos se esforçado para apontar o equívoco anacrônico deste tipo de interpretação. Apesar da concepção petrarquista da linguagem, bem como sua concepção de educação do homem, ter vencido, décadas mais tarde, o debate em que tomou parte, dominando assim os ambientes universitários e, como se costuma dizer, fundando investigações modernas sobre a linguagem, a filologia e a poesia, isto se deu apenas no século XV. Petrarca, no seu século, era um anti-moderno, e se orgulhava de defender o passado e as formas de expressão e educação do passado”, afirma B. F. Morganti em comunicação particular. Sobre isso, cf. Francesco Bausi, *Petrarca Antimoderno: Studi Sulle Invettive e Sulle Polemiche Petrarchesche*. Firenze: F. Cesati, 2008.

¹³⁷ “Cominciata già a Napoli, la produzione in lingua latina cresce progressivamente per mole e numero di opere fino a diventare assolutamente prevalente a partire dagli anni Cinquanta.”, Ricci, L. B. (2000), p. 207.

Ao que se costuma inferir das epístolas entre Boccaccio e Petrarca (por este compiladas), esse momento particular teria sido suscitado pela visita do monge Pietro Petroni (mencionada em carta a Petrarca): um acontecimento que teria causado perturbação e remorso em Boccaccio¹³⁸, contribuindo para a orientação e reflexão cristã que caracteriza os trabalhos finais de sua vida¹³⁹.

Como é apontado por Branca (1970)¹⁴⁰ e Mcleod (1991)¹⁴¹, aparentemente tal monge previra a morte dos poetas, e, por meio de um mensageiro, os advertira a deixarem seus trabalhos literários. A única fonte de tal ocorrido que existe para nós é uma - já referida - carta de Petrarca (*Seniles*, I 5), que por sua vez parece não ter se abalado tanto com o narrado. Segundo Mcleod (1991), Boccaccio, ao contrário, desesperou-se e cogitou inclusive desfazer-se de sua biblioteca. Ainda sobre os efeitos desta predição, foi orientado por Petrarca a retornar as suas leituras, e com todo vigor literário, voltou ao trabalho equilibrando-se na tentativa de compensar os erros do passado (seja gerados por seu *Decameron*, seja por seu contato com a literatura pagã...) e de propor nova atividade humanística por meio de exaltação, muitas vezes, moralista e cristã¹⁴².

É fato que tal momento, presente na biografia de Boccaccio, muito provavelmente retoma um *topos*, uma construção a nos lembrar que, tanto Agostinho (cf. *Confissões*), quanto Dante (cf. *Divina Comédia*) e Petrarca (cf. *Epístola ao monte Ventoso* e *Secretum*) elaboram a imagem de um poeta que se converte ao final da vida. Pesquisas sobre biografismo de autores nos mostram que esses tipos de texto, que

¹³⁸ Mas é interessante a nota de Glenda Mcleod, em capítulo sobre o *De Claris*, relativizando a interpretação costumeira da passagem: “Until recently, it was widely believed that such a repudiation took place, primarily because of an event recorded in Boccaccio and Petrarch’s correspondence. A fanatic from Siena announced that “blessed Petroni”, a local religious leader, had had a vision foretelling Petrarch’s and Boccaccio’s imminent death. He warned them to renounce poetry. Petrarch took the suggestion in his stride, but it distressed Boccaccio. He briefly considered giving up his work and selling his library, but he eventually went back to work on his texts, both Latin and Italian. We know, for example, that he prepared a revised version of the *Decameron* only four years before his death. Found today in Staatsbibliothek in Berlin, this manuscript is undoubtedly in the hand of Boccaccio’s old age.” (Mcleod, 1991, nota 7, p. 61).

¹³⁹ Cf. Zaccaria (1970), p. 3.

¹⁴⁰ Cf. Branca, PB, pp. 124-5.

¹⁴¹ Cf. Mcleod (1991), p. 61, nota 7, e nota 138 deste estudo.

¹⁴² Sobre isso cf. estudo de Torreta, L. (1902), p.271, em que a estudiosa descreve a atividade literária de Boccaccio, referente ao *De Claris*, da seguinte maneira: “Qualche volta però l’antico Boccaccio indulgente agli amanti e ai peccati d’amore, fa capolino sotto Il cappuccio del moralista”, ou seja, volta e meia o autor manifesta-se “sob o capuz do moralista”.

contêm dados sobre o contexto em que viveu o poeta retratado, apresentam certas regularidades (como por exemplo, discorrem sobre o lugar onde ele possivelmente nasceu, de quem foi filho, como passou a vida, momentos decisivos em sua carreira) que, todavia, não podem ser levadas ao pé da letra. Isso porque há uma grande possibilidade de que estes poetas tenham sido descritos levando-se em conta *topoi* e anedotas, baseadas muitas vezes na própria produção poética do autor retratado¹⁴³. Basta nos lembrarmos que o próprio Vittore Branca, autor da biografia de Giovanni Boccaccio que acompanhamos durante o presente estudo, atesta que, em muito do que foi dito sobre o autor, utilizaram-se interpretações “românticas” (“romantiche”) e que se baseavam em passagens de obras consideradas autobiográficas por muitos estudiosos¹⁴⁴.

A utilização de passagens de obras do próprio autor biografado para determinar circunstâncias de sua formação que, por sua vez, em caminho inverso, explicariam suas obras, traz ainda outro agravante: a desconsideração da *persona* poética (discutida pouco mais detidamente no Capítulo III).¹⁴⁵ Por ora cabe lembrar que nosso objetivo, ao apresentar alguns elementos da formação boccacciana retirados do perfil biográfico de Giovanni Boccaccio escrito por Vittore Branca (1966), foi, sobretudo, apresentar informações breves sobre a bagagem cultural, atribuída ao autor por seus principais estudiosos, que nos auxiliassem no entendimento da obra em apreço.

Baseados nesses aspectos da biografia boccacciana (deduzidos a partir do estudo de uma seleção de cartas de Petrarca), além do suposto momento de introspecção religiosa, Zaccaria¹⁴⁶, bem como outros pesquisadores, observa que as ideias que teriam inspirado o *De Claris* teriam vindo à mente de Boccaccio também em um período expresso pela própria dedicatória do livro. Nesta, ele diz que estava afastado da agitação da cidade:

¹⁴³ Sobre o biografismo de autores antigos, cf. Fairweather, Janet. *Fiction in the biographies of ancient writers*. In *Ancient Society*, Katholieke Universiteit te Leuven, 5, 1974, pp. 231-275. Para um outro modo de ler a *persona* poética de Boccaccio a partir de suas obras, particularmente o *Decameron* em contraste com autor antigo, cf. Barchiesi; Hardie (2010).

¹⁴⁴ “I biografati si basarono allora su interpretazioni tipicamente romantiche e romanzesche (ripresi con compiacenza significativa dalla critica positivista) di narrazioni e di note di chiara tradizione letteraria, e spesso crittografiche, disseminate nelle prime opere del Boccaccio e usate per la presentazione di una diecina di personaggi che presupponevano autobiografici.” (PB, p. 7).

¹⁴⁵ A presente reflexão foi favorecida pelas aulas do curso de pós-graduação ministrado pelo Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos em 2010, a quem agradecemos a gentileza de nos permitir a participação como ouvinte.

¹⁴⁶ Cf. Zaccaria (1970), Ricci (1959), Branca (1970).

Pridie, mulierum egregia, paululum ab inerti vulgo semotus et a ceteris fere solutus curis, in eximiam muliebris sexus laudem ac amicorum solatium, potius quam in magnum rei publice commodum, libellum scripsi. (De Claris, Dedicatória, §1, grifo nosso)

Há pouco tempo, ó egrégia entre as mulheres, afastado por um breve período da multidão inerte e como que livre de outras preocupações, escrevi um pequeno livro – antes para elogio do sexo feminino e para o deleite dos amigos que para o elevado interesse da sociedade. (Grifo nosso).

Tal momento, que expressa o antigo *topos* de *otium cum dignitate* (cf. por exemplo, Cícero, *Pro Sestio* 98)¹⁴⁷ - ou seja, da necessidade do afastamento do vulgo para a produção escrita – poderia ser interpretado antes como um construto ficcional da *persona* do narrador do *De Claris*. No entanto, tem sido identificado como o período em que Boccaccio abriu mão de uma casa na região de Florença em favor do meio-irmão, Iocopo (o documento de dissídio data de 2 de julho de 1361) - e dirigiu-se para Certaldo, segundo conta em uma carta no fim do verão de 1361 ao amigo Pino de Rossi¹⁴⁸. Nela, Boccaccio menciona algumas mulheres que foram biografadas em seu *De Claris*, a influência das aulas de grego que tomava com Leonzio Pilato (pode-se notar que as mulheres que compunham a primeira redação do livro são, em grande parte, personagens das obras de Homero!).¹⁴⁹

Ainda na carta, Boccaccio fala de sua mudança para Certaldo e discorre sobre o infortúnio do amigo, que fora exilado no ano de 1360¹⁵⁰. Juntando a estas informações outras referentes às fases redacionais da obra, conclui-se que o *De Claris* foi produzido entre os verões de 1361 e 1362.

¹⁴⁷ Sobre essa e outras instâncias do *otium cum dignitate* em Cícero, cf. Baldson, J. P. V. *D. Auctoritas, Dignitas, Otium, Classical Quarterly* 10: 43-50, 1960.

¹⁴⁸ Cf. Zaccaria (1970), p.3-4, e também Ricci, P. G. “Studi sulle opere latine e volgari del Boccaccio”, *Rinascimento*, X, 1, 1959, pp. 3-ss, para saber um pouco sobre Pino di Rossi. O amigo de Boccaccio parece ter sido pessoa bastante envolvida com a política de Florença, pois seu nome encontra-se entre o grupo de conspiradores que planejavam realizar um golpe de estado, como aponta P.G. Ricci (1959).

¹⁴⁹ Constam, por exemplo, Helena, Penélope, Circe, Clitemnestra, Cassandra.

¹⁵⁰ Cf. Ricci, P.G. (1959), pp. 21-32.

A datação de tal carta, bem como as fases que compõem a redação do *De Claris Mulieribus*, são discutidas por Pier Giorgio Ricci, em artigos de 1959 e 1985. Muito se diz a respeito destes estágios, em artigos do século XX, inclusive. Interessante é notar que a discussão envolve diversos estudiosos de Boccaccio, o que nos rendeu um amplo e minucioso quadro dos manuscritos em que a obra estava presente, da identificação de autógrafos, bem como do estabelecimento das mencionadas fases redacionais. Resumiremos a seguir algumas das informações que nos pareceram mais relevantes à compreensão da obra.

Ainda no século XIX, em 1879, Hortis¹⁵¹ estabeleceu considerações sobre o manuscrito Laurenziano Pluteo LII. 29, julgando que este continha uma das primeiras redações do *De Claris Mulieribus*, como aponta Laura Torreta (1959) em artigo sobre a obra em questão¹⁵². Logo em 1902, Hecker¹⁵³ precisou que aquele códice era sem dúvida cópia de um dos manuscritos autógrafos conservados em Florença na *Libreria parva di Santo Spirito*¹⁵⁴, e que também seria uma cópia feita pelo punho do próprio Boccaccio.

Poucos anos depois, Traversari (1907)¹⁵⁵ rastreou o códice nomeado Vaticano Urbinati lat. 451 (um manuscrito semelhante ao Laurenziano), e soube utilizar a descoberta para conduzir de modo decisivo os estudos sobre o *De mulieribus*: ele demonstrou, por meio da comparação do manuscrito, que o referido códice descendia do Laurenziano LII.29, e que portanto o Vat. Urbinate também seria um autógrafo¹⁵⁶.

Determinados estes dados, Hauvette (1914)¹⁵⁷, através das descobertas de Traversari, precisou algumas fases da composição do *De Mulieribus*, observando que a ordem dos capítulos nos dois manuscritos descobertos (o Laurenziano e Vaticano Urbinate) permitia reconhecer um núcleo original de 74 biografias (de Eva a

¹⁵¹ Hortis, A. *Studi sulle opere latine Del Boccaccio*, Trieste, 1879.

¹⁵² Cf. p. 259 de Torreta, L. “Il liber De claris Mulieribus di G. Boccaccio. Parte I e II”, *Giornale storico della letteratura italiana*, 39, 1902, p. 252-292.

¹⁵³ O. Hecker. *Boccaccio-Funde*. Braunschweig, 1902.

¹⁵⁴ Cf. Ricci.P.G. (1959), p. 12; A. Mazza, “L’inventario della parva libreria di Santo Spirito e la biblioteca del Boccaccio”, *Italia medioevale e umanistica* 9 (1966), pp. 1-74.

¹⁵⁵ Cf. G. Traversari, “Appunti sulle redazioni del De Claris Mulieribus di Giovanni Boccaccio”, *Miscellanea di studi critici pubblicati in onore di Guido Mazzoni*, Firenze, 1907, I, pp. 225-51.

¹⁵⁶ Cf. Ricci, P.G. (1959), p. 12.

¹⁵⁷ Hauvette. H. *Boccace. Étude biographique et littéraire*. Paris : Colin, 1914.

Enguldrada)¹⁵⁸, dispostas numa sucessão cronológica bem ordenada.¹⁵⁹ Para ele, o autor toscano, desejoso de alcançar cem biografias, e pensando que os séculos XIII e XIV as forneceriam, escreveu mais vinte e seis textos (alcançando o total de cem). Porém, durante o processo de escritura, Boccaccio parece mudar de método, retornando aos mitos e histórias da Antiguidade e fazendo uma reorganização no que havia determinado anteriormente, sendo este momento estabelecido por Hauvette como a segunda fase de redação¹⁶⁰.

É então que Ricci¹⁶¹, em estudo que determinou a maior parte das fases redacionais do *De Claris* e assinalou a autografia do códice Laurenziano XC sup., 98¹, começa a questionar o que fora apontado até então pelos pesquisadores mencionados. Para ele a análise de Hauvette¹⁶² não foi correta quando este julgou que a ordenação do segundo grupo teria sido incoerente por unir mulheres da Antiguidade a mulheres contemporâneas: segundo seus estudos, as vinte e uma biografias¹⁶³ – ao invés de vinte e seis sugeridas por Hauvette – seguem os mesmos critérios de ordenação “cronológica”¹⁶⁴ das primeiras.

¹⁵⁸ As biografias que compunham este primeiro núcleo seriam: *De Eva, De Semiramide, De Yside, De Lybia, De Minerva, De Marpesia et Lampedone, De Europa, De Nyobe, De Cerere, De Orythia et Anthipe, De Medea, De Yole, De Deyanira, De Yocasta, De Manthone, De Erytree, De Helena, De Penthessilea, De Polysena, De Hecuba, De Cassandra, De Clitemestra, De Almathea, De Nycostrata, De Circe, De Camilla, De Lavinia, De Penelope, De Panphyle, De Aragne, De Nicaula, De Didone, De Atalia, De Thamiri, De Leena, De Lucretia, De Sapho, De Cloelia, De hyppone, De Veturia, De Thamari, De Arthemisia. De Virginea, De Yrene, De Leuntio, De Olympiade, De Virginea, De Flora, De Martia, De Sulpitia, De Theosena, De Beronice, De Dripetrua, De Sempronia, De Armonia, De Claudia, De Sophonisba, De Hysicratea, De Sempronia, De Hortensia, De Iulia, De Portia, De Marianne, De Cleopatra, De Antonia, De Agrippina, De Paulina, De Agrippina, De Faustina, De Semiamira, De Zenobia, De Iohanna Anglica, De Yrene, De Enguldrada.* (cf. Ricci, Pier Giorgio. “Le fasi redazionali del *De Mulieribus Claris*” in *Studi sulla vita e le Opere Del Boccaccio*, Milano, Napoli: Ricardo Ricciardi Editore, 1985, pp.125-135, nota. 7.

¹⁵⁹ Cf. Ricci, P.G. (1959), p. 14.

¹⁶⁰ Cf. Ricci, P.G. (1959), p. 14.

¹⁶¹ Cf. Ricci, P.G. (1959), p. 14.

¹⁶² Hauvette diz: “arrivé au chapitre 74, Boccace, désireux peut-être d’atteindre la centaine, et comprenant que le XIIIe et le XIVe siècle ne lui fourniraient plus vingt-six femmes illustres, changea radicalement de méthode: il revint à la fable et à l’antiquité entremêlant dans un désordre auquel seul le hasard peut avoir présidé, les personnages mythologiques, légendaires et historiques.” (Hauvette, H. *Boccace*, 1914, p.401 *apud* Ricci, P.G. (1985), p. 126).

¹⁶³ *De Opi, De Iunone, De Venere, De Medusa, De Nyobe, De Poci, De Manthone, De Ypsiphile, De Gaia Cirilla, De Megulia, De Claudia, De Busa, De Tertia Emilia, De Curia, De Sulpitia, De Epycari, De Pompeia, De Triaria, De Proba, De Constantia.* Cf. Ricci, P. G. (1985), p.126, nota.3.

¹⁶⁴ Cf. Ricci, P.G. (1959), p.13

Esta seria, portanto, a segunda fase redacional: conduz até o número de noventa e cinco biografias (setenta e quatro mais vinte e uma). Na verdade, conduz até o número noventa e três, pois Níobe e Manto já constavam entre as primeiras setenta e quatro do primeiro núcleo e foram eliminadas por causa da repetição.¹⁶⁵

Ainda neste segundo momento Boccaccio, explorando mais amplamente as suas fontes, também juntaria mais dez capítulos à obra, segundo Pier Ricci. Eles são: *De Sabina Poppea*, *De Aragne*, *De Rhea Ylia*, *De Romana Iuvenula*, *De coniuge Orgiagontis*, *De Theutonibus mulieribus*, *De Ypermestra*, *De Meniis mulieribus*, *De Tisbe*, *De feminis nostri temporis*, porém a biografia de Aracne já constava entre os capítulos iniciais.¹⁶⁶ O processo, até aqui, nos dá cento e três capítulos.

Uma terceira fase redacional consistiria, por sua vez, em uma união dos textos em um todo coerente, por meio da eliminação de duplicações, sistematização em ordem cronológica¹⁶⁷, aperfeiçoamento de capítulos. Por fim, Boccaccio escreveu mais três textos e substituiu o *De feminis nostri temporis* por uma conclusão, além de ter incluído a dedicatória a Andrea Acciaiuoli.¹⁶⁸

As três primeiras fases se dariam entre 1361 e 1362. Na quarta fase a obra alcança uma ordem que é testemunhada “dalla tradizione vulgata” (certamente, o estudioso se refere à edição que consta no manuscrito denominado ‘vulgata’, a saber o já referido L¹ atualmente na Biblioteca Laurenziana), e o autor continua a fazer retoques na obra que então já havia se tornado pública. Eis a seqüência definitiva dos capítulos (adotada também na edição de Zaccaria, utilizada como base para esta tradução):

De Eva, De Semiramide, De Opi, De Iunone, De Cerere, De Minerva, De Venere, De Yside, De Europa, De Lybbia, De Marpesia et Lampedone, De Tisbe, De Ypermestra, De Nyobe, De Ysiphile, De Medea, De Aragne, De Orythia et

¹⁶⁵ Cf. Ricci, P.G. (1985), p.126-7.

¹⁶⁶ Cf. Ricci, P.G. (1985), p.127.

¹⁶⁷ Sobre a cronologia que Boccaccio estabelece para organizar suas biografias em *De Claris*, discorreremos um pouco mais no Capítulo III deste estudo, porém, adiantemos as palavras de Stephen Kolsky sobre isso: “Boccaccio may have availed himself of other universal chronicles in order to create a solid chronological base for the *De mulieribus*. [...] Therefore, one cannot exclude the use by Boccaccio of medieval encyclopedias and chronicles, especially those that embedded a variety of classical sources in a chronological frame.” Cf. Kolsky, S. *The genealogy of women. Studies in Boccaccio's De mulieribus claris*. New York: Peter Lang Publishing, 2003, p. 64.

¹⁶⁸ Cf. Ricci, P.G. (1985), p.127.

Anthiope, De Erytrea, De Medusa, De Yole, De Deyanira, De Yocasta, De Almathea, De Nycostrata, De Poci, De Argia, De Manthone, De coniugibus Meniarum, De Penthessilea, De Polysena, De Hecuba, De Cassandra, De Clitemnestra, De Helena, De Circe, De Camilla, De Penelope, De Lavinia, De Didone, De Nicaula, De Panphyle, De Rhea Ylia, De Gaia Cirilla, De Sapho, De Lucretia, De Thamiri, De Leena, De Atalia, De Cloelia, De Hyppone, De Megulia Dotata, De Veturia, De Thamari, De Artemisia, De Virginea, De Yrene, De Leuntio, De Olympiade, De Claudia, De Virginea, De Flora, De Romana iuvencula, De Martia Varronis, De Sulpitia, De Armonia, De Busa, De Sophonisba, De Theosena, De Beronice, De coniuge Orgiagontis, De Tertia Emilia, De Dripetrua, De Claudia Quinta, De Hypsicratea, De Sempronia, De coniugibus Cimbrorum, De Iulia, De Portia, De Curia, De Hortensia, De Sulpitia, De Cornificia, De Marianne, De Cleopatra, De Antonia, De Agrippina, De Paulina, De Agrippina Neronis Caesaris matre, De Epycari, De Pompeia, De Sabina Poppea, De Triaria, De Proba, De Faustina, De Semiamira, De Zenobia, De Iohanna Anglica, De Yrene, De Enguldrada, De Constantia, De Cammiola, De Iohanna Regina, Conclusio.

No que concerne aos momentos seguintes, Ricci (1959 e 1985) afirma que as quinta, sexta e sétima fases representam ainda inúmeros retoques do autor ao *De Claris*, sendo que nem mesmo a última destas fases deveria ser a definitiva, pois o autógrafo apresenta algumas correções e anotações marginais que indicam as constantes alterações do autor ao texto. Segundo o estudioso, a definição destas etapas é importante para tentarmos visualizar as “incessantes intervenções críticas” de Boccaccio, bem como sua bagagem literária, como podemos ver em:

Sette fasi redazionali dunque, ognuna delle quali testimonia un determinato momento della cultura del Boccaccio, l'accrescersi continuo delle sue cognizioni, la sua incessante riflessione critica. E perciò preme moltissimo datare con precisione ciascuna fase, per seguire l'envolversi del Boccaccio letterato in un determinato período della sua vita; il che equivale a fissare qualche dato importante per la storia del nostro primo Umanismo. (Ricci, 1985, p.130).

A discussão a respeito das fases redacionais, entretanto, não para por aí. Em 1963, Vittorio Zaccaria¹⁶⁹, ao comparar os códices Laurenziano LII. 29 (representado por L), XC sup. 98¹ (L¹) e Vaticano Urbinate 451 (Vu), estabeleceu ao invés de sete fases redacionais, nove redações para o *De Claris Mulieribus* - o que se tem de mais certo sobre isso até o atual momento. Zaccaria reordenou alguns estágios que antes haviam sido propostos por Ricci (1959 e 1985), e apontou particularidades do processo de construção do texto¹⁷⁰ que, especulativamente, incluiriam a reescrita de títulos de capítulos, ampliação e alteração do Prólogo, modificações, emendas, e reconstrução de capítulos que estavam em páginas que o autor teria perdido.

¹⁶⁹ Zaccaria, V. “Le fasi redazionali del “ De Mulieribus” in *Studi sul Boccaccio*, I, 1963, pp. 253-332.

¹⁷⁰ Para uma tabela bastante detalhada sobre estes estágios de redação Cf. Zaccaria (1963), pp. 325-332.

CAPÍTULO III – CENAS OVIDIANAS EM *DE CLARIS MULIERIBUS*: PRIMEIROS PASSOS DE UM ESTUDO INTERTEXTUAL¹⁷¹

*Legi apud Virgilium apud Flaccum apud Severinum apud
Tullium; nec semel legi sed milies*¹⁷².
(*De imitandi lege*, Fam. XXII 2, carta de Petrarca a
Boccaccio)

3.1 Em busca de um olhar intertextual

O texto do *De Claris Mulieribus* (*Sobre Mulheres Famosas*) de Giovanni Boccaccio vem instigando não apenas a percepção de relações com obras alheias (anteriores ou coevas ao autor), mas também nos faz notar a proximidade deste mesmo texto com diversas outras obras boccaccianas. Dentre elas, destacam-se a *Genealogia Deorum Gentilium* (1360-?), *De casibus virorum illustrium* (1355-59)¹⁷³ - para citar algumas latinas – e, levando em consideração as vernáculas¹⁷⁴, notaram-se relações da obra objeto de nosso estudo com, por exemplo, *Filocolo* (1336), *Fiammetta* (1343-44), *L'amorosa Visione* (1342-43), *Esposizioni sopra la Comedia di Dante* (1373-74), e o *Decameron*, sobre o qual nos deteremos brevemente.

¹⁷¹ Uma versão anterior de partes deste capítulo foi apresentada no SETA (Seminário de Teses em Andamento) do IEL em 2010, sob o título “Tisbe ovidiana no *De Claris Mulieribus* (1361-1362) de Giovanni Boccaccio: primeiros passos de um estudo intertextual”, e foi aceita para publicação em fevereiro de 2011.

¹⁷² “Ho letto Virgilio, Orazio, Boezio, Cicerone, non una volta ma mille” (Tradução para o italiano de E. Bianchi in Petrarca, *Opere*, p.1139).

¹⁷³ Em notas, o tradutor Vittorio Zaccaria (1970) elenca, para cada personagem biografada em *De Claris*, de um lado, as obras boccaccianas em que ela também estaria presente, e, de outro, passagens textuais que se assemelhariam às dessas do autor certaldense. Em nossa tradução, procuramos transportar para as notas das biografias, dentre as referências observadas pelo estudioso, as que nos pareceram mais relevantes para o estudo.

¹⁷⁴ As relações traçadas entre o *De Claris* e as próprias obras boccaccianas, agora referindo-nos às vernáculas, também foram grandemente apontadas pelo tradutor Vittorio Zaccaria (1970), em notas às personagens biografadas, e também por Ussani, já em 1948, e por Kolsky, em estudo de 2003.

Mcleod (1991)¹⁷⁵ é uma das estudiosas que identifica a ligação entre o *De Claris* e outra obra boccacciana, o *Decameron*, escrito aproximadamente dez anos antes. Segundo ela, a presença de elementos “decamerônicos” no catálogo biográfico de Boccaccio pode ser explicada por um fator conjuntural: o autor toscano, enquanto escrevia o *De Claris*, revisaria sua principal obra vernácula¹⁷⁶.

Em busca de traços que confirmariam a influência do *Decameron* sobre o *De Claris*, a estudiosa vai mais longe e nos diz que, sob seu ponto de vista, tal catálogo de biografias femininas expressa “a continuidade da fascinação de Boccaccio pela temática (feminina), porque ambas as obras são dedicadas a mulheres^{177,178}, e, ainda, especialmente, porque o autor traz ao *De claris* algumas histórias tratadas no *Decameron*¹⁷⁹.

Ainda no mesmo caminho, Mcleod (1991) chama atenção para a gênese do *De Claris*, ou, melhor dizendo, para o modo como o autor certaldense a representa em seu próprio texto. Segundo a estudiosa, este é mais um aspecto que relacionaria o texto do *De Claris* com o *Decameron*: em sua dedicatória e prólogo ao texto latino, Boccaccio explica por que decidiu escrever o catálogo: foi a necessidade da tarefa (por não haver nenhuma obra semelhante dedicada às mulheres)¹⁸⁰ e a intenção de agradar aos amigos¹⁸¹. Esse segundo aspecto, podemos observar no trecho que se segue:

¹⁷⁵ Mcleod, G. *Virtue and Venom: Catalogues of Women from Antiquity to the Renaissance*. University of Michigan Press, 1991. Entre os outros estudiosos que também se referem à relação entre *De Claris* e *Decameron*, está Kolsky (2003).

¹⁷⁶ Cf. Mcleod (1991, p.61): “Boccaccio revised and recopied the *Decameron* at the same time that he was writing *De claris mulieribus*.”

¹⁷⁷ Cf. Mcleod (1991, pp.62-63): “*De claris mulieribus* may continue this fascination, especially since it often uses many of the same stories as the *Decameron*.”

¹⁷⁸ Como já mencionamos na Introdução, a dedicatória do *De Claris* é para Andrea Acciaiuoli; já o *Decameron* foi dedicado a todas as mulheres, estas que, assim como o autor explica no *Proêmio* da obra, sofreram por amor como ele: “E haverá quem negue, por importante que seja, que é conveniente ofertar este alívio, este conforto, mais às mulheres belas do que aos homens?”, ou ainda, “Em socorro e refúgio das que amam, é que escrevo (pois para as demais, são suficientes a agulha, o fuso, e a roca).” (*Decamerão*, Proêmio, tradução de Torrieri Guimarães, 1970, p. 10).

¹⁷⁹ Segundo Zaccaria (1970), as biografias que fariam referência, ou ao conteúdo, ou ao estilo do *Decameron* são: XLV, LXXIII e XCI. Já Kolsky (2003) diz que há referências “decamerônicas” no capítulo XIII, a biografia de Tisbe, sobre a qual trataremos adiante.

¹⁸⁰ *Sane miratus sum plurimum adeo modicum apud huiusce viros potuisse mulieres, ut nullam memorie gratiam in speciali aliqua descriptione consecute sint, cum liquido ex*

Há pouco tempo, ó egrégia entre as mulheres, afastado por um breve período da multidão ignorante e como que livre de outras preocupações, escrevi um pequeno livro – antes para elogio do sexo feminino e **para o deleite dos amigos** [*amicorum solatium*] que para o elevado interesse da sociedade. (*De Claris*, Dedicatória, §1, grifo nosso).¹⁸²

No mesmo sentido, o autor toscano nos dá a seguinte passagem em seu *Decameron*:

As já referidas mulheres, que estas novelas lerem, poderão obter **prazer** e útil conselho das coisas reconfortantes que as narrativas mostram. Saberão aquilo de que é conveniente fugir e, do mesmo modo, aquilo que deve ser seguido. Não acredito que **prazer**, conselho e exemplo sejam obtidos sem sofrer-se aborrecimentos. Se forem obtidos sem aborrecimentos (e apraza a Deus que assim ocorra), aquelas mulheres rendam graças ao Amor, que, por me libertar dos próprios laços, permitiu que eu atendesse aos **prazeres** delas. (*Decamerão*, Proêmio, tradução de Torrieri Guimarães, grifo nosso).¹⁸³

amplioribus historiis constet quasdam tam strenue quam fortiter egisse non nulla. (De Claris, Proêmio, §3).

“De fato eu me admirei, e muito, que as mulheres tenham tido tão pouca influência junto aos autores dessas obras, ao ponto de não alcançarem qualquer consideração à sua memória em descrição específica alguma, embora conste de maneira evidente nas histórias mais amplas que algumas mulheres realizaram não poucos feitos, de forma tão corajosa quanto forte.” (Tradução nossa).

¹⁸¹ Cf. Mcleod (1991), p.63.

¹⁸² *Pridie, mulierum egregia, paululum ab inerti vulgo semotus et a ceteris fere solutus curis, in eximiam muliebris sexus laudem ac amicorum solatium, potius quam in magnum rei publice commodum, libellum scripsi. (De Claris*, Proêmio, §1, grifo nosso).

¹⁸³ O texto italiano não sublinha tanto a referência ao prazer quanto a tradução acima transcrita, mas a ideia está sem dúvida presente: “Nelle quali novelle **piacevoli** e aspri casi d’amore e altri fortunati avvenimenti si vederanno così ne’ moderni tempi avvenuti come negli antichi; delle quali le già dette donne, che queste leggeranno, parimente diletto delle **sollazzevoli** cose in quelle mostrate e utile consiglio potranno pigliare, in quanto potranno cognoscere quello che sia da fuggire e che sia similmente da seguire: le quali cose senza passaggio di noia non credo che possono intervenire. Il che se avviene, che voglia Idio che così sia, a Amore ne rendano grazie, il quale liberandomi da’ suoi legami m’ha concesso il potere attendere a’ lor **piaceri**.” (Boccaccio, G. *Decameron*. A cura di Vittore Branca. Milão: Arnaldo Mondadori Editori, 2009, p. 7).

No último excerto da obra vernácula acima transcrito, e nos apontamentos de Mcleod (1991), podemos notar que Boccaccio adverte seu leitor que ele encontrará ali exemplos e anti-exemplos, e que será necessário passar por esses momentos de leitura para tirar as lições do texto. Esse aspecto é um outro ponto em comum com nosso texto, nomeadamente com a seguinte passagem do *De Claris*, que expressa idéia semelhante empregando, dessa vez, a metáfora do livro como um jardim¹⁸⁴:

Com efeito, o livro há de amenizar teus momentos de ócio, à medida que fores entretida com a virtude feminina e graciosidade das histórias. E a leitura não será – julgo eu – em vão se, por meio da emulação dos feitos das mulheres do passado, exortares o teu eminente espírito em direção ao melhor. E é fato que hás de encontrar algumas vezes a lascívia misturada ao sagrado – as circunstâncias da narrativa me obrigaram a fazê-lo –, não desprezes, nem fiques horrorizada; pelo contrário: persevera até o fim, colhe o que deve ser louvado colocando de lado as obscenidades, tal como, entrando em um jardim estendes em direção à flor tuas mãos de marfim, após serem removidas as pontas dos espinhos. (*De Claris*, Dedicatória, § 7 a 9).¹⁸⁵

Nota-se que, na passagem, Boccaccio desculpa-se junto a sua primeira leitora¹⁸⁶ a respeito de algumas personagens que poderão ser encontradas no *De Claris* durante a leitura: aquelas que, ao invés de apresentarem bons exemplos de conduta, expõem vícios que devem ser evitados. Em seguida o autor esclarece que não há necessidade de esmorecimento quando do encontro com tais personagens: é necessário perseverar e

¹⁸⁴ Interessante a observação de Curtius (*Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Editora Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 96 e nota 89) sobre o uso moral dos poetas na Idade Média: “Permaneceram a cátedra de latim, e a utilização moral dos poetas. Aprecia-se Ovídio porque está *sententiarum floribus repletus*”. Utilizando versos de Hugo de Trimberg, o estudioso nos lembra que as obras da Antiguidade Clássica eram consideradas textos “repletos de flores”, e que estes textos fornecem exemplos que devem ser “colhidos” (assim como, conforme vimos, Boccaccio aconselha seus leitores a colher os bons exemplos de seus textos).

¹⁸⁵ (...) *suis quippe suffragiis tuis blandietur ociis, dum feminea virtute et historiarum lepiditate letaberis. (8) Nec incassum, arbitror, agitabitur lectio, si facinorum preteritarum mulierum emula, egregium animum tuum concitabis in melius. (9) Et esto non nunquam lasciva comperias inmixta sacris - quod ut facerem recitandorum coegit oportunitas - ne omiseris vel horrescas; quin imo perseverans, uti viridarium intrans, eburneas manus, semotis spinarum aculeis, extendis in florem, sic, obscenis sepositis, collige laudanda; (...)* (*De Claris*, Dedicatória).

¹⁸⁶ Andrea Acciaiuoli, a quem foi dedicada a obra.

separar o que é bom do que é ruim, utilizando-se do que é ruim como exemplo do que não deve ser seguido, assim como se separa uma flor de seus espinhos. Observamos, portanto, o mesmo tipo de exortação que o autor apresentou no *Decameron* anos antes.

Porém, a pesquisadora Mcleod (1991) não foi a única estudiosa de *Sobre as mulheres famosas* a perceber proximidades entre essa obra e outras do próprio Boccaccio. Em livro de 2003, Stephen D. Kolsky¹⁸⁷ também aponta para a referida influência do *corpus* boccacciano¹⁸⁸ sobre o catálogo de biografias femininas, e observa que mais passagens do *Decameron* parecem despontar ao leitor do *De Claris* à medida que se entra em contato com o texto¹⁸⁹. O estudioso aponta, ainda nesse sentido, referências a *Amorosa Visione* (1342-43) e *Il Corbaccio* (1365).

Considerando agora textos coevos a Boccaccio (e não mais o próprio *corpus* boccacciano) que seriam suscitados ao leitor por meio da leitura do *De Claris*, lembremos que Vittorio Zaccaria (1970), em sua supramencionada introdução à tradução italiana do catálogo de biografias femininas, adverte-nos sobre a passagem em que Boccaccio mesmo menciona a influência de Francesco Petrarca (1304-1374) sobre o *De Claris*¹⁹⁰. Vejamos novamente o respectivo trecho do Prefácio, já referido em nosso estudo introdutório:

Não poucos dentre os antigos já escreveram livros em forma de compêndio acerca de homens ilustres, e em nossa época – porém em volume extremamente amplo e de estilo muito acurado – um homem insigne e poeta egrégio, Francisco Petrarca, nosso preceptor, o escreve, e de modo bastante pertinente. (*De Claris*, Proêmio, §1)¹⁹¹.

¹⁸⁷ Kolsky. *The genealogy of women: studies in Boccaccio's De Mulieribus Claris*. Nova York: Peter Lang Publishing, 2003.

¹⁸⁸ Cf. capítulo quinto de Kolsky (2003): “Vulgar women: Boccaccio’s Vernacular Writing and the *De Mulieribus*”.

¹⁸⁹ O estudioso acredita em uma tão grande “presença” do *Decameron* no *De claris mulieribus* a ponto de afirmar que em diversos sentidos a referida obra latina é uma reescrita da vernácula: “In many ways, the *De mulieribus claris* appears to be a systematic re-writing of the *Decameron*.” (Cf. Kolsky, 2003, p.91). Ele também aponta para elementos da obra em italiano que despontam principalmente na biografia de Tisbe (XIII) em *De Claris*, aspectos sobre os quais discorreremos mais adiante.

¹⁹⁰ Cf. Zaccaria, “Introduzione”, 1970, p.5.

¹⁹¹ *Scripsere iam dudum non nulli veterum sub compendio de viris illustribus libros; et nostro evo, latiori tamen volumine et accuratiori stilo, vir insignis et poeta egregius Franciscus Petrarca, preceptor noster, scribit; et digne. (De Claris, Proêmio, §1).*

O texto a que Boccaccio se refere é o *De Viris Illustribus*¹⁹² (*Sobre os homens ilustres*), compêndio de biografias masculinas escrito por Petrarca, e que, ao que parece, teria sugerido ao nosso autor alguns aspectos de sua composição. Por exemplo, o texto petrarquiano se inicia com a biografia de Adão, ao passo que o de Boccaccio com a figura feminina “correspondente”, Eva¹⁹³. Porém, é importante lembrar ainda que ambas as obras de cunho biográfico teriam tido influência, por sua vez, do *De Viris Illustribus*¹⁹⁴ (392 d.C.) de São Jerônimo (347-420 d.C.). Tal relação, mencionada por diversos estudiosos consultados, inclusive Torreta (1902)¹⁹⁵, Zaccaria (1970, em notas), Mcleod (1991)¹⁹⁶ e Kolsky (2003)¹⁹⁷, parece ser bastante estreita, portanto a ela voltaremos adiante. Interessante notar, retroativamente, que o trabalho que teria, por sua vez, influenciado tal obra de São Jerônimo é o homônimo *De viris illustribus* do biógrafo romano Suetônio (70 d.C. ?)¹⁹⁸.

Ainda no tocante à questão da presença de outros textos em nosso *De Claris*, i.e., que seriam evocados a partir da leitura deste, nos é oferecida por Stephen Kolsky uma brevíssima análise¹⁹⁹ da existência de elementos da *Divina Comédia* de Dante Alighieri (1265-1321) no *De Claris* de Giovanni Boccaccio: o estudioso nos diz que pouco menos de um terço das personagens da obra

¹⁹² Durante o exame de Qualificação, o Professor Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos gentilmente sugeriu que aprofundássemos nossos estudos em relação ao *De Viris Illustribus* de Petrarca, considerando que tal pesquisa pudesse nos ajudar a entender melhor a obra boccacciana em questão. O tema de fato mereceria um trabalho mais aprofundado, porém, deixaremos esta aproximação mais detida para um momento futuro da pesquisa.

¹⁹³ Sobre isto, confere interessante estudo de Auerbach, *Figura*. São Paulo: Ática, 1997.

¹⁹⁴ “*De viris illustribus*, a series of notices of 135 Christian writers, modeled on the work of Suetonius which has the same title, and closely following Eusebius where the latter had dealt with the same authors; [...]”, *OCCL*, verbete “Saint Jerome”, p. 305.

¹⁹⁵ Cf. Torreta (1902), p. 287.

¹⁹⁶ Cf. o capítulo “Woman’s peculiar virtue”, Mcleod (1991), pp. 35-57.

¹⁹⁷ “Constructing Discourses: Medieval Patterns and Christian Models”, Kolsky (2003, pp. 59-73).

¹⁹⁸ A respeito da recepção de Suetônio na Renascença, Gian Biagio Conte (1994), em seu *Latin Literature*, faz a seguinte referência, remetendo a Boccaccio: “Boccaccio also made extensive use of Suetonius as a historical source; a manuscript of excerpts written in his own hand is preserved in Florence” (Conte, 1994, p. 550).

¹⁹⁹ Cf. “Finding a Decent Woman: Dante’s *Divine Comedy*”, Kolsky (2003), p. 62-63.

boccacciana em questão seriam mencionados na *Divina Comédia*.²⁰⁰ Em nota, o estudioso remete, então, às trinta e quatro personagens comuns às duas obras, e elas seriam: Eva, Semíramis, Ópis, Juno, Ceres, Minerva, Vênus, Europa, Tisbe, Níobe, Hipsipile, Medeia, Aracne, Medusa, Iole, Dejanira, Jocasta, Argia, Manto, Pentesileia, Polyxena, Hécuba, Helena, Circe, Camilla, Penélope, Lavínia, Dido, Lucrecia, Tamiris, Julia, Cleópatra, Gualdrada, Constance.²⁰¹

Segundo Kolsky, Boccaccio utiliza passagens da *Divina Commedia* como ponto de partida, mas busca “corroboração e informações adicionais em outros lugares”²⁰², uma vez que o autor toscano desenvolve os textos até, por fim, ter um capítulo substancial.²⁰³ Kolsky aponta como exemplo um excerto de *Inferno*, V, 63, em que Dante refere-se a Cleópatra como “Cleopatràs lussuriosa”, e Boccaccio teria transportado a caracterização para a construção dessa personagem em seu catálogo de biografias femininas (LXXXVIII).²⁰⁴

Antecipando a presença dantesca observada por Kolsky, é mais uma vez Mcleod (1991) quem observa que o gênero do catálogo²⁰⁵ era bastante praticado neste período²⁰⁶, e que grande parte da *Divina Comédia* de Dante Alighieri

²⁰⁰ “It cannot be an accident that approximately just under one-third of the women who make up Boccaccio’s *exempla* are mentioned in the *Divina Commedia*, a work which may well have provided a convenient starting-point from which to build.”, Kolsky (2003), p.63.

²⁰¹ Cf. Kolsky (2003), p. 196, nota 13.

²⁰² “Consequently he sought further corroboration and additional information elsewhere.” Kolsky (2003), p. 63.

²⁰³ Cf. Kolsky (2003), p. 63.

²⁰⁴ *cum e contrario avaritia crudelitate atque luxuria omni mundo conspicua facta sit. (De Claris, LXXXVIII, § 1).*

²⁰⁵ Uma definição de catálogo é oferecida por Reitz: “A catalogue is a listing of similar terms in an homogenous context, which in its form is clearly delineated. Each of its components is an ‘element of a continuous development’”. Mas, logo a seguir o estudioso aponta para a dificuldade de definição do gênero do catálogo antigo: “There is no coherent ancient definition; one characteristic feature is numbering (cf. Hom. Od. 16,235), which also played an important part in the differentiated aesthetical evaluation by the ancient Homer philologists (cf. schol. on Hom. Il. 2,494ff. and frequent other examples).” Sobre o catálogo e a literatura: “Aristotle sees the catalogue as an instrument for the creation of order (Aristot. Poet. 1459a 35). In the use of catalogues as creative elements, there is a strong cross-influence between literary genres.” Reitz, C.: “Catalogue.” *Brill’s New Pauly*. Antiquity volumes edited by H. Cancik and H. Schneider. Brill, 2010. Brill Online. <http://www.brillonline.nl/subscriber/entry?entry=bnp_e610560> (acessado em 14 de novembro de 2010).

²⁰⁶ Segundo Mcleod, um dos fatores que explicaria a popularidade dos catálogos na Idade Média é o propósito do leitor: seu pressuposto é de que, atualmente, os leitores buscam em geral entretenimento, porém no período medieval, época em que os livros eram muito caros, os

poderia ser, inclusive, considerada um catálogo²⁰⁷. Com isto em mente, não podemos deixar de lembrar que Boccaccio era um grande conhecedor desta obra dantesca, uma vez que nos deixou a *Esposizione sopra la Comedia di Dante* (1373-1374)²⁰⁸. É fato que o gênero do catálogo não é exclusivo do período medievo-renascentista, e que já se fazia presente desde a Antiguidade²⁰⁹, como ainda nos adverte a autora de *Virtue and Venom* (1991)²¹⁰; porém à relação do *De Claris* com textos antigos em geral voltaremos um pouco mais adiante.

Além disso, no que concerne à forma e à função, costuma-se apontar que os catálogos àquela época estavam relacionados ao *florilegium* medieval, tipo de texto que compilava excertos de fontes clássicas, patrísticas e eclesiásticas²¹¹ em uma espécie de antologia²¹², e por meio do qual circulavam ideias de senso comum. Observemos o que diz Mcleod:

leitores procuravam normalmente edificação, erudição e exemplo moral. Cf. Mcleod (1991), p. 3.

²⁰⁷ “(...) but much of Dante’s *Divine Comedy* can be considered a catalog as well.” Cf. Mcleod (1991), p.2.

²⁰⁸ Em 1373 Boccaccio começou a leitura comentada do *Inferno* da *Divina Comédia* de Dante, e, devido a sua condição de saúde, parou no canto XVII desse livro, sem poder recomeçar: seu estado foi piorando, e ele morreu em 1375 deixando-nos o seu comentário por escrito, a *Esposizioni sopra la Comedia*, publicado pela primeira vez somente em 1724. Cf. Giorgio Padoan, “Introduzione” in Boccaccio, G. *Esposizione sopra la Comedia di Dante*. A cura di Giorgio Padoan. Milano: Arnaldo Mondadori Editore, 1994.

²⁰⁹ O catálogo está presente, como recurso estilístico, desde a obra de Homero, se pensarmos, por exemplo, no catálogo de navios na *Ilíada* (2,484-877). A obra de Hesíodo (cf. 700 a.C.), e em especial o ‘Catálogo de mulheres’ de Niceneto (*Nicaenetus*) (cf. *Ath.* 1, 590b), além dos *Aetia* (“*Etiologias*”) de Calímaco (cf. 310-305-240 a.C.) “são citados como exemplos bem sucedidos deste gênero” (C. Reiz, cf. nota 200). Para citarmos apenas algumas das mais importantes obras latinas em que aparecem catálogos, temos, por exemplo, em prosa, as *Fábulas* de Higino, e em versos, a poesia épica de Virgílio (por exemplo na *Eneida*, 7,750-76) e de Ovídio, sobre cuja obra Reiz comenta: “In his *Metamorphoses*, Ovid finally displays a masterful treatment of the catalogue genre, distancing himself from the epic tradition in imitation of the Hellenistic catalogue poetry. Alongside parodies of epics (Ov. *Met.* 3,206-225: the dogs of Actaeon), there are formal experiments (8,300-317: the enumeration of those participating in the hunt of the Calydonian boar is extended by narrative), which are even expanded beyond genre boundaries. Thus Ovid also refers to hymnic poetry as well as to the lists of examples in both didactic poetry and particularly rhetoric [8]. Naturally this had considerable influence on post-Ovidian epic poetry.”

²¹⁰ Cf. capítulos I e II de Mcleod (1991).

²¹¹ “Like medieval florilegia, which compiled excerpts from classical, patristic, and ecclesiastical sources, the catalogs of women gathered classical heroines together into an easily accessible volume or an easily remembered format.” (Cf. Mcleod, 1991, p.3).

²¹² Reproduzo aqui a nota em que Mcleod explica o que é *florilegium*: “Florilegium is a translation of the Greek word ‘anthology’ and was not named as a genre until the early

The florilegium was like the catalog in that its loosely enumerative structure purported to transmit conventional wisdom and cultural consensus. It also presented itself as authoritative, a claim widely accepted despite the fact that a compiler's biases clearly shaped his or her collection. Unlike catalog verse, however, which can be found in cultures at all levels of complexity, florilegia are only written in older, more urbane cultures possessing a considerable written heritage. (McLeod, 1991, p.12).

Para McLeod, a leitura do *De Claris* sugere relações com o “tipo” textual do *florilegium*, uma vez que em alguns momentos o texto boccacciano se mostra claramente como uma compilação de outros textos escritos, apesar de o autor toscano citar pouquíssimas vezes quem são suas fontes no *De Claris*²¹³.

Interessante pensar na etimologia da palavra *florilegium* (adj. *florilegus*, proveniente da junção do substantivo *flos* (flor) + o verbo *lego* (escolher))²¹⁴, designando *ipsis litteris* “algo que escolhe flores”, e os já referidos parágrafos §7, 8 e 9 da Dedicatória de *De Claris Mulieribus*, expostos por nós no presente capítulo em parágrafos anteriores. Na passagem, Boccaccio remete à metáfora do livro como um jardim²¹⁵ e ao ato da escolha dos bons exemplos de conduta feminina, representados pelas flores. É de se pensar, pois, que Boccaccio estaria se referindo à escolha, não só dos bons exemplos trazidos pelo seu texto e que devem ser apanhados pelos leitores, mas também à sua própria leitura dos textos, e feitura de *De Claris*, seu *florilegium*.

Mais aspectos do *De Claris* que nos lembrariam o *florilegium* nos são evidenciados pela estrutura adotada por Boccaccio no prólogo de seu catálogo, como lembra a estudiosa McLeod (1991):

Renaissance. The later Middle Ages produced numerous florilegia which had formative ties to the summa and encyclopedia traditions.” (Cf. McLeod, 1991, p. 3, nota 10).

²¹³ Em *De Claris*, Boccaccio cita - explicitamente - apenas a Bíblia (XLIII), Homero (XXXVII) e São Jerônimo (LXXXVI). Cf. Brown, “Introduction”, p. xvi.

²¹⁴ Cf. verbete *florilegus* no OLD, e também no Gaffiot, F. *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

²¹⁵ “É fato que há de encontrar algumas vezes a lascívia misturada ao sagrado - as circunstâncias da narrativa me obrigaram a fazê-lo -, não desprezes, nem fiques horrorizada; pelo contrário: persevera até o fim, colhe o que deve ser louvado colocando de lado as obscenidades, tal como, entrando em um jardim estendes em direção à flor tuas mãos de marfim, após serem removidas as pontas dos espinhos.” (*De Claris*, Dedicatória, § 7 a 9, tradução nossa).

In its organization and use of sources, *De Claris* is clearly a scholarly florilegium. As in most such collections, its prologue elucidates the compiler's purpose (to bring these neglected heroines to the reader's attention), explains his methods (to gather excerpts on famous and infamous heroines from the old books), and specifies his intent (to give examples of proper and improper conduct). (McLeod, 1991, p.63).

De fato, entre o primeiro e quinto parágrafo do Proêmio do *De claris mulieribus*, Boccaccio elucida o objetivo de seu trabalho – escrever sobre as mulheres, segundo ele, negligenciadas até então -, conforme notou McLeod (1991), e como foi referido anteriormente neste capítulo. Em seguida, no parágrafo sexto, o autor diz que escolheu as personagens biografadas a partir da fama que obtiveram por serem “notabilíssimas e faladas em todo o mundo”²¹⁶ (*De Claris*, Proêmio, §6), explicando, dessa forma, o seu método. Por fim, como visto, o certaldense expõe, ainda no Proêmio, o propósito de sua obra: dar exemplos de mulheres virtuosas e não virtuosas (nos §6, 7 e 8), confirmando as observações de McLeod (1991).

Ao lado do *florilegium*, também se poderiam sugerir relações entre as biografias do *De Claris* e os *fabliaux*²¹⁷, pequenas narrativas cômicas e satíricas em que as mulheres nelas retratadas representavam todo o sexo feminino, e o autor muitas vezes expressava um final moral, incitando o cuidado dos homens em relação às mulheres²¹⁸. Segundo sugerem estudiosos, as novelas do *Decameron* parecem ter herdado diretamente a tradição dos *fabliaux*²¹⁹, pelo fato de que suas histórias teriam mantido a veia satírica comum a este tipo de texto, e de que, além disso, as narrativas da grande

²¹⁶ *ex facinore orbi vulgato sermone notissimas novero* (*De Claris*, Proêmio, §6).

²¹⁷ Cf. verbete *fabliaux*: « On appelle communément de ce nom des contes à rire en vers, selon la définition de Bédier, qui nous ont été conservés, au nombre de 150 environs, dans des recueils de la fin du XIII^e et du début du XIV^e siècle, dont les principaux sont de Paris (...). Une soixantaine de ces contes sont appelés *fabliaux* par leur auteurs eux-mêmes ; mais le mot a été appliqué aussi au Moyen Âge à des pièces qui ne sont pas des contes à rire : fable animale, débats, dits moraux ou satiriques, nouvelle courtoise, poème allégorique, roman d'aventures même. (...)» Bossuat, R ; Pichard, L ; Raynaud de Lage, G. *Dictionnaire des lettres françaises. Moyen Âge*. Fayard, 1^e ed. 1964.

²¹⁸ Cf. Rosalind Brown-Grant, em introdução à tradução inglesa do *Livre de la Cité des Dames* de Christine de Pizan. (Pizan, C. *The Book of the City of the Ladies*. Introdução, tradução e notas de Rosalind Brown-Grant. London: Penguin Books, 1999, p. xxi).

²¹⁹ Cavallari, D. N., “O *Decameron* de G. Boccaccio: alguns traços de intertextualidade”, *Recorte* (Três Corações), v. 5, p. 4, 2006.

obra vernácula boccacciana retratariam características e costumes populares da Idade Média, mérito também atribuído aos *fabliaux*²²⁰.

Entretanto, a relação entre o *De Claris* e as narrativas francesas anteriores já não parecem ser tão diretas assim²²¹. Os *fabliaux* possuíam em suas narrativas uma considerável carga misógina, carga esta que não teria deixado de influenciar os outros tipos textuais medievais, como o romance medieval, por exemplo (ainda que este idealizasse a mulher²²²). Se pensássemos na existência de uma influência direta, de uma geração de autores e obras sobre os autores e obras de gerações seguintes, então poderíamos apontar os *fabliaux* como transmissor imediato para um conteúdo misógino. Todavia, estudiosos nos lembram que o *Roman de la Rose*²²³ - texto “autoridade em anti-feminismo medieval”²²⁴ -, por sua vez, alcança a misoginia clássica, já que acolheria em seu conteúdo alguns conselhos que remeteriam à *Ars amatoria* de Ovídio²²⁵.

Neste sentido, notamos, na esteira de Mcleod (1991), Kolsky (2003) e Franklin (2006)²²⁶, que Boccaccio reproduz alguns “julgamentos” de teor moral quanto ao comportamento feminino, como o faz na biografia de Vênus (VII), personagem “acusada” de extrema lascívia:

Postremo autem, ut ab impudica fronte paululum ruboris abstersisse videretur et lasciviendi sibi amplioem concessisse licentiam, infanda turpitudine excogitata,

²²⁰ Cf. Branca, V. “Introduzione” in Boccaccio. *Decameron*. A cura de Vittore Branca. Milano: Oscar Mondadori, 2009, p. xx e xxiii.

²²¹ Cf. introdução de Rosalind Brown-Grant à obra de Christine de Pizan, *Le livre de la cite des dames* (cujas biografias femininas foram largamente compiladas de *Sobre mulheres famosas* de Giovanni Boccaccio. Cf. também T. J. Juliani, “O *Livre de la Cité des Dames (1405)* de Christine de Pizan frente à sua principal fonte, o *De Claris Mulieribus* de Giovanni Boccaccio (1362)”. Pesquisa de Iniciação Científica, sob orientação do Prof. Dr. Alexandre Soares Carneiro (DTL – IEL), processo 06/56084-4, FAPESP, agosto de 2006 a agosto de 2007.

²²² Cf. Brown-Grant (1999), p. xxi.

²²³ O *Roman de la Rose* foi escrito em dois momentos; a primeira parte por volta de 1240 por Guillaume de Lorris, e a segunda acerca de 1275 por Jean de Meung, e conta a história da busca de um cavaleiro por uma dama personificada em uma rosa. A obra é de cunho altamente misógino. Cf. Rosalind Brown-Grant (1999), p. xxii.

²²⁴ Cf. Brown-Grant (1999), p. xxii: “[*Roman de la Rose*] supreme literary authority in the medieval anti-feminist canon.”

²²⁵ Não entraremos no mérito da apreensão de uma misoginia em Ovídio, nosso interesse aqui é ressaltar a presença do autor romano notada nos estudos sobre Boccaccio.

²²⁶ Cf. op. cit Kolsky (2003) e Franklin, M. *Boccaccio's Heroines: Power and Virtue in Renaissance Society* (Women and Gender in early modern world). Ashgate Publishing, 2006.

prima – ut aiunt – meretricia publica adinvenit et fornices instituit et matronas inire compulit; quod satis execranda Cypriorum consuetudo in multa protracta secula testata est. (De Claris, VII, §9, grifo nosso).

Enfim, depois de tudo isso, como que tirando da impudica face o pouco do rubor restante, e concedendo a si mesma uma licença ainda maior de cometer **lascívia**s, tendo tramado inefáveis torpezas, ela foi a primeira a inventar o meretrício e a fundar prostíbulos, obrigou matronas a ali entrarem; hábito bastante execrável dos ciprianos, que é testemunhado por muitos séculos.

Porém, evidentemente, na tradição literária prévia ao *De Claris* a misoginia não era exclusiva dos *fabliaux*. Por que não podemos dizer que os comentários misóginos observados em *Sobre mulheres famosas* remeteriam à misoginia de textos da Antiguidade (como acontece com o *Roman*), aos quais se sabe, como veremos adiante, Boccaccio tinha seguro acesso? É verdade que a herança cultural de Boccaccio certamente incluía o conhecimento destas pequenas narrativas cômicas do *fabliaux*, influência já apontada sobre o *Decameron* por outros estudiosos. Contudo a simples presença de conteúdo misóginos nestas pequenas narrativas não corrobora a sugestão de que passagens do *De Claris* remeteriam a elas. Seria necessário, portanto, uma maior aproximação dos textos do *fabliaux* e da Antiguidade para que identificássemos as relações entre eles e o *De Claris* de maneira mais precisa e profícua²²⁷.

Sobre mulheres famosas também traria consigo elementos, segundo Kolsky, de enciclopédias e crônicas medievais, tais quais o *Speculum maius* e o *Speculum historiale* de Vincent de Beauvais (1190-1264), um tipo de texto que, nas palavras do pesquisador, era “incrustado por uma variedade de fontes clássicas organizadas cronologicamente.”²²⁸ Tais textos teriam auxiliado Boccaccio quando da elaboração de uma ordem para o catálogo de biografias femininas, e por este motivo Kolsky adiciona:

²²⁷ O objetivo de nossa pesquisa atual não nos permite realizar um estudo mais profundo sobre esse aspecto neste momento.

²²⁸ “Therefore, one cannot exclude the use by Boccaccio of medieval encyclopedias and chronicles, especially those that embedded a variety of classical sources in a chronological frame.” Cf. Kolsky (2003), p. 64.

The presence of Vincent [de Beauvais] amongst others in the *De mulieribus claris* seems to suggest that Boccaccio was not a ‘purist’ in his humanist historiography, but appreciated the medieval contribution to historical knowledge. (Kolsky, 2003, p. 65).

A afirmação de Kolsky toca em questões importantes como a intenção de Boccaccio de valorizar os textos medievais, à medida em que ele os abordaria para construir sua estrutura textual. Sobre isto e sobre a questão da interpretação que estes textos imporiam ao texto boccacciano – contexto, cristandade, etc. -, discutiremos depois da finalização do presente estudo, em nossa conclusão, quando apresentarmos outros elementos para nossa discussão.

Como vimos apontando ao longo do capítulo, o texto do *De Claris Mulieribus* também ecoa obras da Antiguidade tardia²²⁹. É a pesquisadora Mcleod (1991), mais uma vez, que observa que o catálogo de biografias femininas de Boccaccio compartilha algumas características com a *Epistola Adversus Jovinianum*²³⁰ (393 d.C.) de São Jerônimo, influência que já mencionamos quando nos referíamos ao texto homônimo de Petrarca. A estudiosa afirma que o conteúdo do *De Claris* parece muito semelhante ao apresentado no catálogo de mulheres que compõe parte da *Epistola*, uma vez que o também tradutor da *Vulgata* inclui em seu texto exemplos de mulheres virtuosas e viciosas, assim como faz o autor certaldense²³¹.

Entretanto, ainda que o esquema de apresentação de figuras femininas virtuosas e viciosas remeta à organização da obra de São Jerônimo, para Mcleod uma das principais “novidades” do catálogo boccacciano é justamente a inclusão de intelectuais e artistas femininas em seu texto. Tal inclusão lembra outro texto do padre da Igreja Católica, o já mencionado *De viris illustribus*, e os também já referidos textos de

²²⁹ A discutida noção de “Antiguidade tardia” aqui é tomada em termos mais amplos como o período histórico entre a crise do Império Romano (a partir do século III de nossa era) durante os reinados de Diocleciano (284-305) e Constantino (307-337), até a época de Justiniano (527-565). Sobre a revisão, nos estudos a partir do século XX, do teor pejorativo que a expressão desde o Renascimento tende a receber, cf. A. Effenberger ‘Spätantike II. Archäologie und Kunst’, in: *Der Neue Pauly* 11 (2001) pp. 775-782 (= idem, “Late Antiquity” in H. Cancik; H. Schneider (ed). *Brill's New Pauly*. Brill, 2011. *Brill Online*. Universitaetsbibliothek Heidelberg. 06 May 2011.

²³⁰ Cf. Jerome, Saint. *Epistola Adversus Jovinianum*. In vol. 23 of *Patrologiae cura completus ser. Latina*, Ed. J.P. Migne. cols. 211-337. Paris: 1844-64.

²³¹ Cf. Mcleod (1991), pp.64-65.

Suetônio, obras que já retratavam personagens masculinas sob esse ponto de vista, como nos lembra a pesquisadora:

Boccaccio's most striking innovation among his virtuous heroines is his praise for women painters, writers, artist, sculptors, and scholars. Simply including such women is a novelty, for while Suetonius and Jerome mention scholars as well as generals and kings in their collections of famous men, no one before *De claris mulieribus* had thought of doing the same thing in a catalog of women. (McLeod, 1991, p.68).

No mesmo sentido, Kolsky (2003) aponta para elementos do texto de *De Claris* que estariam relacionados às obras de outros historiadores cristãos²³², tal qual Orósio (séc. V d.C.)²³³, por exemplo. Se a obra de Vincent de Beauvais teria sugerido a Boccaccio uma ordem cronológica para a organização do catálogo, já o *Chronicon* de Eusébio (cf. 260-340 d.C.), por sua vez, “provê uma ordem cronológica dos eventos do mundo que foi útil a Boccaccio no arranjo de seu próprio trabalho.”²³⁴

Passagens do *De Claris* também parecem aludir a textos agostinianos. Por exemplo, durante o Proêmio (§9, 10 e 11), Boccaccio discorre sobre a glória almejada por mulheres cristãs e pagãs: as primeiras alcançaram-na “tomando como modelo tanto as ordens como as pegadas do sacrossanto Preceptor” (§10), ao passo que as segundas “por certo dom da natureza ou instinto; quer, antes, impelidas por desejo ardente de momentâneo fulgor (porém não sem se valer da robustez de uma mente aguda); ou ainda sob o impulso de uma premente fortuna” (§10)²³⁵: tal diferenciação lembra a distinção que Santo Agostinho (354-430 d.C.) faz entre *fruor* (as coisas que devem ser

²³² Cf. Kolsky (2003), pp. 64-67.

²³³ A obra de Orósio a que Kolsky se refere é o *Historiarum adversus paganos*, composto em 417 d.C., a pedido de Santo Agostinho. Cf. verbete “Paulus Orosius” in *OCCL*, e Kolsky (2003), p. 65.

²³⁴ Cf. “Eusebius-Jerome *Chronicon* can be considered central to the *De mulieribus* as it provides a chronological ordering of world events that assisted Boccaccio in arranging his own work.” Cf. Kolsky (2003), p.64.

²³⁵ *He quippe ob eternam et veram gloriam sese fere in adversam persepe humanitati tolerantiam coegere, sacrosancti preceptoris tam iussa quam vestigia imitantes; ubi ille, seu quodam nature munere vel instinctu, seu potius huius momentanei fulgoris cupiditate percite, non absque tamen acri mentis robore, devenere; vel Fortune urgentis impulsu non nunquam gravissima pertulere.* (*De Claris*, Proêmio, §10).

fruídas) e *utor* (coisas que devem ser usadas com vistas à fruição), em seu *De doctrina christiana*²³⁶.

Voltando-nos em direção a tempos mais remotos, em diversos momentos percebemos no texto do *De Claris* – a partir de nossas leituras e amparo da bibliografia secundária – referências que reportariam a obras e autores da Antiguidade grego-romana. A princípio, falar da conexão entre autores da Antiguidade e autores do Renascimento pode parecer um discurso por demais óbvio, uma vez que, para todos os efeitos, conhecemos o período de Dante (1265-1321) e Petrarca (1304-1374) como o de um “reavivamento” da cultura e de valores clássicos antigos. Hoje, contudo, se sabe que o tipo de afirmação que separa de modo quase absoluto a Idade Média e o Renascimento como momentos estanques da história, nos quais haveria, de um lado, o medieval, a negligência dos textos da Antiguidade, de outro, a “retomada” da atenção a obras dantes esquecidas já não satisfaz aos estudiosos. É o que nos alerta Eugenio Garin (1994), pois, para ele haveria, na verdade, uma continuidade entre estes momentos:

Logo, não tem sido difícil ilustrar de diversas maneiras a continuidade entre o mundo medieval e o mundo humanista e, entre o mundo clássico e o medieval; demonstrando, portanto, que o humanismo não supôs um renascimento do mundo antigo, *porque este já estava vivo e presente pelo menos desde o XII*. (Garin, E; 1994, p.92, grifo nosso).

Ou ainda:

De qualquer modo, é certo que uma das conquistas da actual investigação histórica foi ter visto que o mito do renascimento, da nova luz e, portanto, das correspondentes trevas, fora precisamente o fruto da polémica conduzida pelos humanistas contra a cultura dos séculos precedentes. (Garin, E; 1994, p.92).

Dessa forma, se o contato com o mundo clássico antigo – como assevera Garin – não deixou de existir na Idade Média²³⁷, tampouco poderíamos negar que esta relação se

²³⁶ Referências a Santo Agostinho no *De Claris* são apontadas por Vittorio Zaccaria (1970), em diversas notas a sua tradução das biografias boccaccianas. Agradecemos à co-orientadora de nossa pesquisa, a Prof.^a Dr.^a Bianca Fanelli Morganti, que gentilmente nos apontou tal aspecto do texto de Giovanni Boccaccio.

tornou mais intensa e diversa na Renascença. Aqui voltamos a uma pergunta mais ampla, que, como exposto na Introdução, não poderíamos resolver à exaustão, mas que move nosso estudo do texto em apreço: de que modo Boccaccio, como autor do século XIV, mostra-se um leitor de textos da Antiguidade? Acreditamos que pensar nesta questão é fundamental para se compreender o que caracteriza a leitura boccacciana.

Em estudo de 1902, a já mencionadíssima Laura Torreta²³⁸ discorre acerca das possíveis fontes antigas evocadas pelo *De Claris mulieribus*, e a que Boccaccio teria recorrido para redigir seu texto. Nas extensas páginas dedicadas pela estudiosa para a identificação de fontes boccaccianas²³⁹, foram-nos destacadas referências do autor florentino, no referido catálogo, a autores como Cícero (106-43 a.C.)²⁴⁰, Virgílio (70-19 a.C.)²⁴¹, Ovídio (43 a.C. – 17 d.C.), Valério Máximo (1 d.C. ?)²⁴², Justino (II ou III d.C.), Isidoro (602-636 d.C.), apenas para citar alguns textos nos quais o autor toscano teria haurido para a composição do *De Claris*. Com uma visão - diríamos - bastante negativa sobre a obra em questão (uma vez que para a estudiosa Boccaccio não é “original”, pois compila textos grosseiramente²⁴³), o artigo de Torreta faz parte do rol de

²³⁷ Sobre a leitura de textos antigos na Idade Média, vinculados à teologia, por exemplo, um interessante texto pode ser apontado: Gilson, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. WMF Martins Fontes, 2001.

²³⁸ Torreta, L. “Il liber *De Claris Mulieribus* di Giovanni Boccaccio”, *Giornale storico della letteratura italiana*, 1902, vol. 39, pp.252-292, vol. 40, pp. 35-65.

²³⁹ Cf. Torreta (1902), pp. 273-294.

²⁴⁰ Como já se notou em obras de Petrarca (Cf. Morganti, B. F. *Invective contra medicum* de Francesco Petrarca: Tradução, Ensaio Introdutório e Notas. Campinas: 2008), a construção do texto de *Sobre mulheres famosas*, por sua vez, é um dos elementos que suscita a percepção de alusões às tópicas do gênero judiciário e epidídico, preceituadas nos tratados retóricos de Cícero (106-43 a.C.), sobretudo em seu *De inventione* (21 a.C?), única obra desta natureza que se sabe ser conhecida pelos humanistas da época. Quanto a este aspecto, que mereceria uma atenção em pesquisa de outra dimensão, novamente agradecemos à nossa coorientadora pela indicação.

²⁴¹ Sobre Boccaccio e Virgílio, cf. ainda: Kallendorf, C. “Boccaccio’s Dido and the Rhetorical Criticism of Virgil’s *Aeneid*”, *Studies in Philology*, vol. LXXXII, nº4, University of North Carolina Press, 1985, p. 401-15.

²⁴² Cf. Casella M. T. “Il Valerio Massimo in volgare, dal Lancia al Boccaccio”, IMU, 1963, VI: 49-136.

²⁴³ “Ed è così ch’egli crede a tutto quanto vi trova scritto, nè mai s’attenta a sollevare il minimo dubbio. Pare ch’egli sia come sopraffatto dalla mole de’ materiali che ha fra le mani. Questi materiali sono così ingenti che egli non può padroneggiarli; non sa guardarli dall’alto colla avvedutezza e la sagacia del critico; non pensa a sceverarne il vero dal falso, il verosimile dall’inverosimile; perciò il suo libro riesce un’opera di grossolana compilazione.” Cf. Torreta (1902), p. 292.

estudos do tipo *Quellenforschung* (“pesquisa de fontes”) que se dedicavam à identificação de textos que seriam remetidos por alguma passagem da obra estudada.

Sessenta e quatro anos após a publicação do estudo de Laura Torreta, Mazza (1966)²⁴⁴ expõe seu “rastreamento” dos códices que teriam pertencido a Boccaccio, tomando como base o inventário de sua biblioteca particular, a qual teria sido deixada a Martino da Signa e disputada pelo irmão do autor, Iacoppo.²⁴⁵ Partindo das indicações testamentárias e da última palavra da penúltima página de cada códice, Mazza propõe um levantamento de obras da Antiguidade clássica e da Idade Média a que Boccaccio teria tido acesso, muitas copiadas de próprio punho. Dentre os oito bancos de volumes identificados, cada qual contendo de dez a dezoito livros, se destacam obras de Terêncio (c. 193 ou 183 a.C.), Horácio (65-8 a.C.), Juvenal (início séc. II d.C.), Lucano (39-65 d.C.), Ovídio, Apuleio (cf. 155 d.C.), Sêneca (c. 4 a.C. – 65 d.C.) e Estácio (c. 45-96 d.C.).

Também apontam Boccaccio como leitor de textos antigos pesquisados como as de Remigio Sabbadini (1967)²⁴⁶, que também elenca os códices de textos clássicos antigos com os quais alguns autores do Renascimento, incluindo Boccaccio, teriam tido contato²⁴⁷. Vittore Branca (1970), principal biógrafo do autor toscano, também afirma que Boccaccio conhecia textos latinos correntes na época quando ainda recebia os primeiros ensinamentos das letras – e entre eles, Branca destaca os ovidianos:

Insieme alle più elementari regole di grammatica latina, e non senza l'intervento della temuta ferula, i ragazzi²⁴⁸ imparavano a compitarsi sul Saltero, e poi anche – proprio come Florio e Bianciflore fanciulli (Filocolo, I 45, 6) – sui testi ovidiani più didatticamente correnti, che offrivano l'opportunità di notizie di mitologia e di storia romana. (Branca, PB, p. 12, grifo nosso).

²⁴⁴ Mazza, A. “L’inventario della *parva libraria* di Santo Spirito e la biblioteca del Boccaccio”, *Italia medioevale e umanistica* 9, 1966, pp. 1-74.

²⁴⁵ Cf. Mazza (1966), p. 4.

²⁴⁶ Sabbadini, R. *Le scoperte dei codici latini e greci ne' secoli XIV e XV*. Firenze: G.C. Sansoni Editore, 1967. Edizione anastatica con nuove aggiunte e correzione dell'autore a cura di Eugenio Garin. Cf. pp. 28 a 33, a respeito de Giovanni Boccaccio.

²⁴⁷ Da longa lista de Sabbadini (cf. nota anterior), aprende-se que Boccaccio teria tido contato com códices que incluíam textos de autores como: Tácito (56 ou 57 d.C. – 117), Ovídio, Cícero (106-43 a.C.), Marcial (40-103/104 d.C.), Varrão (116-27 a.C.) e outros (cf. Sabbadini, 1967, p. 33).

²⁴⁸ Os “ragazzi” mencionados são Boccaccio e Nicolò Acciaiuoli, irmão de Andrea Acciaiuoli, a quem o *De Claris Mulieribus* foi dedicado.

Depois disso, ainda segundo Branca, Boccaccio prosseguiu os estudos tomando contato com as obras de Sêneca (cf. 4 a.C – 65 d.C) e Santo Agostinho (354-430 a.C.), por exemplo²⁴⁹. Vale lembrar, neste momento, que na introdução ao *Decameron*, o mesmo Vittore Branca nos assevera que Boccaccio era conhecedor dos versos de Virgílio e Estácio (cf. 45-96 d.C.)²⁵⁰, entre outros autores da Antiguidade clássica.

Apontamentos semelhantes também foram extensivamente feitos pelo já mencionado editor Zaccaria (1970), em notas por todo o texto do *De Claris*. Nelas, o estudioso observa mais uma vez ecos de textos antigos, já referidos aqui, como os de Cícero, Virgílio, Ovídio, Suetônio (70 d.C. ?), Valério Máximo, Plínio o Velho²⁵¹ (23/4 – 79 d.C.), Lactânio (245-325 d.C.) e Orósio (séc. V d.C.) no texto boccacciano em estudo.

A presença de Ovídio (43 a.C. – 17 d.C.) em *De Claris Mulieribus* foi amplamente anotada também por Torreta (1902), Ussani (1948)²⁵², Mazza (1966), Sabadini (1967) e Jocelyn (1997)²⁵³, e é com insistência referida pelo editor e tradutor de *De Claris* para o italiano, Vittorio Zaccaria. Às relações de textos deste poeta antigo, portanto, com o texto boccacciano, dedicaremos um pouco mais de atenção.

3.2. Boccaccio leitor de Ovídio

Como referido na seção anterior, na literatura sobre o *De Claris* consultada, apontam-se incontáveis semelhanças entre o texto de Boccaccio e o de autores antigos, relativas ora ao tema (i.e. à matéria presente na biografias das mulheres²⁵⁴), ora à estrutura do texto, ora (abrangendo de certo modo um e outro dos referidos aspectos) ao

²⁴⁹ Cf. Branca (1970), p. 37.

²⁵⁰ Cf. Branca, V. “Introduzione” in Boccaccio. *Decameron*. A cura di Vittore Branca. Milano: Oscar Mondadori, 2009, p. xxii.

²⁵¹ Cf. Torreta (1902).

²⁵² Cf. Ussani V. Jr, “Alcune imitazioni ovidiane del Boccaccio”, *Maia*, 1948, I, pp. 289-306.

²⁵³ Jocelyn, H.D. “Giovanni Boccaccio’s interpretations of Graeco-Roman myths and the constraints and impulses of his own times” in *Die Allegorese des antiken Mythos*, Harrassowitz Verlag, 1997, pp. 253-265.

²⁵⁴ Por exemplo, dentre os autores antigos, quanto à matéria, costuma-se citar, além de Ovídio, os já referidos Virgílio, Valério Máximo, Orósio, Plínio, etc. Para uma apreciação mais completa, cf. Torreta (1902).

gênero literário²⁵⁵ ou gêneros literários em que, segundo se propõe, a obra se filia. Tais semelhanças corresponderiam a relações de intensidade e extensão variadas entre estes textos. Cada um desses autores mereceria uma minuciosa investigação, especificamente dedicada a apreender a riqueza de nuances de sentido que um diálogo com seus textos proporcionaria ao leitor boccacciano. Uma vez que não seria possível investigar mais amplamente o repertório envolvido, preocupamo-nos em, de um lado, indicar em notas à tradução a evocação de autores antigos já levantada pelos estudiosos consultados. De outro, para melhor apreciarmos o *modus faciendi* boccacciano no seu trato com o antigo, vamos nos concentrar um pouco menos brevemente (mas também com o necessário recorte do corpus abordado, a que a seguir nos referiremos) na forma como o texto boccacciano dialoga com alguns textos de Ovídio.

Nesse sentido, consideramos, primeiramente, nos estudos acerca de Boccaccio e Ovídio a que tivemos acesso, de que modo a presença do poeta romano vem sendo apontada em nosso autor Renascentista. Assim, pudemos perceber que grande parte dos estudiosos consultados²⁵⁶ apontam para a semelhança entre o *De Claris* e obras ovidianas, mas sob o ponto de vista de uma “busca de fontes” (*Quellenforschung*)²⁵⁷ -

²⁵⁵ Sobre o gênero do catálogo, McLeod se refere sobretudo a Homero, Virgílio, Hesíodo, Plutarco, Juvenal, Ovídio (*Heroides*) a Bíblia (*Provérbios, Gênesis*) e São Jerônimo (*Adversus Jovinianum, De viris*) como antecessores do *De Claris*. Sobre o gênero biográfico, já se referiu a São Jerônimo, e seu *De viris illustribus*, além da obra homônima de Suetônio, o biógrafo romano, cujo conhecimento dos textos por parte de Boccaccio foi apontado por Gian Biagio Conte. Sobre o gênero historiográfico e biográfico na Antiguidade, cf.; Gentili, B; Cerri, G. *Le teorie del discorso storico nel pensiero greco e la storiografia romana arcaica*. Roma: Edizioni dell'ateneo, 1975. Kraus, C.S. “Historiography and Biography” in Harisson, S. (ed.) *A companion to Latin Literature*. Blackwell Publishing, 2007; Berscin, W. (Heidelberg); Gorgemanns, H. (Heidelberg). “Biography”, *Brill's New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. Brill, 2009. Brill Online. Universitaetsbibliothek Heidelberg. March 2009.

²⁵⁶ Cf. Laura Torreta (1902), Glenda McLeod (1991) e Vittorio Zaccaria (1970).

²⁵⁷ Reproduzimos aqui, novamente, nossa nota sobre “fonte” (já exposta na seção “Estrutura, modelos e matéria” de nosso Capítulo II): O termo “fonte” é evidentemente aqui compreendido no âmbito de seu sentido figurado, como texto a partir de que algo (uma história, uma informação, um recurso lingüístico) provém. É notório que a imagem já foi empregada por G. Pasquali (Pasquali, G. “Arte allusiva”, in *Pagine stravaganti*. Firenze: Sansoni, 1968, v. II.) em uma analogia, para ilustrar a questão da relação entre obras imitadas seus modelos: imaginemos, propõe o estudioso, as alusões como as curvas de um rio que saem necessariamente de uma fonte. A metáfora aquática, presente desde a primeira aceção da palavra latina *fons* (“nascente de água”) nos lembra que o que vem desse local flui em diferentes direções. Sabe-se que o sentido de “fonte” como texto – também já presente em língua latina (cf. *uerba...si Graeco fonte cadent*, Horácio, *Ars Poetica* 53, passo elencado no sentido 4b previsto para o verbete *fons* no Oxford Latin Dictionary (OLD): “a source, origin, fount”) - é

na linha do olhar que, em tempos modernos, tendeu-se a dirigir a textos antigos até a metade do século XX. Dessa forma, na busca das obras latinas (e também vernáculas) em que teria haurido, direta ou indiretamente, Giovanni Boccaccio²⁵⁸, as pesquisas observaram semelhanças e contrastes com textos antigos em diversas passagens; apenas algumas vezes, no entanto, se procurou apontar para o sentido que a relação com tais textos produziria no texto boccacciano²⁵⁹.

Confrontando *Filocolo* (1336) de Boccaccio com *Ars Amatoria* e *Heroides* (1 a.C. e 20 a.C.?, respectivamente) de Ovídio, Ussani²⁶⁰, em um artigo vanguardista de 1948, parece antecipar um tipo de análise mais atual, que visa comparar e identificar efeitos de sentido em obras correlacionadas. Quando observa as possíveis referências a Ovídio no rol de obras de Boccaccio, o estudioso coloca lado a lado o texto do poeta romano com o texto do autor toscano, procurando por menções conteudísticas e, *avant la lettre*, por algo que hoje se chamaria de “marcadores alusivos”, apontando para uma influência ovidiana²⁶¹ segura no texto de Giovanni Boccaccio. Esta é confirmada com

dicionarizado em língua portuguesa, como por exemplo, em Houaiss (sétima aceção prevista para o termo): “texto ou documento original”. Cabe-nos ressaltar que, ao procurar seguir uma abordagem pautada pela intertextualidade, entendemos as fontes literárias dentro dessa perspectiva que, à medida que valoriza a originalidade no processo de imitação criativa, contribui para estender o sentido de “original” como uma característica não exclusiva do modelo ou fonte. Dessa forma, mais adiante, nos referiremos a termos-chave da intertextualidade (imitação, emulação e alusão), não estabelecemos uma hierarquia entre a “fonte” e sua imitação.

²⁵⁸ Nesta pesquisa, tratamos de “fontes” sob dois aspectos. Em geral, ao mencionarmos no estudo introdutório as “fontes” de Boccaccio ou do texto boccacciano, fazemos referência ao texto em que (possivelmente) determinada matéria ou forma que foi imitada direta ou indiretamente por nosso autor. No entanto, nas notas à tradução, ao indicar “fontes antigas” do mito, referimo-nos àquelas em que tal história ou episódio mitológico teria sido registrado, e que eventualmente estariam disponíveis ao leitor moderno (independente de Boccaccio ter ou não tido acesso àqueles textos).

²⁵⁹ Paulo Sérgio de Vasconcellos, em seu estudo sobre as relações intertextuais entre a *Eneida* de Virgílio (70 a.C.–19 a.C.) e, por exemplo, os textos homéricos, é quem nos alerta para o fato de que até poucas décadas não se atentava para os sentidos que os estudos intertextuais e a “evocação” de fontes proporcionavam para o leitor que é apto para perceber tais alusões. Nas palavras dele, “Até o século passado, o estudo das relações intertextuais na poesia latina quase sempre se limitava à identificação minuciosa das ‘fontes’”. Cf. Vasconcellos, *Efeitos Intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo: Humanitas, 2001, p.25

²⁶⁰ Cf. V. Ussani Jr. “Alcune imitazioni ovidiane del Boccaccio”, *Maia*, 1948, I, pp. 289-306.

²⁶¹ Cf. Ussani (1948, p. 296).

excertos boccaccianos que acompanham o texto de Nasão quase que *ad verbum*²⁶², e estabelece, nas palavras de Ussani, uma “chiara allusione”²⁶³.

O pesquisador nos lembra inclusive que outro texto de Ovídio, as *Metamorfoses*, eram, nas palavras de Alfonso X de Castiglia (*Grande e general historia* (VIII, 7), como que uma “bíblia pagã”²⁶⁴, de onde provinha quase tudo o que se sabia a respeito da mitologia romana por volta do Renascimento. Isto nos lembra, mais uma vez, da importância dos textos ovidianos para o período de Boccaccio e para aqueles por ele influenciados. No fim de seu estudo, Ussani parece de fato procurar pelos efeitos de sentido ocorridos ao leitor que reconheceria as alusões (num sentido próximo ao que veio a ter nas abordagens intertextuais)²⁶⁵ de Boccaccio ao texto ovidiano. Contudo, em outro momento, o pesquisador menciona uma possível interpretação poética e intencional da parte do próprio Boccaccio sobre os textos ovidianos; o que transportaria seu estudo para um conjunto de pesquisas que, em sua análise, levam muito em consideração a figura do autor e sua intenção de produzir no texto a alusão deliberada²⁶⁶, como podemos atestar em: “Si ha qui un’interpretazione poetica del Boccaccio, che colora di mitico idillio un particolare della descrizione ovidiana.” (Ussani, 1948, p. 299).

Uma abordagem mais sistematicamente direcionada à busca pelo sentido da presença e efeito de um texto em outro texto, pela intertextualidade²⁶⁷, nos pareceu

²⁶² “Questi son tra i luoghi di più sicura derivazione ovidiana, sia perchè, esempi tolti quasi *ad verbum* dall’*Ars amatoria*, stanno nel *Filocolo* a dimostrare tesi identiche o assai simili a quelle dell’opera latina, sia perchè, reminiscenze delle *Heroides*, ridotte ad esempi, rivelano la fonte in singole espressioni ed hanno il loro *tertium* nei sentimenti stessi che di verso in verso dettarono le epistole degli antichi eroi ed eroine.” Cf. Ussani (1948, p.296).

²⁶³ Cf. Ussani (1948), p. 289. Evidentemente, não equiparamos o sentido do termo aqui com o sentido técnico que “alusão” veio a receber nos estudos intertextuais. Cf. nota 265.

²⁶⁴ Cf. Ussani (1948), p. 297, nota 4.

²⁶⁵ “Thus allusion will occur as a literary act if a sympathetic vibration can be set up between the poet’s and the reader’s memories when these are directed to a source already stored in both.” (Conte, 1986, p. 35).

²⁶⁶ É verdade que nem nos estudos intertextuais a figura do autor é totalmente apagada, cf. discussão em Vasconcellos, 2011.

²⁶⁷ O termo “intertextualidade”, especificamente, ainda não foi encontrado por nós em nenhuma referência bibliográfica relacionada à obra em apreço, o *De Claris Mulieribus*. Interessante notar, porém, o estudo da pesquisadora Doris Nátia Cavallari (professora da USP) quanto ao *Decameron* (1349-51) de Boccaccio, cf. Cavallari, D. N., “O *Decameron* de G. Boccaccio: alguns traços de intertextualidade”, *Recorte* (Três Corações), v. 5, p. 4, 2006; e o recente capítulo de Barchiesi, A.; Hardie, P. “The Ovidian career model: Ovid, Gallus,

potencialmente profícua para a apreciação do texto antigo em Boccaccio. Dessa forma, o método intertextual, partindo dos resultados das *Quellenforschungen*, nos auxiliará a considerar as semelhanças e contrastes entre o material textual, buscando efeitos de sentido num leitor ideal boccacciano.

Ora, sabemos que, numa abordagem intertextual, a questão não se resume a saber quais autores Boccaccio teria lido ou não: estudos sobre a intertextualidade nos alertam para a dificuldade de definirmos quais alusões seriam “propositais”, i.e., derivadas de uma (na maioria das vezes) imperscrutável intenção do autor, e aquelas que se geram no leitor que conhecesse os textos. É possível, por exemplo, que um leitor do século XX encontre em Boccaccio ecos de obras de Aristóteles (384-322 a.C.) ou de Eurípedes (cf. 485-406 a.C.), às quais mesmo Boccaccio e seus leitores coevos dificilmente teriam tido acesso direto. É possível, ainda, se tratar retroativamente²⁶⁸ dos efeitos do conhecimento de, para dar apenas um exemplo, Guimarães Rosa na leitura atual de Boccaccio.

Portanto, foi-nos necessário pensar sobre que leitor estamos falando, que imagem de leitor ideal (construída, parcial, mas necessária a uma abordagem intertextual)²⁶⁹ serve de parâmetro para a percepção dos efeitos: a de um leitor renascentista, i.e. da época de Boccaccio, ou a de um leitor a nós coevo. Da escolha depende a possibilidade de considerar, pois, que elementos do texto constariam como alusíveis, evocadores de efeitos de sentido. Dessa forma, no Mestrado, preferimos optar por selecionar, dentre os paralelos antigos já apontados ao *De Claris* boccacciano, apenas algumas passagens que encontrassem ecos em textos cujo acesso por parte de Boccaccio (e, portanto, por parte de um círculo de leitores de uma época) nos é

Apuleius, Boccaccio” in Hardie, P.; Moore, H. (ed.). *Classical Literary careers and their reception*. Cambridge University Press, 2010, pp. 59-88.

²⁶⁸ Sobre o “vetor retroativo” cabível em determinadas leituras intertextuais, cf. Vasconcellos, P. S. *Reflexões sobre a noção de arte alusiva e intertextualidade na poesia latina*. Clássica (São Paulo), 2011 e Cardoso, I. T. “Theatrum mundi: Philologie und Nachahmung” In: Schwindt, J. H. (ed.). (Org.). *Was ist eine philologische Frage?* Frankfurt: Ed. Suhrkamp, 2009, p. 82-111.

²⁶⁹ Sobre o papel da construção do leitor no método intertextual aplicado a estudos clássicos, cf. Vasconcellos (2011), Cardoso (2009); sobre o leitor ideal em textos antigos, cf. em Ovídio, Prata, Patrícia. *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*. Campinas: 2007. Tese de doutorado do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP; quanto a Marcial, Cesila, R. T. *O palimpsesto epigramático de Marcial: intertextualidade e geração de sentido na obra do poeta de BÍlbilis*. Campinas, 2008, tese de doutorado do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP.

documentado nos estudos da transmissão dos manuscritos e edições de autores antigos. Este é o caso de Ovídio, conforme vêm apontando estudiosos como Hortis²⁷⁰ (1879), Stephen Kolsky (2003), bem como as já mencionadas Glenda Mcleod (1991), e Laura Torreta (1902), que afirma²⁷¹:

Quanto alla parte mitologica (che il Boccaccio, come già dicemmo, considera come vera storia), una larga messe di notizie gli è offerta dalle opere di Ovidio e specialmente delle *Metamorfosi* e delle *Epistole (Heroides)*; egli ne toglie le favole di Aracne (cap.XVII), di Pocrì (cap. XXVI), di Niobe (cap. XIV), **di Tisbe** (cap. XII), **di Medea** (cap. XXVI), di Iole (cap. XXI), di Deianira (cap. XXII), di Ipermestra (cap. XIII); e molte notizie secundarie qua e là sparse nei capitoli di Circe (XXXVI), di Penelope (XXXVIII), di Polissena (XXXI), di Rea Ilia (XIIII), di Flora (LXII)²⁷².

Recentemente, Alessandro Barchiesi e Philip Hardie (2010)²⁷³ discorrem sobre passagens do *Decameron* de Giovanni Boccaccio que evocariam o texto ovidiano da *Ars Amatoria* e *Remedia amoris* (I a.C. e I d.C., respectivamente), e apresentam uma análise surpreendentemente reveladora da significação que tais alusões produziriam para o leitor de Boccaccio. Devido à dimensão dos paralelos encontrados pelos estudiosos entre os textos da *Ars amatoria* e *Remedia amoris* com o *Decamerão*, Barchiesi e Hardie vão ainda mais longe e sugerem que a proximidade entre as obras se revelaria como que uma tentativa de Boccaccio de colocar-se na forma de um ‘novo’ Ovídio, lançando mão dos artifícios textuais do antigo para pôr em prática os seus:

The point, for us, is not just that Boccaccio at times likes to imagine himself as a new Ovid; it is more about his dynamic reimagining of Ovid’s entire career as the story of an ‘improved Ovid’, a poet of moderation, in fact an author of fictional

²⁷⁰ Hortis, A. “Degli autori consultati dal Boccaccio per le opere latine” in idem, *Studi sulle opere latine Del Boccaccio*. Trieste, 1879.

²⁷¹ Cf. Torreta, L. “Il liber *De Claris Mulieribus* di Giovanni Boccaccio”, *Giornale storico della letteratura italiana*, 1902, vol. 39, pp. 279-80, grifo nosso.

²⁷² O artigo não nos diz qual edição a estudiosa acompanhou, porém pudemos perceber que a numeração dos capítulos/biografias difere da versão de Zaccaria (1970), que foi utilizada por nós. Grifamos as histórias que iremos trabalhar com mais detalhe neste capítulo.

²⁷³ Barchiesi, A.; Hardie, P. “The Ovidian career model: Ovid, Gallus, Apuleius, Boccaccio” in Hardie, P.; Moore, H. (ed.). *Classical Literary careers and their reception*. Cambridge University Press, 2010, pp.59-88.

prose who discovers a safer, remedial approach to writing about love, yet combines it with Ovidian edginess: one of the peculiar ‘judicial’ responsibilities typical of the implied reader of the *Decameron* is that of having to arbitrate between dangerous and safe interpretations of Ovid’s model. (Barchiesi, A.; Hardie, P., 2010, p.88).

Portanto, nosso interesse neste trabalho, ao nos voltarmos a algumas passagens boccaccianas em que são apontados paralelos com Ovídio, é precisamente identificar de que modo os excertos do texto de Boccaccio ecoam aquelas obras, justamente para, a partir destas, gerar junto ao leitor do *De claris* novas significações. Como dito, a tendência de privilegiar a semelhança com fontes é, segundo pudemos observar até o presente momento, o que vinha sendo prioritariamente feito ao se tratar da Antiguidade nos estudos do *De Claris Mulieribus* até o século XX. Tal empenho proporcionou também aos estudos de Boccaccio um conjunto amplo de paralelos na literatura antiga, muito úteis para uma tarefa ainda a se empreender. Assim, pretendemos aqui dar uma breve amostra dos sentidos que estes paralelos podem trazer ao texto renascentista, ao serem abordados como alusão aos textos antigos, i.e. como evocação – quer a consideremos imitativa ou mais explicitamente emulativa²⁷⁴.

Da vasta obra do poeta augústeo²⁷⁵ aqui considerado, investigaremos relações entre os textos das *Metamorfoses* (*Metamorphoses*, 2 d.C. – 8 d.C.?) e das *Heróides*

²⁷⁴ Vasconcellos discorre sobre o que definiria a relação intertextual, elucidando que há intertextualidade quando existe imitação (*imitatio*), emulação (*aemulatio*), e alusão aos modos de enunciação: “Modos de enunciação, princípios genéricos, adoção de fórmulas, reemprego de expressões vinculadas a certo tipo específico de texto, seleção lexical e sintaxe embasada na tradição de determinado gênero, etc. – tudo isso que poderíamos denominar, com Barchiesi e Conte, a “gramática textual”, faz parte da relação intertextual, com estatuto particular: trata-se de reproduzir não uma passagem qualquer de um precursor, transformando-a seja como for, mas de concretizar, reatualizando, na nova obra as regras de um código, extraídas de todo um repertório de textos paradigmáticos.” (Vasconcellos, 2001, p.42). Brevemente concluimos, então, que a *imitatio*, a *aemulatio*, a compilação, ou a simples referência ao gênero têm como efeito gerar, não uma cópia, muito menos um plágio, *roubo* (Guglielminetti, Marziano. “La tecnica dell’allusione” in Cavallo, G; Fedeli, P; Giardina, A. (org.). *Lo spazio letterario di Roma antica. L’attualizzazione del testo*. Vol. IV. Roma: Salerno Editrice, 1999, pp. 11-45) ou um empréstimo, mas uma obra, nesse sentido, original (Blanchard, Joël. “Compilation et légitimation au XVe siècle”. *Poétique*, 74 (1988), 139-157 (cf. ainda nota supra ao termo “fonte”): a alusão faz parte do jogo de significação de uma obra, e este só pode ser solucionado por aqueles que percebem tais apropriações.

²⁷⁵ O rol de obras ovidianas consta de: *Amores*, *Ars amatoria*, *Heroides*, *Medicamina faciei feminea*, *Remedia amoris*, *Metamorphoseon libri*, *Fasti*, *Tristia*, *Ibis*, *Epistula ex Ponto*. São de autoria contestada: *Helieutica*, *Nux*, *Concolatio ad Liviam*. Cf. OCCL e Silva, Mariana Musa de

(*Heroides* ou *Heroidum epistulae*, fim do séc. I a.C. e primeiros anos do séc. I. d.C.) perceptíveis em duas biografias boccaccianas: a da personagem Tisbe e a da personagem Medeia. Tisbe figura nas *Metamorfoses* (IV, 55-166) de Ovídio²⁷⁶ e é heroína biografada no XIII capítulo do *De Claris Mulieribus*. Já Medeia²⁷⁷, que é a heroína do capítulo XVII de *Sobre as mulheres famosas*, está presente nas *Metamorfoses* ovidianas no livro sétimo (VII vv. 1- 452) e na décima segunda carta (XII) das *Heroides*. A seguir observaremos mais detidamente cada uma das personagens boccaccianas e sua contrastante em Ovídio.

3.3. A Tisbe antiga e sua versão Trecentista: uma leitura

Já se apontou que história de Tisbe em Boccaccio tem, antes de tudo, características boccaccianas. É notável por exemplo que, referindo-se especificamente à biografia dessa personagem no *De Claris Mulieribus*, Kolsky (2003) nos diz que ali Boccaccio aparenta lançar mão de elementos de estilo idioleto de sua juventude, e que, portanto, revelariam um *ethos* “decamerônico” em uma obra da maturidade do autor.²⁷⁸

Mas, tampouco a relação entre o mito de Tisbe em *De Claris* e o da obra de Ovídio passou despercebida: na única nota redigida por Vittorio Zaccaria à versão boccacciana dessa biografia, o editor e tradutor italiano menciona a relação entre a história relatada por Boccaccio e a que se encontra nas *Metamorfoses* de Ovídio. Transcrevemos, aqui, a nota de Zaccaria (1970):

Il capitolo è naturalmente tratto, com riprese perfino letterali, dal noto episodio di Ovidio, *Metamorphoseon*, IV, 55, ss. È uno dei non frequenti casi in cui il B. ha trasfuso nella prosa grigia e uniforme un certo movimento stilistico e un'eco del

Paula e. Artesque locumque: *espaços da narrativa no livro V das Metamorfoses de Ovídio*. Campinas, 2008, tese de mestrado do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP.

²⁷⁶ O dicionário mitológico de Grimal (sob verbete “Pyrame”) aponta como registros antigos do mito de Tisbe e Píamo, além do passo das *Metamorfoses*, o comentário de Sêrvio às *Éclogas* VI, 22 de Virgílio, e, de Higino, às *Fabulae* 242, 243.

²⁷⁷ Dentre os diversos registros antigos de *Medeia*, destacam-se em Grimal, desde Hesíodo (*Teogonia*, 956 e seguintes) e Píndaro (*Píticas*, IV, 5), as tragédias *Medeia* de Eurípedes e de Sêneca, tendo havido ainda, segundo consta, a hoje perdida tragédia ovidiana, de mesmo nome. Cf. ainda os catálogos de Higino (*Fabulae*, 26 a 27) e de Apolodoro (*Bibl.* I, 9, 16, 23 e ss.). Das obras transmitidas de Ovídio, a história de Medeia é narrada nas referidas passagens das *Metamorfoses* e *Heróides*. Cf. o dicionário de mitologia de Grimal (verbe “Médée”).

²⁷⁸ Cf. Kolsky (2003, p.35-6).

commovente brano delle *Metamorfosi*. La delicata e tragica storia d'amore rivive, non senza echi della terzina dantesca (*Purg.* XXVII 37-39), nella prima parte del racconto in un'aura di affettuosa rievocazione; mentre la digressione sulla tolleranza verso l'amor giovanile, voluto da natura per assicurare il mantenimento della specie, riporta a certo lassismo del *Decameron*. (Zaccaria, 1970, p. 493).

Ora a construção boccacciana da já mencionada biografia de Tisbe (XIII) no *De Claris* teria como fonte segura, portanto - segundo sugerem Zaccaria²⁷⁹ e Laura Torreta²⁸⁰ -, o referido canto IV, 55-156, das *Metamorfoses* (7 d.C.) de Ovídio.

A seguir, procuraremos observar aspectos do “movimento estilístico” e o “eco da comovente passagem” da “trágica e delicada história de amor” ovidianos que, conforme aponta Zaccaria, são revividos em Boccaccio. Acreditamos que atentar a tais características nos ajudará a observar a relação entre os textos dos dois autores.

Para perceber com mais clareza alguns dos aspectos a serem aprofundados no estudo do episódio de Tisbe narrado no *De Claris*, buscamos na seqüência narrativa de Boccaccio o que lembra efetivamente a matéria ovidiana tratada nas *Metamorfoses* IV, 55-166. Nossa surpresa foi encontrar pouca diferença entre a história propriamente relatada pelos autores, e não apenas quanto aos eventos mitológicos em si: uma correspondência em termos de léxico, por exemplo, também se deixa notar no texto, como veremos a seguir.

No texto de Ovídio, os jovens Tisbe e Píramo eram vizinhos na Babilônia:

*Contiguas tenuere domos, ubi dicitur altam
Concilibus muris cinxisse Semiramis urbem*
(*Met.*, IV, vv. 57- 58).

Tinham contíguas as moradas suas

Lá onde é fama que de ingentes muros

Semíramis cingiu alta cidade.

(Tradução de Bocage²⁸¹).

²⁷⁹ Zaccaria (1970, p.493, nota 1).

²⁸⁰ Torreta (1902, p. 279)

²⁸¹ Cf. Ovídio. *Metamorfoses*. Tradução e notas de Bocage. Introdução de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Hedra, 2007, p. 103.

Vejamos abaixo que Boccaccio não usa o epíteto, mas o nome da “cidade de Semíramis”, a Babilônia, mantendo, porém, a mesma expressão *contiguas...domos* (*Met.* IV, 57) para indicar a vizinhança:

[...] *intra tamen **Babiloniam** habuisse cum Pyramo, etatis sue puero, **contiguas domos** satis creditum est.* (*De Claris*, XIII, §1).

[...] acredita-se que ela e Píramo, um rapaz da sua idade, viveram em casas muito próximas na Babilônia.

Eles se conhecem desde criança e sentem crescer seu amor:

*Notitiam primosque gradus uicinia fecit;
Tempore creuit amor; taedae **quoque iure** coissent,
Sed uetere patres ; quod non potuere uetare,
Ex aequo captis **ardebant** mentibus ambo.*
(*Met.*, IV, vv.59- 62).

A amor a vizinhança abriu caminho,
Nelas foi com a idade amor crescendo,
E unir-se em doce nó votaram ambos,
O que injustos os pais não permitiram.
Em vivo, **igual desejo os dois ardendo**
(Que isto os pais evitar-lhe não puderam).
(Tradução de Bocage²⁸²)

Como em Ovídio *ardebant*, “ardiam”, note-se, na descrição do amor no texto boccacciano, também a metáfora do fogo. Ainda a expressão “do amor como direito adquirido pela vizinhança: *quoque iure*, “por um certo direito”, no texto ovidiano (que a tradução de Bocage não explicita diretamente, a ela aludindo em “injustos pais”), mas que Boccaccio retoma mais literalmente em *cum esset iure*, “como que por um direito”.

*Quorum **cum esset iure** convicini quasi convictus assiduus et inde eis adhuc
pueris puerilis affectio, egit iniqua sors ut, crescentibus annis, cum ambo*

²⁸²

Op.cit., p.103.

formosissimi essent, puerilis amor in maximum augetur incendium illudque inter se, nutibus saltem, aperirent aliquando, iam in puberem propinquantes etatem. (De Claris, XIII, §2).

Embora sua assídua convivência fosse assegurada **como que por um direito** resultante da vizinhança, donde nas crianças se gerou uma feição pueril, iníqua sorte fez com que, passando-se os anos, e sendo ambos belíssimos, a afeição pueril crescesse **ao máximo ardor**, e que eles, já ao se aproximarem da idade adulta, ao menos acenassem para tanto, sinalizando-o algumas vezes um ao outro.

Como foram impedidos de se encontrar, os jovens passam a conversar através de uma pequena fenda que havia em uma parede comum às suas casas:

Cum fieret, paries domui communis utrique.

Id uitium, nulli per saecula longa notatum

(Quid non sentit amor?), primi uidistis, amantes,

Et uocis fecistis iter;

(Met., IV, vv.66- 69).

Parede, que os dois lares dividia,

Rasgada estava de uma tênue fenda

Desde o tempo em que foram fabricados.

Ninguém tinha notado este defeito;

Mas que não sente amor que não adverte

(Tradução de Bocage²⁸³)

E no detalhe da referência ao fato de que a fenda nunca tinha sido outrora vista, nota-se o quão de perto Boccaccio segue o verso ovidiano:

Quod cum egerrime ferrent ambo quererentque solliciti qua via possent saltem aliquando colloqui, nulli adhuc visam comunis parietis invenere in seposito rimulam (De Claris, XIII, §3).

²⁸³

Op. cit., p. 103.

Porque ambos mal suportavam a angústia dessa situação, e ansiosamente buscavam um modo que lhes possibilitasse ao menos conversar algumas vezes, encontraram, num lugar remoto da parede comum às suas casas, uma pequena fenda, **por ninguém vista até então**.

Apaixonados, combinam uma fuga. Tisbe sai primeiro de casa, chega perto da fonte de Nino (cf. *penes fontem Nini regis bustui proximum*, *De Claris*, XIII, § 4, e *convenient ad busta Nini lateantque sub umbra arboris*, *Met.* IV, 88-89), lugar combinado, e, assustada por uma leoa, a moça se esconde perdendo a manta que levava consigo. A leoa, que estava com a boca suja de sangue da última presa, destroça a manta e sai deixando os farrapos (*Met.* IV, vv. 93-106, *De Claris*, XIII, §4). Píramo chega e não encontra a amada, mas sim a manta estraçalhada (*Met.* vv. 107-120, *De Claris*, §5). Então pensa que sua amada foi devorada e se mata²⁸⁴:

Nec mora, feruenti moriens e uulnere traxit (...)
(*Met.*, IV, v.120).

E súbito, despindo o ferro agudo
Que ao lado lhe pendia, em si o enterra
(Tradução de Bocage²⁸⁵)

Tisbe volta logo em seguida, encontra o amante morto e também se suicida (*Met.* vv. 128-163, *De Claris*, §5-11). Aqui novamente Boccaccio se aproxima de Ovídio, contudo usa a mesma expressão “sem demora” (*nec mora*), para se referir à rapidez na reação não de Píramo, mas de Tisbe:

Nec mora; Tisbes potatam leenam abiisse rata [...]
(*De Claris*, XIII, §6).

Sem demora, Tisbe, julgando que a leoa havia bebido e ido embora (...).

Portanto, na sequência da narrativa de acontecimentos, Boccaccio mantém os exatos mesmos passos dos protagonistas, bem como, em vários momentos, a dicção

²⁸⁴ Ecos de *Romeu e Julieta* de Shakespeare, leitor de Ovídio, não parece mera coincidência. Cf. Burrow, C. “Re-embodying Ovid: Renaissance afterlives” in Hardie, P. (ed.) *The Cambridge Companion to Ovid*. UK: Cambridge University Press, 2002, pp. 301-319.

²⁸⁵ Op.cit., 109.

ovidiana. Porém, é notável que as passagens de discurso direto na história de Tisbe contada por Ovídio²⁸⁶ passam sempre a discurso indireto em *De Claris*. Observemos uma amostra dessa transformação do texto ovidiano em boccacciano:

*‘Pyrame’, clamavit, ‘quis te mihi casus ademit ?
Pyrame, responde ! tua te carissima Thisbe
Nominat; exaudi vultusque attolle iacentes!’ (Met. IV, vv. 142-144).*

Clama: “- Ó Píramo! Ó Céus! Que duro acaso
Te arrebatou de mim!? Píramo, escuta,
Responde-me, querido; a tua amada,
A tua fiel Tisbe é, quem te chama!
O semblante abatido ergue da terra [...]”
(Tradução Antonio Feliciano de Castilho)²⁸⁷

Já em *De Claris*, o narrador é quem reporta a fala de Tisbe:

cum gemitu ploratuque maximo nomen invocavit Pyrami oravitque ut Tisbem suam saltem morientem aspiceret et exeuntem expectaret animam, ut invicem in quascunque sedes incederent. (De Claris, XIII, §9, grifo nosso).

com enorme gemido e pranto **invocou o nome de Píramo, pedindo-lhe que olhasse sua Tisbe ao menos enquanto ela morria, e esperasse a sua alma sair do corpo**, a fim de que lado a lado caminhassem para qualquer que fosse sua morada. (grifos nossos).

Além de tirar das personagens o poder da palavra, Boccaccio elimina precisamente as passagens metamórficas das *Metamorfoses* de Ovídio! Simplesmente não há em Boccaccio, por exemplo, uma referência ao surgimento da amoreira²⁸⁸ (árvore cujos frutos se tingem de vermelho com o sangue dos amantes Tisbe e Píramo

²⁸⁶ Nas *Metamorfoses*, IV há discurso direto das personagens Tisbe e Píramo nos seguintes versos: 73-77; 108-115; 118-119; 142-144; 148-161.

²⁸⁷ Ovídio. *As Metamorfoses*. Tradução de Antônio Feliciano de Castilho. Rio: Organização Simões Editora, 1959, p.110.

²⁸⁸ Cf. Kolsky (2003), p. 33.

mortos), importante ao autor romano na sua versão das *Metamorfoses* (*Met.* IV, vv.118-127). Para dar uma ideia do que Boccaccio exclui, citamos a passagem ovidiana em latim e, em seguida, na tradução de Antonio Feliciano de Castilho:

*'accipe nunc' inquit 'nostri quoque sanguinis
Haustus'!
Quoque erat accinctus, demisit in ilia ferrum,
Nec mora, ferventi moriens e vulnere traxit.
Ut iacuit resupinus humo, cruor emicat alte,
Non aliter quam cum vitiato fistula plumbo
Scinditur et tenui striidente foramine longas
Eiaculatur aquas atque ictibus aera rumpit.
Arborei fetus adspergine caedis in atram
Vertuntur faciem, madefactaque sanguine radix
purpureo tinguít pendentia mora colore. (*Met.* IV, vv.118-127)*

“– O meu sangue”, lhe diz, “também te regue;
Recebe, ó triste véu, também meu sangue.” –
E súbito despindo o ferro agudo,
Que ao lado lhe pendia, em si o embebe:
Da ferida mortal o extrai, o arranca,
E de costas no chão depois baqueia.
Pelos ares com ímpeto repuxa
O sangue em purpurantes espadanas;
Tal de um pleno aqueduto o plúmbeo cano,
Rôto do tempo, contra o céu dardeja
De águas sonora remessada lança.
Da ramosa amoreira os alvos frutos,
Pela rubra corrente rociados,
Em triste, negra cor a antiga mudam;
E do sangue a raiz umedecida
Logo às amoras purpureia o sumo.
(Tradução de Antonio Feliciano de Castilho²⁸⁹).

²⁸⁹

Op.cit., p. 109.

Em lugar disso, veremos na Tisbe de Boccaccio o privilégio de outros elementos, que vêm sendo tratados, pela bibliografia secundária mais geral, como aspectos (da estrutura, da matéria) de caráter reflexivo e moralista mais amplificado. A fim de melhor compreender tal opção nessa biografia, é preciso lembrar que ela faz parte de um padrão de composição mais geral em *De Claris*. Para representarmos o modelo compositivo²⁹⁰ observável pelo autor toscano em cada biografia da obra em estudo, pareceu-nos útil considerar os moldes estruturais descritos por Anna Cerbo (2001)²⁹¹, quando em referência à *Genealogia Deorum Gentilium* (1350-63). Essa obra de Boccaccio parece-nos, nesse sentido, adequada como contraponto ao estudo desse aspecto do *De Claris*.

Para Cerbo, a narrativa de Giovanni Boccaccio se dividiria em dois momentos: o primeiro seria uma parte “expositiva”²⁹², em que o autor oferece dados sobre a filiação da biografada (onde nasceu, com quem se casou, e uma pequena narrativa que retrata como ela se tornou famosa). O segundo momento apontado por Cerbo compreende um comentário do autor, em geral moralizante, que a estudiosa chama de “parte exegética”²⁹³. Este comentário corresponde, na biografia de Tisbe, por exemplo, aos parágrafos finais §12, 13 e 14, ao passo que a parte expositiva corresponde aos anteriores. Nesse sentido, admitir certo contraste entre Boccaccio moralista *versus* a poesia de Ovídio não significa aceitar, como já foi comum nos estudos sobre o autor romano, que em seu texto não haveria qualquer referência à moral²⁹⁴.

Contudo, para Stephen Kolsky (2004), o texto da Tisbe boccacciana se distanciaria do que é apresentado por Ovídio nas *Metamorfoses*, pelo fato de que

²⁹⁰ Aqui empresto a expressão “modelo compositivo” (p.138) do artigo de Trevizam, M. “Incorporação de um mito ovidiano (*Metamorfoses*, VI 412-647) à *Philomena* de Chrétien de Troyes”, *Phaos*, 2005, pp. 127-146.

²⁹¹ Cerbo, A. *Metamorfosi del mito classico da Boccaccio a Marino*. Pisa: Edizioni ETS, 2001.

²⁹² Cf. Cerbo (2001), p.81.

²⁹³ Cf. Cerbo (2001), p.81. Uma observação sobre o que seria a “parte exegética” do texto boccacciano, segundo Cerbo (2001): temos a impressão, pela leitura do artigo da estudiosa, que ela entende a “exegese” não apenas como uma “interpretação minuciosa do texto” (cf. verbete 1 de Houaiss), mas sim como “leitura de chave cristológica”, “de moral cristã”. Sobre a “exegese” cf. o verbete no *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. RJ: Ed. Vozes, 2002.

²⁹⁴ Para um exemplo de aspectos morais subentendidos na poesia ovidiana, nomeadamente no episódio do mito de Actéon nas *Metamorfoses e Tristia II*, cf. Cardoso, I. T. “Metamorfoses no Actéon de Ovídio” In: Leite, N. V. de A. (Org.). *Corpo e Linguagem - A Estética do Desejo*. Campinas: Mercado das Letras, 2005, v. 1, p. 45-62.

Boccaccio insiste em dar a seu texto certa aparência de “historicidade”, diferentemente do que acontece no respectivo texto ovidiano: o certaldense omite a própria metamorfose do conto, como já mencionado, e, ainda, livra-se de elementos que não se encaixariam no “ideal” de texto de caráter historicista²⁹⁵. Como acima referido, lançar mão do discurso direto várias vezes no referido episódio das *Metamorfoses*, contribui para a dramaticidade da passagem, para o tom trágico apontado por estudiosos (Kolsky, 2003) na Tisbe ovidiana.

Pode-se entender que alguns aspectos do texto boccacciano da biografia de Tisbe explicariam o ponto de vista de Kolsky (2004). Embora evidentemente os gêneros historiográficos e biográficos não deixem de fazer uso de discurso direto, é possível pensar que, ao transmitir a história em terceira pessoa, Boccaccio obtenha como efeito, na parte “expositiva”, um distanciamento entre leitor e personagem. Dessa forma, concordando com Kolsky (2004), parece que o autor toscano subordina o texto a uma estrutura menos dramática (no sentido etimológico do termo “drama”, ligado à ação das personagens²⁹⁶) que a de Ovídio, e, com isso, mais analítica, mais autorizada e moralizante.²⁹⁷ Uma moralização em que se reconhece o pensamento cristão é obtida efetivamente por meio da supressão da metamorfose etiológica – omissão que faz parte de uma tendência adotada por Boccaccio também em vários outros episódios mais fantásticos do mito, caracterizada seja pelo evemerismo²⁹⁸ seja pela alegoria²⁹⁹.

Mas, isso não diminui o teor emocional de certas passagens da narrativa boccacciana, marcada por exclamações e expressões mais elaboradas, como grifadas abaixo:

²⁹⁵ “In spite of the poetical source, Boccaccio attempts to create an **illusion of historicity** by abandoning all reference to the metamorphic aspects of the Ovidian version.” (Kolsky, 2004, p.33, grifo nosso).

²⁹⁶ Cf. VI, 1449b, 21-35 da *Poética* de Aristóteles (Aristotle. *Poetics*. Translated by Stephen Halliwell. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1995, pp. 47-49).

²⁹⁷ Cf. Kolsky, 2004, p.37.

²⁹⁸ Para um breve comentário sobre o evemerismo (uma tendência de interpretação dos mitos na linha da proposta por Evêmero (IV a.C.), na qual os deuses são considerados homens divinizados por sua fama) em Boccaccio, cf. Torreta (1902), p. 272.

²⁹⁹ Jocelyn (1997), a respeito do *Genealogia Deorum Gentilium*, aponta para uma leitura alegórica dos mitos por parte de Boccaccio.

Mirum dictu! Sensit morientis deficiens intellectus amate virginis nomen, nec extremum negare postulatum passus, oculos in morte gravatos aperuit et invocantem aspexit. (De Claris, XIII, §10).

Coisa admirável de se dizer! Em vias de se extinguir, o discernimento do morto reconheceu o nome da amada donzela e não suportou negar seu último pedido: na morte, abriu **os pesados olhos** e olhou para aquela que o invocava.

A expressão e a descrição do momento como um todo ecoam de fato os versos seguintes³⁰⁰:

*Ad nomen Thisbes oculos a morte gravatos
Pyramus erexit uisaeque recondidit illa.
(Met., IV, vv. 145-6).*

Ouvindo proferir da amada o nome,
O malfadado moço eis abre os olhos,
Já do peso da morte enfraquecidos.
(Tradução de Bocage³⁰¹)

O teor emocional continua no desfecho da história:

Que confestim pectori adolescentis cultroque superincubuit et effuso sanguine secuta est animam iam defuncti. (De Claris, XIII, §11).

Ela imediatamente deitou-se sobre o peito do jovem - e também sobre a espada - e, derramado seu sangue, seguiu a alma do já falecido.

E em Ovídio:

³⁰⁰ Discordamos, neste momento, de Stephen Kolsky (2003), pois o estudioso diz que, no texto de Boccaccio, Píramo morto abre os olhos quando Tisbe o chama, ao passo que Ovídio não mencionaria o fato. Vejamos a passagem: “Boccaccio increases the pathos of this final scene by allowing Pyramus to open his eyes (something that he did not do in the *Metamorphoses*).” Cf. Kolsky (2003), p. 34. Cf., entretanto, o texto ovidiano: *ad nomen Thisbes oculos a morte gravatos/Pyramus erexit visaeque recondidit illa. (Met., IV, v.145-146).*

³⁰¹ Op.cit., p.111.

*Dixit et aptato pectus mucrone sub inum
Incubuit ferro, quod adhuc a caede tepebat.*
(*Met.*, IV, vv. 162-3).

Cala-se, **encosta o peito à férrea ponta,**
Do sangue do infeliz tépida ainda,
E trespassa-se, e cai.
(Tradução de Bocage³⁰²).

Boccaccio, por sua vez, na parte exegética da biografia, inclui no texto sobre Tisbe uma reflexão de natureza moral cristã, se concordarmos com o que dizem Cerbo (2001) e Kolsky (2003) em relação à *Genealogia*. Sobre o teor cristão na “exegese” boccacciana de suas biografias conferiremos as palavras de Cerbo (2001):³⁰³

Boccaccio dunque legge gli antichi com i punti di vista cristiani che si sono sovraimpressi alle operazioni allegoriche pagane. Con il suo intenso lavoro etimologico ed esegetico contribuisce alla nascita dell’Umanismo cristiano. (Cerbo, 2001, p.105)

E de Kolsky (2003), seguindo os passos da pesquisadora italiana:

The second ‘I’, reminiscent of the preacher of a sermon, overwhelms the first narrator by his incandescent discourse. The moral of the story becomes easy and recognizable with the introduction of the contrasting style of discourse. This additional voice is clearly recognizable as Christian; in fact he positively parades his Christianity. (Kolsky, 2003, p. 135).

³⁰² Op.cit., p. 113.

³⁰³ Sob semelhante ponto de vista, porém referindo-se à *Genealogia Deorum Gentilium* (1350-63), Henry David Jocelyn (1997) antecipa a análise de Cerbo (2001) e nos oferece esta explicação: “The several explicit references to method which he makes in the course of the *Genealogia* show him operating very much in the medieval tradition of biblical exegesis. He tends to turn the old poets into theologians as perceptive in their way as philosophers about the nature of godhead but unenlightened by the Christian gospel. Frequently, however, in particular cases he writes as no orthodox ecclesiastical theologian would have done, even on occasion giving the impression that he has found a specifically Christian sense within a pagan myth.” (Jocelyn, 1997, p. 259).

Este tipo de passagem está presente em grande parte das biografias da obra em estudo, como nos capítulos XV, XVII, XVIII, XXII, XXIII, e é onde o autor costuma discorrer sobre algum aspecto “reprovável” da personagem biografada³⁰⁴. Surpreendentemente, o texto de Tisbe, por sua vez, contém uma exortação aos cuidados com o amor na juventude:

*Quis non compatiatur iuvenibus? Quis tam infelici exitui lacrimulam saltem unam non concedet? Saxeus erit. Amarunt pueri: non enim ob hoc infortunium meruere cruentum. Florentis etatis amor crimen est, nec horrendum solutis crimen; in coniugium ire poterat. Peccavit fors pessima et forsani **miseri** peccavere **parentes**³⁰⁵. Sensim quippe frenandi sunt iuvenum impetus, ne, dum repentino obice illis obsistere volumus, desperantes in precipitium inpellamus Immoderati vigoris est cupidinis passio et adolescentium fere pestis et comune flagitium, in quibus edepol patienti animo tolleranda est, quoniam sic rerum volente natura fit, ut scilicet dum etate valemus, ultro inclinemur in prolem, ne humanum genus in defectum corruat, si coitus differantur in senium. (De Claris, XIII, §12, 13, 14, grifo nosso).*

Quem não se compadecerá dos jovens? Quem não concederá ao menos uma só lágrima a tão infeliz fim? O que assim fizer será feito de pedra. Crianças amaram: mas não por isso mereciam um sangrento infortúnio por causa deste infortúnio. O amor é um erro comum aos que estão na flor da idade, mas não é um crime

³⁰⁴ Na biografia da Medeia (XVII, 11), de que trataremos a seguir, por exemplo, Boccaccio dirá que não se deve dar muita liberdade aos “olhos”.

³⁰⁵ Mais uma vez, atentemos para a passagem de Boccaccio, com grifo no texto:

*Peccavit fors pessima et forsani **miseri** peccavere **parentes**.*

E agora para as palavras de Ovídio, em discurso de Tisbe, referindo-se aos seus pais e aos pais de Píramo...:

*hoc tamen amborum verbis estote rogati
o multum **miseri** meus illiusque **parentes**,
ut, quos certus amor, quos hora novissima iunxit,
conponi tumulo non invidetis eodem;
(Met. IV, 154-157, grifo nosso).*

Ó vós, dai terno ouvido às preces de ambos,
Miseros pais de míseros amantes,
Que une por lei do Fado o amor e a morte;
Deixai, que o mesmo túmulo os encerre.

horrendo aos solteiros, pois seria possível conduzir-se ao matrimônio. A odiosa sorte procedeu mal, e talvez os **miseráveis pais** também o tenham feito. Isso porque os ardores dos jovens devem ser contidos gradualmente, evitando que os lancemos desesperados contra o precipício ao desejarmos tolhê-los com repentino obstáculo. O ardor do desejo é de vigor imoderado, quase uma peste e flagelo comum aos jovens, em quem, por Pólux!, ele deve ser tolerado com ânimo paciente. Isso porque a natureza das coisas é que deseja que assim ocorra, ou seja: que, enquanto estamos no vigor da idade, inclinemo-nos espontaneamente à prole, para que o gênero humano não desapareça, se o coito for adiado para a velhice.

A surpresa que nos causa a presente exortação boccacciana se deve ao fato de que, comparada a outras biografias do *De Claris*, a de Tisbe - conforme foi observado por Kolsky³⁰⁶ - não apresentaria uma reprovação de natureza moral à biografada vinda da parte do autor, mas sim como que um apelo de Boccaccio para os leitores, a fim de que estes se compadeçam dos jovens, e atentem para a educação amorosa deles. O apelo, de fato, é emitido pelo autor renascentista explicitamente, como vimos, em forma de pergunta retórica:

Quis non compatiatur iuvenibus? Quis tam infelici exitui lacrimulam saltem unam non concedet? (De Claris, XIII, §12)

Quem não se compadecerá dos jovens? Quem não concederá ao menos uma só lágrima a tão infeliz fim?

Na esteira destas reflexões, constatamos que o texto do *De Claris* é de fato permeado por “juízos de valor” em forma de pequenos comentários expressos pelo autor durante a narrativa, e que, mais uma vez nos passos de Cerbo (2001), denunciam certa interpretação moralista que o autor faria das personagens por ele retratadas. Um exemplo deste tipo de interpretação seria, segundo propomos, a passagem em que Boccaccio descreve o momento em que a personagem Tisbe sai de casa. Na versão ovidiana, Tisbe também é a primeira a deixar a casa para fugir:

³⁰⁶ “Almost as an afterthought, Boccaccio introduces the theme of parental control in the concluding paragraph whereas in Ovid it is an essential part of his narrative and explains the actions of the lovers. The commentator gives advice on how to manage young people, particularly in matters of love.” Cf. Kolsky (2003), p. 35.

*Callida per tenebras versato cardine Thisbe
Egreditur fallitque suos adopertaque vultum
Pervenit ad tumulum dictaque sub arbore sedit.
Audacem faciebat amor. (Met., IV, 93-6).*

Achada a ocasião, por entre as sombras
Tisbe astuta das portas volve a chave,
Engana os seus, e sai. Cobrindo o rosto,
Caminha para o túmulo de Nino:
Chega, e debaixo da árvore se assenta
Dava amor ousadia à linda moça.
(Tradução de Antonio Feliciano de Castilho³⁰⁷).

Mas o autor toscano acrescenta, neste momento do texto, a seguinte informação à passagem: ***Ardentior forte Tisbes prima suos fefellit*** [...] (*De Claris*, XIII, §4, que traduzimos: “Primeiro Tisbe, **talvez mais ardente**, enganou os seus.” (*De Claris*, XIII §4, grifo nosso). O eco dos versos de Ovídio (*audacem faciebat amor*) pode ser observado ainda no excerto boccacciano; porém Nasão, a princípio, não nos parece tão incisivo em um possível julgamento da personagem em sua narrativa enquanto caracteriza-a como audaciosa e ousada apenas devido ao amor que sentia por Píramo.

Nessa passagem do *De Claris*, pode-se entender à primeira vista que a biografada arderia mais em amor do que seu amado. Se for assim, a personagem parece, ainda que caracterizada por Boccaccio como uma mulher pagã, ser “vislumbrada” com um estereótipo da mulher que é facilmente encontrado, por exemplo, em textos da Idade Média: o da mulher lasciva (cf. Bloch [1995] e Duby [1989 e 1990]).

Ora, sabe-se que estereótipos desse tipo - de que as mulheres teriam mais apego do que os homens ao sexo, por exemplo - já eram *topoi* antigos³⁰⁸, e, portanto, não é possível, neste ponto da pesquisa, decidir que o trecho que acabamos de ver, assim como outras passagens semelhantes³⁰⁹ encontradas no *De Claris*, estariam ligados

³⁰⁷ Op.cit., p. 108.

³⁰⁸ Cf. Cardoso, I. T. “Introdução à Lisístrata de Aristófanes” In: Aristófanes (autor)/Ana Maria Pompeu (tradutora). (Org.). *Lisístrata*. São Paulo: Hedra, 2011, p. 9-38.

³⁰⁹ Um outro exemplo, presente no *De Claris*, em que Boccaccio retrata a biografada como uma mulher ardente, dada à concupiscência (referindo-se desta vez à Semíramis, rainha assíria):

somente a temas associados à moral e hermenêutica cristã. Nota-se, portanto, o esforço dos autores cristãos em lançar mão de um *topos* antigo, sempre autorizado por sua tradição, e de reinterpretá-lo de modo decoroso à moral cristã.

Por outro lado, embora o que chamamos de “juízos de valor” não esteja ausente no tratamento conferido por Ovídio³¹⁰ aos seus mitos, é bastante plausível pensar que o modo como o autor certaldense configura os seus juízos em *De Claris* depende também de elementos posteriores à chamada tradição clássica greco-romana.

Em resumo, a tendência interpretativa dos textos boccaccianos, como já foi mencionado, é de apontar os textos do *De Claris* como que permeados por fortes, senão incisivos, julgamentos morais cristãos. A biografia de Tisbe, entretanto, parece ser um texto difícil para confirmarmos essa postura adotada pelos pesquisadores consultados. Isso porque, como vimos, esta biografia se revela como um caso à parte dentre as demais do catálogo de mulheres de Boccaccio, uma vez que o autor parece expressar-se, precisamente neste capítulo, de modo mais ameno quanto à moralidade cristã (conforme apontado por Kolsky, por exemplo). A singularidade deste capítulo XIII já foi inclusive notada pelo próprio estudioso, que diz o seguinte, referindo-se ao texto de Tisbe:

The medieval writer Christianizes the episode so that he is able to show sympathy for Thisbe and not ridicule her faith in the gods upon whom she calls before committing suicide. (Kolsky, 2003, p: 34)

Para Kolsky (que não comenta a expressão *ardentior forte*), portanto, Boccaccio parece invocar sua cristandade não julgando Tisbe, porém exortando uma atitude de compaixão para com ela. Por este motivo, dedicaremos agora à observação de uma biografia de *De Claris* em que, como veremos, tal reprovação é evidente: a de Medeia (XVII). Ao tentarmos buscar os efeitos de sentidos que a relação da biografia boccacciana com os textos de Ovídio suscita, buscaremos nela averiguar a pertinência de leituras que apontam para uma cristianização dos textos feita por Boccaccio - em

Nam cum, inter ceteras, quae assidue libidinis prurigine, ureretur infelix, plurimum miscuisse se concubitui creditum est (De Claris, II, §13). “Com efeito, uma vez que essa infeliz, entre outras, era inflamada como que por uma incessante compulsão libidinosa, acredita-se que se misturou ao coito de muitos” (*De Claris*, II, §13, Tradução nossa).

³¹⁰ Para citar apenas um exemplo, lembremos como Ovídio considera o juízo acerca da culpa ou inocência do personagem Actéon (*Met.* III, vv. 138-252), cf. Cardoso, I. T. “Metamorfoses no Actéon de Ovídio” In: Leite, N. V. de A. (Org.). *Corpo e Linguagem - A Estética do Desejo*. Campinas: Mercado das Letras, 2005, v. 1, p. 45-62.

nosso caso, textos antigos e ovidianos, evocáveis a partir da leitura de *Sobre mulheres famosas*.

3.4. Medeia ovidiana em Boccaccio³¹¹

Medeia³¹² foi representada na Antiguidade³¹³ por autores como Píndaro (*Ode Pítica*, IV, 462 a.C.?), Eurípedes (*Medea*, 431 a.C.), Apolônio de Rhodes (*Argonautica*, III a.C.), Virgílio (*Eneida*, 29-39 a.C.)³¹⁴, Ovídio (*Heróides*, 20 a.C.?: *Metamorfoses*, 2 d.C.)³¹⁵, Sêneca (*Medeia*, I d.C. ?) e Estácio (*Tebaida*, I d.C. ?). Seu mito repercutiu de tão diversas maneiras na própria Antiguidade que uma leitura que remete um autor tão temporalmente distante como Boccaccio a um único modelo inicial acaba por se tornar necessariamente redutora. Sabemos, desse modo, que ao focarmos em um só autor trabalhamos não o mito, mas uma versão dele: ou seja, uma pequena amostra de sua variedade essencial, além de seus significados diferentes e importâncias diferentes em diferentes estágios da história³¹⁶.

Porém, voltando-nos novamente às notas de Zaccaria (1970) à tradução italiana do texto de *Sobre as mulheres famosas*, observamos serem os textos de Ovídio as fontes, i.e., os textos empregados por Boccaccio na composição da sua décima sétima biografia³¹⁷.

³¹¹ Partes deste estudo sobre a personagem Medeia figuram em um trabalho – intitulado “A biografia de Medeia no *De Claris Mulieribus* de Giovanni Boccaccio e seu trabalho com as fontes antigas” – que apresentamos como pré-requisito para conclusão de curso de pós-graduação, ministrado pelo Professor Doutor Flávio Ribeiro de Oliveira (IEL – Unicamp).

³¹² Boccaccio não se restringe a citar Medeia em uma única obra. Esta também aparece em: *Filoloco*, III, 18-23; *Chiose al Teseida*, I, 102, 2; *Fiammetta*, VIII, 17, 6; *Amorosa Visione*, XXI, 52-88; *Esposizioni Dante*, VII, sobretudo em 123; *Genealogia deorum*, IV, 12).

³¹³ Para um levantamento completo, cf. Grimal, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. Paris: PUF, 1988.

³¹⁴ Ruth Morse, em estudo que nos acompanhará nos apontamentos seguintes, afirma que a personagem Dido da *Eneida* é uma forte representação de Medeia. Cf. Morse, R. *The Medieval Medea*. Cambridge, D.S.Brewer, 1996. p. 41.

³¹⁵ Sabemos por Quintiliano e Tácito que Ovídio escreveu uma tragédia intitulada *Medea*. Porém, apenas duas linhas desta sobreviveram. Cf. *OCCL*, 1997: p.402.

³¹⁶ “Mythology, then, was an open-ended system. As has been pointed out recently, it is precisely this improvisatory character of the myth that guarantees its centrality in Greek religion. ‘It is not bound to forms hardened and stiffened by canonical authority, but mobile, fluent and free to respond to a changing experience of the world’”. Bremmer, J. (ed.). “What is a Greek Myth?” in Bremmer, J. *Interpretations of Greek Mythology*. London, Routledge, 1994, pp.3-4.

³¹⁷ “Per Medea, in generale, cfr. Ovídio, *Metamorphoseon*, VII i ss.; *Epistulae*, XII.” (Zaccaria, 1970, p. 497, nota 1).

A influência ovidiana para esta biografia havia sido, da mesma maneira, apontada pela estudiosa Laura Torreta (1902)³¹⁸, antecipando a observação que seria feita por Zaccaria décadas depois. Um estudo mais recente, *Medieval Medea* (Morse, 1996)³¹⁹, por sua vez, também nos ajudou a identificar alguns dos principais registros da representação da personagem no Trecento (e em outros períodos), e, mais uma vez, a ligar a versão do mito de Medeia elaborada por Boccaccio aos textos de Nasão: “Boccaccio’s main source for Hypsipyle is Statius, for Medea, Ovid” (Morse, 1996: p. 204).

No mesmo sentido, percebemos que algumas características conferidas a Tisbe no próprio *De Claris Mulieribus* também nos permitiram ligar a obra de Boccaccio aos trabalhos do referido poeta da Antiguidade. Dessa forma, traçaremos um paralelo – assim como o fizemos com Tisbe - entre a versão da Medeia de Giovanni Boccaccio que figura em *Sobre mulheres famosas* e passagens dos textos de Ovídio apontados pelos estudiosos como obras relacionadas ao texto boccacciano em questão. Tais passagens se encontram em duas obras: as *Metamorfoses*³²⁰ (VII, vv. 1-452), e excertos das *Heroides* (XII)³²¹. Novamente, nosso intuito é observar o diálogo entre os textos para tentarmos encontrar significações que essa relação produziria em *De Claris*.

Apresentamos, pois, para acompanhamento da análise, a sucessão de acontecimentos narrados na biografia da personagem, no *De Claris Mulieribus*, seguida da versão, ou melhor, das versões ovidianas de passagens relevantes. Logo de início, observamos que a biografia boccacciana de Medeia inicia com uma afirmação impactante:

Medea, sevissimum veteris perfidie documentum, Oete, clarissimi regis Colcorum, et Perse coniugis filia fuit: formosa satis et malefitorum longe doctissima (De Claris, § 1).

Medeia, crudelíssimo exemplo da antiga perfídia, era filha de Eeta (ilustríssimo rei dos colcos e cônjuge de Perse): suficientemente bela e, mais que todas, doutíssima em malefícios.

³¹⁸ Cf. novamente Torreta (1902), pp. 279-80.

³¹⁹ Cf. Morse, R. *The Medieval Medea*. Cambridge, D.S.Brewer, 1996.

³²⁰ Ovídio. *Les Métamorphoses*. VI-X. Paris, Les Belles Lettres, 2000.

³²¹ Ovídio. *Heroides. Amores*. Vol. I. (Trans. Grant Showerman). Harvard University Press, 1996.

A essa introdução superlativa e genérica, seguem-se outras atribuições, referentes às habilidades específicas dessa mulher, habilidades estas que serão expostas no texto boccacciano em discurso indireto:

*Nam, a quocunque magistro instructa sit, adeo herbarum vires familiares habuit, ut nemo melius; novitque plene cantato **carmine** turbare **celum**, **ventos** ex antris ciere, tempestates **movere**, flumina sistere, **venena** conficere, elaboratos ignes ad quodcunque incendium componere et huiusmodi perficere omnia. (De Claris, §2).*

Na verdade, qualquer que fosse o mestre que a tenha instruído, ela conhecia intimamente, melhor que ninguém, as forças das ervas; sabia perfeitamente perturbar o céu por meio de palavras encantadas, incitar de dentro das cavernas ventos, causar tempestades, fazer parar os rios, fabricar venenos, compor fogos elaborados com a finalidade de formar quaisquer incêndios e realizar todo tipo de coisas deste gênero.

Pudemos observar, entretanto, que quem fala sobre os próprios artifícios no texto ovidiano das *Metamorfoses* é, não o narrador, e sim a própria Medeia. Ela o faz momentos antes de trazer à juventude o sogro, Éson, pai de Jasão. Sublinhamos no texto o léxico em comum com o do texto boccacciano:

*“Nox” ait “arcanis fidissima, quaeque diurnis
Aurea cum luna succeditis ignibus Astra,
Tuque triceps Hecate, quae coeptis conscia nostris
Adiutrixque uenis cantusque artisque magorum,
Quaeque magos, Tellus, pollentibus instruis herbis,
Auraeque et uenti montesque amnesque lacusque,
Dique omnes nemorum, dique omnes noctis, adeste;
quorum ope, cum uolui, ripis mirantibus amnes
in fontes rediere suos, concussaue sisto,
stantia concutio cantu freta, nubila pello
nubilaque induco, **uentos** abigoque uocoque,
uipereas rumpo uerbis et **carmine** fauces,
uiuaque saxa sua conuulsaue robora terra*

*et siluas moueo iubeoque tremescere montis
 et mungire solum manesque exire sepulcris!
 Te quoque, Luna, traho, quamuis Temesaea labores
 Aera tuos minuunt; currus quoque carmine nostro
 Pallet aui, pallet nostris Aurora uenenis! (Met. VII, 199-209)³²².*

“Ó noite”, diz ela, “a mais fiel para os meus mistérios, e todos os astros dourados que, com a lua, sucedeis aos raios diurnos, e tu, tríplice Hécate, que, consciente de nossa empreitada, vens como auxiliadora nos encantos e artes dos magos, e tu, Terra, que instruis os magos acerca das ervas potentes, e brisas e ventos e montes e córregos e lagos, e todos os deuses dos bosques, e todos os deuses da noite, vinde a mim! Por seu auxílio, quando desejei, para a surpresa das margens, os córregos às suas próprias fontes, eu sustento as ondas agitadas e agito as mansas. Expulso as nuvens e induzo as nuvens a se formarem; espanto e invoco os ventos, com palavras e encantamentos rompo gargantas vipéreas, e removo da terra suas pedras vivas, e carvalhos e florestas, extirpando-os, e ordeno que os montes tremam e o solo muja e os manes saiam dos sepulcros. A ti também, ó Lua, arrasto, ainda que os bronzes de Témesa diminuam teus sofrimentos; a carruagem de meu avô também empalidece com meu encantamento, a Aurora empalidece com minhas poções mágicas.” (Tradução nossa).

Observamos o quão próximo a prosa boccacciana está da tessitura dos versos acima expostos. Alguns vocábulos se repetem (*carmine, ventos, uenenis*), enquanto outros elementos - como as menções a componentes celestes personificados (*Luna, v. 207, Aurora, v.209*) – são retomados de forma resumida (e não mais divinizados) em *celum*, “céu”, no texto de Boccaccio.

Também pudemos observar, que apesar de Boccaccio não manter a repetição de certos termos que aparecem em Ovídio (*nubila...nubila, 201-2*), nem o políptoto³²³,

³²² “With your help when I have willed it, the streams have run back to their fountain-heads, while the banks wondered; I lay the swollen, and stir up the calm seas by my spell; I drive the clouds and bring on the clouds; the winds I dispel and summon; I break the jaws of serpents with my incantations; living rocks and oaks I root up from their own soil; I move the forests, I bid the mountains shake, the earth to rumble and the ghosts to come forth from their tombs. Thee also, Luna, do I draw from the sky, though the clanging bronze of Temesa strive to aid thy throes; even the chariot of the Sun, my grandsire, pales at my song; Aurora pales at my poisons.” (Ovid. *Metamorphoses*. Books I-VIII. Tradução de F.J. Miller. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1984 [3ª ed.], p. 357).

percebe-se que o autor toscano não deixou escapar a aliteração ovidiana em nasais /n/ e /m/ (*nemo melius; nouitque plene cantato carmine*, cf. *De Claris*, §2) e também em /k/ (cf. *cantato carmine turbare celum* ou *quodcunque incendium componere*, em *De Claris*, §2, e [...] *concussaque sisto,/ stantia concutio cantu freta, nubila pello/ nubilaque induco, uentos abigoque uocoque* nas *Met.*, 200-202).

No texto do autor toscano nota-se, em seguida, que ele apresenta os atributos de Medeia, mais uma vez em terceira pessoa, referindo-se aos mesmos não propriamente como atributos divinos, mas “técnicas”, “artes” (cf. *ab artibus*), mesmo termo encontrado em Ovídio, como veremos a seguir:

Nec illi – quod longe peius – ab artibus fuit dissonus animus; nam, deficientibus eis, ferro uti arbitrabatur levissimum (*De Claris*, XVII, §3).

E não lhe foi atribuído um ânimo divergente **de suas artes** – o que de longe era pior -, pois, estando estas em falta, pensava ela com leviandade no uso da espada.

*neue parum ualeant a se data gramina carmen
auxiliare canit secretasque aduocat artes* (*Met.* VII, 137-8)³²⁴.

E para que as ervas dadas por ela não tenham pouco poder, ela entoia um encantamento e evoca artes secretas. (Tradução nossa).

Interessante é observar o sentido militar, detectado por Hill (1997, p. 198)³²⁵ na caracterização do encantamento (*carmen*) com o adjetivo *auxiliaris*. De certa forma, pode-se pensar que a associação entre *carmen* e armas (*ferro*) nos ofereça no recém mencionado texto de Boccaccio mais uma relação de influência com o texto do autor romano.

³²³ Ovidius Naso, Publius. *Metamorphoses*. [Books] V – VIII. Hill, Donald E. [Hrsg.] Warminster, Wilts.: Aris & Phillips, 1992, p.200.

³²⁴ “And, lest the charmed herbs which she had given him should not be strong enough, she chanted a spell to help them and calls in her secret arts.” (Tradução de F.J. Miller, p. 353).

³²⁵ Transcrevemos aqui o comentário de Hill para o verso 138 de Ovídio: “**relieving:** *auxiliare*, a military technical term for military reinforcement, ‘relief’, which is sense of ‘relieving’ intended here; cf. 6.424.” (1992, p. 198).

Na sequência, Boccaccio introduz no texto a personagem Jasão, e qualifica o amado de Medeia de modo semelhante a Ovídio. No entanto esse o fizera em discurso direto nas palavras da personagem feminina - como se destaca abaixo:

Hec Iasonem thessalum, eo seculo conspicuum virtute iuvenem [...] (De Claris, XVII, §4)

[...] jovem notável naquele tempo por sua hombridade [...]

Em Ovídio a *virtus* também é um atrativo de Jasão:

*quem, nisi crudelem, non tangat Iasonis aetas
Et genus et uirtus? [...] (Met. VII, 26-27)³²⁶.*

“A quem, se não for cruel, não comoverá a idade de Jasão, e sua ascendência e hombridade?”

Em continuidade, o certaldense conta que o jovem fora enviado até a Cólquida pelo tio Pélias, sob o pretexto de conseguir o Velo de Ouro. Sobre a aventura de Jasão e o Velocino, Boccaccio escreve apenas poucas palavras (contra os 158 versos de Ovídio [*Met.*, VII, 1-158]), em forma de aposto explicativo ao termo Jasão, apresentando *en passant* como complemento do verbo *dilexit*, “amar”, ie., o objeto do amor de Medeia:

Hec Iasonem thessalum, eo seculo conspicuum virtute iuvenem, a Pelia patruo, sue prohibitati insidiante, sub pretextu gloriosissime expeditionis missum in Colcos ad aureum surripiendum vellus, eiusdem capta prestantia, dilexit ardentem egitque, ad eius promerendam gratiam, ut, orta inter incolas seditione, patri suscitaretur bellum et consequendi votum Iasoni spatium prestaretur. (De Claris, XVII, §4).

Jasão da Tessália - jovem notável naquele tempo por suas proezas, foi enviado por seu tio Pélias (que em verdade tramava contra a vida do sobrinho), sob o pretexto

³²⁶ A solução para verter *virtus* (“virtude”, “bravura”, etc.) empregada por Miller, pareceu-nos adequada ao texto de ambos. “Who that is not heartless would not be moved by Jason’s youth, his noble birth, his manhood?” (Tradução de F.J. Miller, p. 345).

de uma gloriosíssima expedição contra os colcos visando furtar o velo de ouro. Cativada pela superioridade de tal homem, **Medeia o amou ardentemente** e fez com que, para cair em suas graças, um levante popular suscitasse a guerra contra seu próprio pai. Assim apresentava-se a Jasão a oportunidade de alcançar o seu desejo.

A metáfora do amor (e/ou paixão) como chama ou fogo ardente utilizada por Boccaccio (cf. *ardenter*) também é vislumbrada no texto ovidiano, já na primeira referência a Medeia no livro VII das *Metamorfoses*:

*Concipit interea ualidos Aetias ignes (Met. VII, 9)*³²⁷

Nesse ínterim, a filha de Eetes engendra poderosos fogos. (Tradução nossa).

E isso ocorre também na fala da personagem consigo mesma:

*Excute uirgineo conceptas pectore flammas,
Si potes, infelix. (Met., VII, 17-18).*

“Expulsa do peito virginal as chamas engendradas, se podes, ó infeliz!” (Tradução nossa).

No entanto, esta metáfora, comum também a outras biografias boccaccianas em *De Claris*, não parece decisiva quanto à relação entre os textos em questão. Outro aspecto nos parece mais relevante nesse sentido: o fato de que desde a primeira referência a este amor com que Medeia é cativada há, no texto do *De Claris*, menções ao perigoso poder do olhar.

O autor de *Sobre Mulheres Famosas*, em mais uma pergunta retórica, questiona a capacidade destrutiva da visão, apta a subjugar todo um reino:

³²⁷ “[...] meanwhile the daughter of King Aeetes conceived an **overpowering passion.**” F.J. Miller (p. 343, grifo nosso) prefere traduzir pelo sentido direto de “paixões”, não mantendo a metáfora. Cf. ainda comentário de Hill (1992) ao nono verso (com referência a obra de Virgílio, *En.*, 4,2), p.195.

Quis hoc etiam sensatus arbitr<ar>etur homo quod ex uno oculorum intuitu opulentissimi regis exterminium sequeretur? (De Claris, XVII, §5)

Que homem sensato chegaria a pensar que, de uma única mirada de seus olhos, pudesse derivar o extermínio de um opulentíssimo rei?

Interessante observar como a personagem Medeia, nas páginas ovidianas, se questiona por amar tanto quem ela viu apenas uma vez:

*Cur, quem modo denique vidi,
Ne pereat, timeo? (Met., VII, 15-16)³²⁸.*

“Por que temo a morte de alguém em quem apenas agora pus os olhos?”
(Tradução nossa).

Notamos, portanto, que Boccaccio, ao retomar a pergunta em sua biografia, já alude à capacidade devastadora do olhar³²⁹ e do amor que é vislumbrada nos versos ovidianos de *Metamorfoses*³³⁰.

Na sequência, Medeia – segundo o autor toscano – instiga uma guerra na terra pátria (*De Claris*, § 4). O público boccacciano lê o que o ovidiano provavelmente já sabia, uma vez que o fato não é descrito por Ovídio nas *Metamorfoses*. Já a maneira através da qual Medeia trai o pai favorecendo Jasão na busca do velocino, e as aventuras deste para consegui-lo, nos é oferecida apenas pelos versos ovidianos (1-158), pois a sequência de mais de uma centena dos versos de Nasão nos é transportada por Boccaccio em apenas uma breve expressão:

Eo igitur patrato scelere [...] (De Claris, XVII, §5)

Então, cometido tal crime [...].

³²⁸ “Why do I fear lest he perish whom I have but now seen for the first time?” (Tradução de F.J. Miller, p. 343).

³²⁹ Cf. também o momento decisivo em que Medeia, já tendo desistido do amor, vê novamente Jasão e volta a chama: *cum uidet Aesoniden, exstinctaque flamma reluxit (Met., VII, 77)*. “Quando vê o Esônida, reacende a chama extinta”.

³³⁰ O mesmo aspecto é ressaltado em *Heróides*, sobretudo nos versos 31-33 (XII), de que trataremos mais adiante.

Após a traição do pai, a personagem boccacciana foge junto a Jasão, e, temendo ser perseguida pelo genitor, perpetra um crime nefasto: o assassinato e esquartejamento do irmão Absirto (ou Egiáleo), cujos pedaços do corpo foram espalhados para impedir que o pai sáísse em seu encalço:

nec tam grandi facinore contenta, in peius trucem divertit animum. Arbitrata quidem Oetam secuturum profugos, ad eum sistendum in Thomitania Phasis insula, per quam secuturo transitus futurus erat, Absyrtium seu Egealeum puerum fratrem suum quem in hoc secum fuge comitem traxerat, obtruncari et eius membra passim per arva dispergi iussit, ut, dum spersa miserabilis colligeret genitor et eis lacrimas tumulumque daret, fugientibus etiam fuge spatium commodaret. (De Claris, XVII, §5-6).

E, não contente com tão grande crime, direciona seu espírito truculento para algo ainda pior. Certa de que Eeta seguiria os fugitivos, ela [leia-se Medeia], a fim de o reter na ilha Tomitânia do rio Fásis, pela qual o perseguidor teria de passar, ordenou que se despedaçassem e espalhassem em toda parte pelo campo os membros de Absirto ou Egiáleo, filho de seu pai que ela, em tal circunstância, arrastara consigo como companheiro de fuga. Desse modo, enquanto o genitor reunisse as partes do infeliz e lhes desse lágrimas e um túmulo, ao mesmo tempo daria aos fugitivos a oportunidade da fuga.

As *Metamorfoses* de Ovídio não mencionam o assassinato do irmão de Medeia, Absirto, fato este que foi incluído, como vimos, por Boccaccio no *De Claris*. A versão em que Medeia desmembra o irmão está presente em outras variantes do mito, e é citada, inclusive, na tragédia de Eurípidés, *Medeia* (*Med.* 167, 1334; datada de 431 a.C.). Não é certo, porém, se Boccaccio teria tido contato com essa tragédia grega³³¹.

³³¹ O possível contato de Boccaccio com as tragédias gregas é algo ainda discutido. Sabe-se que um códice de Eurípidés chegou à Itália somente no ano de 1417, através do bibliófilo Giovanni Aurispa. Poderíamos inferir, portanto, que a versão da Medeia de Boccaccio (em que ela assassina o irmão) foi construída a partir da leitura em outra fonte, que não a tragédia euripídiana. Cf. Sabbadini, R. *Le scoperte dei codici latini e greci ne' secoli XIV e XV*, 1967: p. 46. Porém, Mazza (1966) nos diz o seguinte: “Il Boccaccio dovette possedere, nell’attuale Laur. gr. S. Marco 226, otto tragedie di Euripide, tra cui prima l’*Ècuba*, che reca nei primi quattrocento versì circa una traduzione interlineare latina, e brevi note marginali latine:

Ele poderia ter lido, entretanto, a breve menção que Ovídio faz ao episódio no seu compêndio poético-epistolar, as *Heroides*:

*“At non te fugiens sine me, germane, reliqui!
deficit hoc uno littera nostra loco.
Quod facere causa mea est, non audet scribere dextra.”*
(*Heroides*, XII,112-115)³³².

E eu, ao fugir, não te deixei sem mim, meu irmão; minha carta é omissa neste único ponto; o que minha mão direita ousou fazer, não ousa escrever (Tradução de Simone Ligabo Gonçalves)³³³.

O tradutor das epístolas ovidianas para o inglês, Showerman (1996) alerta-nos que, de fato, o ato que a própria Medeia não conseguiria descrever em seu texto, por meio do discurso de Nasão, é o assassinato do irmão³³⁴. Interessante é ressaltar que a mera referência ao ato (ausente de *Metamorfoses*, e também de Apolônio de Rhodes [4, 225]) é em *Heróides* uma escolha ovidiana³³⁵. O que teria levado Boccaccio a incluir o esquartejamento em sua versão de Medeia é algo a se pensar. Pudemos observar desde as primeiras linhas do texto do autor toscano a caracterização da personagem como uma mulher de índole extremamente maligna, capaz das maiores atrocidades, e sua representação assim se mostra mais uma vez no fim do quinto parágrafo (*nec tam grandi facinore contenta*), referindo-se, como já visto, à perfídia contra o pai, cometida antes do assassinato do irmão.

sarebbe, questa, la copia del Laur. 31,10, che fu di Leonzio Pilato, e ci riporterebbe in tal modo al sodalizio tra il Boccaccio e il suo maestro di greco.” O estudioso finaliza, porém, dizendo que não se sabe ao certo se o manuscrito referido fazia parte do inventário de Boccaccio (Mazza, 1966, p.67).

³³² “But thee, O my brother, I did not leave behind as I fled! In this one place my pen fails. Of the deed my right hand was bold enough, it is not bold enough to write.” (Tradução de Showerman, G., p. 151).

³³³ Cf. Gonçalves, Simone Ligabo. *As Heróides de Ovídio: uma tradução integral*. São Paulo, 1998. Dissertação de mestrado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, p.154.

³³⁴ Cf. Ovid. *Heroides. Amores*. (Trans. Grant Showerman). Harvard University Press, 1996, pp. 114-115.

³³⁵ Cf. Bessone, Federica. *P. Ovidii Nasonis Heroidum epistula XII: Medea Iasoni*. Firenze: Le Monnier, 1997, p. 172.

Neste sentido, lembramo-nos – ainda mais uma vez - de que no Proêmio de *Sobre as mulheres famosas*, Boccaccio alertava seu leitor a respeito de uma particularidade de seu texto: a de que ele ali encontraria mulheres famosas por feitos bons e ruins:

Non enim est animus michi hoc claritatis nomen adeo strictim summere, ut semper in virtutem videatur exire; quin imo in ampliorem sensum - bona cum pace legentium - trahere et illas intelligere claras quas quocunque ex facinore orbi vulgato sermone notissimas novero [...] (De Claris, Proêmio, §6).

Na verdade, não tenho intenção de tomar a palavra “fama” num sentido estrito, ao ponto de parecer que sempre abranja à virtude; mas sim de estendê-lo, com a gentil permissão dos leitores, a um sentido mais amplo e compreender como “famosas” aquelas que eu souber que são notabilíssimas e faladas em todo o mundo, **por qualquer que seja seu feito.**

Medeia parece ser uma das mais marcantes personagens “anti-exemplo”³³⁶, ou exemplo de vício, que Boccaccio expõe a seus leitores: uma mulher cujos atos não devem ser imitados. Neste sentido, noutras passagens ovidianas – retornando às *Metamorfoses* – parece prenunciar-se uma Medeia que personifica o anti-exemplo boccacciano. Isso ocorre sobretudo em excertos em que a personagem Medeia se coloca, ela mesma (i.e., em discurso direto) como alguém que vê as coisas ruins, mas busca o que não é virtuoso, e que assim realiza grandes coisas. Observemos três passagens de Nasão, a primeira delas famosíssima³³⁷:

*Video meliora proboque,
Deteriora sequor [...] (Met. VII, 20-21)*³³⁸.

“Vejo as melhores coisas e aprovo, sigo as piores.” (Tradução nossa).

Na sequência, temos:

³³⁶ Cf. mais uma vez termo que o autor usa para referir-se a Medeia, logo no início da biografia XVII: *Medea, sevissimum veteris perfidie documentum* [...] (grifo nosso).

³³⁷ Cf. Hill (1997): “perhaps Ovid’s most famous sentence” (p.196). Hill também menciona uma possível origem euripidiana da expressão, remetendo a *Med.* 1078-80.

³³⁸ “I see the better and approve it, but I follow the worse.” (Tradução de F.J. Miller, p. 343).

*quamquam non ista precanda,
Sed facienda mihi [...] (Met. VII, 37-38)³³⁹.*

“Apesar disso, não devo pedir essas coisas, e sim fazê-las.” (Tradução nossa).

Ou ainda:

*non magna relinquam,
Magna sequar [...] (Met. VII, 55-56)³⁴⁰.*

“Não abandonarei magnitudes: hei de segui-las.” (Tradução nossa).

Dando continuidade às observações a respeito da sequência narrativa da obra *De Claris Mulieribus*, novamente nos parece que os acontecimentos descritos por Boccaccio na décima sétima biografia acompanham a narração ovidiana. Isso porque, depois da fuga de Medeia e Jasão (partindo da Cólquida para a Tessália), o certaldense conta que a personagem restaurou a mocidade de Éson, pai de Jasão, e que ocasionou o assassinato de Pélias (tio de Jasão) enganando suas filhas. Estas ações também podem ser lidas nas palavras ovidianas, porém com mais riqueza de detalhes. Transcrevemos aqui a passagem respectiva de *Sobre mulheres famosas*:

Tandem cum post errores plurimos in Thessaliam cum Iasone devenisset suo Esonemque socerum, tam ex reditu nati quam ex parta victoria predaque et illustri coniugio tanta repletisset letitia, ut revocatus in floridam videretur etatem, Iasoni paratura regnum, arte sua zizaniam inter natas et Peliam sevit easque misere armavit in patrem. (De Claris, XVII, §8, grifo nosso).

³³⁹ “and yet that is not matter for my prayers, but for my deeds.” (Tradução de F.J. Miller, p. 345).

³⁴⁰ “I shall not be leaving great things, but going to great things [...]” (Tradução de F.J. Miller, p. 347).

Enfim, quando Medeia, após inúmeras errâncias, chegou à Tessália com Jasão, encheu seu sogro Éson de tamanha alegria (tanto devido à volta do filho, quanto devido à vitória obtida, aos despojos de guerra e ao ilustre casamento), que este parecia ter sido chamado de volta à flor da idade. Mas, intencionando adquirir o reino em favor de Jasão, por meio de sua arte, a mulher semeou a discórdia entre as filhas e Pélias, e as muniu miseravelmente contra o pai.

Boccaccio dedica apenas um parágrafo de sua biografia a fatos descritos por Ovídio em uma grande quantia de versos³⁴¹. Além disso, o certaldense desmistifica os elementos mágicos da passagem: Boccaccio não diz que Éson foi efetivamente rejuvenescido, e sim que “parecia (*videretur*) ter sido chamado de volta à flor da idade” devido ao sentimento de alegria por rever o filho vencedor e casado. Ainda sim, apesar das diferenças, pudemos perceber ecos ovidianos em seu texto. Por exemplo, o autor compartilha o léxico (cf. *ut revocatus in floridam videretur etatem*) de Nasão ao se referir ao sogro remoçado:

*nunc opus est sucis, per quos renovata senectus
in florem redeat primosque recolligat annos* (*Met.* VII, 215-216)³⁴².

“Agora é necessária uma bebida, por meio da qual a velhice volta a florescer renovada, retomando os primeiros anos.” (Tradução nossa).

Sucintas também são as palavras de Boccaccio para relatar o que fez Medeia depois que Jasão tomou Creúsa por esposa:

*Ceterum, labentibus annis, exosa Iasoni facta et ab eodem loco eius Creusa, filia
Creontis, Corinthiorum regis, assumpta, inpatiens fremensque cum multa in
Iasonem excogitasset, eo prorupit ut ingenio suo Creusam Creontisque
regiam omnem assumeret igne volatili* [...] (*De Claris*, XVII, §9).

³⁴¹ Nas *Met.*, os vv. 162-293 contam minuciosamente como Medeia devolveu a juventude a Éson, e a sequência que vai do verso 304 a 349 relata o ludíbrio das filhas de Pélias e o assassinato deste.

³⁴² “Now I have need of juices by whose aid old age may be renewed and may turn back to the bloom of youth and regains its early years.” (Tradução de F.J. Miller, p. 357).

Ademais, decorridos os anos, quando se tornou odiosa a Jasão e foi destituída de seu lugar por Creúsa, filha de Creonte, rei dos coríntios, Medeia, intolerante e indignada, tramou muitos ardis contra Jasão, e desencadeou com seu engenho a total consumação da régia Creúsa, filha de Creonte, por meio de fogo volátil.

Nesse caso, contudo, o episódio é relatado por Nasão de maneira igualmente breve³⁴³, sem que nem mesmo o nome da segunda esposa seja mencionado:

*Sed postquam Colchis arsit nova nupta venenis
Flagrantemque domum regis mare vidit utrumque, (Met. VII, 394-5)³⁴⁴.*

Mas depois que na Cólquida a nova noiva ardeu com as poções mágicas, o duplo mar viu a casa real em chamas. (Tradução nossa).

Tanto em *De Claris* quanto nas *Metamorfoses* pudemos perceber que o artifício utilizado por Medeia no assassinato da segunda esposa de Jasão é o mesmo: o fogo. Entretanto, Ovídio menciona a queima por *venenis* (termo traduzido por Miller como “witchcraft”, “bruxaria”, “magia”, cf. *venenum*, OLD, sentido 1b), ao passo que no texto boccacciano temos a impressão de que não se trata de bruxaria, e sim de *igne volatili*, simplesmente “fogo volátil”. Tal aspecto do texto de Boccaccio sugeriria ao leitor uma visão menos “fantástica” do acontecimento³⁴⁵.

Vale lembrar, também a respeito desta passagem, que a menção ao nome de Creúsa é feita por Ovídio não nas *Metamorfoses*, mas sim na epístola de Medeia a Jasão (XII), nas *Heroides*, que fornece também o nome do pai da nova esposa (i.e., do novo sogro) de Jasão, Creonte:

Dixerat Aetes³⁴⁶; maesti consurgitis omnes,

³⁴³ Hill (1997, p.207) também comenta a brevidade do relato ovidiano neste ponto: “394-7: an extremely rapid rehearsal of the plot of Euripide’s *Medea*.”

³⁴⁴ “But after the new wife had been burnt by the Colchian witchcraft, and the two seas had seen the king’s palace aflame [...]” (Tradução de F. J. Miller, p. 371).

³⁴⁵ Sobre a retirada de elementos fantásticos na história de Tisbe, por exemplo, ver o já citado Kolsky (2003), pp. 33-37. Sobre o evemerismo em outras histórias do *De Claris*, cf. biografias IV, IX, XXII, por exemplo.

³⁴⁶ Bessone (1997), p. 119, nota a fórmula épica do texto ovidiano, *dixerat Aetes*.

Mensaue purpúreos deserit alta toros.

Quam tibi tunc longe regnum dotale Creusae

Et socer et magni nata Creontis erat! (*Her.* XII, 51-54, grifo nosso)³⁴⁷.

Eetes havia dito; consternados, todos vós vos levantai, e a alta mesa é afastada dos leitos de mesa purpúreos. Como estavam longe de ti então o reino, recebido em dote de Creúsa, o sogro e a filha do grande Creonte! (Tradução de Simone Ligabo Gonçalves³⁴⁸).

Em seguida, terminando a narrativa no nono parágrafo da biografia de Medeia (XVII), Boccaccio inicia a descrição dos últimos acontecimentos que compõem sua historieta, a começar pela chacina dos próprios filhos diante dos olhos de Jasão³⁴⁹, seguida da fuga da personagem biografada para Atenas e seu casamento com Egeu³⁵⁰ (o rei, de quem Medeia gerou um filho - fato que não é narrado por Ovídio nas *Metamorfoses*), a tentativa de assassinato de Teseu³⁵¹ (outro filho de Egeu), e finalmente a sua volta para a Cólquida com Jasão³⁵².

Tampouco os acontecimentos relatados pelo autor toscano sobre o que ocorrera com Medeia depois que ela tentara matar Teseu têm ligação com as versões ovidianas do mito. A narrativa em que a personagem retorna com Jasão para a Cólquida e restaura o reino do pai Eétis³⁵³ teria sido retratada por Justino (II ou III d.C.) na obra *Historiae*

³⁴⁷ “Aeetes had spoken; in gloom you all rise up, and the high table is removed from the purple-spread couches. How far away then from your thought were Creusa’s dowry-realm, and the daughter of great Creon, and Creon the father of your bride!” (Ovid. *Heroides. Amores*. Tradução de Showerman, G. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1914, p. 147).

³⁴⁸ Op.cit., p. 152.

³⁴⁹ [...] *et spectante Iasone, quos ex eo susceperat filios trucidaret* [...] (*De Claris*, XVII, §9)

E, diante dos olhos de Jasão, trucidou os filhos que dele gerara [...] (tradução nossa).

Sanguine natorum perfunditur inpius ensis,

Vltaque se male mater Iasonis effugit arma. (*Met.* VII, 394-5).

“[...] she stained her impious sword in the blood of her sons; and then, after this horrid vengeance, the mother fled Jason’s sword.” (Tradução de Miller, p. 371).

³⁵⁰ Cf. versos 398-403 das *Metamorfoses* e §9 de *De Claris*.

³⁵¹ Cf. versos 404-423 das *Metamorfoses* e §9 de *De Claris*.

³⁵² Cf. *De Claris*, § 9 (cf. também nota seguinte).

³⁵³ Em Boccaccio: [...] *et frustra Theseum redeuntem veneno temptasset occidere, tertio fugam arripuit et, cum Iasonis in gratiam redisset, una cum eo omni Thesalia ab Agialeo, Pelie*

Philippicae, hoje perdida³⁵⁴. Sobre a menção destes fatos, a estudiosa Ruth Morse (1996) afirma que Boccaccio o fez somente para que a narrativa tivesse uma sequência histórica³⁵⁵. Mas, se nos lembrarmos dos comentários de Kolsky (2003) a Tisbe, tal preocupação boccacciana parece se vincular a um *modus faciendi* mais amplo e constante que tem como efeito dar uma aparência de historicidade ao relato.

Do exposto, cabe assinalar que muitos dos elementos da relação entre as Medeias de Ovídio e Boccaccio mencionados mereciam atenção pormenorizada. Por ora, retomando as considerações anteriores, notamos que, de modo geral, a biografia de Medeia em *De Claris* acompanha a sequência narrativa de Ovídio (como pudemos observar através das passagens transcritas de *De Claris* e *Metamorfoses*). Percebemos também que alguns elementos que o autor não encontrou nas *Metamorfoses* foram possivelmente buscados na epístola XII de Medeia a Jasão, nas *Heroides*. O texto da Medeia boccacciana chega também a remeter ao de Nasão por meio de marcadores alusivos³⁵⁶ (embora não tão frequentes ou imediatamente perceptíveis quanto os observados na biografia de Tisbe em relação ao livro IV das *Metamorfoses*).

A nosso ver, um outro aspecto que indicaria uma forte ligação entre as versões da personagem Medeia no *De Claris Mulieribus* de Boccaccio e a de Ovídio são as constantes referências à paixão que pode ser despertada pelo olhar – menções que o autor da Antiguidade faz constantemente nos textos analisados, e que são referidas no fim da narrativa de Boccaccio, em forma de reflexão exegetica:

*Sed, ne omiserim, non **omnis oculis** prestanda licentia est. Eis enim **spectantibus**, splendores cognoscimus, **invidiam** introducimus, concupiscentias attrahimus*

filio, pulsi repatriavit in Colcos senemque atque exilem patrem regno restituit. (De Claris, XVII, §9, p.86).

³⁵⁴ Sobre este aspecto, Morse (1996, p. 200) diz o seguinte: “This double naming suggests that Boccaccio has compared Ovid to Justin’s version of *Trogus Pompeius*, and ‘corrected’ accordingly, without acknowledging his preferences.”. Portanto, na esteira de Morse, a menção que o autor toscano faz à existência de dois possíveis nomes para o irmão de Medeia – Absirto ou Egiáleo – nos leva a crer que Boccaccio, ou a fonte consultada por ele, os teria comparado, sem necessariamente ter optado por um deles “(…)Absyrtium seu Egyaleum, puerum fratrem suum, (...)” (*De Claris*, XVII, §6).

³⁵⁵ “Once more a ‘complete’ narrative appears merely to present a historical sequence.” (Morse, 1996, p. 201).

³⁵⁶ Wills, J. *Repetition in Latin Poetry. Figures of Allusion*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

omnes; eis agentibus, excitatur avaritia, laudatur formositas, damnatur squalor et paupertas indigne; et cum indocti sint iudices et superficiebus rerum tantummodo credant, sacris ignominiosa, ficta veris et anxia letis persepe proficiunt; et dum abicienda commendant et brevi blandientia tractu, inficiunt nonnunquam animos turpissima labe. Hi nescii a formositate, etiam inhonesta, a lascivis gesticulationibus, a petulantia iuvenili mordacibus uncis capiuntur trahuntur rapiuntur tenenturque; et, cum pectoris ianua sint, per eos menti nuntios mictit libido, per eos cupido inflat suspiria et cecos incendit ignes, per eos emittit cor gemitus et affectus suos ostendit illecebres. Quos, si quis recte saperet, aut clauderet, aut in celum erigeret, aut in terram demergeret. Nullum illis inter utrumque tutum iter est; quod si omnino peragendum sit, acri sunt cohibendi, ne lasciviant, freno. Apposuit illis natura fores, non ut in somnum clauderentur solum, sed ut obsisterent noxiis. Eos quippe si potens clausisset Medea, aut aliorum flexisset dum erexit avida in Iasonem, stetisset diutius potentia patris, vita fratris et sue virginitatis decus infractum: que omnia horum impudicitia periere. (De Claris, XVII, §11-14).

Mas, que eu não deixe passar em silêncio: não se deve conceder **aos olhos** uma total liberdade. Isso porque, ao **olharmos**, reconhecemos os esplendores, incutimos **inveja**, atraímos tudo quanto é concupiscência; **através do olhar**, a avareza é provocada, a beleza é louvada, o desalinho e a pobreza são condenados sem merecimento; e porque são **juízes não doutos** e acreditam somente no que é superficial, muitas vezes antepõem ao sacro o que é ignominioso; às verdades, as coisas falsas, e às alegrias, as angustiantes. E à medida que recomendam o que deveria ser enjeitado e prazeres efêmeros, corrompem os espíritos não raro por meio de torpíssima desonra. **Os olhos**, néscios, são capturados, arrastados, arrebatados e retidos por mordazes iscas: pela beleza (mesmo pela desonesta), pelos movimentos lascivos, pela petulância juvenil. E uma vez que **são a porta da alma**, por eles a libido envia mensagens à mente, através deles o desejo insufla suspiros e incute cegas chamas, por eles o coração deixa escapar lamentações e manifesta seus sentimentos sedutores.

Os olhos, se alguém tivesse de fato sensatez, ou seguramente **os** fecharia, ou **os** levantaria para o céu, ou ainda **os** mergulharia na terra. **A eles**, nenhum caminho entre tais instâncias é porventura seguro; ou, se for necessário deles fazer uso, devem ser coibidos com estrito freio, para que não caiam em lascívia. A natureza

designou **aos olhos** que fossem portas, não para que fossem fechados somente no sono, mas para que barrassem o que é nocivo. Sem dúvida, se a poderosa Medeia **os** tivesse fechado, ou os dirigido para outra parte quando os ergueu ávida na direção de Jasão, teria permanecido por muito tempo o poder do pai, a vida do irmão e, intacta, a virtude de sua virgindade: todas estas coisas pereceram por causa da impudicícia dos **olhos**.

Em vários excertos apontados - de Ovídio a Boccaccio -, e nos que transcreveremos a seguir, constatamos a indicação dos olhos como aqueles que fizeram Medeia se perder (quando, por exemplo, vislumbrou Jasão sob um bosque umbroso):

*Et casu solito formosior Aesone natus
Illa luce fuit: posses ignoscere amanti.
Spectat et in uultu ueluti tum denique uiso
Lumina fixa tenet nec se mortalia demens
Ora uidere putat nec se declinat ab illo.*
(*Met.* VII, 84-88).

E por acaso o filho de Éson mais formoso do que de costume estava àquela luz: é possível perdoar a quem o amasse. Ela o avista e, afinal, mantém fixos os lumes no vulto visto, e insana, não julga estar vendo rosto mortal, nem dele se desvia. (Tradução nossa).

*Tunc ego te uidi, tunc coepi scire, quid esses;
illa fuit mentis prima ruina meae.
Et uidi et perii³⁵⁷ [...]*
(*Heroides*, XII, 31-33)

Então pus os olhos em ti; somente então passei a saber quem eras; isto foi a primeira desventura da minha mente. Pus os olhos em ti e perdi-me (Tradução de Simone Ligabo Gonçalves³⁵⁸).

³⁵⁷ Cf. Bessone (1997), p. 104, para longo comentário da estudiosa sobre os versos ovidianos.

³⁵⁸ Op.cit., p. 151.

A menção do olhar por parte de Boccaccio (cf. §11-14) poderia ser apontada como aquela que, em comparação ao texto de Ovídio, tem a função mais declarada de educar seus leitores, num didatismo mais à flor do texto (para não dizer quase dogmático); ao passo que a percepção de um teor didático³⁵⁹ por parte do autor da Antiguidade requer de seu leitor uma apreensão mais sofisticada, sobretudo num poema épico que brinca tanto com gêneros poéticos dos mais diversos³⁶⁰. As referências ao olhar na história de Medeia nas *Metamorfoses* e nas *Heróides*, por sua vez, também definiriam grande parte do *ethos* da personagem, como afirma Morse (sobre o poema épico ovidiano):

He creates a strikingly *literary* space, in which there is great distance between his literary creation and any events that might be taken as a representation of the actual past. (...) Ovid was interested in the rhetorical representation of acute psychological states – not in the portrayal of an idiosyncratic *character* under stress whose language creates the sense of her particular experience. (...) Ovid's way is perhaps more distant, more oblique, but he did propose that his *Metamorphoses* would be a '*carmen perpetuum*'. (Morse, 1996, pp. 120-1, grifos da estudiosa).

Levando em conta os estudos de Cerbo (2001) e Kolsky (2003)³⁶¹ sobre outras passagens boccaccianas, estes não nos deixam esquecer, por sua vez, que o retrato de Medeia elaborado por Boccaccio passaria necessariamente por um direcionamento que caracteriza moralmente as mulheres biografadas, localizando-as entre o vício e a virtude. Nesse mesmo sentido, Ruth Morse (1996) faz a seguinte ponderação sobre a Medeia de Boccaccio:

³⁵⁹ Sobre as ambigüidades do didatismo em Ovídio, inclusive nas *Metamorfoses*, cf. Habinek e Schiesaro. *The Roman Cultural Revolution*. Cambridge University Press, 2004.

³⁶⁰ Graf (2002) chama a atenção para o que ele chamaria de "Ovid's irreverent playfulness": se na República tardia e no início do Império os mitos eram vistos como ficção poética, mas também tidos como histórias de valor histórico (mitos sobre deuses e heróis, principalmente), e que muitas vezes eram apresentados como argumento político e como ensinamento moral, Ovídio, no entanto, parece se importar mais com o aspecto intertextual e poético dessas histórias (nas quais Homero é a referência máxima), o que daria à menção aos mitos a "irreverência" atribuída ao autor. Cf. Graf, F. "Myth in Ovid" in Hardie, P. *The Cambridge Companion to Ovid*. Cambridge University Press, 2002, p. 108.

³⁶¹ Cerbo (2001) referindo-se à *Genealogia*, e Kolsky (2003) a Tisbe e outras biografias do *De Claris*.

Boccaccio is, however, through the repetitions of his examples, once again suggesting a morphology which is also a moral categorization of the nature of women. What makes exceptional women is ‘ingenium’, cunning intelligence, and that ‘ingenium’ may be used for good or ill. The outcome of the superior gifts of intelligence is an almost arbitrary matter, depending more on fortune than good judgment. Boccaccio’s outstanding woman is a dangerous being. (Morse, 1996, pp. 203-4).

Ao leitor boccacciano que tenha freqüentado os referidos excertos de Ovídio, fica uma impressão de que a moralidade da Medeia do autor certaldense não é construída de modo psicologicamente tão complexo quanto a ovidiana, que expõe em discurso direto inquietudes e aporias próprias - talvez - do gênero humano. Hill (1992), em comentário aos versos 9-99 das *Metamorfoses* livro VII, discorre exatamente sobre o “tormento interno” de Medeia, que se divide entre o dever e a paixão, e nos lembra que esse conflito, que já recebera inúmeros tratamentos na literatura antiga (Ap. Rhodes. 3.439-70, Virgílio, *Aen.* 1-89, por exemplo), tem na Medeia ovidiana uma representação brilhante³⁶².

Quanto ao tratamento dado por Boccaccio às narrativas míticas - na mesma linha interpretativa de Morse (1996), Cerbo (2001) e Kolsky (2003) - Mazzotta (2003)³⁶³, em artigo elucidativo, discorre a respeito de outra obra de Boccaccio (a *Genealogie Deorum Gentilium Libri*³⁶⁴), e nos apresenta instrumentos de análise, que, mais uma vez, podem ser trazidos para o estudo do *De Claris*. Ele assevera, exemplificando com as palavras do próprio Boccaccio³⁶⁵, que poesia e teologia para o autor toscano seriam basicamente a mesma coisa³⁶⁶, e que, portanto, os poetas seriam responsáveis por moldar a percepção

³⁶² Cf. Hill (1992), p. 195.

³⁶³ Mazzota, G. “Boccaccio: the mythographer of the city” in Whitman, J. (ed.) *Interpretation and Allegory. Antiquity to the Modern Period*. Brill Academic Publishers, 2003.

³⁶⁴ Cf. Mazzota (2003), p. 349.

³⁶⁵ “Theology and Poesy agree in the way in which they go to work. But in their subject matter I affirm that they are not only quite diverse, but also in some sort adverse; because the subject of sacred Theology is the divine truth, that of ancient Poetry the gods of the Gentiles and men...I say further that Theology and Poesy may be considered to be almost one and the same thing...I say further that Theology is naught else than a certain Poesy of God.” Aqui são as palavras de Boccaccio na *Esposizioni Dante apud Mazzot* (2003), p. 354.

³⁶⁶ “This statement is the ground in which Boccaccio’s radical claims about poetry are rooted: poets are empowered to impose names on the Divinity, and, by their act of naming, they

dos leitores cristãos, uma vez que a poesia tem o poder de nomear as coisas criadas por Deus. Dessa forma, a poesia ajudaria a estabelecer preceitos religiosos. Assim, da mesma forma que, se concordarmos com Morse (1996), Boccaccio busca determinar o virtuosismo ou a falta dele na construção de sua Medeia, para Mazzotta (2003) - na mesma direção - o autor toscano estaria consolidando sua visão teológica moral.

3.5. Reflexões finais sobre as cenas ovidianas em *De Claris*

Numa breve retrospectiva das apreciações aqui expostas, constatamos uma atenção à versão do mito de Tisbe escrita por Boccaccio sugere efetivamente alusões do texto renascentista à versão de Ovídio, nas *Metamorfoses*. Semelhanças entre a sequência narrativa dos textos, bem como constantes referências à obra ovidiana (à medida que desta a obra boccacciana em apreço empresta elementos lexicais e imagéticos, por exemplo) parecem evidenciar que o leitor do texto latino do *De Claris* (fosse tal leitor aquela a quem ele dedica sua obra, ou outros coevos e coevas do certaldense), uma vez conhecedor de Ovídio, não deixaria de constatar a presença do autor romano nas biografias de que usufrui.

No que concerne à alusão ao gênero, observamos brevemente que Boccaccio interfere no modelo compositivo de seu modelo, optando por uma forma (em prosa, por exemplo) diversa da apresentada por Ovídio, seja nas *Metamorfoses*, seja nas *Heroides*. Podemos dizer desde já, seguindo os passos de Kolsky (2004), que se pode admitir uma certa tendência de Boccaccio a construir passagens mais analíticas, menos dramáticas do mito - recurso com o qual o autor tentaria se aproximar de um “modelo” mais historicista, segundo o estudioso.

Já na esteira das considerações de Jocelyn (1997) e Cerbo (2001) em relação a outras obras boccaccianas, somos levados a refletir, por um lado, sobre o fato de que o texto do *De Claris*, também nos excertos analisados, aplica um pensamento exegético – com nuances encontráveis na literatura medieval - para interpretar suas biografias tantas vezes concluídas com uma reflexão moral marcada por valores cristãos. Porém, nesse sentido, a observação da intertextualidade com Ovídio despertou-nos, por contraste, a atenção a um possível *ethos* boccacciano específico no *De Claris*: uma *persona* literária

are the founders of the world and the moulders of our common perceptions.” Cf. Mazzotta, G. (2003), p. 354.

recoberta de introspecção religiosa, como nos indicou Zaccaria (1970) na “Introduzione” à tradução italiana³⁶⁷ - algo que talvez ocorra predominantemente em outras obras latinas do fim de sua vida (em oposição à produção vernácula anterior).

Veza e outra, entretanto, esta *persona* literária de Boccaccio se mostra mais propensa a expressar-se ainda à maneira do *Decameron* – como nos alerta mais uma vez Kolsky (2004): “a biografia de Tisbe é característica de um estilo de escrita que foi idioleto do jovem Boccaccio, enquanto o comentário representa sua abordagem moral mais ‘madura’ em relação à literatura e à vida – o *Decameron moralisé*”³⁶⁸. Como já salientado na discussão da própria biografia de Tisbe (XIII), por exemplo, nela nos deparamos com uma reflexão de Boccaccio sobre natureza do amor na juventude, e uma exortação à reprodução (*coitus*) para a manutenção da espécie humana³⁶⁹. Com isso, Boccaccio iria, portanto, em direção ao *ethos* decamerônico? Se sim, no encaixe da pesquisa de Laura Torreta sobre o *De Claris* em geral (1902), surpreendeu-nos a constatação da presença de um “Boccaccio indulgente agli amanti e ai peccati d’amore,”³⁷⁰ mas que em algumas circunstâncias “fa capolino sotto il cappuccio del moralista”³⁷¹. Nessa imagem ambígua do autor de nossa obra, as referências à arte de Ovídio (por sua vez, notoriamente “arteira” e mesmo auto-alusiva³⁷²) não parecem ser mera coincidência.

O recente estudo de Barchiesi e Hardie (2010), por nós já referido, nós dá ainda outra perspectiva sobre a *persona* poética boccacciana. Quando os pesquisadores se

³⁶⁷ Segundo Zaccaria, Boccaccio estaria passando por um “profundo rivolgimento spirituale” por conta de um incidente entre ele, um “vidente” e o mestre Francesco Petrarca. Cf. Zaccaria, V. “Introduzione” in Branca, V. (a cura di-). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Verona: Arnoldo Mondadori editore, 1967-1970, vol. X a cura di Vittorio Zaccaria, Milão: 1967; 2ª ed., 1970, p.3.

³⁶⁸ “Thisbe’s biography is characteristic of a style of writing that was idiolect of the younger Boccaccio whereas the commentary represents his more ‘mature’ moral approach to literature and life – the *Decameron moralisé*.” (Kolsky, 2003, p.35-36).

³⁶⁹ (...) *quoniam sic rerum volente natura fit, ut scilicet dum etate valemus, ultro inclinamur in prolem, ne humanum genus in defectum corruat, si coitus differantur in senium.* (*De Claris*, XIII, §14).

“Isso porque a natureza das coisas é que deseja que assim ocorra, ou seja: que enquanto estamos no vigor da idade, inclinemo-nos espontaneamente à prole, para que o gênero humano não desapareça, se o coito for adiado para a velhice. (Tradução nossa). Cf. também Kolsky (2003), p. 34-37.

³⁷⁰ Cf. Torreta, 1902, p.271.

³⁷¹ Cf. Torreta, 1902, p.271.

³⁷² Cf. Hardie, P. “Introduction” in Hardie, P. (Ed.) *The Cambridge Companion to Ovid*. UK: Cambridge University Press, 2002, pp.1-10.

referem à análise intertextual a que se dedicaram, observam a forte e constante presença da *Ars amatoria* e *Remedia* de Ovídio no *Decameron* de Boccaccio, em trecho que nos servirá aqui de reflexão para *De Claris*:

We have registered the Ovidian invocations in the sequential order they have in the text of the *Decameron* because our interest is in the dynamic effect that those intertextual contacts create, both in Boccaccio's text, and as a rereading of Ovid's career and its unforgettable *consecutio temporum*. In the unruly appropriative culture of the Middle Ages, the very fact that the Ovidian texts are being alluded to in their unmistakable proper autographical order (*Ars amatoria*– *Remedia* - *Tristia*) should give one pause. (Barchiesi, Hardie, 2010, p. 87).

Tal observação acerca da “carreira poética”³⁷³ ovidiana nos leva a pensar que a leitura pautada pela questão da moral ou amoral boccacciana – critério que, como pudemos constatar, ainda predomina na bibliografia a respeito do *De Claris* - parece já não dar conta dos estudos sobre este texto boccacciano. Isso porque o próprio texto – aparentemente –, ao remontar à Antiguidade, nem sempre o faz com efeito primordial de alcançar uma moral cristã, como observam Hardie e Barchiesi (2010) em *Decameron*. A nosso ver, também em *De Claris*, a inegável presença do vetor cristão não obnubila outras nuances do seu texto, merecedoras de um olhar mais aprofundado.

Se, conforme Branca, Boccaccio se apropria da matéria antiga dando a ela nova voz (a voz popular, no caso do *Decameron*³⁷⁴, resultado da forte influência que teriam algumas fontes medievais sobre seu texto vernáculo mais renomado), poderíamos transportar esta relação do autor certaldense com tais fontes à análise do *De Claris*? E que fontes seriam essas? Talvez o *Ovidé Moralisé*³⁷⁵, por exemplo, em se tratando dos

³⁷³ “The literary career is by definition not the same as the life of the poet, but the extent to which elements of a ‘real-life’ autobiography may be woven into the pattern of a literary career varies from author to author.” Cf. Barchiesi; Hardie (2010), p.64. Sobre isso, cf. também Hardie, P. “Introduction” in Hardie, P. (Ed.) *The Cambridge Companion to Ovid*. UK: Cambridge University Press, 2002, pp.1-10.

³⁷⁴ Cf. Branca “Introduzione” in Boccaccio. *Decameron*. A cura de Vittore Branca. Milano: Oscar Mondadori, 2009, p. xxi.

³⁷⁵ «[...] Attribué à tort à Philippe de Vitri ou à un certain «Crestiens li Gois», l'*Ovide moralisé* est, selon C. De Boer, l'œuvre d'un anonyme bourguignon (mais il pourrait bien être plutôt un homme du Centre-Ouest), qui travaillait entre 1291 et 1328. Cet auteur a traduit les quinze livres des *Métamorphoses*, tout en puisant de-ci delà à d'autres sources, ovidiennes ou autres, et insérant même des textes en langue vulgaire, comme *Pyrame et Thisbé*, dans le quatrième livre et, dans le sixième, *Philomena*. Chaque récit est suivi d'une interprétation qui

textos de Ovídio, como viemos observando em nosso estudo. Porém, mereceria um estudo específico a questão de como a leitura cristã tão frequentemente atribuída aos textos do *De Claris* encontraria efetivamente respaldo nesse e em outros textos cristãos medievais.

Segundo Branca (2009), quanto ao *Decameron*, a relação de Boccaccio com os textos da Idade Média seria um fator que o diferencia de seu amigo Petrarca e de outros autores contemporâneos:

Questa sensibilità, questa adesione alla letteratura e alle tradizioni dei secoli immediatamente precedenti – così lontana dalla sdegnosa freddezza del Petrarca e dei suoi amici – si riflette, o meglio si allarga, nella aperta e franca simpatia e nell'acorto buon gusto onde la vasta e selvosa novellistica popolare del Medioevo è nel *Decameron* vagliata ed accolta. (Branca, 2009, xxiii).

O conhecimento de fontes medievais (que, ademais, poderiam abranger, inclusive, recepção cristã ou pagã de obras antigas) que povoam a obra vernácula de Boccaccio foi levado em conta em nossa consideração sobre o *De Claris*. Contudo a análise mostra uma proximidade mais direta do texto ovidiano. Isso também mostra, no mínimo, um autor profundamente conhecedor de obras da Antiguidade, capaz de remeter a Ovídio diretamente, trazendo aos seus próprios textos sentidos singulares. Acreditamos que observar tais sentidos derivados da leitura antiga não nega uma leitura cristã, podendo, ao contrário, contribuir para compreender a riqueza de sua expressão em Boccaccio.

Mesmo na “insistência” da parte de Boccaccio quanto à “matéria amorosa e nas aventuras humanas”³⁷⁶ (afinal, trata-se de um catálogo de biografias femininas), Boccaccio perpetra mais que uma mera cristianização dos textos. Ele compõe, como

veut exposer le sens caché de la fable, en développant pour cela, tantôt une préfiguration du *Nouveau Testament*, tantôt quelque allégorie à sens moral, historique, géographique ou scientifique. Cette œuvre immense s'inscrit dans le cadre des interprétations allégoriques des textes de l'Antiquité, d'Ovide en particulier. [...]». Cf. verbete *Ovide Moralisé* in Bossuat, R. Pichard, L; Reynaud de Loge, G. *Dictionnaire des lettres françaises. Le Moyen Age*. Fayard, 1964, pp.1093-94.

³⁷⁶ Cf. Branca (2009), p. xiv, referindo-se ao *Decameron*: “Anzi la tastiera narrativa fresca e vivace delle sue novelle non introduce affatto al clima storico-moralistico dell'ultimo ventennio ma richiama prepotentemente l'insistenza sulla materia amorosa e sulla avventura umana che caratterizza le sue opere giovanile.”

pessoa poética, um “apaixonado narrador em prosa”³⁷⁷ também em *De Claris*. Mesmo as breves biografias demonstram um cuidado de Boccaccio em trabalhar com o texto pormenorizadamente – ainda quando o autor se mostra, em sua reflexão final, severo em relação ao gênero feminino.

Em sentido contrário a diversos estudos aqui abordados, como os de Morse (1996), Cerbo (2001) e Kolsky (2003), os resultados do emparelhamento de excertos boccaccianos do *De Claris* com textos ovidianos não se resumem à possibilidade de ratificar uma interpretação cristã do texto ovidiano por parte de Boccaccio (como sugere Ussani [1948], por exemplo). O cotejo nos leva também a constatar um consciencioso trabalho do autor com o próprio texto do *De Claris*, emulativo em relação à obra ovidiana, tal como é apontado por Barchiesi e Hardie em seu estudo (2010) sobre o *Decameron*. Portanto tal elaboração textual nos leva a pensar que Boccaccio estaria, em *De Claris* também, conferindo - através de menções às letras de Nasão - irreverência e poeticidade similares às apontadas em relação aos textos de Ovídio (Graf, 2002),.

Zaccaria (1970), ao introduzir sua tradução do *De Claris*, emprestando palavras de Sapegno, assevera que *Sobre mulheres famosas* é uma “antologia de textos poéticos da Antiguidade”³⁷⁸; no entanto, gostamos de pensar que a obra é ela própria uma antologia poética de textos do autor certaldense. Tratamentos “historicistas” das narrativas (como é apontado por Kolsky [2003]), e a categorização de exemplos femininos entre viciosos e virtuosos, como foi apontado por Cerbo (2001) e Morse (1996) são inegáveis: mas, a despeito disso, sobrevive no texto a “poesia” boccacciana.

³⁷⁷ Cf. Branca (2009), p. xiv.

³⁷⁸ Cf. Zaccaria, V. “Introduzione” in Branca, V. (a cura di-). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Verona: Arnoldo Mondadori editore, 1967-1970, vol. X a cura di Vittorio Zaccaria, Milão: 1967; 2ª ed., 1970, p. 5.

CONCLUSÃO

Esperamos que a tradução para o português resultante de nosso primeiro contato com a prosa latina boccacciana, embora considerando-a uma versão “de serviço”, possa aproximar do *De Claris* o leitor brasileiro interessado em Boccaccio. De todo modo, o contato com o texto latino foi essencial para tratarmos de todas as questões que o presente estudo envolve.

No capítulo I, pudemos constatar, efetivamente, que a presença de autores antigos nessa obra de Boccaccio é resultado, segundo o que apreendemos de sua biografia (ainda que descontemos os *topoi* em sua construção), de diversos tipos de contato com o legado greco-romano: em diferentes fases de sua vida (desde a juventude), bem como de modo direto ou indireto. Pudemos, com isso, também ter uma ideia de o quanto tal contato pode ter sido compartilhado por seus leitores coevos – aspectos importantes de se considerar na apreciação intertextual da obra.

Dentre os vários aspectos abordados quanto à vida boccacciana, destacamos, primeiro, a dificuldade de aceitar uma opção adotada por editores como Zaccaria (1970) e mesmo, mais recentemente como Brown (2003), nomeadamente: a de que a opção por escrever em latim o *De Claris* se devesse meramente à proximidade com o humanismo de Petrarca em uma altura avançada da vida de Boccaccio. A opção pelo latim deve ser vista à luz da formação escolástica de nosso autor, bem como da produção latina de sua juventude, por exemplo; a justificativa baseada na relação com Petrarca, ou ainda, numa maior espiritualização em idade madura precisa ser vista e relativizada levando-se em conta que tais são *topoi* da construção de *persona* poética, encontráveis na época de Boccaccio. Nossa impressão é de que uma leitura pouco crítica de tal *persona*, pressupondo uma “conversão” espiritual do autor como necessariamente ligada à sua produção latina, acaba por estimular interpretações por demais moralizantes do *De Claris*, as quais o cotejo com Ovídio, por exemplo, tende a desmentir ao menos parcialmente.

Na análise de Tisbe tivemos um exemplo de biografia que, ainda que se apresente em Boccaccio com nuances morais não tão diretamente enfatizadas em Ovídio, nos chama muito a atenção por seu elaborado trabalho com a poesia do autor romano. Na biografia de Medeia parece que ocorreu o contrário. Apesar da evidente referência ao perigo do olhar – disponível no texto ovidiano – a ênfase ao caráter

perverso da personagem exige de Boccaccio uma “armadura” moralista mais forte contra o mau exemplo que o autor, a despeito ou por causa disso, insiste em mostrar aos olhos de seus próprios leitores e leitoras.

Ao nos aproximarmos do *De Claris*, por fim, uma gama de possibilidades de estudo se expandiu. A questão do feminino e da misoginia (bastante discutida em textos sobre o período medieval-renascentista), paralela à questão do moralismo cristão boccacciano, pode ser mais explorada em um momento futuro. A relação do catálogo de mulheres de Boccaccio com catálogos de figuras masculinas (como os *De viris illustribus* de Petrarca, São Jerônimo e Suetônio, bem como com o próprio *De casibus* de nosso autor) também promete ser deveras frutífera. Um estudo mais detalhado a respeito da presença do *Decameron* em *De Claris*, por sua vez, pode ainda demonstrar, como já se apontou brevemente, elementos que elucidariam ainda mais a obra em apreço. Latente também se revelou a questão da construção do texto de *Sobre mulheres famosas*, que poderia levar em conta preceitos retóricos e oratórios baseados, sobretudo, no cotejo com os textos ciceronianos disponíveis aos autores do século XIV. Por fim, nas notas ao texto latino destaca-se a presença de diversos elementos – sejam eles contedísticos ou relacionados à estrutura textual – que aproximam o catálogo boccacciano dos textos de Santo Agostinho.

Estes são apenas algumas questões ou campos de estudo que um trabalho debruçado sobre a obra *De Claris* acaba por abrir. Nossa expectativa é de que o presente estudo possa motivar uma futura investigação sobre tais aspectos, que se mostram necessários para uma maior compreensão, tanto do texto boccacciano, quanto de sua recepção nas obras do século XIV e de todos os tempos.

ANEXO I - APONTAMENTOS SOBRE A ORTOGRAFIA, MORFOLOGIA, LÉXICO E SINTAXE DO *DE CLARIS MULIERIBUS*

Vittorio Zaccaria, pesquisador que, como mencionado em nosso capítulo II, estabeleceu as nove fases de redação do *De Claris*, bem como a introdução e tradução da obra para o italiano, discorre ainda sobre os aspectos ortográficos, sintáticos e lexicais do *De Claris* de Giovanni Boccaccio.

Tendo em vista que o latim de Boccaccio apresenta diversas diferenças em relação ao latim clássico ensinado modernamente (e constante, por exemplo, no *OLD*, pautado nas edições modernas dos textos antigos), será importante observar com cuidado algumas dessas diferenças, que contribuem para oferecer um quadro geral da língua do autor na obra em apreço. Além de poder contribuir para uma perspectiva da história da língua (que escapa ao âmbito deste trabalho), considerar um quadro dessas diferenças pautará, inclusive, critérios que orientaram nossa compreensão do texto e conseqüente tradução do *De Claris*.³⁷⁹

Em um artigo de 1965³⁸⁰ - tendo em conta o autógrafo Laur. Pl. 90 sup. 98¹ - o mesmo Zaccaria nos informa que, do ponto de vista ortográfico, léxico, morfológico e sintático, nada de muito sistemático havia sido escrito sobre o latim de Boccaccio³⁸¹.

No conjunto se pode notar que, tendo em vista estes critérios lingüísticos, o autógrafo é tudo, menos coerente e constante³⁸². Zaccaria conclui que: “queste contraddizioni [...] del Boccaccio, in certi casi audacemente progredita [...] in altri tenacemente conservatrice, sono tra i segni autografici di più sicura garanzia”³⁸³. Com isso, ele aponta que o autor oscila entre uma ortografia tradicional e um novo uso das formas latinas. Zaccaria constata também que o autógrafo do *De Mulieribus Claris* apenas confirma a incerteza e incongruências (dos critérios ortográficos do autor, por

³⁷⁹ Normalmente, tais diferenças, por exemplo, quanto à ortografia, são notadas apenas nas primeiras vezes em que o fenômeno aparece.

³⁸⁰ Zaccaria, V. “Appunti sul latino del Boccaccio nel ‘*De Mulieribus Claris*’” in Branca, V. (ed.). *Studi sul Boccaccio*. Firenze: Sansoni Editori, 1965, volume III, pp. 229-246.

³⁸¹ Cf. Zaccaria (1965), p. 229.

³⁸² “Nel complesso si può notare che la situazione dell’autografo, dal punto di vista dell’ortografia, è tutt’altro che costante e coerente; [...]”. Cf. Zaccaria, V. (1965), p. 237.

³⁸³ Ricci, P.G. *apud* Zaccaria, V. (1965), p.238.

exemplo), e que será quase impossível adotar métodos de escolha para um uso ou outro³⁸⁴.

1.1. Sobre a Ortografia:

A prova estabelecida por Ricci (1959), de que o texto do Laur. Pl. 90 sup.98¹ é autógrafo, proporcionou a compreensão da tendência ortográfica de Boccaccio na época tardia de sua vida. Tal tendência consiste em um progressivo afastamento de um modelo ortográfico tradicional, atribuído à época clássica da Antiguidade (Cícero) e que o poeta havia assimilado na juventude³⁸⁵. A partir de seus apontamentos no artigo de 1959³⁸⁶, e de adições e retificações do texto de Zaccaria (1965), resultará o quadro do uso ortográfico de Boccaccio na redação final do *De Claris*. Todas estas considerações foram transcritas do referido artigo (Zaccaria, 1965), com menções às páginas. Elas são:

- a) Predomínio de formas com ‘ci’ antes de vogal: *iudicium* e não *iuditium*, que prevalece nas obras anteriores a 1365³⁸⁷.
- b) Repúdio do grupo ‘mpn’, como em *dampnatus*, *tyrampnus*, etc. Em apenas uma vez encontrou-se o uso de ‘mpn’ por Boccaccio. Em outras situações oscila-se entre o uso de ‘mn’ e ‘nn’³⁸⁸.
- c) Uso de ‘n’ antes de ‘x’ e do grupo ‘ph’. Exemplos: *anxia* ao invés de *amxia*, *nynpha* ao invés de *nympha*³⁸⁹.
- d) Uso mais correto do ‘y’, que freqüentemente cede o posto ao simples ‘i’ em *Troia Sicilia Diana diabolus*. O correto uso da letra ‘y’ é um fato que suscita divergências³⁹⁰.
- e) Tendência à assimilação, total ou parcial, e a expulsão de algumas consoantes. Ex.: *offuscatus*, *irretitus* por *obfuscatus* e *inretitus*. Porém

³⁸⁴ Cf. Zaccaria, V. (1965), p. 238.

³⁸⁵ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.230-1.

³⁸⁶ Cf. Ricci, P.G. (1959).

³⁸⁷ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.232.

³⁸⁸ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.232-3.

³⁸⁹ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.233.

³⁹⁰ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.234.

Zaccaria não vê esta tendência como algo muito ‘ressaltado’, porque se encontram ambas as formas. Quanto à junção *ct*, lê-se *blaterando*, mas também se lê muitas vezes *mictere*³⁹¹.

- f) Regra de Prisciano e Giovanni da Genova (colocar ‘n’ em lugar de ‘m’ antes de ‘c’ ‘d’ ‘t’ ‘q’ ‘f’ como em *eundem septentrionem quocunque anfractus*). Pode-se afirmar que Boccaccio siga essa regra seguramente apenas em relação ao ‘q’, em pouquíssimas palavras em que a nasal não é abreviada;
- g) Oscilações na mesma palavra. Ex.: *historia e hystoria, Sicilia e Sycilia, tertium e tercium*. Quanto à variante *sinistra e sinixtra* observamos a oscilação entre o uso do ‘s’ e ‘x’ (observa-se *ausit* e *auxit* de *augeo*), mas prevalece o uso do ‘s’ sob o do ‘x’ especialmente em compostos de ‘sto’³⁹².
- h) Uso frequente de *auctor, auctoritas, litera, cunctus, summere*, diferentemente da ortografia encontrada em *Carmen* e *Genealogia* (que apresentam as palavras assim: *autor, autoritas, lictera, cuntus, sumere*)³⁹³.
- i) Persistência de formas antigas (*piraticus* e *pyrraticus, sollicitus* e *sollicitus, extare* e *estare*). O fenômeno se acentua no que concerne a nomes próprios³⁹⁴.
- j) Agrupamento e separação: Boccaccio costuma separar partículas de palavras compostas e unir preposições à palavra que se relaciona. Assim, ao lado de *non nulli, non nunquam, iam diu, quin imo, tam diu*, podemos encontrar *ad iacentes, in currit, circum actus, ob loquentium*, e também

³⁹¹ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.234.

³⁹² Cf. Zaccaria, V. (1965), p.235-6.

³⁹³ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.236.

³⁹⁴ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.236.

acelsitudine, adnos, obmirabile, etc. Para Zaccaria, ao que parece, todos esses fenômenos são freqüentes, mas não constantes³⁹⁵.

1.2. Sobre o Léxico, Morfologia e Sintaxe:

Segundo o pesquisador, mais inexplorados que o campo da ortografia de Boccaccio são os campos do léxico, da morfologia e da sintaxe.³⁹⁶ Algumas particularidades, no supramencionado autógrafo do *De Claris*, seriam:

1.2.1. No que concerne ao léxico:

- 1) Um só vocábulo é usado duas vezes por Boccaccio no *De Claris*, em contextos análogos, e que não foi encontrado em léxico algum: *existimans iuvenula fraudibus **erenata*** (XXIII) e *ultra **erenata** malitiis mulier Cleopatra de se plurimum fidens* (LXXXVIII). Zaccaria crê que o autor retirara o adjetivo – ele assim o considera – de uma passagem de Apuleio mal interpretada por Boccaccio: *e re nata fallaciosa mulier temerarium tollens cachinnum* (*Metam.* IX). A expressão aparece novamente na mesma obra em IV ii, em Terêncio *Adelphoe*, III i, 8, e levemente diferente em Cícero *pro re nata* em epístolas a Ático (*Ad Att.* VII 8 e XIV 6). A expressão é usada adverbialmente com o sentido de *pro eventu rei et occasione, pro tali rerum statu*³⁹⁷.
- 2) Muitos vocábulos seriam de típico uso medieval. Sobre isso Hecker³⁹⁸ já fez um elenco de termos relacionados à *Genealogia*. Aqui, Zaccaria apontará os termos que só encontrou em autores cristãos do século V em diante³⁹⁹:

apostatatum, desolatio, decipula (usado como feminino), *exterminium, erubescencia, illecebris-e* (usado como adjetivo da segunda classe), *incolatus, interminatio, lineatura, momentaneus, parvipensio, pulsillanimitas, redargutio, suggestus (= suggestio), veterositas*.

³⁹⁵ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.237.

³⁹⁶ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.239.

³⁹⁷ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.239-240.

³⁹⁸ Hecker, O. *Boccaccio-Funde*. Braunschweig, 1902, pp.45-96, n.5, 112, n.I, 312-314.

³⁹⁹ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.240.

- 3) Outros vocábulos são usados com significado diverso do clássico: *placidus* no sentido de que *qui omnibus placet*, e *ineptus* em um valor não distante de *incestus*⁴⁰⁰.

1.2.2. Quanto à morfologia:

- 1) A forma do ablativo em ‘i’ nos comparativos é comum. É encontrado em ‘i’ inclusive em *veteri*⁴⁰¹.
- 2) No dativo dos pronomes do tipo *nullus* e *ille* encontramos, ao lado das formas regulares, *nullo* no masculino, *nulle* e *ille* no feminino. Encontra-se *toto* em lugar de *toti*⁴⁰².
- 3) Encontra-se *eum* por *id* no acusativo neutro singular duas vezes: “in *eum* devenere consilium...” e “*eum* studium ivit”⁴⁰³.
- 4) Formas verbais erradas: *superinfuserit*, *contegisse*, *exesisse*, *aboletto*, *abolitum*⁴⁰⁴.
- 5) Formas depoentes utilizadas com o significado passivo. Estas formas já foram assinaladas em edições da *Genealogia*⁴⁰⁵.
- 6) Locuções adverbiais de uso não clássico: *de cetero*, *de facili*, *de minus*, *de novo*, *quam primo*, *in processu*⁴⁰⁶.

1.2.3. A respeito da sintaxe:

- 1) Os complementos de movimento e lugar às vezes estão no ablativo. Ex: *cum Adam in orto deliciarum transtulisset; (statua Iunonis) delata in Capitolio; in mari proici involucra (Dido) iussit*⁴⁰⁷.

⁴⁰⁰ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.240.

⁴⁰¹ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.240.

⁴⁰² Cf. Zaccaria, V. (1965), p.241.

⁴⁰³ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.241.

⁴⁰⁴ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.241.

⁴⁰⁵ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.241.

⁴⁰⁶ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.241.

⁴⁰⁷ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.242.

- 2) *Quo* e *quocunque* são usados quatro vezes no lugar de *ubi* e *ubicunque*, como na *Genealogia*⁴⁰⁸.
- 3) Complementos de distância se encontram algumas vezes no acusativo. Ex.: *haud longe Antiochiam*⁴⁰⁹.
- 4) Uso de comparativo no lugar de superlativo. Ex.: *in consilium itum est ut... visis quibus... ignare coniuges exercerentur officiis...probabilioem...perciperent*⁴¹⁰.
- 5) Aposto sem concordância. Ex.: *(Sulpitia)[...]Servii Patriculi filia et Fulvii Flacci fuit coniunx, nobiles ambo viri*⁴¹¹.
- 6) As diferenças mais freqüentes (em relação ao latim clássico) encontram-se na sintaxe do verbo. As mais relevantes são:
 - a) Oração concessiva no subjuntivo também se introduz por *etsi* e *quanquam*. Ex.: *etsi non habuerimus*⁴¹².
 - b) Conjunção concessiva *esto* sem o verbo ao modo de *quanvis*. Ex.: *quem...illustris mulier, esto iuvenula, ardentem amavit*⁴¹³.
 - c) Oração causal no indicativo com *cum* e *dum*. Ex.: *cum ad voluntariam necem nullum sibi...prestari videbatur instrumentum*⁴¹⁴.
 - d) Orações consecutivas no indicativo. Ex.: *Ceres...tanto valuit ingenio ut...prima boves domuitet iugo assuefecit*⁴¹⁵.
 - e) Orações adversativas introduzidas por *ubi* no indicativo: *inter mechos...filius Ninias numeratur unus, qui...in thalamis marcebat ocio, ubi hec adversus hostes sudabat in armis*⁴¹⁶.

⁴⁰⁸ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.242.

⁴⁰⁹ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.242.

⁴¹⁰ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.242.

⁴¹¹ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.242.

⁴¹² Cf. Zaccaria, V. (1965), p.243.

⁴¹³ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.243.

⁴¹⁴ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.243.

⁴¹⁵ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.243.

- f) Orações introduzidas por pronomes e advérbios compostos com *cunq̄ue* no subjuntivo: “*quomodocunq̄ue de ceteris...a fortuna actum sit*”⁴¹⁷.
- g) *Quoniam*, *quia*, *quod* utilizados com função além da causal, em sentido declarativo com indicativo e subjuntivo⁴¹⁸.
- h) Construção do verbo *susp̄icor* com *non* e o subjuntivo. Ex.: *susp̄icata non fors̄an Pompeio fuisset violenta manus iniecta*⁴¹⁹.
- i) Nominativo usado com valor coordenativo. Ex.: *Que desceptatio cum spectet ad alios claram tanti dei connubio plures Europam volunt, affirmantes insuper aliqui*⁴²⁰.
- j) Construção infinitiva, ou não infinitiva, com nominativo no lugar do acusativo: *Scripturus igitur quibus fulgoribus mulieres claruerint insignes, a matre omnium sumpsisse exordium non apparebit indignum*⁴²¹.
- k) Orações infinitivas ao modo finito: *Aiunt...actum est*⁴²².
- l) Orações infinitivas diretas com conjunções *quia quod quoniam*. Ex.: *vix nescio, imo scio quia longe aurea illa...his nostris ferreis seculis...preponenda sint*⁴²³.
- m) Oração declarativa com *quoniam* e infinitivo. Ex.: *(Nyobes) ignara quoniam ample prolis parentem fore, non virtutis parientis, sed nature opus esse*⁴²⁴.
- n) Violação da *consecutio temporum*: *cum non habeatur quo pacto (Ísis) obtinuisset Egyptum*⁴²⁵.

⁴¹⁶ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.243.
⁴¹⁷ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.243.
⁴¹⁸ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.243.
⁴¹⁹ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.244.
⁴²⁰ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.244.
⁴²¹ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.244.
⁴²² Cf. Zaccaria, V. (1965), p.244.
⁴²³ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.244.
⁴²⁴ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.245.
⁴²⁵ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.245.

o) Uso do infinitivo perfeito no lugar do presente: *quesisse suum prolongasse senium*⁴²⁶.

7) Anacolutos e construções irregulares. Ex.: *Et ut ex multitudine suorum gestorum unum...dicamus, certissimum asserunt, ea...crines discriiminante, ...actum est ut*⁴²⁷.

⁴²⁶ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.245.

⁴²⁷ Cf. Zaccaria, V. (1965), p.245.

ANEXO II – TEXTO LATINO: *DE CLARIS MULIERIBUS*

A partir deste momento apresentaremos o texto latino da Dedicatória, Proêmio e das quarenta primeiras biografias, utilizado como base para a tradução proposta por nós. Como já mencionado, ele se encontra no décimo volume da coleção *Tutte le Opere di Giovanni Boccaccio*, editada por Vittore Branca entre os anos de 1967 e 1970, em publicação da editora italiana Arnaldo Mondadori. O volume em questão contém o *De Claris Mulieribus* em texto latino integral, bem como uma tradução completa para o italiano. O responsável por este volume – no que diz respeito à tradução, notas e introdução – é o muitíssimo mencionado, em nosso estudo, Vittorio Zaccaria. Segue, portanto, o texto.

*Iohannes Boccaccius de Certaldo mulieri clarissime Andree de Acciarolis de Florentia
Alteville comitisse.*

(1) Pridie, mulierum egregia, paululum ab inerti vulgo semotus et a ceteris fere solutus curis, in eximiam muliebris sexus laudem ac amicorum solatium, potius quam in magnum rei publice commodum, libellum scripsi. (2) Verum, dum mecum animo versarem cui nam illum primum transmitterem, ne penes me marceret ocio et ut, alieno fultus favore, securior iret in publicum, adverteremque satis non principi viro, sed potius, cum de mulieribus loqueretur, alicui insigni femine destinandum fore, exquirenti digniorem, ante alias venit in mentem ytalicum iubar illud prefulgidum ac singularis, non tantum feminarum, sed regum gloria, Iohanna, serenissima Ierusalem et Sicilie regina. (3) Cuius pensatis, tam inclite prosapie et avorum fulgoribus quam novis a se forti pectore quesitis laudibus, in desiderium mictendi illum humilem devotumque ante solium sue celsitudinis incidi. (4) Tandem, quia adeo ingens regius fulgor est et opusculi tenuis et fere semisopita favillula, timens ne a potiori lumine minor omnino fugaretur in tenebras, sensim retraxi consilium; et, nova indagine multis aliis perquisitis, ad extremum ab illustri regina in te votum deflexi meum; nec inmerito. (5) Nam, dum mites ac celebres mores tuos, dum honestatem eximiam, summum matronarum decus, dumque verborum elegantiam mente revolverem, et cum his animi tui generositatem et ingenii vires, quibus longe femineas excedis, adverterem, videremque quod sexui <in>firmiori natura detraxerit, id tuo pectori Deus sua liberalitate miris virtutibus superinfuserit atque suppleverit, et eo, quo insignita es nomine, designari voluerit - cum *andres* Greci quod latine dicimus *homines* nuncupent - te equiparandam probissimis quibuscunque, etiam vetustissimis, arbitratus sum. (6) Et ideo, cum tempestate nostra multis atque splendidis facinoribus agentibus clarissimum vetustatis specimen sis, tanquam bene merito tuo fulgori huius libelli tituli munus adiecisse velim, existimans non minus apud posteros tuo nomini addidisse decoris quam fecerit, olim Montisodorisii et nunc Alteville comitatus, quibus te Fortuna fecit illustrem. (7) Ad te igitur micto et tuo nomini dedico quod hactenus a me de mulieribus claris scriptum est; precorque, inclita mulier, per sanctum pudicitie nomen, quo inter mortales plurimum emines, grato animo munusculum scolastici hominis suscipias; et si michi aliquid creditura es, aliquando

legas suadeo: suis quippe suffragiis tuis blandietur ois, dum feminea virtute et historiarum lepiditate letaberis. (8) Nec incassum, arbitror, agitabitur lectio, si facinorum preteritarum mulierum emula, egregium animum tuum concitabis in melius. (9) Et esto non nunquam lasciva comperias inmixta sacris - quod ut facerem recitandorum coegit oportunitas - ne omiseris vel horrescas; quin imo perseverans, uti viridarium intrans, eburneas manus, semotis spinarum aculeis, extendis in florem, sic, obscenis sepositis, collige laudanda; et quotiens in gentili muliere quid dignum, christianam religionem professa legeris, quod in te fore non senseris, ruborem mentis excita, et te ipsam redargue quod, Christi delinita crismate, honestate aut pudicitia vel virtute supereris ab exera; et, provocato in vires ingenio, quo plurimum vales, non solum ne supereris patiare, sed ut superes quascunque egregia virtute coneris; ut, uti corpore leta iuventute ac florida venustate conspicua es, sic pre ceteris, non tantum coevis tuis, sed priscis etiam, animi integritate prestantior fias: memor non pigmentis - ut plerique facitis mulieres - decoranda formositas est, sed exornanda honestate sanctitate et primis operibus; ut, dum eidem qui tribuit gratam feceris, non solum hac in peritura mortalitate inter fulgidas una sis, sed ab eodem gratiarum Largitore, hominem exuens, in claritatem suscipiaris perpetuam. (10) Preterea, si dignum duxeris, mulierum prestantissima, eidem procedendi in medium audaciam prebeas. (11) Ibit quidem, ut reor, tuo emissus auspicio, ab insultibus malignantium tutus; nomenque tuum, cum ceteris illustrium mulierum, per ora virum splendidum deferet, teque tuis cum meritis - cum minime possis ubique efferri presentia - presentibus cognitam faciet, et posteritati servabit eternam. Vale.

*Iohannis Boccaccii de Certaldo De mulieribus claris
ad Andream de Acciarolis de Florentia, Alteville comitissam
liber incipit feliciter.*

(1) Scripsere iam dudum non nulli veterum sub compendio de viris illustribus libros; et nostro evo, latiori tamen volumine et accuratiori stilo, vir insignis et poeta egregius Franciscus Petrarca, preceptor noster, scribit; et digne. (2) Nam qui, ut ceteros anteirent claris facinoribus, studium omne, substantias, sanguinem et animam, exigente oportunitate, posuere, profecto ut eorum nomen in posteros perpetua deducatur memoria

meruere. (3) Sane miratus sum plurimum adeo modicum apud huiusce viros potuisse mulieres, ut nullam memorie gratiam in speciali aliqua descriptione consecute sint, cum liquido ex amplioribus historiis constet quasdam tam strenue quam fortiter egisse non nulla. (4) Et si extollendi sunt homines dum, concessio sibi robore, magna perfecerint, quanto amplius mulieres, quibus fere omnibus a natura rerum mollities insita et corpus debile ac tardum ingenium datum est, si in virilem evaserint animum et ingenio celebri atque virtute conspicua audeant atque perficiant etiam difficillima viris, extollende sunt? Et ideo, ne merito fraudulentur suo, venit in animum ex his quas memoria referet in glorie sue decus in unum deducere; eisque addere ex multis quasdam, quas aut audacia seu vires ingenii et industria, aut nature munus, vel fortune gratia, seu iniuria, notabiles fecit; hisque paucas adnectere que, etsi non memoratu dignum aliquid fecere, causas tamen maximis facinoribus prebuere. (5) Nec volo legenti videatur incongruum si Penelopi, Lucretie Sulpitieve, pudicissimis matronis, immixtas Medeam, Floram Semproniamque compererint, vel conformes eisdem, quibus pregrande sed perniciosum forte fuit ingenium. (6) Non enim est animus michi hoc claritatis nomen adeo strictim summere, ut semper in virtutem videatur exire; quin imo in ampliorem sensum - bona cum pace legentium - trahere et illas intelligere claras quas quocunque ex facinore orbi vulgato sermone notissimas novero; cum et inter Leonidas Scipiones Catonesque atque Fabritios, viros illustres, seditiosissimos Graccos, versipellem Hanibalem, proditorem Iugurtam, cruentos civilis sanguinis Syllam Mariumque et eque divitem et avarum Crassum aliosque tales sepe legisse meminerim. (7) Verum, quoniam extulisse laudibus memoratu digna et depressisse increpationibus infanda non nunquam, non solum erit hinc egisse generosos in gloriam et inde ignavos habentis ab infaustis paululum retraxisse, sed id restaurasse quod quarundam turpitudinibus venustatis opusculo demptum videtur, ratus sum quandoque historiis inserere non nulla lepida blandimenta virtutis et in fugam atque detestationem scelerum, aculeos addere; et sic fiet ut, immixta hystoriarum delectationi, sacra mentes subintrabit utilitas. (8) Et ne more prisco apices tantum rerum tetigisse videar, ex quibus a fide dignis potuero cognovisse amplius in longiusculam hystoriam protraxisse non solum utile, sed oportunum arbitror; existimans harum facinora non minus mulieribus quam viris etiam placitura; que cum, ut plurimum, hystoriarum ignare sint, sermone prolixiori indigent et letantur. (9) Attamen visum est, ne omiserim, excepta matre prima, his omnibus fere gentilibus

nullas ex sacris mulieribus hebreis christianisque miscuisse; non enim satis bene conveniunt, nec equo incedere videntur gradu. (10) He quippe ob eternam et veram gloriam sese fere in adversam persepe humanitati tolerantiam coegere, sacrosancti preceptoris tam iussa quam vestigia imitantes; ubi ille, seu quodam nature munere vel instinctu, seu potius huius momentanei fulgoris cupiditate percite, non absque tamen acri mentis robore, devenere; vel Fortune urgentis impulsu non nunquam gravissima pertulere. (11) Preterea he, vera et indeficienti luce corusce, in meritam eternitatem non solum clarissime vivunt, sed earum virginitatem, castimoniam, sanctitatem, virtutem et, in superandis tam concupiscentiis carnis quam suppliciis tirannorum invictam constantiam, ipsarum meritis exigentibus, singulis voluminibus a piis hominibus, sacris literis et veneranda maiestate conspicuis, descriptas esse cognoscimus; ubi illarum merita, nullo in hoc edito volumine speciali - uti iam dictum est - et a nemine demonstrata, describere, quasi aliquale reddituri premium inchoamus. Cui quidem pio operi ipse rerum omnium pater Deus assit; et, laboris assumpti fautor, quod scripsero in suam veram laudem scripsisse concedat.

I. *De Eva parente prima*

(1) Scripturus igitur quibus fulgoribus mulieres claruerint insignes, a matre omnium sumpsisse exordium non apparebit indignum: ea quippe vetustissima parens, uti prima, sic magnificis fuit insignis splendoribus. (2) Nam, non in hac erumnosa miseriarum valle, in qua ad laborem ceteri mortales nascimur, producta est, nec eodem malleo aut incude etiam fabrefacta, seu eiulans nascendi crimen deflens, aut invalida, ceterorum ritu, venit in vitam; quin imo – quod nemini unquam alteri contigisse auditum est – cum iam ex limo terre rerum omnium Faber optimus Adam manu compegisset propria, et ex agro, cui postea Damascenus nomen inditum est, in orto deliciarum transtulisset eumque in soporem solvisset placidum, artificio sibi tantum cognito ex dormientis latere eduxit eandem, sui compotem et maturam viro et loci amenitate atque sui Factoris letabundam intuitu, immortalem et rerum dominam atque vigilantis iam viri sociam, et ab eodem Evam etiam nominatam. (3) Quid maius, quid splendidius potuit unquam contigisse nascenti? Preterea hanc arbitrari possumus corporea formositate mirabilem. (4) Quid enim Dei digito factum est quod cetera non excedat pulchritudine? Et quamvis

formositas hec annositate peritura sit aut, medio in etatis flore, parvo egritudinis impulsu, lapsura, tamen, quia inter precipuas dotes suas mulieres numerant, et plurimum ex ea glorie, mortalium indiscreto iudicio, iam consecute sunt, non superflue inter claritates earum, tanquam fulgor precipuus, et apposita est et in sequentibus apponenda veniet. (5) Hec insuper, tam iure originis quam incolatus, paradisi civis facta et amicta splendore nobis incognito, dum una cum viro loci delitiis frueretur avide, invidus sue felicitatis hostis nepharia illi suasionem ingessit animo, si adversus unicam sibi legem a Deo impositam iret, in ampliorem gloriam iri posse. (6) Cui dum levitate feminea, magis quam illi nobisque oportuerit, crederet seque stolidè ad altiora consensuram arbitraretur, ante alia, blanda quadam suggestionem, virum flexibilem in sententiam suam traxit; et in legem agentes, arboris boni et mali poma dum gustassent, temerario ausu seque genusque suum omne futurum ex quiete et eternitate in labores anxios et miseram mortem et ex delectabili patria inter vepres glebas et scopulos deduxere. (7) Nam, cum lux corusca, qua incedebant amicti, abiisset, a turbato Creatore suo obiurgati, perizomatibus cincti, ex deliciarum loco, in agros Hebron pulsati exulesque venerunt. (8) Ibi egregia mulier, his facinoribus clara, cum prima – ut a non nullis creditum est – vertente terram ligonibus viro, colo nere adinvenisset, sepius dolores partus experta est; et, quibus ob mortem filiorum atque nepotum angustiis angeretur animus, eque misere passa; et, ut algores estusque sinam et incommoda cetera, fessa laboribus moritura devenit in senium.

II. *De Semiramide regina Assyriorum*

(1) Semiramis insignis atque vetustissima Assyriorum regina fuit; a quibus tamen parentibus genus duxerit, annositas abstulit, præter quod fabulosum placet antiquis, aientibus eam filiam fuisse Neptuni, quem Saturni filium et maris deum erronea credulitate firmabant. (2) Quod, etsi credi non oporteat, argumentum tamen est eam a nobilibus parentibus genitam. Hec quidem Nino Assyriorum regi egregio nupsit et ex eo Niniam filium peperit unicum. (3) Sane Nino, omni Asya et postremo Bacthris subactis, sagitte ictu mortuo, cum adhuc hec iuvenula esset et filius puer, minime tutum existimans tam grandis et orientis imperii etati tam tenelle habenas committere, adeo ingentis fuit animi ut, quas ferus homo armis subegerat nationes coercueratque viribus,

arte et ingenio regendas femina auderet assumere. (4) Nam astu quodam muliebri, excogitata fallacia pregrandi, mortui viri ante alia decepit exercitus. Erat, nec mirabile, Semiramis lineamentis oris persimilis filio: nude utrique gene, nec erat per etatem dissona a puerili feminea vox; et in statura corporis nil, vel modicum, grandiuscula differebat a nato. (5) Quibus iuvantibus, ne in processu quod fraudem detegere potuisset obsesset, caput textit thyara, brachiis cruribusque velamentis absconditis; et quoniam insuetum eo usque esset Assyriis, egit, ne afferret novitas habitus admirationem accolis, ut ornatu simili omnis uteretur populus. (6) Et sic Nini olim coniunx filium, et femina puerum simulans, mira cum diligentia maiestatem regiam adepta, eam militaremque disciplinam servavit et, mentita sexum, grandia multa et robustissimis viris egregia operata est. (7) Et dum, nullo labori parcens aut periculo territa, inauditis facinoribus quorumcunque superasset invidiam, non est verita cunctis aperire que foret quodve etiam fraude simulasset feminea, quasi vellet ostendere, non sexum, sed animum imperio oportunum. (8) Quod quantum advertentibus ingessit admirationis, tantum mulieris maiestatem inclitam ampliavit. Hec, ut eius facinora paululum protensius deducamus in medium, sumptis post insigne figmentum virili animo armis, non solum quod vir suus quesiverat tutavit imperium, sed Ethiopiam, a se acri lacessitam bello atque superatam, iunxit eidem; et inde in Yndos vehementia arma convertit, ad quos nondum, preter virum, quisquam accesserat; Babiloniam insuper, vetustissimum Nembroth opus et ingentem ea etate in campis Senaar civitatem, restauravit murisque ex cocto latere harena pice ac bitumine compactis, altitudine atque grossitie et circuitu longissimo admirandis, ambivit. (9) Et ut ex multitudine suorum gestorum unum memoratu dignissimum extollentes dicamus, certissimum asserunt, ea pacatis rebus et ocio quiescente ac die quadam feminea solertia cum pedissequis crines discriminante ac ritu patrio in tricas reducente, actum est, cum nondum preter medios deduxisset, ut illi nuntiaretur Babiloniam in dictionem defecisse privigni. (10) Quod adeo egre tulit ut, proiecto pectine, confestim ab offitio muliebri irata consurgens, corripere arma ac eductis copiis obsideret urbem prevalidam; nec ante quod inordinatorum crinium superfuerat composuit, quam potentissimam civitatem obsidione affectam in ditionem cogeret et suo sub dominio infestis revocaret armis. (11) Cuius tam animosi facinoris diu exhibuit testimonium statua ingens ex ere conflata et in Babilonia erecta, feminam solutis ex altero latere crinibus, ex altero in tricam compositis, pretendens. (12) Multas

preterea ex novo civitates condidit et ingentia facta peregit, que adeo vetustas absorpsit ut nil fere, preter quod dictum est, quod ad suam pertineat laudem, ad nos usque deductum est.

(13) Ceterum hec omnia, nedum in femina, sed in quocunque viro strenuo, mirabilia atque laudabilia et perpetua memoria celebranda, una obscena mulier fedavit illecebra. Nam cum, inter ceteras, quase assidua libidinis prurigne, ureretur infelix, plurimum miscuisse se concubitu creditum est; et inter mechos, bestiale quid potius quam humanum, filius Ninias numeratur, unus prestantissime forme iuvenis, qui, uti mutasset cum matre sexum, in thalamis marcebat ocio, ubi hec adversus hostes sudabat in armis.

(14) O scelestum facinus! Ut quieta sinam, inter anxias regum curas, inter cruenta certamina et, quod monstro simile est, inter lacrimas et exilia, nulla temporis facta distinctione, hec evolat pestis et sensim incautas mentes occupans et in precipitium trahens, omne decus turpi nota commaculat. (15) Qua fedata Semiramis, dum putat astutia abolere quod lascivia deturparat, legem illam insignem condidisse aiunt, qua prestabatur subditis ut circa venerea agerent quod liberet; timensque ne a domesticis feminis concubitu fraudaretur filii – ut quidam volunt – prima usum femoralium excogitavit, eis omnes aulicas cinxit sub conclavi: quod, ut fertur, apud Egyptios observatur et Affros. (16) Alii tamen scribunt quod, cum in desiderium incidisset filii eumque iam etate provectum in suos provocasset amplexus, ab eodem, cum annis iam duobus et triginta regnasset, occisam. (17) A quibus dissentiunt alii asserentes eam libidini miscuisse sevitiam solitamque, quos ad explendum sue uredinis votum advocasset, ut occultaretur facinus, continuo post coitum iubere necari; verum, cum aliquando concepisset, adulteria prodidisse partu; ad que excusanda, legem illam egregiam, cuius paulo ante mentio facta est, proditam aiunt. (18) Tamen etsi visum sit pausillum contegisse ineptum crimen, filii indignationem abstulisse minime potuit; quin, seu quod suum tantum arbitrabatur cum aliis comunicatum incestum cerneret minusque equo animo ferret, seu quod in ruborem suum matris luxuriam duceret aut forsam prolem in successionem imperii nascituram expavesceret, reginam illecebrem, ira impulsus, absumpsit.

III. *De Opi Saturni coniuge*

(1) Opis seu Ops, vel Rhea, si priscis credimus, inter prospera et adversa plurima claritate emicuit. Nam Uranii, apud rudes adhuc Grecos potentissimi hominis, et Veste coniugis filia fuit. (2) Que, Saturni regis soror pariter et coniunx, nullo, quod ad nos venerit, facinore, se egregiam fecerat, ni muliebri astutia Iovem Neptunum atque Plutonem filios a morte, cum Saturno a Tytone fratre pacta, liberasset. (3) Qui cum inscitia, imo insania hominum evi illius, in claritatem precipue deitatis evasissent homines, hec non solum regine decus adepta est, quin imo errore mortalium dea insignis et deorum mater est habita eique templa, sacerdotes et sacra, instituto publico, constituta sunt; adeoque enorme malum convaluit ut, laborantibus secundo bello punico Romanis, quasi pro salutari auxilio missis consularibus viris, ab Attalo, Pergami rege, simulacrum eius expetitur precibus est ritusque sacrorum et e Pesimunte Asye oppido, quasi quoddam deforme saxum, sumptum cum diligentia Romam delatum atque summa cum reverentia susceptum et postremo, insigni locatum templo, tanquam sublime numen atque rei publice salutare, per multa secula ceremoniis plurimis apud Romanos et Ytalos cultum est. (4) Mirabile profecto fortune ludibrium, seu potius cecitas hominum, an, velimus dicere, fraus et decipula demonum, quorum opere actum est ut femina, longis agitata laboribus, demum anus mortua et in cinerem versa et apud inferos alligata, et dea crederetur et in tam grande evum fere ab universo orbe divinis honoraretur obsequiis.

IV. *De Iunone regnorum dea*

(1) Iuno, Saturni et Opis filia, poetarum carmine et errore gentilium toto orbi pre ceteris mulieribus, gentilitatis infectis labe, celeberrima facta est, in tantum ut nequiverint taciti temporum dentes, cum cuncta corrodant, adeo infame exesisse opus, quin ad etatem usque nostram notissimum eius non evaserit nomen. Verum ex hac potius fortunam egregiam recitare possumus, quam opus aliquod memorabile dictum referre. (2) Fuit enim cum Iove illo cretensi, quem decepti veteres celi finxere deum, eodem edita partu et ab infantia transmissa Samum ibique ad pubertatem usque cum diligentia educata, Iovi demum fratri nupta est; quod per multa secula eiusdem est statua in templo Sami testata. Nam existimantes Samii non modicum sibi posterisque suis afferre glorie quod

se penes alta atque desponsata Iuno sit, quam celi reginam arbitrabantur et deam, ne memoria hec dilueretur facile, templum ingens et pre ceteris orbis mirabile construxere numinique dicavere suo et ex marmore pario, in habitu nubentis virginis, eiusdem ymaginem sculpi fecere temploque preposuere suo. (4) Hec tandem regi magno nupta, excrescente eius in dies imperio atque fama longe lateque nomen ipsius efferente, non modicum et ipsa splendoris consecuta est. (5) Sane, postquam poeticis fictionibus et insana antiquorum liberalitate celi regina facta est, que mortalis regina fuerat, Olympi regnis eam divitiisque prefecere nec non et illi coniugalia iura atque parientium auxilia commiserere; et alia longe plura, ridenda potius quam credenda. (6) Ex quibus, sic humani generis hoste suadente, multa illi undique constructa sunt templa, altaria plurima, sacerdotes, ludi et sacra, more veteri instituta; et, ut de reliquis taceam, post Samos, celebri veneratione ab Argivis Achave populis et a Cartaginensibus diu honorata est; et postremo a Veiiis Romam delata in Capitolio et in cella Iovis optimi maximi, non aliter quam viro iuncta suo, locata, sub vocabulo Iunonis regine, a Romanis, rerum dominis, cerimoniais multis et diu culta est, etiam postquam in terris comparuit Deus homo.

V. *De Cerere dea frugum et Syculorum regina*

(1) Ceres – ut non nullis placet – vetustissima Syculorum regina fuit; tantoque ingenio valuit ut, cum agrorum excogitasset culturam, prima, apud suos, boves domuit et iugo assuefecit et, adinvento aratro atque vomere, eorum opera terram proscidit sulcisque semina tradidit; que cum in amplissimam segetem excrevissent, eam spicis eruere, lapidibus terere, fermenta conficere et in cibum deducere homines, glandibus et pomis silvestribus assuetos edocuit. (2) Quod ob meritum, cum mortalis esset femina, eam deam frugum arbitrati sunt et divinis honoribus extulere eamque Saturni et Cybeles credere filiam. (3) Huic preterea unicam ex Iove fratre fuisse filiam Proserpinam dicunt eamque maxima matris turbatione ab Orco Molossorum rege raptam et diu quesitam volunt, multis hinc fabulis occasionem prebentes.

(4) Fuit preterea et Ceres altera apud Eleusim, attice regionis civitatem, eisdem meritis penes suos clara, cui Tripholeum obsequiosum fuisse volunt. (5) Quas, eo quod vetustas deitate et honoribus eque extulit, sub uno tantum nomine ambarum ingenia retulisse satis visum est.

(6) Harum edepol ingenium utrum laudem an execrer nescio. Quis enim damnet vagos silvestrisque eductos in urbes e nemoribus homines? Quis, ritu ferarum viventes in meliorem evocatos frugem? Quis, glandes mutatas in segetem, quibus corpus lucidius, vegetiora membra, et alimenta humano usui conformiora prestantur? Quis, musco vepribus arbustisque incompositis obsitum orbem, in cultum pulchritudinem et utilitatem publicam versum? Quis, rude seculum in civile? Quis, a desidia in contemplationem excitata ingenia? Quis, vires, torpentes in speleis, in urbicum seu rusticanum exercitium tractas, quibus tot ampliate urbes, tot de novo condite, tot aucta imperia, tot mores spectabiles inventi cultique sunt, frumentarie artis adinventata notitia?

(7) Que, cum de se bona sit, et que dicta sunt omnia, reor, iudicio plurium, si quis faciat, dicetur insipidus.

(8) Demum versa vice, quis laudet multitudinem sparsam silvas incolentem, glandibus pomisque silvestribus ferino lacte herbisque atque fluento assuetam, soluta curis habentem pectora, sola nature lege contentam sobriam pudicam et doli nesciam, inimicam feris tantum et avibus, in molliores atque incognitos evocatam cibos? (9) E quibus, nisi nos ipsos decipimus, secutum cernimus ut in abditis adhuc latentibus vitiis exitiumque timentibus aperiretur iter et procedendi prestaretur securitas. (10) Hinc arva, eousque comunia, terminis et fossa distingui cepta sunt, agrificationis subiere cura et partiri inter mortales cepere labores; hinc meum et tuum venit in medium, nomina quidem inimica pacis publice et private; hinc pauperies servitusque nec non et litigia odia cruentaque bella et urens iin circuitu evolavit invidia; que egere ut vixdum curvate falces in messem, in acutos rectosque in sanguinem gladios verterentur. (11) Hinc sulcata maria et occiduis eoa cognita et eois occidua; hinc mollicies corporum, sagina ventris, ornatus vestium, accuratiores mense, convivia splendida, torpor et otium advenere; et, que in dies usque illos friguerat, Venus calefieri cepit, maximo orbis incommodo; et – quod deterius forsitan est – si minus, eque labentibus annis, ut fit, celi seu bellorum ira, culta respondeant, subintrat illico annone penuria et duriora priscis consurgunt ieiunia, seva fames, nunquam silvis cognita, gurgustiolos intrat inopum, non absque divitum persepe periculo. (12) Hinc turpis et effeta macies, infernus pallor et titubanti incedens gradu debilitas morborumque et festinate mortis multiplices exoriuntur cause.

(13) Quibus inspectis, una cum innumeris aliis, vix scio, imo scio, quia longe aurea illa, licet rudia et agrestia fuerint, his nostris ferreis comptisque seculis preponenda sint.

VI. *De Minerva*

(1) Minerva, que et Pallas, virgo tanta claritate conspicua fuit ut non illi fuisse mortalem originem stolidi arbitrati sint homines. Aiunt quidem hanc Ogigii regis tempore apud lacum Tritonium, haud longe a sinu Syrtium minori, primo visam in terris et cognitam; et quoniam tractu temporis multa facientem vidissent, ante non visa, non solum apud rudes Affros, verum apud Grecos, qui ea tempestate prudentia anteibant ceteros, absque matre ex Iovis cerebro genitam et e celo lapsam creditum est. (2) Cui ridiculo errori tanto plus fidei auctum est quanto occultior eius fuit origo. Hanc ante alia voluere perpetua floruisse virginitate; quod ut pleniori credatur fide, finxere Vulcanum, ignis deum, id est concupiscentie carnis fervorem, diu cum ea luctatum superatumque. (3) Huius insuper, incognitum omnino omnibus ante, lanificium inventum fuisse volunt; nam, ostenso quo ordine purgata superfluitatibus lana eaque dentibus mollita ferreis apponeretur colo atque demum digitis deduceretur in filum, textrine excogitavit offitium eoque docuit quo pacto internecterentur invicem fila et tractu pectinis iungerentur et calce solidaretur intextum. (4) In cuius opificii laudem pugna illa insignis eiusdem et Aragnis colophonie recitatur. Usum insuper olei, eo usque mortalibus inauditum, hec invenit docuitque Acticos bachas mola terere trapetisque premere. Quod, quia multum utilitatis afferre visum sit, ei adversus Neptunum in nominandis a se Athenis attributa victoria creditur. (5) Volunt etiam huius fuisse opus, cum iam quadrigarum prima repperisset usum, ferrum in arma arte convertere, armis corpus tegere, aciem bellantium ordinare et leges omnes, quibus eatur in pugnam, edocere.

(6) Dicunt preterea eam numeros invenisse et in ordinem deduxisse, quem in hodiernum usque servamus. Ceterum ex osse cruris alicuius avis, seu ex palustri potius calamo, eam tibias seu pastorales fistulas primam composuisse credidere easque in terras ex celo deiecisse, eo quod flantis redderent turgidum guctur et ora deformia.

(7) Quid multa? Ob tot comperta, prodiga deitatum largitrix, antiquitas eidem sapientie numen attribuit. Quo intuitu tracti, Atthenienses ab ea nuncupati; et eo quod civitas studiis apta videretur, per que quisque fit prudens et sapiens, eam in suam sumpsere

tutelam eique arcem dicavere et, ingenti templo constructo suoque numini consecrato, in eodem illam effigiavere oculis torvam, eo quod raro noscatur in quem finis sapientis tendat intentum; galeatam, volentes ob id sapientum tecta et armata significari consilia; indutam lorica, eo quod ad quoscunque fortune ictus semper armatus sit sapiens; longissima munitam hasta, ut comprehendatur sapientem in longinquo spicula figere; preterea cristallino egide, et in eo Gorgonis caput infixum, protectam, pretendentes ob hoc lucida sapienti omnia esse tegumenta, eosque serpentina semper astutia adeo premunitos, ut saxei eorum intuitu videantur ignari; eiusque in tutelam noctuam posuere, firmantes, prout in luce, sic et in tenebris videre prudentes. (8) Tandem huius mulieris fama atque numinis reverentia se adeo longe lateque diffudit tantumque favit illi veterum error ut fere per universum eius in honorem templa construerentur et celebrarentur sacra; eoque usque conscenderet, ut in Capitolio penes Iovem optimum maximum cella dedicaretur eidem et inter potissimos Romanorum deos, cum Iunone regina et ipsa dea pariter haberetur.

(9) Sunt tamen non nulli gravissimi viri asserentes non unius Minerve, sed plurium que dicta sunt fuisse comperta. Quod ego libenter assentiam, ut clare mulieres ampliores sint numero.

VII. *De Venere Cypriorum regina*

(1) Venerem cyprianam fuisse feminam quorundam arbitratur opinio; de parentibus autem a non nullis ambiguitur. Nam alii eam Cyri cuiusdam et Syrie volunt filiam; quidam vero Cyri et Dyonis cyprae mulieris. Non nulli, reor ad eius extollendam pulchritudinis claritatem, Iovis et Dyonis predictae genitam assuerunt. (2) Sane, ex quocunque sit patre genita, eam inter claras mulieres potius ob illustrem eius pulchritudinem quam ob dedecorosum inventum describendam censui. (3) Tanto igitur oris decore et totius corporis venustate emicuit, ut sepe intuentium falleretur credulitas. Nam quidam illam ipsum Celi sydus, quod Venerem nuncupamus, dicebant; alii eam celestem feminam in terris ex Iovis gremio lapsam. (4) Et breviter omnes, tetra obfuscati caligine, quam sciebant a mortali femina editam, immortalem asserebant deam eamque infausti amoris, quem Cupidinem vocitabant, genitricem totis nisibus affirmabant; Nec illi intercipiendi stultorum intuentium mentes variis gesticulationibus

deerant artes. (5) Quibus agentibus meritis eo usque itum est ut, nequeuntibus obsistere obscenitatibus mulieris, quas evestigio, non tamen omnes, scripturus sum, et Iovis filia et ex deabus una etiam venerandissimam habita sit. (6) Nec solum apud Paphos, vetustissimum Cypriorum oppidum, thure solo placata est – nam mortuam et incestuosam feminam eo delectari existimabant odore que vivens in prostibulorum volutabatur spurcitie –; verum et apud nationes reliquas et Romanos, qui templum ei sub titulo Veneris genetricis et Verticordie aliisque insignibus olim struxere.

(7) Sed quid multa? Hanc duobus nupsisse viris creditum est: cui primo, non satis certum. Nupsit ergo – ut placet aliquibus – ante Vulcano Lemniorum regi et Iovis cretensis filio; quo sublato, nupsit Adoni, filio Cynare atque Myrre, regi Cypriorum. (8) Quod verisimilius michi videtur quam si primum virum Adonem dixerimus, eo quod, seu complexionis sue vitio, seu regionis infectione, in qua plurimum videtur posse lascivia, seu mentis corrupte malitia factum sit, Adone mortuo, in tam grandem luxurie pruritum lapsa est, ut omnem decoris sui claritatem crebis fornicationibus non obfuscatis oculis maculasse videretur, cum iam adiacentibus regionibus notum foret eam a Vulcano, viro primo, cum armigero compertam; ex quo creditum fabulam adulterii Martis et eiusdem sibi comperisse locum. (9) Postremo autem, ut ab impudica fronte paululum ruboris abstersisse videretur et lasciviendi sibi ampliorem concessisse licentiam, infanda turpitudine excogitata, prima – ut aiunt – meretricia publica adinvenit et fornices instituit et matronas inire compulit; quod satis execranda Cypriorum consuetudo in multa protracta secula testata est. (10) Servavere quidem diu mictere virgines suas ad litora, ut forensium uterentur concubitu et sic future castitatis sue libamenta persolvissse viderentur Veneri et suas in nuptias quesissse dotes. (11) Que quidem abominanda stultitia postea penetravit ad Ytalos usque, cum legatur hoc idem aliquando fecisse Locrenses.

VIII. *De Yside Regina atque dea Egyptiorum*

(1) Ysis, cui antea nomen Yo, clarissima non solum Egyptiorum regina, sed eorum postremo sanctissimum et venerabile numen fuit. Quibus tamen fuerit temporibus, aut ex quibus nata parentibus, apud illustres hystoriarum scriptores ambigitur. (2) Sunt

autem qui dicant illam Ynaci primi Regis Argivorum filiam et Phoronei sororem, quos constat Iacob, filii Ysaac, tempore imperasse; alii Promethei genitam asserunt, regnante apud Argos Phorbante, quod longe post primum tempus effluxit; non nulli eam fuisse temporibus Cycropis, Athenarum regis, affirmant; et quidam insuper aiunt Lyncei regis Argivorum eam floruisse temporibus. Que quidem inter celebres viros varietates argumento non carent, hanc inter feminas suo evo egregiam fuisse et memoratu dignissimam.

(3) Verum – omissis scriptorum discordantiis – quod plurimi arbitrantur imitari mens est, eam scilicet Ynaci regis fuit filiam; quam etsi poete veteres fingant ob venustatem forme placuisse Iovi et ab eo oppressam et, ad occultandum crimen, in vaccam transformatam petentique Iunoni concessam et Argum custodem a Mercurio cesum vacceque a Iunone oestrum subpositum et eam devectam cursu rapido in Egyptum ibidemque pristinam a se recuperatam formam et ex Yo Ysidem appellatam, ab hystorie veritate non discrepant; cum sint qui asserant a Iove adultero oppressam virginem eamque, ob perpetratum scelus metu patris impulsam, cum quibusdam ex suis conscendisse navim, cui vacca esset insigne; et ingenio plurimo ac ingenti peditam animo, regnorum cupidine agitatam, secundo vento ad Egyptios transfretasse et ibidem, apta desiderio regione comperta, constitisse. (4) Tandem, cum non habeatur quo pacto obtinisset Egyptum, sat certum creditur ibi comperisse rudes inertesque populos et humanarum rerum omnium fere ignaros ac ritu potius brutorum viventes quam hominum; non absque labore et industria celebri illos docuit terras colere, cultis commictere semina et tandem collectas in tempore fruges in cibum deducere; preterea, vagos et fere silvestres in unum se redigere et datis legibus civili more vivere; et quod longe spectabilius in muliere est, coacto in vires ingenio, literarum ydiomati incolarum convenientium characteribus adinventis aptioribus ad doctrinam, qua lege iungerentur ostendit. (5) Que – ut de reliquis taceam – adeo mirabilia insuetis hominibus visa sunt, ut arbitrarentur facile non ex Grecia venisse Ysidem, sed e celo lapsam et ob id spiranti adhuc divinos honores instituere omnes. (6) Cuius quidem numen, fallente ignaros dyabolo, in tam grandem, ea mortua, atque famosam venerationem evasit, ut Rome, iam rerum domine, illi templum constitueretur pregrande, et egyptiaco ritu quotannis solemne sacrum institueretur; nec dubium quin ad occiduas usque barbaras nationes hic penetraret error.

(7) Porro huius tam clare femine vir fuit Apis, quem vetustas erronea Iovis et Nyobis, Phoronei filie, filium arbitrata est; quem aiunt Egyaleo fratri, Acaye regno concesso, cum Argis triginta quinque regnasset annis, secessisse in Egyptum et una cum Yside imperasse, eque deum habitum, et Osyrim seu Serapim nuncupatum; esto sint qui dicant Ysidi Thelegonum quendam fuisse virum et ex ea suscepisse Epaphum; qui Egyptiis postea prefuit et Iovis ex ea filius extimatus est.

IX. *De Europa Cretensium regina*

(1) Europam arbitrantur quidam filiam fuisse Phenicis; verum longe plures eam Agenoris, Phenicum regis, genitam dicunt; et tam mirabili formositate valuisse, ut amore invise cretensis caperetur Iuppiter. (2) Ad cuius rapinam cuum moliretur insidias potens homo, actum volunt, lenocinio verborum cuiusdam, ut ex montibus in litus Phenicum lasciviens virgo armenta patris sequeretur et, exinde rapta confestim atque navi, cuius albus taurus erat insigne, inposita, deferretur in Cretam.

(3) Vagari licentia nimia virginibus et aures facile cuiuscunque verbis prebere, minime laudandum reor, cum contigisse sepe legerim his agentibus honestati non nunquam notas turpes imprimi, quas etiam perpetue demum castitatis decus abstersisse non potuit.

(4) Ex his fabulam, qua legitur Mercurium inpulisse ad litus armenta Phenicum ei Iovem in taurum versum natantemque in Cretam Europam virginem asportasse, causam sumpsisse liquido patet. (5) Verum in tempore rapine huius prisci discrepant: nam, qui antiquiorem ponunt, regnante Argis Danao factam volunt; alii, regnante Acrisio; et qui postremi sunt, Pandione rege Atheniensibus imperante: quod magis Minois, filii Europe, temporibus convenire videtur. Hanc aliqui a Iove oppressam simpliciter volunt, et inde Astero Cretensium nupsisse regi, et ex eo Minoem, Radamantum et Sarpedonem filios peperisse, quos plurimi Iovis dicunt fuisse filios, asserentibus non nullis Asterum Iovemque idem. (6) Que disceptatio cum spectet ad alios, claram tanti dei connubio plures Europam volunt affirmantes insuper aliqui, seu quia nobilitatis fuerit egregie – nam Phenices, multis agentibus meritis, suo evo pre ceteris stematibus claruere maiorum – seu divini coniugis veneratione, seu filiorum regum gratia, vel ipsiusmet Europe virtute preecipua, ab eius nomine Europam partem orbis tertiam in perpetuum

nuncupatam. (7) Quam profecto ego insignem virtutibus mulierem, non solum ex concesso orbi nomine <arbitror>, sed ex spectabili ex ere statua a Pictagora, illustri philosopho, Tarenti Europe dicata nomini.

X. *De Lybia regina Lybie*

(1) Lybia – ut vetustissimi volunt autores – Epaphi Egyptiorum regis fuit filia ex Cassiopia coniuge; eaque nupsit Neptuno, id est extero atque potenti viro, cuius proprium nomen ad nos usque non venit; et ex eo peperit Busyridem, immanem postea superioris Egypti tirannum. (2) Huius magnifica opera ab annis creduntur consumpta, sed ea fuisse permaxima satis argumenti prestat, eam tante apud suos fuisse autoritatis ut eius Affrice pars, cui imperavit, Lybia omnis de suo nomine appellata sit.

XI.XII. *De Marpesia et Lampedone reginis Amazonum*

(1) Marpesia – seu Marthesia – et Lamedo sorores fuere, Amazonum invicem regine et ob illustrem bellorum gloriam sese Martis vocavere filias. Quarum, quoniam peregrina sit, hystoria paulo altius assummenda est.

(2) E Scithia igitur, ea tempestate silvestri et fere inaccessa exteris regione et sub Arthoo se in Oceanum usque ab Euxino sinu protendente, Sylios et Scolopicus – ut aiunt – regii iuvenes factione maiorum pulsus, cum parte populorum iuxta Thermodohontem, Cappadocie amnem, devenere et, Cyriis occupatis arvis, raptu vivere et incolis latrociniis infestare cepere. (3) A quibus tractu temporis per insidias fere omnes trucidati sunt homines. Quod cum egre ferrent viduate coniuges et in ardorem vindicte devenissent fervide, cum paucis qui supervixerant viris, in arma prorupere et primo, impetu facto, hostes a suis amovere finibus; inde ultro circumstantibus intulere bellum. (4) Demum arbitrantes servitatem potius quam coniugium, si exteris adhererent hominibus, et feminas solas posse sufficere bellis et armis, ne mitiores viderentur habuisse deos ceteris, he, quibus viros a cede finitimorum fortuna servasset, comuni consilio irruentes in eos, omnes interemere; inde in hostes furore converso, quasi virorum necis ulture, illos adeo contrivere ut ab eis facile pacem impetrarent. (5) Qua suscepta, ad successionem consequendam, vicissim finitimis adhibebant; et, cum

concepisset, evestigio revertebantur in sedes. Tandem qui nascebantur mares occidebantur illico, virgines ad militiam cum diligentia servabantur, tenellis igne, seu medicamine alio, sublato incremento mamille dextere, ne sagittandi exercitium impediretur adultis; sinistra linquebatur intacta ut ex illa nutrimenta porrigerent nascituris; ex quo Amazonum vocabulum sortite sunt. (6) Nec eis in alendis virginibus fuit ea cura que nostris; nam colo calatis ve aliisque muliebribus abiectis offitiis, venationibus discursionibus domationibus equorum laboribus armorum assiduis sagittationibus et huiusmodi exercitiis, maturiores puellulas durabant in aptitudinem et virile robur. (7) Quibus artibus non solum Cyrios tenere campos, a suis olim maioribus occupatos, quin imo Europe ingenti parte bellorum iure quesita, plurimum Asye occupavere formidabilesque devenere omnibus. (8) Sane, ne viribus deesset regimen, ante alias Marpesiam et Lampedonem sibi post cesos viros instituere reginas, sub quarum auspitiis – ut premonstratum est – suum plurimum imperium ausere. (9) He quidem, cum militari disciplina insignes essent, partitis intra se provinciis, ut puta cum una in regni tutelam subsisteret, reliqua, parte copiarum sumpta, ad subiciendos finitimos earum imperio incedebat; et sic vicissim, maximis partis prediis, auferunt aliquandiu rem publicam. (10) Verum cum Lampedo ad ultimum in hostes duxisset exercitum, repentino barbarorum circumadiacentium incursu, Marpesia nimium sui fidens, relictis aliquibus filiabus, cum parte copiarum cesa est. (11) Quid autem ex Lampedone secutum sit, legisse non memini.

XIII. *De Tisbe, babilonia virgine*

(1) Tisbes, babilonia virgo, infelicis amoris exitu magis quam opere alio inter mortales celebris facta est. Huius etsi non a maioribus nostris qui parentes fuerint habuerimus, intra tamen Babiloniam habuisse cum Pyramo, etatis sue puero, contiguas domos satis creditum est. (2) Quorum cum esset iure convicini quasi convictus assiduus et inde eis adhuc pueris puerilis affectio, egit iniqua sors ut, crescentibus annis, cum ambo formosissimi essent, puerilis amor in maximum auferetur incendium illudque inter se, nutibus saltem, aperirent aliquando, iam in puberem propinquantes etatem. (3) Sane, cum iam grandiuscula fieret Tisbes, a parentibus in futuros hymenos domi detineri cepta est. Quod cum egerrime ferrent ambo quererentque solliciti qua via possent saltem

aliquando colloqui, nulli adhuc visam comunis parietis invenere in seposito rimulam; ad quam dum clam convenissent sepius et, consuetudine paululum colloquendo, pariete etiam óbice, quo minus erubescabant, ampliassent exprimendi affectiones suas licentiam, sepe suspiria lacrimas fervores desideria et passiones omnes aperiebant vias, non nunquam etiam orare invicem pacem animorum amplexus et oscula, pietatem fidem dilectionemque perpetuam. (4) Tandem, excrescente incendio, de fuga inivere consilium, statuentes ut nocte sequenti, quam primum quis posset suos fallere, domos exiret; et seinvicem, si quis primus evaderet, in nemus civitati proximum abiens, penes fontem Nini Regis bustui proximum, tardiozem operiretur. Ardentior forte Tisbes prima suos fefellit et amicta pallio, intempesta nocte, sola patriam domum exivit et, luna mostrante viam, in nemus intrepida abiit; et dum secus fontem expectaret et ad quemcumque rei motum sollicita caput extolleret, leenam venientem advertens, relicto inadvertenter pallio, aufugit in bustum. Leena autem pasta, siti posita, comperto pallio, aliquandiu ad illud cruento ore de more exfricato atque exterso, unguibus laceratum liquit et abiit. (5) Interim tardior Pyramus, eque relicta domo, devenit in silvam; dumque per silentia noctis intentus comperisset laceratum cruentumque pallium Tisbis, ratus eam a belua devorata, plangore plurimo locum complevit, se miserum incusans quoniam dilectissime virgini seve mortis causam ipse dedisset; et aspernans de cetero vitam, exerto, quem gesserat, gladio, moribundus secus fontem pectori impexit suo. (6) Nec mora; Tisbes potatam leenam abiisse rata, ne decepisse videretur amantem aut diu expectatione suspensum teneret, pedetentim ad fontem regredi cepit. (7) Cui iam propinqua, palpitantem adhuc Pyramum sentiens, pavefacta fere iterum abiit; tandem lune lumine percepit quoniam iacens suus esset Pyramus; et dum eius in amplexus festina iret, eum sanguini per vulnus effuso incubantem atque iam omnem effudentem animam comperit. (8) Que cum aspectu obstupisset primo, mesta tandem ingenti cum fletu frustra prestare subsidia et animam retinere osculis et amplexu aliquandiu conata est. (9) Verum cum nec verbum aurire posset sensissetque nil pendi tam ferventi pridie desiderio optata basia, et amantem in mortem festinare videret; rata quoniam eam non comperisset, occisum, in acerbum fatum cum dilecto a se puero, amore pariter et dolore suadentibus, ire disposuit, et arrepto capulotenus ex vulnere gladio, cum gemitu ploratuque maximo nomen invocavit Pyrami oravitque ut Tisbem suam saltem morientem aspiceret et exeuntem expectaret animam, ut invicem in quascunque sedes

incederent. (10) Mirum dictu! Sensit morientis deficiens intellectus amate virginis nomen, nec extremum negare postulatum passus, oculos in morte gravatos aperuit et invocantem aspexit.(11) Que confestim pectori adolescentis cultroque superincubuit et effuso sanguine secuta est animam iam defuncti. Et sic, quos amplexui placido invida fortuna iungi minime passa est, infelicem amborum sanguinem misceri prohibuisse non potuit.

(12) Quis non compatietur iuvenibus? Quis tam infelici exitui lacrimulam saltem unam non concedet? Saxeus erit. Amarunt pueri: non enim ob hoc infortunium meruere cruentum. Florentis etatis amor crimen est, nec horrendum solutis crimen; in coniugium ire poterat. Peccavit fors pessima et forsitan miseri peccavere parentes. (13) Sensim quippe frenandi sunt iuvenum impetus, ne, dum repentino obice illis obsistere volumus, desperantes in precipitium inpellamus. (14) Immoderati vigoris est cupidinis passio et adolescentium fere pestis et comune flagitium, in quibus edepol patienti animo tolleranda est, quoniam sic rerum volente natura fit, ut scilicet dum etate valemus, ultro inclinemur in prolem, ne humanum genus in defectum corruat, si coitus differantur in senium.

XIV. De Ypermestra Argivorum regina et sacerdote Iunonis

(1) Ypermestra, genere et dignitate clara, Danai, Argivorum regis, filia et Lyncei coniunx fuit. Colligitur autem ex hystoriis antiquorum duos quondam in Egypto fuisse fratres, Beli prisca filios, spectabili preminentes imperio quorum Danaus unus, alter autem Egystus nuncupatus est. (2) Nec prolis ambobus fuit equa fortuna, esto numerus esset equus: nam Danao quinquaginta fuere filie filiique totidem Egysto.

(3) Sane, cum habuisset oraculo Danaus quoniam manu nepotis ex fratre occideretur, et clam angeretur timore plurimo, cum ex tam ingenti multitudine nesciret cuius suspectas deberet habere manus, contigit ut, iam pubescentibus utriusque filiis, peteret Egystus ut Danai filie omnes filiis suis iungerentur coniugio. (4) Quod Danaus, sevo excogitato facinore, ultro concessit; desponsatisque filiabus nepotibus, cum nuptiale sacrum pararetur, eas omnes summopere premonuit ut, si salutem suam vellent, unaqueque virum suum nocte prima, dum vino epulisque madentem somnoque illigatum gravi cognosceret, ferro perimeret.

(5) Quod omnes cultris clam cubiculis suis illatis, marcentes externa crapula iuvenes iussu interfecere parentis; ast Ypermestra sola abstinuit. (6) Apposuerat quippe virgo iam animum suum in Lynum seu Lynceum virum suum; ut moris est puellarum, euestigio, viso sponso, illum diligere et ob id ei compassa, ingenti cum laude sua a nephasta cede abstinuit suasitque iuveni fugam; qua tutatus est. (7) Verum cum ceteris mane ob patratum scelus trux pater applausisset, Ypermestra sola obiurgata et carcere clausa, pium aliquandiu flevit opus.

(8) Heu miseri mortales, quam cupido animo, quam ferventi peritura concupiscimus et occasum intueri aspernantes, quam execrandis viis, si prestetur, celsa conscendimus! <Quibus sceleribus conscensa servamus>, quasi obscenis operibus arbitremur volubilem firmari posse fortunam! (9) Et, quod ridiculum est, quibus criminibus, quam scelestis facinoribus, volatilem fragilemque vite huius dieculam, non dicam longare, sed perpetuare conamur, cum in mortem ire ceteros cursu volucris videamus! (10) Quibus detestandis consiliis, quibus infandis operibus Dei irritamus iudicium! Ut alios sinam, testis infandus sit Danaus. Qui dum plurimo nepotum sanguine suos iam tremulos annos ampliare nititur, robusta se ac splendida nepotum nudavit acie et perenni labefactavit infamia. Arbitratus est homo nequam paucos frigidusque annos senectutis sue floridis adolescentie nepotum suorum preponendos fore. (11) Quod forsitan, tanquam utiliores, existimasset alius, dummodo servasset honeste; verum per vulnera iuvenum filiorum quesisse suum prolongasse senium, immane facinus iure videri potest. (12) Et, quod plurimum ignominie superaddit, non satellitum manus, sed filias armavit in scelus, ut non tantum nepotes auferret, sed ut scelere filias funestas habere pietate potuisset honestas; et dum vitam servare hoc crimine cupit, non advertit quantum audacie, quantum fraudis, quantum detestande enormitatis, futuris pernitiosis mulieribus infausti relicturus esset exempli. (13) Fidem coniugii calcari fecit perfidia. Ubi sacras inferri faces thalamis pius iussisse pater debuerat, nephastus gladios imperavit; ubi in coniugalem dilectionem natas hortari consuevimus, is in odium animavit et cedem; et, quod in omnes homo ausus non fuisset, in singulos natas immisit; quod die non attentasset, nocte perfici voluit; quod non presumpsisset in castris, thalamis mandavit impleri; non advertens quia, quot annos viridi iuventuti nepotum auferebat per scelus et fraudem, tot sibi fedata ignominiosi sui facinoris secula reservabat; et qui quinquaginta iure poterat habere generos hostis male

merito letalis servatus est unus. (14) Cuius tandem manus, Dei iusto volente iudicio, truculentus senex evasisse non potuit quin ille nocuus effunderetur sanguis, quem tam multo nepotum sanguine redemisset. Qui tandem, seu pulsus, seu profugus, seu vocatus, transfretavit in Greciam et Argivorum regnum ingenio et viribus occupatum tenuit. (15) Quo sunt qui velint predictum facinus a Danao perpetratum; sed quocunque factum sit, a Lyno tuculentie memore occisus occubuit et pro eo Lynus ipse regnavit Argivis eductaque e carcere Ypermestra, eaque meliori omine sibi iuncta coniugio, regni participem fecit. (16) Que non solum regina refulsit, sed, Iunonis argive sacerdos effecta, candore splendoris duplicis ornata comparuit; et, cum sorores in turpem abiissent infamiam, ipsa ob commendabilem pietatem nomen suum laude dignum ad nos usque dimisit insigne.

XV. *De Nyobe regina Thebanorum*

(1) Nyobes fere vulgo inter egregias notissima mulier, cum vetustissimi atque famosissimi Frigiorum regis Tantali nata fuisset et Pelopis soror, nupsit Anphioni, Tebarum regi ea tempestate clarissimo, tam quia Iovis proles quam quia precipua valeret facundia; et ex eo, perseverante regni gloria, septem peperit filios et filias totidem. (2) Sane quod sapienti profuisse debuerat, superbienti fuit exitium; nam tam splendore conspicue prolis quam maiorum suorum fulgore elata, etiam in numina obloqui ausa est. Erant equidem iussu Manthonis, Thyresie vatis filie, solliciti dierum una Thebani circa sacrum Latone, matris Apollinis et Dyane, veteri superstitione venerandis numinibus; cum quasi agitata Furiis, circumsepta natorum acie et regiis insignita notis, prosiluit in medium Nyobes, clamitans quenam illa esset Thebanorum dementia Latone sacra disponere et exteram feminam, Cey Tytanis genitam, duos tantum adulterio conceptos enixam filios, sibi, eorum regine, preponere, rege Tantalodate, et que quattuordecim, eis videntibus, illis ex coniuge peperisset genitos; sibique, tanquam digniori, cerimonias illas deberi. (3) Tandem parvo temporis tractu factum est ut, ea vidente, letali peste nati omnes pulchra iuventute florentes, infra breve spatium assumerentur usque ad unum; et Anphion, quod ex patre quattuordecim filiorum repente orbus effectus esset, dolore inpellente, manu propria gladio transfoderetur, existimantibus Thebanis hec ira superum, ulciscantium numinis iniuriam, contigisse. (4)

Nyobes autem, tot funeribus superstes, vidua mestaque in tam grandem atque obstinatam taciturnitatem devenit, ut potius immobile saxum videretur quam femina. (5) Quam ob causam a poetis postmodum fictum est eam apud Sypilum, ubi sepulti fuerant filii, in lapideam statuam fuisse conversam.

(6) Durum est et odiosum plurimum superbos, non dicam tolerare, se spectare homines; mulieres autem fastidiosum et importabile; cum illos ferventis animi, ut plurimum, natura produxerit; has vero mitis ingenii et remisse virtutis, lautitiis potius quam imperiis aptas, produxit. (7) Quam ob rem mirabile minus si in elatas dei proclivior ira sit et iudicium seivius, quotiens eas sue debilitatis contingat excedere terminos, ut insipiens Nyobes fecit, fortune lusa fallacia, et ignara quoniam ample prolis parentem fore, non virtutis parientis, sed nature opus esse, in se celi benignitatem flectentis. (8) Satis igitur illi, imo debitum, erat Deo ex concessis egisse gratias, quam sibi divinos qualescunque honores quesisse, tanquam sui fuisset operis tam numerosam prolem atque conspicuam peperisse. (9) Que, dum superbe potius quam prudenter operata est, egit ut infortunium viva fleret et post multa secula suum nomen posteritati foret exosum.

XVI. *De Ysiphile regina Lemni*

(1) Ysiphiles insignis fuit femina, tam pietate in patrem quam infelici exilio et Archemori alumni morte atque subsidio natorum, oportuno in tempore repertorum.

(2) Fuit etenim hec Thoantis, Lemniadum regis, filia, eo evo regnantis quo rabies illa subivit mulierum insule mentes, subtrahendi omnino indomita colla virorum iugo. (3) Nam parvipenso senis regis imperio, adhibita secum Ysiphile, unanimes in eum devenere consilium ut sequenti nocte gladiis seiviretur in quoscunque masculos; nec defuit opus proposito. (4) Sane, sevientibus reliquis, consilium mitius menti Ysiphilis occurrit; nam rata fedari paterno sanguine inhumanum fore, genitori detecto reliquarum facinore eoque in navim demisso ut Chium effugeret publicam iram; evestigio, ingenti constructo rogo, se patri postremum exhibere finxit officium. (5) Quod cum crederetur a cunctis, patri imposta throno, loco regis, impiis mulieribus regina suffecta est.

(6) Sanctissima quippe filiorum pietas in parentes est; quid enim decentius, quid iustius, quid laudabilius quam his humanitate atque honore reddere, quorum labore

invalidi alimenta sumpsimus, solertia tutati sumus et amore incessabili in proveciorem etatem deducti et instructi moribus et doctrina necnon honoribus atque facultatibus aucti, et ingenio valemus et moribus? Nil equidem!

(7) Que cum ab Ysiphile inpensa sint cum cura parenti, non immerito illustribus addita mulieribus est. Ea igitur regnante, seu vi ventorum impulsus, seu ex proposito devector, cum Argonautis ins Colcos tendentibus, Iason, frustra prohibentibus feminis, occupato litore, a regina hospicio atque lecto susceptus est.

(8) Ex quo abeunte, cum geminos in tempore peperisset filios eosque Lemniadum lege congeretur emictere, ut placet aliquibus, in Chium ad avum nutriendos iussit efferri. (9) Ex quo cognito quod, servato patre, decepisset reliquas, in eam concursus est; et vix, conscensa navi, a furore servata publico, dum patrem natosque quereret, a pyrratis capta et in servitum deducta est; variisque exanclatis laboribus, Lyurgo nemeo regi dono data, curam Opheltis parvuli et unici Ligurgi filii suscepit.

(10) Cui dum vacaret obsequio, transeunti atque propter estum siti periclitanti, Adrasti Argivorum regis exercitui in Thebas eunti, rogata, Langiam ostendit, relicto in pratis inter flores alumno. (11) Verum dum percontanti Adrasto preteritos exponeret casus, ab Eunoe et Thoante, adultis filiis et sub rege militantibus, cognita atque in spem fortune melioris erepta, ludentem inter herbas alumnum cum verbera caude serpentis comperisset occisum, fere plangoribus totum turbavit exercitum, a quo natisque furenti ob dolorem Lyurgo subtracta, incognito michi eventui mortique servata est.

XVII. *De Medea regina Colcorum*

(1) Medea, sevissimum veteris perfidie documentum, Oete, clarissimi regis Colcorum, et Perse coniugis filia fuit: formosa satis et malefitorum longe doctissima. (2) Nam, a quocumque magistro instructa sit, adeo herbarum vires familiares habuit, ut nemo melius; novitque plene cantato carmine turbare celum, ventos ex antris ciere, tempestates movere, flumina sistere, venena conficere, elaboratos ignes ad quodcumque incendium componere et huiusmodi perficere omnia. (3) Nec illi – quod longe peius – ab artibus fuit dissonus animus; nam, deficientibus eis, ferro uti arbitrabatur levissimum. (4) Hec Iasonem thessalum, eo seculo conspicuum virtute iuvenem, a Pelia patruo, sue probitati insidiante, sub pretextu gloriosissime expeditionis missum in Colcos ad

aureum surripiendum vellus, eiusdem capta prestantia, dilexit ardentem egitque, ad eius promerendam gratiam, ut, orta inter incolas seditione, patri suscicaretur bellum et consequendi votum Iasoni spatium prestaretur. (5) Quis hoc etiam sensatus arbitraretur homo quod ex uno oculorum intuitu opulentissimi regis exterminium sequeretur? Eo igitur patrato scelere, cum dilecti iuvenis meruisset amplexus, cum eodem secum patriam substantiam omnem trahens, clam fugam arripuit; nec tam grandi facinore contenta, in peius trucem divertit animum. (6) Arbitrata quidem Oetam secuturum profugos, ad eum sistendum in Thomitania Phasis insula, per quam secuturo transitus futurus erat, Absyrtium seu Egyaleum puerum fratrem suum quem in hoc secum fuge comitem traxerat, obruncari et eius membra passim per arva dispergi iussit, ut, dum spersa miserabilis colligeret genitor et eis lacrimas tumulumque daret, fugientibus etiam fuge spatium commodaret. (7) Nec eam fefellit opinio: sic enim factum est. (8) Tandem cum post errores plurimos in Thessaliam cum Iasone devenisset suo Esonemque socerum, tam ex reditu nati quam ex parta victoria predaque et illustri coniugio tanta repletisset letitia, ut revocatus in floridam videretur etatem, Iasoni paratura regnum, arte sua zizaniam inter natas et Peliam sevit easque misere armavit in patrem. (9) Ceterum, labentibus annis, exosa Iasoni facta et ab eodem loco eius Creusa, filia Creontis, Corinthiorum regis, assumpta, impatiens fremensque cum multa in Iasonem excogitasset, eo prorupit ut ingenio suo Creusam Creontisque regiam omnem assumeret igne volatili; et spectante Iasone, quos ex eo susceperat filios trucidaret et effugeret in Athenas, ubi, Egeo nupta regi, cum Medum, a se denominatum, iam filium suscepisset ex eo, et frustra Theseum redeuntem veneno temptasset occidere, tertio fugam arripuit et, cum Iasonis in gratiam redisset, una cum eo omni Thesalia ab Agialeo, Pelie filio, pulsus repatriavit in Colcos senemque atque exulem patrem regno restituit. (10) Quid tandem egerit quove sub celo seu mortis genere diem clauserit, nec legisse memini nec audisse.

(11) Sed, ne omiserim, non omnis oculis prestanda licentia est. Eis enim spectantibus, splendores cognoscimus, invidiam introducimus, concupiscentias attrahimus omnes; eis agentibus, excitatur avaritia, laudatur formositas, damnatur squalor et paupertas indigne; et cum indocti sint iudices et superficiebus rerum tantummodo credant, sacris ignominiosa, ficta veris et anxia letis persepe perficiunt; et dum abicienda commendant et brevi blandientia tractu, inficiunt nonnunquam animos turpissima labe. (12) Hi nescii

a formositate, etiam inhonesta, a lascivis gesticulationibus, a petulantia iuvenili mordacibus uncis capiuntur trahuntur rapiuntur tenenturque; et, cum pectoris ianua sint, per eos menti nuntios mictit libido, per eos cupido inflat suspiria et cecos incendit ignes, per eos emittit cor gemitus et affectus suos ostendit illecebres. (13) Quos, si quis recte saperet, aut clauderet, aut in celum erigeret, aut in terram demergeret. Nullum illis inter utrumque tutum iter est; quod si omnino peragendum sit, acri sunt cohibendi, ne lasciviant, freno. (14) Apposuit illis natura fores, non ut in somnum clauderentur solum, sed ut obsisterent noxiis. Eos quippe si potens clausisset Medea, aut aliorum flexisset dum erexit avida in Iasonem, stetisset diutius potentia patris, vita fratris et sue virginitatis decus infractum: que omnia horum impudicitia periere.

XVIII. *De Aragne colophonia muliere*

(1) Aragnes, asyatica atque plebeia femina, Ydmonii, colophonii lanarum tinctoris, fuit filia. Que, quanquam origine minus clara fuerit, nonnullis tamen meritis extollenda est. (2) Asserunt quidem veteres lini usum eius fuisse inventum eamque primam retia excogitasse, aucupatoria seu piscatoria fuerint, incertum. Et cum eius filius, cui Closter nomen fuit, fusos lanificio aptos reperisset, arbitrantur quidam hanc texture artis principatum suo evo tenuisse, tanque circa hanc grandis ingenii ut digitis filisque et spatula et aliis tali officio oportunis id egisse quod pictor peregisset pinniculo: non equidem in muliere spernendum officium. (3) Sane dum non solum Ypheis, quod habitans textrinam habebat, sed ubique se fama celebrem audiret, adeo elata est ut ausa sit adversus Palladem, huius artis repertricem, certamen inire; et cum se superari equo animo ferre non posset, induto laqueo vitam finivit. Ex quo locus fingentibus datus est; nam cum nomine et exercitio aranea vermis cum Aragne conveniat et filo pendeat, ut ipsa pependit laqueo, Aragnem miseratione deorum in araneam versam dixere et assidua cura pristino vacare servitio. (4) Alii vero dicunt quod, esto laqueum induerit moritura, non tamen mortuam, adiutorio interveniente suorum; sed, artificio posito, dolore vacasse. (5) Nunc autem si quis est, obsecro, qui se credat in aliquo anteire ceteros, dicat – dicat, si libet, Aragnes ipsa – an celum vertere et in se dignitates omnes trahere potuisse arbitretur, aut potius ipsum Deum, rerum satorem omnium, precibus et meritis sic in se

benignum fecisse potuerit ut, adaperto munificentie sue sinu, in illam gratias effundere cunctas coegerit, omissis ceteris. Sed quid quero? (6) Sic hec arbitrata videtur: stultissimum hercle. Vertit eterna lege natura celum et apta rebus variis ingenia cunctis prebet. Hec prout ocio atque desidia torpentia fiunt, sic studiis et exercitio luculenta et maximarum rerum capacia; et, eadem inpellente natura, in rerum omnes notitiam desiderio vehimur, esto non eadem solertia vel fortuna. (7) Et, si sic est, quid obstat quin multi possint eadem in re pares effici? Et ob id quenquam se solum existimare, inter tam innumerabilem mortalium multitudinem, cursu prevalere ceteris ad gloriam, stolide mentis est. (8) Optarem quippe ut Aragnes unica in hoc nobis esset ridiculum, cum sint innumeri tanta laqueati dementia qui, dum se in precipitium stolide presumptionis efferunt, Aragnem minus ridendam faciunt.

XIX.XX. *De Orythia et Anthioe reginis Amazonum*

(1) Orythia Marpesie fuit filia et una cum Anthiopa, quam quidam sororem existimant suam, post Marpesiam Amazonum regina fuit et ante alia virginitate perpetua insignis et commendanda plurimum; tantum cum consorte regni Anthiope bellis valuit, ut multis Amazonum imperium honoribus ampliaret; et adeo militaris discipline suas laudes extulit, ut arbitraretur Euristeus, Micenarum rex, durum posse bello eius obtineri baltheum; et ob id aiunt debitori Herculi, tanquam maximum, iniunctum ut illud afferret eidem. (2) Eximia quippe mulieri gloria est sibi ob splendidam armorum virtutem obiectum Herculem cuncta superantem. Qui cum expeditionem intrasset et novem longis navibus Amazones ob paucitatem et incuriam de se facile victoriam prebuere; capteque Menalippe et Ypolite sorores Anthiope; dato regine baltheo, Menalippe restituta est. (3) Verum cum asportasse Ypolitem Theseum, expeditionis socium, audisset Orythia, in Greciam omnem, convocatis auxiliis, bellum movere ausa est; sed ob dissensionem ab auxiliis derelicta, ab Atheniensibus superata in regnum rediit, nec quid egerit ulterius invenisse recordor.

XXI. De Erythrea seu Eriphila sibilla

(1) Erythrea seu Eriphile mulier ex sybillis una et insignis plurimum fuit. Quas quidem sybillas decem fuisse numero quidam putant easque propriis distinguunt nominibus; et quoniam plurimum vaticinio valere omnes, sic illas cognominant. (2) Nam *syos* eolico sermone, *deus* latine sonat; *biles* autem *mentem* dici dixere; et ideo *sybille*, quasi *mente divine* seu *mente deum gerentes*. (3) Ex quibus venerabilibus omnibus hanc fuisse celeberrimam referunt et eius apud Babilonios, aliquandiu ante troianum bellum, fuisse originem, esto nonnulli eam Romuli, Romanorum regis, tempore vaticinatam putent. (4) Huius – ut quidam dicunt – nomen fuit Eriphyla, sed Erythrea ideo nominata, quia apud Erythream insulam diu morata sit et ibidem plurima eius carmina sint comperta. (5) Fuit igitur huius tanta vis ingenii aut orationis atque devotionis meritum in conspectu Dei, ut vigili studio, non absque divino munere, meruit – si verum sit ab ea dictum quod legitur – futura tanta claritate describere, ut evangelium potius quam vaticinium videatur. (6) Hec quidem percontantibus Grecis tam perlucide suos labores et Ylionis excidium descripsit carmine, ut nil post factum quam ante nosceretur clarius. (7) Sic et Romanorum imperium casusque varios paucis verisque complexa est longe ante eius initium, ut nostro seculo breve potius epythoma scripsisse videatur quam predixisse futurum; et, quod longe maius meo iudicio est, archanum divine mentis, nonnisi per figuras veterum et implicita prophetarum, imo Sancti Spiritus per prophetas verba, predictum, aperuit: incarnandi Verbi misterium, iam nati vitam et opera, proditorem, capturam, illusiones et inhonestam mortem resurrectionisque triumphum et ascensionem et ad extremum iudicium reditum; ut hystoriam dictasse, non venturos predixisse actus appareat. (8) Quibus meritis et dilectissimam Deo fuisse arbitror et pre ceteris gentilium mulieribus venerandam. (9) Sunt qui asserant insuper eam virginitate perpetua floruisse, quod ego facile credam: non enim in contagioso pectore tanta futurorum lux effulsisse potuisset (10) Quo tempore, seu qua in parte decesserit, abolitum est.

XXII. *De Medusa Filia Phorci*

(1) Medusa Phorci ditissimi regis heres fuit et filia eique opulentissimum regnum extitit in athlantiaco mari, quod Hesperidas fuisse insulas nonnulli credidere. (2) Hec, si vetustati fidem prestare possumus, tam admirande fuit pulchritudinis, ut non solum excederet ceteras, sed, quase quoddam preter naturam mirabile, quamplurimos ad se videndam exciret homines. (3) Fuit quidem illi capillitium aureum et numerosum, faciei decus precipuum et digna proceritate corpus elatum; sed inter cetera tam grandis ac placidus oculorum illi fuit vigor ut, quos benigne respiceret, fere immobiles et sui nescios redderet. (4) Preterea nonnulli eam agricolationis fuisse peritissimam asserunt eamque inde Gorgonis consecutam cognomen: cuius opera mira cum sagacitate non solum patrias servavit divitias, sed in immensum ausit, adeo ut qui novere crederent eam occiduos quoscunque reges anteire thesauris. (5) Et sic tam pulchritudine eximia quam etiam opulentia et sagacitate in amplissimam famam apud remotas etiam nationes evasit. (6) Verum inter alios celebri rumore ad Argivos delata est, quos inter Perseus iuventutis achyve florentissimus, audito talium relatu, in desiderium incidit et videndi spetiosissimam feminam et occupandi thesauros; et sic, navi conscensa, cui Pegasus equus erat insigne, in occasum celeritate mirabili devectus est; ibique prudentia usus et armis reginam occupavit et aurum, et opima honestus preda remeavit ad suos. (7) Ex his locum sibi poetica adinvenit fictio qua legimus Medusam gorgonem assuetam saxeos facere quos inspiceret eiusque crines versos in angues ira Minerve, eo quod templum eius Neptuni concubitu vitiasset perperissetque Pegasus; et Perseum, equo insidentem alato, eius in regnum evolasse et Pallantei egyptidis usu superasse.

(8) Infelix auri possessio est; quod, si lateat, possessori nullius est comodi; si fulgeat, mille concupiscentium nascuntur insidie; et si stent violentorum manus, non cessant possidentis axie cure; fugatur enim quies animi, subtrahitur somnus, timor ingeritur, fides minuitur, augetur suspicio et omnis breviter vite usus impeditur misero; si vero casu quocunque pereat, anxietatibus excarnificatur, pauper factus, avarus laudat liberalis, ridet invidus, consolatur inops et omne vulgus dolentis canit in fabulam.

XXIII. *De Yole Etholorum regis filia*

(1) Yolem Euriti, regis Etholie, filiam, speciosissimam inter ceteras regionis illius virginem, sunt quid asserant amatam ab Hercule orbis domitore. Cuius nuptias cum illi Euritus spondisset, aiunt poscenti, suasionem filii, postea denegasse. Quam ob rem iratus Hecules acre bellum movit eidem eumque interemit, provincia capta, et dilectissimam sibi Yolem surripuit. (2) Que quidem, magis paterne cedis affecta quam sponsi dilectione, vindicte avida, mirabili atque constanti astutia, quem gereret animum ficto amore contexit; et blanditiis atque artificiosa quadam petulantia in tam ferventem sui dilectionem Herculem traxit, ut satis adverteret nil eum negaturum quod posceret. (3) At inde, quasi horreret tam hispidum habitu amantem, acri viro ante alia ponere clavam, qua monstra domuerat, imperavit; ponere leonis nemei spoliolum, sue fortitudinis insigne; ponere populeum sertum, pharetras sagittasque fecit. (4) Que cum non satis animo sufficerent suo, audacius in hostem inermem precogitatis telis insiluit; et primo digitos anulis ornari precepit, caput asperum unguentis cypricis deliniri et hirsutos pectine discriminari crines ac hispidam ungi nardo barbam et puellaribus corollis et meonia etiam insigniri mitra; inde purpureos amictus mollesque vestes precepit indueret, existimans iuencula, fraudibus erenata, longe plus decoris tam robustum hominem effeminasse lasciviis quam gladio vel aconithis occidisse. (5) Porro cum nec his satis sue indignationi satisfactum arbitraretur, in id egit mollitiei diditum, ut etiam inter mulierculas, femineo ritu sedens, fabellas laborum suorum narraret et, pensis a se susceptis, lanam colorem neret digitosque, quos ad extinguendos in cunis, adhuc infans, angues duraverat, in valida iam, imo provecata etate, ad extenuanda fila molliret; equidem humane imbecillitatis et muliebrium astutiarum non minimum, intueri volentibus, argumentum est. (6) Hac igitur animadversione artificiosa iuvenis, cum perpetua in Herculem ignominie nota, patris mortem, non armis, sed dolis et lascivia ulta est; et se eterno dignam nomine fecit. (7) Nam quotquot ex quibuscunque monstris Euristeo triumphos victoriosus egit Alcides, ex tot victrix ipsius Yoles gloriosius triumphavit.

(8) Consuevit pestifera hec passio delitiosas subire puellulas et lascivos ociososque persepe occupare iuvenes, cum gravitatis Cupido sit spretor et mollitiei cultor eximius; et ob id intrasse predurum Herculis pectus, longe magis monstrum est, quam que sepe

domuerat ipse fuerint. (9) Quod non modicum salutis sue sollicitis debet iniecisse timoris et torporis etiam excussisse, cum pateat quam validus, quam potens hostis immineat. (10) Vigilandum igitur est et robore plurimo nobis armanda sunt corda; non enim invitis incumbet. Obstandum ergo principiis, frenandi sunt oculi ne videant vanitates, obturande sunt more aspidis aures, laboribus assiduis est premenda lascivia. (11) Blandus quippe incautis sese offert et placidus intuitu primo; et si recipiatur spe leta, primo delectat ingressu, suadet ornatus corporum, mores compositos, facetias urbicas choreas cantus et carmina, ludos et commessiones atque similia. (12) Postquam vero approbatione stolidi totum occupaverit hominem et, libertate subacta, mentibus catenis iniectis et vinculis, differentibus preter spem votis, suspiria excitat, premit in artes ingenia, nullum discrimen faciens inter virtutes et vitia, dummodo consequatur optatum, in numero ponens hostium quecunque obstantia. (13) Hinc exurentibus flammis infelicium pectora, itur rediturque et ambitu indefesso res amata perquiritur; et ex iterato sepius visu semper nova contrahuntur incendia; et cum non sit prudentie locus, itur in lacrimas, dictantur preces mellitis delinite blanditiis, instruuntur lene, promictuntur munera, donatur, proicitur, et nonnunquam falluntur custodes et septa vigiliis capiuntur corda et in concupitos quandoque devenitur amplexus. (14) Tunc pudoris hostis et scelerum suasor, rubore et honestate fugatis, parato volutabro porcis, gannientes effundit in illecebres coitus; tunc sobrietate reiecta, Cerere et Bacho fervens advocatur Venus noctesque tote spurcido consumuntur in luxu. (15) Nec ob id furor semper extinguitur iste, quin imo persepe in ampliorem insaniam augetur. Ex quod fit ut in obedientiam illam detestabilem Alcides corruat, obliviscantur honores, effundantur substantie, armentur odia et vite sepissime subeantur pericula. Nec carent ista doloribus, interveniunt rixe et paces tenues, rursum suspitiones et zelus, animarum consumptor et corporum. (16) Ast si minus devenitur in votum, tum amor rationis inops, additis virge calcaribus, exaggerat curas, desideria cumulat, dolores fere intollerabiles infert, nullo nisi lacrimis et querelis et morte nonnunquam curandos remedio; adhibentur anicule, consuluntur Caldei, herbarum atque carminum et malefitorum experiuntur vires, blanditie vertuntur in minas, paratur violentia, damnatur frustrata dilectio; nec deest quin aliquando tantum furoris ingerat malorum artifex iste ut miseros in laqueos impingat et gladios.

(17) O quam dulcis, quam suavis hic amor! Quem cum horrere ac fugere debeamus, in deum extollimus, illum colimus, illum supplices oramus et sacrum ex suspiriis lacrimisque conficimus, stupra adulteria incestusque offerimus et obscenitatum nostrarum coronas immictimus!

XXIV. *De Deyanira Herculis coniuge*

(1) Deyanira Oenei Etholorum regis – ut quidam asserunt – fuit filia et Meleagri soror: tanta insignis formositate virgo, ut ob eius nuptias consequendas certamen inter Acheloum et Herculem oriretur. (2) Que cum victori cessisset Herculi, a Nesso centauro adamata est; et cum illam Hercules e Calidonia transferret in patriam, ab Ebena Calidonie fluvio, imbrium⁴²⁸ pridianarum turgido, moratus, obvium habuit amantem Nessum, se, quia eques esset, ad transportandam Deyaniram ultro Herculi obsequiosum prebentem. (3) Cui cum concessisset Hercules, nataturus post coniugem ipse, quase voto potitus, cum transvadasset fluvium, cum dilecta fugam arripuit. (4) Quem cum non posset Hercules pedibus consequi, sagitta lerneo infecta tabo, fugientem actigit. Quod sentiens Nessus seque mortuum arbitratus, vestem sanguine suo infectam confestim Deyanire tradidit, asserens, sic cruentam si induat, posse Herculem ab omni extero in suum amorem retrahere. Quam Deyanira credula, loco pregrandis muneris, summens, clam aliquandiu servatam, Herculi Omphalem, seu Yolem, amanti, per Lycam servulum caute transmisit. (5) Ipse autem cum sudore cruorem, veneno infectum, resolvisset porisque bibisset, versus in rabiem se igni comburendum ultro concessit. (6) Et sic Deyanira, tanto viduata viro, dum retrahere speraret, perdidit et Nessi cedem etiam expiavit.

XXV. *De Yocasta Thebarum regina*

(1) Yocasta Thebarum regina fuit, magis infortunio suo clara quam meritis aut regno. Hec quidem, cum a primis Thebarum conditoribus originem duceret splendidam, virgo nupsit Layo, Thebarum regi, ex quo cum concepisset filium, ob adversum Layo

⁴²⁸ *Imbricus*: cheio pela chuva (OLD).

responsum, ex oraculo sumptum, natu iussa feris obiciendum egra tradidit. (2) Quem cum evestigio devoratum existimasset, apud Corinthiorum regem pro filio educatum, atque iam etate provectum, occiso ab eodem apud Phocenses Layo, vidua incognitum sumpsit in coniugem et ex eo Ethyoclem et Polnicem filios et totidem feminas, Ysmenam scilicet et Anthigonam, peperit filias. (3) Et cum iam tam regno quam prole videretur felix, deorum responso, quem legitimum arbitrabatur viirum, eum esse filium novit. Quod etsi ipsa ferret egerrime, egrius tamen ille, adeo ut ob ruborem patrati sceleris eternam cuperet noctem, oculos abiecit et regnum. (4) Quod discordes assumentes filii, in bellum, fractis federibus venere; etsi grandi Yocaste tristitia sepe adversum in certamen descenderent, Maximo eos decertantes duello mutuis vulneribus occisos accepit. (5) Cuius doloris inpatiens misera mater et avia, esto Creontem fratrem iam regem cerneret et orbem filium virumque captivum et Ysmenam Anthigonamque filias labanti fortune implicitas, reluctatem fessamque malis animam ferro, iam anus, expulit et anxietates cum vita finivit. Sunt tamen qui velint eam tam diu noxios errores suos ferre non potuisse, quin imo cum vidisset Edypum oculos eicientem, illico in se sevisse.

XXVI. *De Almathea seu Deyphebe sybilla*

(1) Almathea virgo, quam quidam Deyphebem Glauci filiam vocant, ex Cumis Calchidiensium, Campanie veteri oppido, originem duxisse creditur; et, cum ex sybillis extiterit una, troiane desolationis tempore floruisse atque in tam longum devenisse evum, ut ad Prisci Tarquini, Romanorum regis, usque tempus devenerit, arbitrantur aliqui. (2) Fuit huic, antiquorum testimonio, tanti virginitas ut tot seculorum spatio nulla viri contagione fedari passa sit. Et quanquam poetarum litere testentur hanc a Phebo dilectam et eius munere et longevos annos et divinitatem obtinuisse, ego quidem reor virginitatis merito illam ab illo vero Sole, qui illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum, vaticinii suscepisse lumen, quo multa predixit scripsitque futuris. (3) Huic insuper in baiano litore secus Averni lacum dicunt insigne fuisse oraculum, quod quidem et ego vidi audivique quod servet ab ea cognomen usque in hodiernum; quod etsi corrosum sit vetustate plurima et incuria semirutum etiam sit, in ruinis maiestatem servat veterem et admirationem prestat, adhuc intuenti, magnitudinis sue. (4) Sunt preterea qui dicant hanc Enee profugo ducatum ad inferos prestitisse, quod ego non

credo; sed de hoc alias. (5) Qui autem illam plura vidisse secula volunt, asserunt eam venisse Romam et Tarquinio Prisco novem attulisse libros, ex quibus, cum negaretur a Tarquinio precium postulatum, tres, eo vidente, combussit; et cum die sequenti ex sex reliquis illud idem pretium, quod ante ex novem petiverat, postulasset asseruissetque, ni daretur, tres evestigio exusturam, et die sequenti reliquos, a Tarquinio petitum suscepit. (6) Quos cum servasset, a posteris compertum est eos Romanorum fata omnia continere. Quam ob causam maxima cum diligentia post hec Romani servavere et iuxta oportunitatum exigentiam de futuris consulturi ad eosdem, quasi ad oraculum, recurrebant. (7) Michi quidem durum est credere hanc eandem extitisse cum Deyphebe; eam tamen apud Syculos clausisse diem legimus et ibidem diu eius tumulum ab incolis demonstratum est.

(8) Studiis igitur et divina gratia illustres efficimur; que nemini se dignum facienti denegata sunt. Quod si spectaremus, desidia torpentes, sentiremus plane quod, tempore perduto, ab utero, etiam annosi morientes, deferamur ad tumulum. (9) Demum si ingenio et divinitate pervigiles valent femine, quid hominibus miseris arbitrandum est, quibus ad omnia aptitudo promptior? Si pellatur ignavia, in ipsam quippe evaderent deitatem. (10) Fleant igitur et tabescant quibus tam grande donum inertia sublatum est; et se, inter homines animatos, fateantur lapides! (11) Quod fiet dum suum crimen confitebuntur elingues.

XXVII. *De Nycostrara seu Carmenta Yonii regis filia*

(1) Nycostrata, cui postea Carmenta apud Ytalos nomen, fuit Yonii regis Arcadum filia; secundum quosdam Pallanti arcado nupsit, secundum alios nurus fuit eiusdem. Nec regni solum fulgore fuit insignis, quin imo grecarum literarum doctissima adeo versatilis fuit ingenii, ut ad vaticinium usque vigilantem penetraret studio et vaste⁴²⁹ efficeretur notissima. (2) Que cum querentibus et a se ipsa non nunquam exprimeret futura carmine, a Latinis, quasi primo Nycostrate aboleto nomine, Carmenta nuncupata est. (3) Hec autem mater fuit Evandri, Arcadum regis, quem fabule veterum, seu quia eloquens atque facundus homo, seu qui astutus fuerit, ex Mercurio volunt fuisse conceptum. (4) Qui – ut quidam dicunt – cum casu eum, qui verus erat pater, occidisset, seu – ut aliis placet – seditione civium suorum alia ex causa orta, e regno pulsus avito, suadente

⁴²⁹ Na edição de Brown, o termo grafado é *vates*, enquanto no Zaccaria *vaste*.

Carmenta matre et magna vaticinio promictente, si has peteret quas ostenderet sedes, facta peregrinationis socia, conscensis navibus, cum parte populorum secundo vento ad hostia Tiberis ex Peloponeso deveniens, eadem matre duce, in Palatino monte, quem a Pallante patre, seu a Pallante filio, nominavit, ubi postea Roma ingens condita est, cum suis et matre consedit construxitque oppidum Pallanteum. (5) Sane Carmenta, cum indigenas fere silvestres comperisset homines, esto iamdudum, Saturni profugi munere, segetes, didicissent serere, eosque nullo literarum usui, seu modico et hoc Greco, assuetos, a longe divina mente prospiciens quanta loco regionique celebritas servaretur in posterum, indignum rata ut adminiculo exterarum literarum futuris seculis sua monstrarentur magnalia, in eum studium ivit totis ingenii viribus, ut proprias et omnino a ceteris nationibus diversas literas exhiberet populis; cui ceptui nec defuit Deus. (6) Sua enim gratia factum est ut, novis ab ea adinventis characteribus secundum ytalicum ydioma, earum coniunctiones edoceret, contenta sexdecim tantum excudisse figuras, et uti diu ante Cadmus, Thebarum conditor, adinvenerat Grecis. Quas nos in hodiernum usque latinas dicimus eiusque tenemus munere; dato aliquas, et oportune, quidam sapientes addiderint, nulla ex veteribus amota. (7) Cuius mulieris vaticinium, etsi plurimum mirati sint Latii, hoc tamen inventum adeo mirabile visum est, ut profecto crediderint rudes, non hominem sed potius deam esse Carmentam; quam ob rem cum viventem divinis celebrassent honoribus, mortue sub infima Capitolini montis parte, ubi vitam duxerat, sacellum suo condidere nomini et ad eius perpetuam memoriam a suo nomine loca adiacentia Carmentalia vocavere. (8) Quod quidem nec Roma iam grandis abolesse passa est; quin imo ianuam civitatis, quam ibi, exigente necessitate, cives construxerunt, Carmentalem per multa secula de Carmente nomine vocavere. (9) Multis olim dotibus Ytalia pre ceteris orbis regionibus florida fuit et fere celesti luce corusca; nec tantum suo sub celo tam splendidus quesitus est fulgor. (10) Nam ab Asya opulencia venit e suppellectilis regia; sanguinis claritas, etsi multa⁴³⁰ addiderint Greci, a Troianis habita primo. Arismetricam et geometricam artes dedere Egyptii; phylosophia et eloquentia ac mechanicum fere opus omne ab eisdem Grecis sumptum est. (11) Agriculturam, paucis adhuc cognitam, Saturnus intulit exul; deorum infaustus cultus ab Etruscis et Numa Pompilio habitus; leges publicas Athene primo, inde senatusconsultus et Cesares prebuere; sacerdotium summum religionemque sinceram a Ierosolimis attulit

⁴³⁰ Na edição de Brown encontramos *multum* ao invés de *multa*.

Simon Petrus; disciplinam autem militarem veteres excogitavere Romani, qua et armorum atque corporum robore et in rem publicam caritate integra orbis totius sibi quesivere imperium. (12) Literarum characteres satis ex dictis patet quoniam maioribus nostris Carmenta concesserit, cum iam ex arcada devenisset ytalica. (13) Sic et grammatice facultatis prima dedisse semina creditum, que in ampliorem segetem successu temporum prisci traxere; quibus adeo fuit propitius Deus ut, hebraicis grecisque literis parte maxima glorie dempta, omnis quasi Europa amplo terrarum tractu nostris utatur. Quibus delinita, facultatum omnium infinita splendent volumina, hominum gesta Deique magnalia perpetua servantur memoria ut, que vidisse nequivimus ipsi, eis opitulantis, cognoscamus. His vota nostra transmittimus et aliena cum fide suscipimus, his amicitias in longinquo iungimus et mutuis responsionibus conservamus. (14) He Deum – prout fieri potest – nobis describunt; he celum terrasque et maria et animantia cuncta designant; nec est quod queras possibile quod ab his vigilans non possis percipere; harum breviter opere quicquid amplitudine mentis complecti atque teneri non potest, fidissime commendatur custodie. (15) Que tamen, etsi aliis ex his non nulla⁴³¹ contingant, nil tamen nostris commendabile aufertur. Ceterum ex tam egregiis dotibus quedam perdidimus, quedam dedimus et non nulla adhuc fere nomine potius quam effectu tenemus. (16) Verum, quomodocumque de ceteris nostro crimine a fortuna actum sit, nec germana rapacitas, nec gallicus furor, nec astutia anglica, nec hispana ferocitas, nec alicuius alterius nationis inculta barbaries vel insultus, hanc tam grandem, tam spectabilem, tam oportunam latino nomini gloriam surripuisse potuit unquam, ut sui scilicet iuris prima literarum possent aut auderent dicere elementa et longe minus suum compertum fuisse grammaticam; quas, uti comperimus ipsi, sic etiam dedimus ultro, nostro tamen semper insignita vocabulo. (17) Unde fit ut, quanto longius feruntur, tanto magis latini nominis amplientur laudes et honores, clariusque vetustissimi decoris nobilitatis et ingenii testimonium deferunt et incorruptum nostre perspicacitatis servant, etiam indignante barbarie, argumentum. Cuius tam eximii fulgoris, etsi Deo datori gratias agere debeamus, multum tamen laudis caritatis et fidei Carmente debemus. Quam ob rem ne a quoquam, tanquam ingrati, iure redargui possimus, ut illud pro viribus in eternam memoriam efferamus piissimum est.

⁴³¹ Na edição de Brown encontramos *nonnulla*.

XXVIII. *De Pocris Cephali coniuge*

(1) Pocris Pandionis Athenarum regis nata et Cephalo, Eoli regis filio, nupta, uti avaritia sua pudicis matronis exosa est, sic et viris accepta, quoniam per eam ceterarum mulierum vitium adaptum sit. (2) Nam cum leto pioque amore vir et uxor iuvenes gauderent, eorum infortunio factum est ut desiderio Cephali caperetur Aura, seu potius Aurora quedam, ut placet aliquibus, spectande pulchritudinis mulier, quem cupidine Pocris sue detentum aliquandiu frustra in suam sententiam precibus trahere conata est. (3) Ex quo inquit indignans: - Penitebit te, Cephale, adeo fervide dilexisse Pocrim: comperies, faxo, si sit qui temptet, eam aurum amori preposuisse tuo -. Quod audiens iuvenis, experiri avidus, peregrinationem longinquam fingens abiit flexoque in patriam gradu, per intermedium muneribus constantiam temptavit uxoris. (4) Que quantumcunque grandia sponderentur, impetu primo movisse nequivere; eo tandem perseverante et iocalia augente, ad ultimum hesitantem flexit animum, illique nox optatique amplexus, si detur sponsum aurum, promissi sunt. (5) Tum Cephalus, merore consternatus, aperuit quoniam dolo frivolum Pocris amorem interceptisset; que, rubore compersa et conscientia impulsa facinoris, confestim in silvas abiit et se solitudini dedit. Iuvenis autem amoris inpatiens, ultro venia data, precibus aspernantem revocavit in gratiam. Sed quid refert? Nulle sunt indulgentie vires adversus conscientie morsus. (6) Agebatur Pocris in varios animi motus; et zelo percita, ne forte id in se blanditiis Aurore vir ageret quod ipsa in illum auro mercata fuerat, clam per scopulos et abrupta montium iuga valliumque secreta venatorem consequi cepit. (7) Quod peragens contigit, dum inter vallium herbida calamosque palustres latitans moveretur Pocris, credita a viro belua, sagitta confossa periit. (8) Ignoro quid dixerim potius: an nil esse potentius auro in terris, aut stolidius querere quod comperisse non velis. Quorum dum utrunque insipiens mulier approbat, sibi indelebilem notam et mortem invenit quam minime inquirebat. (9) Sed, ut auri immoderatum desiderium sinam, quo stolidi fere trahimur omnes, queso, tam obstinato zelo correpti dicant quid inde sibi emolumenti sentiant, quid decoris, quid laudis aut glorie consequantur. (10) Meo quippe iudicio hec ridicula mentis est egritudo a pusillanimitate patientis originem ducens, cum non alibi viderimus quam hos penes, qui

se adeo deiecte virtutis existimant ut facile sibi quoscunque preponendos fore concedant.

XXIX. De Argia Polinices coniuge et Adrasti regis filia

(1) Argia greca mulier, ab antiquis Argivorum regibus generosam ducens originem, Adrasti regis filia fuit et spectabili pulchritudine sua, uti de se contemporaneis letum spectaculum prebuit, sic et posteris integerrimum atque preclarum coniugalis amoris testimonium perenne reliquit; ob quod in nostros usque dies nomen eius fulgidum precipua coruscatione devenit. (2) Hec igitur, nupta Polinici filio Edipi Thebarum regis, et exuli, cum iam ex illo Thessandrum peperisset filium, advertens eum ob fratris fraudem mordacibus agitari curis, facta anxietatum particeps, patrem iam senem non solum exoravit lacrimis precibusque, verum et armavit in Ethioclem preter pactionum leges cum fratre thebanum regnum occupantem tyrannice; et ne fatale responsum detrimentum susciperet, Euridici, Anphiorai vatis coniugi, preter naturam femineam liberalis effecta, pretiosum illud monile, matronis olim thebanis infaustum, ultro contulit; ex quo latitans patefactus Anphyraus in Thebas itum est, sed infelici omine. (3) Nam post plurimam certaminum stragem, ceteris interfectis ducibus et Adrasto auxiliis nudato atque semifugato cum inter cetera sordidi vulgi cesique cadavera Polinices corpus insepultum iacere anxia coniunx audisset, extemplo regio abiecto splendore et mollicie thalami atque debilitate feminei sexus seposita, paucis comitantibus, arripuit iter in castra. (4) Nec eam terruere insidentium itinera manus impie, non fere, non aves occisorum hominum sequentes corpora, non circumvolantes, ut arbitrantur stolidi, cesorum manes, nec – quod terribilius videbatur – Creontis imperantis edictum, quo cavebatur pena capitalis supplicii, ne quis cuiquam occisorum funebre prestaret officium; quin ardenti mestoque animo, nocte media, certaminis aream intrans, cesorum atque tetro odore redolentia corpora nunc hec nunc illa devolveret, ut parve facis auxilio ora tabentia dilectissimi viri cognosceret; nec ante destitit quam quod querebat invenerit. (5) O mirum! Semesa iam facies armorum rubigine et squalore oppleta pulvereo et marcido iam cruore respersa, nulli iam edepol cognoscenda, amantissime coniugi occultari non potuit; nec infecti vultus sordes uxoris amovere potuerunt oscula, non voces, non lacrimas, non ignes Creontis imperium; nam cum sepe vitalem spiritum per oris oscula exquisisset lavissetque lacrimis fetidos artus et sepe

vocibus in suos amplexus revocasset exanimem, flammis iam flagrantibus, ne quis⁴³² pii offitii omissum linqueret, tradidit consumptumque urna condidit nec, igne patefacto pio facinore, severi regis subire gladium et catenas expavit.

(6) Flevere persepe plurime virorum egritudines carceres paupertatem et infortunia multa, stante tamen spe mitioris fortune et amoto severioris pavore. (7) Quod etsi laudabile videatur, extremum tamen dilectionis inditium dici non potest, ut Argie dici obsequia potuere. Hec hostiles petiit agros, dum flere posset in patria; fetidum tractavit cadaver, quod iniunxisse poterat aliis; flammis regium inpendit honorem, dum clam infodisse, qualitate temporis inspecta, satis erat; ululatus emisit femineos, ubi poterat pertransire tacita; nec quid speraret habebat ex occiso exule, cum quid timeret adesset ab hoste. (8) Sic verus amor, sic fides integra, sic coniugii sanctitas et illibata castitas suasisse potuere. Quo merito laudanda, colenda et splendido extollenda preconio venit Argia.

XXX. De Manthone Thyresie filia

(1) Mantho, Thyresie, maximi Thebanorum vatis, filia, tempore Edipi regis filiorumque fuit insignis. (2) Hec quidem sub patre magistro tam prompti atque capacis fuit ingenii, ut pyromantiam, vetustissimum Caldeorum, seu - ut volunt alii - Nembroth inventum, adeo egregie disceret, ut evo suo nemo melius flammaram motus colores et murmura, quibus, nescio quo dyabolico opere, futurorum dicunt demonstrationes inesse, cognosceret. (3) Preterea fibras pecudum et taurorum iecinora et quorumcunque animalium exta perspicaci cognovit intuitu; traxitque sepissime - ut creditum est - suis artibus spiritus immundos et inferorum manes coegit in voces et responsa dare querentibus. (4) Sane cum iam bello cecidissent argivi reges qui Thebas obsederant, occupassetque Creon civitatis imperium, hec - ut placet aliquibus - regem novum fugiens, secessit in Asyam ibique Clarii Apollinis fanum, postea celeberrimum divinatione, instituit et Mopsum, inclitum sui seculi vatem, esto ex quo conceptum non prodat antiquitas, peperit. (5) Alii vero aliter sentiunt dicuntque eam cum complicitibus quibusdam suis, post thebanum bellum, errasse diu et tandem in Ytaliam devenisse ibique Tyberino iuncta cuidam, concepisse ex eo et peperisse filium, quem Cithconum dixere, a quibusdam Byanorem etiam vocitatum; et inde cum prole in Cisalpinam

⁴³² O edição de Brown traz *quid* ao invés de *quis*.

Galliam transiecisse, ubi cum palustria loca, Benaco contermina lacui, comperisset sua natura munita, seu ut suis cantationibus posset vacare liberius, seu vite residuum securius ducere, media in palude, in supereminente aquis solo, posuisse sedem et ibidem post tempus mortuam atque sepultam. Circa cuius tumulum aiunt Cithconum civitatem suis constituisse eamque de matris nomine Manthum vocitasse. (7) Quidam vero arbitrati sunt eam in mortem usque constanti proposito virginitatem servasse: floridum quippe atque sanctissimum opus et laudabile plurimum, ni illud nephastis suis labefactasset artibus Deoque vero, cui dicanda est, virginitatem servasset.

XXXI. *De coniugibus Meniarum*

(1) Meniarum uxorum numerus ac nomina, seu coevorum scribentium desidia, seu annositatis vitio, nobis subtracta sunt; equidem indigne, cum non vulgari facinore meruerint in precipuam efferi gloriam. (2) Sed postquam invidenti fortune sic visum est, qua poterimus arte, ornabimus innominatas digno preconio easque pro viribus in memoriam posteritatis educere, tanquam meritas bene, conabimur.

(3) Menie igitur fuere ex Iasonis atque Argonautarum sociis non minime nobilitatis splendidissime iuvenes; qui cum, peracta expeditione colchida, redissent in Greciam, veteri relicto solo, apud Lacedemonios sibi delegere sedes. (4) Quibus non solum a Lacedemoniis amicabilem concessa civitas est, verum inter patres et reipublice presidentes assumpti sunt. Cuius tam splendide munificentie successores minus memores, libertatem publicam ignominiose servituti velle subigere ausi sunt. (5) Erant enim ea tempestate opulenti iuvenes, nec solum suo fulgore perlucidi, verum et generosorum Lacedemonum affinitatibus septigemina fulgebant luce. Nam inter alia erant ei spetiosissime coniuges a nobilissimis civibus ducentes originem, non edepol pars ultima mundani decoris; cui et clientele addebantur ingentes, ex quibus non gratiam publice patrie felicitati sensere, sed suis ascribentes meritis, eo se fatuitati permisere evehi, ut ceteris se preferendos fore existimarent; ex quo in cupidinem corruiere imperii; et hinc ad occupandam rem publicam temere conatus exposuere suos. (6) Quam ob causam, detecto crimine, capti carcerique traditi et capitali supplicio, tanquam hostes, damnati sunt auctoritate publica. (7) Et dum nocte sequenti, Lacedemonum veteri more, deberet illis a carnificibus mors inferri, meste flentesque coniuges pro liberatione damnatorum inauditum inivere consilium; nec cogitato distulere operam dare. (8)

Squalidis igitur vestimentis velatoque ore, opplete lacrimis, cum iam in noctem occumberet dies, quoniam nobiles essent femine, intrandi carcerem perituros visure viros, facile a custodibus obtinere licentiam. (9) Ad quos cum advenissent, non tempus consumpsere lacrimis et ploratu, sed repente explicato consilio, cum viris mutatis vestibus, velatisque illis femineo ritu faciebus, flentes, deiectis in terram oculis fingentesque mestitiam, noctis etiam suffragantibus tenebris, et reverentia, nobilibus feminis debita, deceptis custodibus, morituros emisere, ipsis damnatorum loco remanentibus; nec ante fraus comperta est quam, venientibus suppliciorum ministris, ut damnatos in mortem educerent, pro viris femine comperte sint.

(10) Grandis profecto mulierum fides et egregius amor; sed sinamus fraudis in custodes ludibrium, salutem damnatis exhibitam, quid patribus visum sit et quid inde secutum; sacri coniugalis amoris vires et audaciam mulierum paululum contemplemur. (11) Instituto nature, veteri et indissolubili nexu firmato, non nulli volunt dissidentium coniugum nullum fore perniciosius odium; sic et convenientium amorem excedere ceteros. Nam rationis igne succensus non urit ad insaniam, sed in complacentiam calefacit et tanta caritate corda copulat, ut eque semper cuncta nolint velintque; et tam placide assuetus unitati, ad continuationem sui nil omittit, nil agit tepide vel remisse; et si hostis fortuna sit, ultro labores et pericula subit et vigilantissimus in salutem meditatur consilia, remedia comperit et excudit fallacias, si exigit indigentia. (12) Hic suavissimus, etiam placido convictu firmatus, coniugum Meniarum tanto fervore inpulit animos, ut, quas nequissent ante vidisse, periclitantibus viris, ingenii pressis viribus, decipulas invenirent, instrumenta pararent, rerum ordinem, tempus rationemque agendorum ut oculatos severosque custodes deciperent; et, sublata sensualitatis nebula, advertentes quoniam nil honestum pro salute amici omittendum sit, ex intimis cordis latebris excitata pietate, ut viros periculo eximerent, temerario ausu in id irent ut, quos publica damnaverat autoritas, pudicus coniugalis amor absolveret, quos carceri manciparat, emicteret, quos iam tenere dirum videbatur et capitale supplicium, e carnificum manu subtractos securitati viteque donaret; et, quod permaximum visum est, lusa legum potestate, decreto publico ac patrum autoritate et totius civitatis voto frustrato, ut quod optabant impleretur non expavere loco damnatorum sub deceptorum custodum imperio sese claudere. (13) Non edepol tam sinceram fidem, amorem tam integrum admirari sufficio et ob id ratum habeo, si remisse amassent, si tenui fuissent

astricte vinculo, cum illis per ocium domi torpere fas esset, hec tam grandia non fecissent. Attamen, ut multa paucis claudam, has asserere audeo veros certosque fuisse viros. Meniasque iuvenes, quas simulabant, feminas extitisse.

XXXII. *De Penthessilea regina Amazonum*

(1) Penthesilea virgo Amazonum regina fuit, et successit Orythie et Anthyopi reginis: quibus tamen procreata parentibus, non legi. Hanc aiunt, oris incliti spreto decore et superata mollicie feminei corporis, arma induere maiorum suarum aggressam; et auream cesariem tegere galea ac latus munire faretra; et militari, non muliebri, ritu currus et equos ascendere; seque pre ceteris preteritis reginis mirabilem exhibere, viribus et disciplina, ausa est. (2) Cui nec ingenium validum defuisse constat, cum legatur securis usum, in seculum usque suum incognitum, <eius> fuisse compertum. (3) Hec – ut placet aliquibus – audita troiani Hectoris virtute, invisum ardenter amavit, et cupidine, in successionem regni, inclite prolis ex eo suscipiendi, in tam grandem oportunitatem cum maxima suarum copia eius in auxilium adversus Graios facile provocata descendit. (4) Nec eam clara grecorum principum perterruit fama, quin Hectori armis et virtute cupiens quam formositate placere, sepissime certamina frequentium armatorum intraret; et non nunquam hasta prosternere, quandoque obsistentes gladio aperire et persepe arcu versas in fugam turmas pellere et tot tanque grandia viriliter agere, ut ipsum spectantem aliquando Herculem in admirationem sui deduceret. (5) Tandem dum in confertissimos hostes virago hec die preliaretur una, seque ultra solitum tanto amasio dignam ostenderet, multis ex suis iam cesis, letali suscepto vulnere, miseranda medios inter Grecos a se stratos occubuit. (6) Alii vero volunt eam, Hectore iam mortuo, applicuisse Troiam et ibidem - ut scribitur – acri in pugna cesam. (7) Essent qui possent mirari mulieres, quantumcunque armatas, in viros unquam incurrere ausas, ni admirationem subtraheret quoniam usus in naturam vertatur alteram, quo hec et huiusmodi longe magis in armis homines facte sunt, quam sint quos sexu masculos natura fecit, et ociositas et voluptas vertit in feminas seu lepores galeatos.

XXXIII. *De Polysena Priami regis filia*

(1) Polysena virgo Priami, regis Troianorum, ex Hecuba fuit filia, tam floride pulchritudinis adulescentula, ut severo pectori Achillis Peliadis flammam immictere potuerit cupidinis eumque, matris Hecube fraude, in suam necem nocte solum in templum usque Apollinis Tymbrei deducere. (2) Ob quam minus debito lapsis troianis viribus et Ylione deiecto, a Neophthemo in piaculum manium patris et ad eius tumulum deducta est; ibique – si maiorum literis fides ulla prestari potest – videns acrem iuvenem expedisse gladium flentibus ceteris circumstantibus, innocens adeo constanti pectore et intrepido vultu iugulum prebuit, ut non minus admiratio fortitudinis eius quam pietas pereuntis moveret animos.

(3) Magnum quippe et memoratu dignum nequivisse tenella etas, sexus femineus, mollicies regia, mutata fortuna, grandem pressisse virginis animum et potissime sub victoris et hostis gladio, sub quo non nunquam egregiorum virorum nutant et persepe deficiunt animosa pectora. (4) Crediderim facile hoc generose nature opus, ut ostenderet hac mortis parvipensione quam feminam produxisset ni tam cito hostis surripisset fortuna.

XXXIV. *De Hecuba regina Troianorum*

(1) Hecuba Troianorum preclarissima regina fuit, eque perituri splendoris fulgor eximi^{us} et miseriarum certissimum documentum. Hec secundum quosdam Dymantis Aonis filia extitit. (2) Alii vero Cipsei regis Tracie volunt, quod quidem et ipse arbitror, cum sic opinetur a pluribus. Nupsit hec virgo Priamo Troianorum regi illustri, et ex eo mixtim utriusque sexus concepit peperitque filios decem et novem, inter quos iubar illud eximium Frigie probitatis Hector; cuius tantus fuit militie fulgor, ut non se tantum eterna fama splendidum faceret, quin imo et parentes patriamque perenni nobilitaret gloria. (3) Verum non tantum felicis regni decore ac multiplicis prolis serenitate fulgida facta est, quin, urgente adversa fortuna, orbi toto longe deveniret cognita. (4) Hectorem nempe dilectissimum sibi et Troilum adolescentem et iam maiora viribus audentem, manu Achillis cesos et ea cede regni solidam basem fere eversam mestissime flevit. (5) Sic et a Pyrro Paridem trucidatum, inde auribus naribusque truncatum Deyphebum atque fede exanimatum, Ylyonem igne cremari danao, Polytem patris in gremio confodi,

Priamum ipsum senem secus domesticas aras exenterari, Cassandram filiam, Andromacam nurum seque captivam ab hostibus trahi, Polysenam ante Achillis tumulum obtruncari, Astianactem nepotem ex latebris surreptum saxo illid miseranda conspexit. (6) Et postremo tracio in litore tumultatum adolescentulum Polydorum, Polymestoris fraude occisum, comperit atque flevit. (7) Quibus tot tanque immanibus oppressa doloribus in rabiem versam volunt aliqui traciosque per agros ritu ululasse canum; et sic mortuam et in tumulo hellespontiaci litoris, cui nomen a se Cynosema, sepultam. (8) Non nulli dicunt in servitute ab hostibus cum reliquis tractam et, ne miseriarum illi particula deesset ulla, vidisse ultimo Cassandram, occiso iam Agamenone, Clitemestre iugulari iussu.

XXXV. *De Cassandra Priami Troianorum regis filia*

(1) Cassandra Priami fuit, Troianorum regis, filia. Huic quidem - ut vetustas asserit - vaticinii mens fuit, seu quesita studiis, seu Dei dono, seu potius dyabolica fraude, non satis certum est. (2) Hoc tamen affirmatur a multis, eam longe ante rapinam Helene, audaciam Paridis et adventum Tyndaridis et longam civitatis obsidionem et postremam Priami atque Ylionis desolationem persepe et clara cecinisse voce; et ob hoc, cum nulla dictis suis prestaretur fides, a patre et fratribus verberibus castigatam volunt; ac etiam fabulam inde confictam, eam scilicet ab Apolline dilectam et in eius concubitum requisitam; quem se prestaturam promississe dicunt, si ab eodem ante eidem futurorum notitia prestaretur. (3) Quod cum suscepisset negassetque promissum, nec Apollo posset auferre concessum, aiunt illum muneri adiecisse neminem quod diceret crediturum; et sic factum est ut quod diceret tanquam fatue dictum crederetur a cunctis. (4) Hec autem nobili cuidam Corebo desponsata iuveni, prius illum in bello perdidit quam ab eo susciperetur in thalamum; et demum, pereuntibus rebus, captiva Agamenoni cessit in sortem. A quo cum Micenas traheretur, eidem cecinit sibi a Clitemestra preparatas insidias atque mortem. (5) Cuius verbis cum fides daretur nulla, post mille maris pericula, Micenas cum Agamenone devenit, ubi, eo Clitemestre fraude ceso, et ipsa eiusdem Clitemestre iussu iugulata est.

XXXVI. *De Clitemestra Micenarum regina*

(1) Clitemestra Tyndari, regis Oebalie, filia fuit ex Leda et Castoris atque Pollucis et Helene soror, virgoque nupsit Agamenoni, Micenarum regi. (2) Que etsi genere satis et coniugio clara esset, nephario tamen ausu clarior facta est. Nam imperante Agamenone viro Grecorum copiis apud Troiam, cum ex eo iam plures filios peperisset, ociosi atque desidiis iuvenis Egysti, olim Thiestis ex Pelopia filii, qui ob sacerdotium abstinebat ab armis, in concupiscentiam incidit; et – ut placet aliquibus – Nauplii senis, Palamedis olim patris, suasionibus, eius in amplexus et concubitum venit. (3) Ex quo scelere secutum est ut, seu timore ob patratum facinus redeuntis Agamenonis, seu amasii suasionem et regni cupidinem, seu indignationis concepte ob Cassandram, que ab Agamenone deducebatur Micenas, animosa mulier armato animo et fraudibus temerario ausu surrexit in virum eumque victorem Ylii redeuntem et maris tempestatibus fessum, ficta oris letitia, suscepit in regiam; et – ut quibusdam placet – cenantem et vino iam forte madentem percuti iussit ab adultero ex insidiis prodeunte. (4) Alii autem dicunt, cum recubaret, vestimentis victoria quesitis implicitus, quasi grecanicis festum clarius esset futurum, placide adultera coniunx illi suasit ut patrias indueret vestes et quas ipsa in hoc ante confecerat; easque exitu capiti<s> carentes audax porrexit eidem; et cum iam brachia manicis iniecisset vir quereretque circumvolutus unde posset emictere caput, semiligatus adultero percussori, ab eadem suadente, concessus est et sic, eo neminem vidente, percussus est. Quo facto regnum occupavit omne et cum adultero Egysto per septennium imperavit.

(5) Sane cum excrevisset interim Horestes, Agamenonis ex ea filius, quem clam servaverant a furore matris amici, animumque in necem patris ulciscendam sumpsisset, tempore sumpto eam cum adultero interemit.

(6) Quid incusem magis nescio: scelus an audaciam? Primum, pregrande malum non meruerat vir inclitus; secundum, quanto minus decebat perfidam mulierem, tanto abominabile magis. Habeo tamen quid laudem, Horestis scilicet virtutem, que diu substinere passa non est a pietate inceste matris retrahi quin in inmeriti patris necem animosus ultor irrueret et in male meritam matrem filius ageret quod minus meritis genitor ab adultero sacerdote, incesta imperante femina, passus fuerat; et eorum, quorum imperio et opere paternus sanguis effusus fuerat, ut in autores verteretur scelus, effuso sanguine piaretur.

XXXVII. *De Helena Menelai regis coniuge*

(1) Helena tam ob suam lasciviam – ut multis visum est – quam ob diuturnum bellum ex ea consecutum, toto orbi notissima femina, filia fuit Tyndary, Oebalie regis, et Lede, formosissime mulieris, et Menelai Lacedemonum regis coniunx. (2) Huius – ut omnes aiunt veteres greci latinique post eos – tam celebris pulchritudo fuit ut preponatur facile ceteris. (3) Fatigavit enim – ut reliquos sinam – divini ingenii virum Homerum, ante quam illam posset secundum precepta satis convenienter describere carmine. Preterea pictores et sculptores multiplices egregii omnes eundem sumpsere laborem ut tam eximii decoris saltem effigiem, si possent posteritati relinquerent. (4) Quos inter, summa conductus a Crotoniensibus pecunia, Zeusis heracleotes, illius seculi famosissimus pictor et prepositus ceteris, ad illam pinniculo formandam, ingenium omne artisque vires exposuit; et cum, preter Homeri carmen et magnam undique famam, nullum aliud haberet exemplum, ut per hec duo de facie et cetero persone statu potuerat mente concipere, excogitavit se ex aliis plurium pulcherrimis formis divinam illam Helene effigiem posse percipere et aliis poscentibus designatam ostendere; et ostensis postulanti a Crotoniatibus, primo formosissimis pueris et inde sororibus, ex formosioribus quinque precipuo decore spectabiles selegit; et collecta secum ex pulchritudine omnium forma una, totis ex ingenio celebri emunctis viribus, vix creditum est satis plene quod optabat arte potuisse percipere. (5) Nec ego miror: quis enim picture vel statue pinniculo aut celo potuerit inscribere letitiam oculorum, totius oris placidam affabilitatem, celestem risum motusque faciei varios et decoros secundum verborum et actuum qualitates? Cum solius hoc nature officium sit. (6) Fecit ergo quod potuit; et quod pinxerat, tanquam celeste simulacri decus, posteritati reliquit. Hinc acutiores finxere fabulam eamque ob sydereum oculorum fulgorem, ob invisam mortalibus lucem, ob insignem faciei candorem aureamque come volatilis copiam, hinc inde per humeros petulantibus recidentem cincinnulis, et lepidam sonoramque vocis suavitatem nec non et gestus quosdam, tam cinnamei roseique oris quam splendide frontis et eburnei gucturis ac ex invis delitiis pectoris assurgentis, non nisi ex aspirantis concipiendis aspectu, Iovis incignum versi descripsere filiam, ut, preter quam a matre suscepisse poterat formositatem, intelligeretur ex infuso numine quod pinniculis coloribusque ingenio suo imprimere nequibant artifices. (7) Ab hac tam spectanda pulchritudine in Laconas

Theseus ab Athenis evocatus ante alios, virginem et etate tenellam, in palestra patrio ludentem more, audax rapuit; et etsi preter oscula pauca eidem auferre nequiverit, aliqualem tamen labefactate virginitatis iniecit notam. (8) Que fratribus ab Eletra Thesei matre, seu – ut volunt alii – a Protheo rege egyptio, absente Theseo, repetentibus restituta; et tandem matura viro Menelao, Lacedemonum regi, coniugio iuncta est, cui Hermionam filiam peperit unicam. (9) Post hec, fluentibuss annis, cum redisset Ylionem Paris, qui ob somnium pregnantis matris in Yda fuerat expositus, et in lucta Hectorem fratrem superasset non cognitus, mortem, crepundiis ostensis et a matre cognitis, evitasset, memor sponsionis spetiosissime coniugis sibi a Venere, ob latam a se apud Ydam sententiam, seu – ut alii volunt – postulaturus Hesyonom, fabrefactis ex Yda navibus, regio comitatu sotiatus, tranfretavit in Greciam et a Menelao fuit susceptus hospitio. (10) Ibi cum vidisset Helenam celesti decore conspicuam atque regio in cultu lascivientem seque intueri cupientem, captus illico et ex moribus spe sumpta, captatis temporibus, scintillantibus fervore oculis, furtim impudico pectori ignem sue dilectionis ingessit. Ceptisque fortuna favit: nam, exigente oportunitate, eo relicto, Cretam Menelaus perrexerat. (11) Quam ob rem placet aliquibus, eis equis flammis urentibus, ex composito factum esse ut Paris ignem, per quietem visum ab Hecuba, portaret in patriam et vaticinia adimpleret; maxima cum parte thesaurorum Menelai, noctu, ex laconico litore, seu – ut aliis placet – ex Citharea, ibidem vicina insula, dum <erat> in templo quodam, patrio ritu, ob sacrum conficiendum, Helenam vigilantem raperet parateque classi imponeret; et cum ea post multa pericula deveniret in Troiam: ubi cum precipuo honore a Priamo suscepta est, eo extimante potius notam iniurie abstersisse ob detentam a Thelamone Hesionam, quam postremam regni sui desolationem suscepisse in patria. (12) Hac huius illecebra mulieris universa Grecia commota est; et cum gray principes omnes Paridis potius iniuriam ponderarent quam Helene lasciviam, ea frustra repetita sepius, in Troie excidium coniurarunt unanimes; collectisque viribus, cum mille vel amplius navibus, armatorum honustis, litus inter Sygeum et Retheum, promontoria Frigie, occupavere et Ylionem obsederunt frustra obsistentibus Frigiis. (13) Helena quidem quanti foret sua formositas ex muris obsesse civitatis vidisse potuit, cernens litus omne completum hostibus et igne ferroque circumdesolari omnia, populos inire certamina ac per mutua vulnera in mortem iri et tam troiano quam Greco sanguine cuncta fedari. (14) Que quidem tam pertinaci proposito repetita est atque detenta, ut,

dum non redderetur, per decennium cede multorum nobilium cruenta perseveraret obsidio. Qua stante, Hectore iam mortuo et Achille, atque a Pyrrho, acerrimo iuvene, trucidato Paride, quasi parvum sibi visum sit peccasse semel, Helena secundas inivit nuptias nupsitque Deyphebo iuniori. (15) Tandem cum prodicione tentaretur quod armis obtineri non posse videbatur, hec, que obsidioni causam dederat, ut opus daret excidio et ad viri primi gratiam promerendam, in eandem volens sciensque devenit; et cum dolo simulassent Greci discessum, Troianis preteritis fessis laboribus et nova letitia festisque epulis victis somnoque sepultis, Helena choream simulans accensa face in tempore ex arce revocavit intentos. Qui redeuntes, cum tacite semisopitam urbem reseratis ianuis intrassent, ea incensa et Deyphebo fede ceso, Helenam post vigesimum a raptu annum Menelao restituere coniugi.

(16) Alii vero asserunt Helenam non sponte sua a Paride raptam et ob id a viro meruisse suscipi. Qui cum ea Greciam repetens, a tempestate et adverso vento agitatus plurimum, in Egyptum cursum vertere coactus, a Polibo rege susceptus est. Post hoc sedatis procellis in Lacedemona cum reacquisita coniuge fere post octavum annum a desolato Ylione susceptus est. (17) Ipsa autem quam diu post hec vixerit, aut quid egerit, seu quo sub celo mortua sit, nusquam legisse recordor.

XXXVIII. *De Circe Solis filia*

(1) Circes, cantationibus suis in hodiernum usque famosissima mulier, ut poetarum testantur carmina, filia fuit Solis et Perse nynphe, Oceani filie, sororque Oethe Colcorum regis: Solis, ut arbitror, ideo filia dicta, quia singulari floruerit pulchritudine, seu quia circa notitiam herbarum fuerit eruditissima, vel potius quia prudentissima in agendis: que omnia solem, variis habitis respectibus, dare nascentibus mathematici arbitrantur. (2) Quo autem pacto, relictis Colcis, Italiam petierit, minime legisse memini. Eam Etheum Volscorum montem, quem de suo nomine dicimus in hodiernum usque Circeum, incoluisse omnes testantur historie; et cum nil preter poeticum legatur ex hac tam celebri muliere, recitatis succincte poeticis, quo prestabitur ingenio mentem excutiemus credentium. (3) Volunt igitur ante alia quoscunque nautas, seu ex proposito, seu tempestatibus impulsos, ad dicti montis, olim insule, litora applicantes, huius artibus cantatis carminibus, seu infectis veneno poculis, in feras diversarum specierum fuisse conversos; et hos inter vagi Ulixis fuisse socios, eo, Mercurii mediante consilio, servato.

(4) Qui cum evaginato gladio mortem minaretur venefice, socios reassumpsisse in formam redactos pristinam et per annum conturbatio usus eiusdem, ex ea Thelegonum suscepisse filium dicunt; et ab ea plenum consilii discessisse. (5) Quo sub cortice hos existimo latere sensus. Sunt qui dicant hanc feminam haud longe a Caieta, Campanie oppido, potentissimam fuisse viribus et sermone, nec magni facientem, dum modo aliquid consequeretur optatum, a nota illesam servasse pudicitiam; et sic multos ex applicantibus litori suo blanditiis et ornatu sermonis non solum in suas illecebras traxisse, verum alios in rapinam et pyrraticam impulsisse, non nullos, omni honestate postposita, ad exercenda negotia et mercimonia dolis incitasse, et plures ob sui singularem dilectionem in superbiam extulisse. Et sic hi, quibus infauste mulieris opera humana subtracta videbatur ratio, eos ab eadem in sui facinoris feras merito crederetur fuisse conversos. (6) Ex quibus satis comprehendere possumus, hominum mulierumque conspectis moribus, multas ubique Circes esse et longe plures homines lascivia et crimine suo versos in beluas. (7) Ulixes autem, Mercurii consilio predoctus, prudentem virum satis evidenter ostendit, quem adulantium nequeunt laqueara decipule, quin imo et documentis suis laqueatos persepe solvit a vinculo. (8) Reliquum satis patet ad hystoriam pertinere: qua constat Ulixem aliquandiu permansisse cum Circe. Fertur preterea hanc eandem feminam Pici, Saturni filii, Latinorum regis, fuisse coniugem eumque augurandi docuisse scientiam, et ob zelum, quia Pomonam nynpham adamaret, eum in avem sui transformasse nominis. Erat enim illi domesticus picus avis, ex cantu cuius et motibus summebat de futuris augurium; et, quia secundum actus pici vitam duceret, in picum versus dictus est. (9) Quando, seu quo mortis genere aut ubi hec defuncta sit Circes, compertum non habeo.

XXXIX. *De Camilla Volscorum regina.*

(1) Camilla insignis et memoratu dignissima virgo fuit et Volscorum regina. Hec ex Methabo Volscorum rege antiquissimo et Casmilla coniuge genita, nascens matri mortis causa fuit; nam cum enixa parvulam moreretur, a Methabo patre, una tantum ex materno nomine dempta litera Camillam filiam nuncupavit in sui solatium. (2) Huius quidem virginis a Natali suo die severa fortuna fuit; nam paululum post matris funus, Methabus, Privernatum civium suorum repentina seditione regno pulsus, nil, fugam arripiens,

preter parvulam hanc filiam suam, sibi pre ceteris rebus dilectam, asportasse in exilium potuit. (3) In quod cum solus pedesque miser effugeret et in ulnis sociam deportaret Camillam, ad Amasenum fluvium, pridiano imbre tumentem, devenit; nec cum, onere infantule prepeditus, posset enare, in oportunum devenit consilium, porrigente Deo qui celebrem futuram virginem ignobili assummi fato nolebat. (4) Illam igitur suberis cortice involutam iaculo, quod forte ferebat, alligavit atque Dyane devovit, si servasset incolumen; et vibratum totis viribus brachio iaculum, cum filia, in ripam transiecit adversam, quam evestigio nando secutus est; et cum illam Dei munere comperisset illesam, in miseria letus, silvarum petiit latebras nec absque labore plurimo parvulam educavit lacte ferino. (5) Que cum in validiorem evasisset etatem, tegere ferarum corpus cepit exuviis et tela vibrare lacertis fundasque circumagere, arcus tendere, gestare pharetras, cursu cervos capreasque silvestres insequi atque superare, labores femineos omnes despiciere, virginitatem pre ceteris inviolatam servare, iuvenum amores ludere et connubia potentum procerum omnino respuere ac sese totam Dyane obsequio, cui pater devoverat, exhibere. (6) Quibus exercitiis durata virgo, in patrium revocata regnum, servavit robore inflexo propositum. Tandem cum a Troia veniens Eneas Lavinam sumpsisset in coniugem, et ob id bellum inter eum Turnumque rutulum esset exortum, congregantibus eis undique copias, Camilla, Turni partibus favens, cum grandi Volscorum agmine venit auxiliatrix eidem; et cum sepius armata irruisset in Teucros et die una acriter pugnans multos occidisset ex eis, et novissime Corebum quendam, Cybelis sacerdotem, armorum eius avida, sequeretur, ab Arrunte quodam ex hostibus, sagitta sub papilla letaliter percussa, maximo Rutulorum damno moribunda collapsa est; et sic inter amata exercitia expiravit.

(7) Hanc intueantur velim puellule hodiernae; et dum sui iuris virginem adultam et pro libito nunc latos agros, nunc silvas et lustra ferarum accintam faretra discurrentem, labore assiduo lascivias illecebris appetitus prementem, delitias atque molliciem accuratas offas et elaborata pocula fugientem et constantissimo animo coevorum iuvenum, non dicam amplexus, sed verba etiam respuentem viderint, monite discant quid eas in domo patria, quid in templis, quid in theatris, in quibus spectantium multitudo et severissimi morum censores conveniunt, deceat; minus quidem honestis negare aures, os taciturnitate frenare, oculos gravitate compescere, mores componere et gestus omnes suos honestatis mole comprimere, ocia, commesationes, lautitias nimias,

choreas et iuvenum vitare consortia; sentiantque quoniam nec optare quod libet, nec quod licet agere sanctum sit aut castitati conforme; ut prudentiores facte et laudabili virginitate florentes in sacras nuptias mature, maioribus obtemperantes suis, deveniant.

XL. De Penelope Ulixis coniuge

(1) Penelopes Ycari regis filia fuit et Ulixis strenuissimi viri coniunx: illibati decoris atque intemerate pudicitie matronis exemplum sanctissimum et eternum. (2) Huius quidem pudoris vires a fortuna acriter agitate, sed frustra, sunt; nam cum iuvenula virgo, et ob venustatem forme plurimum diligenda, a patre iuncta fuisset Ulixi peperissetque ex eo Thelemacum; et ecce in expeditionem troiani belli vocatus, imo vi fere tractus, Ulixes, ab eo cum Laerte patre iam sene et Anthyelia matre et parvo filio relicta est. (3) Sane, perseverante bello, nullam preter decennalem viduitatis iniuriam passa est. Attamen, Ylione deiecto, cum repetentes domum proceres aut in scopulos tempestate maris illisos, aut in peregrinum litus impulsos aut undis absortos, seu paucos in patriam receptos, fama monstraret, solius Ulixis erat incertum quo cursum tenuissent naves. (4) Quam ob rem cum expectatus diu non reverteretur in patriam, nec appareret ab ullo usquam visum, mortuus existimatus est; qua credulitate Anthyelia genitrix miseranda, ad leniendum dolorem, vitam terminavit laqueo. (5) Penelopes autem, etsi egre plurimum ferret viri absentiam, longe tulit egrius sinistram mortis eius suspicionem. (6) Sed post multas lacrimas et Ulixem frustra vocatum sepissime, inter senem Laertem et Thelemacum puerum in castissimam et perpetuam viduitatem senescere firmato animo disposuit. (7) Verum cum et forma decens moresque probabiles et egregium genus ad se diligendam atque concupiscendam quorundam nobilium ex Ythachia atque Cephalania et Etholia provocasset animos, plurimum instigationibus eorum vexata est. (8) Nam cum in dies spes vite Ulixis aut reditus eiusdem continuo videretur minui, eo ventum est ut, abeunte rus ob fastidium procatorum Laerte, procatores ipsi Ulixis occuparent regiam et Penelopem precibus atque suasionibus pro viribus, et sepissime, in suum provocarent coniugium. (9) Ast mulier, metuens ne forte sacri pectoris violaretur propositum, cum iam cerneret viam negationibus auferri, divino profecto illustrata lumine, terminis et astutia infestos, saltem ad tempus, fallendos esse arbitrata est; petiit instantibus sibi tam diu liceret expectare virum donec telam, quam

more regalium mulierum ceperat, perfecisse posset. (10) Quod cum facile concessissent competitores egregii, ipsa femineo astu quicquid in die solerti studio texens videbatur operi iungere, clam revocatis filis, subtrahebat in nocte. Qua arte cum eos in regia Ulixis bona assiduis conviviis consumentes aliquandiu lusisset, nec iam amplius videretur locum fraudi posse prestari, Dei pietate factum est ut ex Pheycum regno navigans, post vigesimum sui discessus annum, solus et incognitus Ulixes Ythachiam veniret pastoresque suos scitaturus rerum suarum statum adiret; et cum ex astutia pauper incessisset habitu, a Sybote iam sene porcario suo comiter susceptus, ab eodem referente fere omnem rerum suarum comprehendit seriem et Thelemacum a Menelao redeuntem vidit seque clam illi cognitum fecit et consilium suum aperuit omne; factumque est ut a Sybote incognitus deduceretur in patriam. (12) Quo cum vidisset quo pacto rem suam traherent procatores atque pudicam Penelopem eorum renuentem coniugium, irritatus, cum Sybote subulco et Phylitia opilione suo atque Thelemaco filio, clausis regie ianuis, in procatores convivantes insurgens, Eurimacum, Polibi filium, et Anthinonem, Amphionem atque Clisippum samium, Agelaum aliosque, frustra veniam exorantes, una cum Melantheo caprario suo, hostibus arma ministrante, atque mulieribus domesticis, quas noverat cum procatoribus conturbentium habuisse, occidit; suamque Penelopem ab insidiis procantium liberavit. (13) Que tandem, cum vix eum recognoscere potuisset, summo perfusa gaudio, diu desideratum suscepit. Vult tamen Lycophron quidam, novissimus poetarum ex Grecis, hanc suasionibus Nauplii senis, ob vindictam occisi Palamedis filii sui, fere omnes Grecorum coniuges lenocinio in meretricium deducentis, Penelopem cum aliquo ex procatoribus in amplexus et concubitum venisse. (14) Quod absit ut credam, celebrem castimonia multorum autorum literis mulierem, unius in contrarium asserentis, Penelopem preter castissimam extitisse. Cuius quidem virtus tanto clarior atque commendabilior quanto rarius invenitur et, maiori impulsa certamine, perseveravit constantior inconcussa.

ANEXO III – TRADUÇÃO: *SOBRE AS MULHERES FAMOSAS*

*Giovanni Boccaccio de Certaldo à ilustríssima senhora Andrea de Acciaiuoli de
Florença, condessa de Altavilla*

(1) Há pouco tempo, ó egrégia entre as mulheres, afastado por um breve período da multidão ignorante⁴³³ e como que livre⁴³⁴ de outras preocupações, escrevi um pequeno livro – antes para elogio do sexo feminino e para o deleite dos amigos que para o elevado interesse da sociedade⁴³⁵.

(2) Na verdade, enquanto eu revolvia em meu espírito acerca da pessoa a quem eu primeiramente transmitiria⁴³⁶ a obra (para que essa⁴³⁷, sob meu domínio, não esmorecesse por causa do ócio⁴³⁸, e para que, fortalecida no apoio de outrem, fosse levada a público com mais segurança), e enquanto constatava que não seria suficiente destiná-la a um homem notório⁴³⁹ (uma vez que falava de mulheres) e sim de preferência a alguma insigne mulher⁴⁴⁰, procurando a mais digna, veio-me à mente, antes que outras, o célebre esplendor da Itália⁴⁴¹, glória singular não somente das mulheres, mas também dos reis, Joana⁴⁴², sereníssima rainha de Jerusalém e da Sicília.

⁴³³ *Inerti*: literalmente “inerte”, “desocupada”. Mas talvez possamos aqui recuperar (*in+ars*) “sem arte, sentido arcaico da palavra, cf. verbete no *OLD* 1. Acrescentamos aqui a observação do Prof. Paulo Sérgio de Vasconcellos, que nos alertou para a seguinte passagem ciceroniana: *quibus (artibus) qui carebant inertes a maioribus nominabantur (De finibus, II, 115)*.

⁴³⁴ *Solutus*: trata-se de *emendatio* de Zaccaria à forma manuscrita *solutis* (cf. Zaccaria, 481, nota 1; Brown, p. 480).

⁴³⁵ *Solatium/ in magnum rei publice commodum*: no contraste talvez possa se ver uma alusão ao prazer (*delectare*) associável ao gênero biográfico, oposto à seriedade (*grauitas*) do gênero historiográfico, cf. sobre isso em 1.3.1. *Estrutura, Modelos e Matéria* de nosso estudo introdutório.

⁴³⁶ *Transmitterem*, em vez de *transmittere* (sem o “c”).

⁴³⁷ *Ne penes me*: “nell’inerzia della mia casa” traduz Zaccaria (p. 19); “in my possession” é a versão de Brown (p. 1).

⁴³⁸ *Ocio* por *otio*. Sobre o uso de *c* por *t*, cf. Anexo I.

⁴³⁹ *Non principi viro*: embora o contexto da nobreza a quem se dirige Boccaccio permita se entender por que Brown traduz diretamente a expressão por “not to a prince”, preferimos aqui optar, como Zaccaria, por um sentido mais geral “non ad un uomo raggadavole” (p.9).

⁴⁴⁰ *Femine*: por *feminae*; fenômeno observado por todo o texto.

⁴⁴¹ O manuscrito grafa *italicum* em vez de *Italicum*.

⁴⁴² *Iohanna*: o último capítulo da obra (a biografia CVI) é um elogio à rainha Joana (Joana I de Nápoles nasceu em 1326 e faleceu em 1382. Era neta de Roberto I de Nápoles). Conforme Zaccaria, a biografia consta apenas a partir de manuscritos correspondentes à quinta fase

(3) Pensando em suas glórias, obtidas tanto pelo brilho da ínclita linhagem e dos antepassados, quanto por si mesma, novas, graças a seu espírito forte, quase sucumbi ao desejo de enviar⁴⁴³ tal humilde e devoto livro ao trono de sua alteza.

(4) Finalmente, porque tão imenso é o fulgor régio, e tênue, quase adormecida, a fagulha de minha pequena obra, temendo que por uma luz mais poderosa a menor fosse totalmente banida para as trevas⁴⁴⁴, pouco a pouco retifiquei minha decisão, e, numa nova indagação, tendo sido muitas outras mulheres consideradas, afinal redirecionei meu anseio, desviando-o da ilustre rainha em sua direção, e não sem merecimento. (5) Pois, enquanto eu revolia em minha mente tuas maneiras brandas e célebres, bem como a tua exímia honestidade, e ainda o sumo decoro digno das matronas e a elegância de tuas palavras⁴⁴⁵, fui percebendo a generosidade desse teu espírito e as forças do engenho com que de longe excedes as mulheres. Ao proceder assim, via que, o quanto a natureza tirou ao sexo mais frágil, Deus, em sua magnanimidade, infundiu em forma de admiráveis virtudes no teu peito, e o suplementou, e quis que fosses designada com o nome pelo qual és distinta⁴⁴⁶ (uma vez que os gregos denominam *andres* o que em latim dizemos “homens”⁴⁴⁷), e dessa forma julguei que és digna de ser equiparada a quaisquer dos mais probos, mesmo dentre os mais antigos. (6) E por esta razão, na nossa época, devido a teus muitos e esplêndidos feitos, sendo tu notabilíssimo exemplo da Antiguidade⁴⁴⁸, eu gostaria de como que acrescentar ao teu bem merecido fulgor, a

redacional da obra (em nota à passagem (Zaccaria, p. 481) e em *Le fasi redazionali del De mulieribus claris* in *Studi sul Boccaccio*, I, 1963, p. 289).

⁴⁴³ *Mictendi*: por *mittendi*. Mais um exemplo de introdução de “c” diante de “t”. Cf. Zaccaria (1965), p. 234, e Anexo I deste estudo.

⁴⁴⁴ *Regius fulgor...fere semisopita fauillula*: note-se como aqui Boccaccio amplifica em forma de imagens a metáfora do valor como luz/brilho já empregada acima em *illud prefulgidum* (§2) e *avorum fulgoribus* (§3).

⁴⁴⁵ *Dum...dum...dumque*: por clareza em português, não mantivemos a tríplice reiteração da conjunção *dum*, “enquanto”, e dividimos em dois períodos o complexo período boccacciano.

⁴⁴⁶ *Insignita...designari*: termos da mesma família de *signum* (lit. “sinal”), marcam a lógica do raciocínio boccacciano nessa dedicatória. Cf. verbetes *insignitus* (que remete a *insignis*) e *designor* no *OLD*.

⁴⁴⁷ *Homines*: embora a conotação de homo como “pessoa do sexo masculino” fosse registrada (cf. *OLD*, sentido 4), mais precisamente, em latim clássico, esperar-se-ia o termo *uir* na designação de alguém do sexo masculino, ao passo que *homo*, designaria normalmente “pessoa”. Cf. Ernout et Meillet, *Homo* significa “aquele de sexo masculino”.

⁴⁴⁸ Chamou-nos a atenção o Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos em relação à palavra *agentibus* no referido excerto: *Et ideo, cum tempestate nostra multis atque splendidis facinoribus agentibus clarissimum vetustatis specimen sis*: “E por esta razão, na nossa época, devido a teus muitos e esplêndidos feitos, sendo tu notabilíssimo exemplo da Antiguidade”.

título de presente, a dedicatória⁴⁴⁹ deste pequeno livro⁴⁵⁰, estimando com isso consagrar a teu nome na posteridade não menos honra do que fez outrora o condado de Monteodorisio⁴⁵¹ e agora o condado⁴⁵² de Altavilla, com os quais a Fortuna te fez⁴⁵³ ilustre.⁴⁵⁴

(7) Portanto a ti envio e a teu nome dedico o que até o momento foi escrito por mim sobre mulheres famosas⁴⁵⁵; e imploro, ínclita mulher, pelo santo nome da castidade com o qual te distingues da maioria dos mortais, que com o espírito benevolente aprecies este pequeno presente de um escolástico⁴⁵⁶ e, se te dispões a me⁴⁵⁷ conceder algum crédito, recomendo-te que o leias um dia. Com efeito, elegendo-o, o livro há de amenizar teus momentos de ócio, à medida que fores entretida com a virtude feminina e

Segundo ele, o termo poderia ser interpretado como “para os que agem”. Zaccaria traduz assim: “Tu sei nella nostra età, per molte splendide azioni, fulgido esempio di cio che fu il mondo antico” (p. 21); e Brown: “Your many splendid deeds have made you a shining model of ancient virtue in our time”.

⁴⁴⁹ *Tituli*: o sentido de *titulus* como inscrição em homenagem a alguém é registrado no *OLD* (verbete sentido 2b).

⁴⁵⁰ *Libelli*: note-se o uso do diminutivo, com conotação quer afetiva, quer com efeito de modéstia afetada, que, de todo modo, talvez possa contribuir para caracterizar a antologia de vidas como obra de menor porte do que uma de caráter historiográfico, por exemplo. Cf. Em comunicação particular, nossa coorientadora nos lembra sobre o emprego do termo *libelli* em obras coevas a Boccaccio: “[...] Petrarca também emprega esse mesmo termo para qualificar as suas invectivas, em oposição a obras mais extensas como o *Secretum*, o *De vita solitaria*, o *De viris illustribus* e o poema épico *Africa*, lembrando que parte da crítica petrarquista defende que o *De viris illustribus* foi escrito como um catálogo para auxiliar na composição da épica *Africa*, que ficou incompleta.”

⁴⁵¹ Sobre os condes de Altavilla e Monte Odorisio, Zaccaria diz que não é possível datar o momento do casamento de Andrea com o primeiro deles (Bartolomeo di Capua, conde D’Altavilla). Sabe-se que ela ficou viúva de Carlos Artus, conde de Monte Odorisio, em 1346. Levando-se em consideração que o manuscrito L, e não Vu, contém a menção *et nunc Alteville* na Dedicatória, supôs-se que o segundo matrimônio deu-se no verão de 1362, pouco depois que Boccaccio decidiu dedicar a obra a Andrea, irmã do senescal Niccolò Acciaiuoli, em 1361. Cf. Zaccaria (p. 481, nota 5).

⁴⁵² *Comitatus*: designando o título de conde na época de Boccaccio (cf. Zaccaria, “contea”; Brown, “county”), em latim clássico tinha, entre seus sentidos, o de “companhia” (*OLD* 1a e 3), círculo de acompanhantes de um imperador, corte (*OLD*, sentido 1c).

⁴⁵³ *Fecerit...fecit*: optamos por manter a repetição na tradução do texto boccacciano.

⁴⁵⁴ *Illustrem*: interessante que Andrea seja designada como *illustris* aqui e não como *clara* (embora esse sentido possa ser perceptível das metáforas ligadas à luz, destacadas nota acima); sobre o significado e efeito de ambos os adjetivos no contexto do gênero biográfico em que se insere a obra *De mulieribus claris*, cf. Capítulo II de nosso estudo introdutório.

⁴⁵⁵ *De mulieribus claris*: vide nota acima.

⁴⁵⁶ *Scolastici*: por *scholastici*. *Scholasticus* (como substantivo masculino), em latim clássico era “one who attends a school of rethoric (as student or teacher)” (*OLD* sentido 2), mas apresentava conotações irônicas (“as a jocular addressed to someone young and inexperienced”).

⁴⁵⁷ *Michi* por *mihi*.

graciosidade das histórias.⁴⁵⁸ (8) E a leitura não será – julgo eu - em vão se, por meio da emulação⁴⁵⁹ dos feitos das mulheres do passado, exortares o teu eminente espírito em direção ao melhor. (9) E é fato que hás de encontrar algumas vezes a lascívia misturada ao sagrado⁴⁶⁰ – as circunstâncias⁴⁶¹ da narrativa me obrigaram a fazê-lo –, não desprezes, nem fiques horrorizada; pelo contrário: persevera até o fim, colhe o que deve ser louvado colocando de lado as obscenidades, tal como, entrando em um jardim estendes em direção à flor tuas mãos de marfim, após serem removidas as pontas dos espinhos. E todas as vezes que, na mulher pagã, leres algo de digno que em ti - que professa a religião cristã – não perceberes, excita em teu ânimo o rubor e indaga a ti mesma por que motivo, ó mulher delineada na crisma de Cristo, podes ser por aquelas superada em termos de honestidade ou pudicícia, ou ainda virtude. Assim, tendo sido provocado o engenho - qualidade de que tu plenamente te vales - em suas forças, não só não admitas ser superada, mas tentes superar em egrégia virtude qualquer uma que quiseses, a fim de que, do mesmo modo que é notável por conta de alegre⁴⁶² juventude física e por teu florido encanto, te sobressaías em integridade de espírito não apenas diante das outras, tuas contemporâneas⁴⁶³, mas até mesmo daquelas da Antiguidade. Portanto, lembra que não pelos cosméticos – como fazeis a maior parte de vós, mulheres – deve ser ornada a beleza; mas adornada com honestidade, integridade e, sobretudo, com ações. Isso para que, ao mesmo tempo em que agradeceres àquele que concedeu tais qualidades a ti, não somente sejas singular entre as esplendorosas mulheres no efêmero âmbito dos mortais⁴⁶⁴, mas para que, ao deixar a condição humana, pelo mesmo Doador das graças sejas acolhida na luz⁴⁶⁵ perpétua.

⁴⁵⁸ *Blandietur occis...letaberis*: note-se como Boccaccio reitera a imagem do livro como diversão, deleite, antes de reforçar, logo na frase seguinte, a utilidade da leitura (‘ e não será algo inútil...’, *nec incassum...*). Sobre deleite e utilidade na biografia, cf. Capítulo II deste estudo.

⁴⁵⁹ *Emula*: a presença da idéia de emulação e imitação no *De claris* é objeto de nossa pesquisa, cf. Capítulo III. Cf. para esta questão na Antiguidade: Conte, G. B. *The rethoric of imitation. Genre and poetic memory in Virgil and other latin poets*. Edited and with foreword by Charles Segal. Ithaca and London: Cornell University Press, 1996.

⁴⁶⁰ *Lascivia comperias immixtas sacris*: para uma discussão sobre o uso de passagens e personagens menos pudicas no *De Claris*, cf. Capítulo II.

⁴⁶¹ *Oportunitas por oportunitas*. Cf. Anexo I.

⁴⁶² *Leta por laeta*.

⁴⁶³ *Coevis por coaevis*.

⁴⁶⁴ *In peritura mortalitate*: lit. “na condição de mortal que há de perecer”.

⁴⁶⁵ *In claritatem perpetuam*: vemos aqui um uso extremamente positivo do termo *claritas*, qualificação conferida por *perpetuus*, com evidente referência ao divino.

(10) Além disso⁴⁶⁶, ó excelentíssima dentre as mulheres, se julgares digno este livro, incentiva-o a ter coragem de transitar em público. (11) Em minha opinião, uma vez lançado sob teu auspício, ele irá sem dúvida protegido dos insultos dos invejosos; e a teu nome junto com o nome das demais mulheres ilustres⁴⁶⁷, tornará esplêndido na boca dos homens⁴⁶⁸, juntamente contigo e com teus méritos; - uma vez que tu não podes levar sua presença a todas as partes -, ele a fará conhecida aos presentes, e a há de preservar à posteridade eterna. Adeus.

De Giovanni Boccaccio de Certaldo, o livro Sobre as Mulheres Famosas dedicado a Andréia Acciaiuoli, de Florença, condessa de Altavilla, começa auspiciosamente.

(1) Não poucos dentre os antigos já escreveram livros em forma de compêndio acerca de homens ilustres⁴⁶⁹, e em nossa época – porém em volume mais amplo⁴⁷⁰ e de estilo mais acurado – um homem insigne e poeta egrégio, Francisco Petrarca⁴⁷¹, nosso preceptor, o escreve, e de modo bastante pertinente. (2) Pois aqueles que, a fim de preceder a outros por suas célebres façanhas, colocaram todo seu empenho, e, quando a ocasião pedia, posses, sangue e alma, mereceram efetivamente que seu nome fosse

⁴⁶⁶ *Preterea* por *praeterea*.

⁴⁶⁷ *Cum illustrium mulierum*: não nos parece possível distinguir se Boccaccio aqui se refere às mulheres que biografava (sendo assim, *clarus* equivaleria a *illustis*?), ou apenas a algumas entre elas. Ou, ainda, se poderia cogitar que a referência seria às demais leitoras de sua obra?

⁴⁶⁸ *Virum*: forma de genitivo arcaico, é alusão a fragmento do poeta Ênio (239-169 a.C.), a partir de Cícero, *Tusculanae disputationes* I, 15, 34. Cf. Zaccaria (p. 482, nota 11)

⁴⁶⁹ Dentre os compêndios sobre homens ilustres remanescentes da Antiguidade, na época de Boccaccio havia um *De uiris illustribus* atribuído a Plínio o Velho (23/4-79 d.C.), obra modernamente atribuída ao século IV d. C., bem como passagens da obra de Suetônio perdida, que se podem ler em *De uiris illustribus* escrita por S. Jerônimo (347-420), continuada por Genádio de Marselha. Cf. Zaccaria (p. 481, nota 1); Brown (p. 481, nota a). Para outros escritores de compêndios da Antiguidade, cf. Mcleod, G. (1991, p. 11-58).

⁴⁷⁰ *Latiori...accuratiori*: os tradutores consultados preferiram evidenciar no grau comparativo desses adjetivos não tanto uma marca de intensidade, mas uma comparação propriamente dita “even fuller and more carefully done” (Brown), “di maggior estensione e di più accurato stile” (Zaccaria, p. 23).

⁴⁷¹ *O De uiris illustribus* (1338-53) de Francisco Petrarca, que visava compreender homens célebres desde o fundador de Roma, Rômulo, ao imperador Trajano, teria começado a ser composto antes de *Africa* (1338-39), não chegou a ser concluído à época da morte do autor. Cf. Zaccaria (p. 482, nota 2; Brown, p. 481, n. a). Para a influência de Petrarca em Boccaccio (que teria tido acesso à versão ampliada de 1351-53), cf. Capítulo I e II do estudo introdutório. Não tivermos acesso ainda à edição crítica de G. Martelloti (I, Firenze 1964, pp. IX, XV) a que remete Zaccaria.

conduzido à posteridade em sua perpétua memória. (3) De fato eu me admirei, e muito, que as mulheres tenham tido tão pouca influência junto aos autores dessas obras, ao ponto de não alcançarem qualquer consideração à sua memória em descrição específica alguma⁴⁷², embora conste de maneira evidente nas histórias mais amplas que algumas mulheres realizaram não poucos feitos, de forma tão corajosa quanto forte. (4) E se os homens – a quem foi concedida a robustez – devem ser exaltados todas as vezes em que tenham realizado grandes feitos, o quão mais amplamente se deve exaltar as mulheres, a quem foi dada pela natureza quase sempre inata fraqueza, corpo débil e engenho tacanho⁴⁷³, se elas alcançarem um ânimo viril, e, com engenho notável e virtude conspícua, ousam e perfazem façanhas difíceis mesmo para os homens? E por essa razão, para não se sabotar seu valor, veio-me à mente reunir em um só lugar – em homenagem a sua glória – dentre tais mulheres aquelas a quem minha memória remeter. E a estas adiciono algumas dentre muitas cuja audácia ou forças de seu engenho e esforço, ou ainda um dom natural ou graça da fortuna, ou mesmo sua injúria tornou notáveis; e a estas algumas poucas acrescento, que, mesmo sem ter feito algo digno de memória, geraram, no entanto, as causas de enormes feitos. (5) Não quero que pareça incongruente ao leitor encontrar misturadas Penélope, Lucrecia e Sulpícia, matronas extremamente pudicas, a Medeia, Flora⁴⁷⁴ e Semprônia, ou outras similares, de enorme e forte engenho, porém pernicioso. (6) Na verdade, não tenho intenção de tomar a palavra “fama”⁴⁷⁵ num sentido estrito, ao ponto de parecer que sempre se reduza à virtude; mas sim de estendê-lo, com a gentil permissão dos leitores, a um sentido mais amplo e compreender como “famosas” aquelas que eu souber que são notabilíssimas⁴⁷⁶ e faladas em todo o mundo⁴⁷⁷, por qualquer que seja seu feito. Motivou-me a isso

⁴⁷² A inovação de Boccaccio em seu catálogo de mulheres, por ele apontada no proêmio, ainda será objeto de nossa consideração. Para catálogos antigos e modernos dedicados a mulheres, cf. McLeod (1991).

⁴⁷³ *Tardum ingeniun*: a expressão é encontrada em Cícero, *De Oratore* II, 117.

⁴⁷⁴ Flora, uma prostituta de quem Boccaccio trata no capítulo LXIV, foi excluída do *Livre de la Cité des Dames* (1405) de Christine de Pizan (1364 – c. 1430). Sobre a autora e sua relação com a obra de Boccaccio cf. estudo nossa Introdução.

⁴⁷⁵ *Claritatis*: sobre o termo, o qual remete ao título do *De claris*, cf. Capítulo II de nosso estudo introdutório.

⁴⁷⁶ *Notissimas nouero*: observa-se em mais uma vez o uso consecutivo de palavras de mesma raiz nesse texto boccacciano.

⁴⁷⁷ *Orbi vulgato sermone notissimas nouero*: “those women I known to have gained a reputation throughout the world for any deed whatsoever” (Brown); “considero illustre quelle donne che, per qualunque impresa nota al mondo, siano bene conosciute” (Zaccaria).

também lembrar-me de muitas vezes ter lido em meio aos Leônidas⁴⁷⁸, Cipiões⁴⁷⁹, Catões⁴⁸⁰ e Fabrícios⁴⁸¹ - homens ilustres -, os sediciosíssimos Gracos⁴⁸², o dissimulado⁴⁸³ Aníbal⁴⁸⁴, o traidor Jugurta⁴⁸⁵, Sila⁴⁸⁶ e Mário⁴⁸⁷ manchados com o sangue dos concidadãos, o rico e ávido Crasso⁴⁸⁸, e muitos outros de tal feitio. (7) Na verdade, exaltar por meio de louvor as coisas dignas de memória e, por vezes, depreciar por meio de repreensão o que é abominável aqui não só terá o sentido de atrair para a glória os de espírito magnânimo e de, em alguma medida, desviar de ações funestas as rédeas dos ociosos, como também de restaurar neste opúsculo algo da beleza que parece ter sido suprimido pelas torpezas de algumas mulheres. Por essa razão, decidi inserir em algumas ocasiões nas histórias algumas graciosas palavras de lisonja à virtude, e, para afugentar e execrar os crimes, ajuntar ferroadas⁴⁸⁹. E, desse modo, vai-se fazer com que, mesclada ao deleite das histórias, sua sagrada utilidade se introduza nas mentes⁴⁹⁰. (8) E, para que não pareça que eu, segundo um costume antigo, toco somente a superfície dos temas, julgo não somente útil como oportuno estender-me em uma história um

⁴⁷⁸ *Leonidas*: rei de Esparta que comandou o exército grego na batalha das Termópilas em 480 a.C. Cf. *OCCL*.

⁴⁷⁹ *Cipiões*: Boccaccio deve estar se referindo aos Cipiões Africanos, jovem e velho. O Publius Cornelius Scipio Africanus Maior (236-183 a.C) conquistou a Espanha na segunda Guerra Púnica, e Publius Cornelius Scipio Aemilianus (185-129 a.C) foi importante líder militar e político de Roma. Cf. *OCCL*.

⁴⁸⁰ *Catões*: Marcus Porcius Cato, ou Catão, o velho, nasceu em 234 a.C. e morreu em 149. Foi uma importante figura em Roma, e escreveu *Origines* e *De re rustica*. Também há o “Catão de Útica” (95-46 a.C.), um estóico. Cf. *OCCL*.

⁴⁸¹ *Fabrícios*: Gaius Fabricius Luscinius, *novus homo* que foi duas vezes cônsul em Roma. Cf. *OCCL*.

⁴⁸² *Gracos*: dois irmãos romanos, Tiberius Sempronius Gracchus (c. 164-133 a.C.) e Gaius Sempronius Gracchus (121 a.C.), filhos de Tiberius Sempronius Gracchus, o censor. Cf. *OCCL*.

⁴⁸³ *Versipellem*: lit. “o que troca a pele”.

⁴⁸⁴ *Aníbal* (247-183/2 a.C.) foi o maior líder dos cartaginenses contra Roma na segunda Guerra Púnica. Cf. *OCCL*.

⁴⁸⁵ *Jugurta*: neto ilegítimo de Masinissa, rei da Numídia, e inimigo de Roma. Cf. *OCCL*.

⁴⁸⁶ *Sila* (c. 138-78 a.C.), general romano e líder dos *optimates* contra os *populares* na guerra civil romana. Cf. *OCCL*.

⁴⁸⁷ *Mário*: (c.157-86 a.C.) tribuno da *plebs* em 119, lutou contra Sila na guerra civil romana. Cf. *OCCL*.

⁴⁸⁸ *Crasso*: (115-56 a.C.) *Marcus Licinius Crassus*, o homem mais rico de Roma. Cf. *OCCL*.

⁴⁸⁹ *Aculeos*: o substantivo *aculeus* pode significar “agulhão”, “ferrão”, “espinho” ou, figurativamente, “dor pungente”, “remorso”. Cf. *OLD*, sentido 3, e dicionário Torrinha.

⁴⁹⁰ *Delectationi...utilitas*: sobre o deleite e a utilidade como aspectos retóricos e sua presença no gênero biográfico, cf. considerações no Capítulo II do estudo introdutório.

pouquinho mais longa⁴⁹¹ do que o que pude tomar conhecimento a partir de fonte fidedigna.⁴⁹² Dessa forma, penso que as ações das personagens não de agradar não menos ainda às mulheres do que aos homens; além disso, visto que em sua maioria ignoram a história, elas têm necessidade de uma exposição mais minuciosa, com a qual se divertem.⁴⁹³

(9) Todavia, que eu não omita: foi de meu parecer não misturar a quase todas estas pagãs nenhuma dentre as sacras mulheres hebraicas ou cristãs - sendo uma exceção nossa primeira mãe, Eva⁴⁹⁴. Isso porque os dois grupos não me parecem, na verdade, combinar satisfatoriamente, nem proceder de modo equivalente⁴⁹⁵. (10) Isso porque mulheres da história sagrada, tomando como modelo⁴⁹⁶ tanto as ordens como as pegadas⁴⁹⁷ do sacrossanto Preceptor, obrigaram-se a uma tolerância por muitas vezes quase adversa ao que é humano, por almejar a eterna e verdadeira glória. A tal ponto as mulheres pagãs chegaram por diversos meios: quer por certo dom da natureza ou instinto; quer, antes, impelidas por desejo ardente de momentâneo fulgor (porém não sem se valer da robustez de uma mente aguda); ou ainda sob o impulso de uma premente fortuna, enfrentando não poucas vezes circunstâncias gravíssimas. (11) Além disso, as cristãs, cintilantes de verdadeira e incessante luz, não só são famosíssimas⁴⁹⁸ e vivem em merecida eternidade, como também já delas conhecemos sua virgindade, castidade, santidade e virtude, bem como sua invicta perseverança⁴⁹⁹ em superar tanto a concupiscência da carne quanto o suplício dos tiranos; sabemos ainda que todas essas qualidades foram descritas em obras individuais, segundo exigem os méritos delas

⁴⁹¹ *Longiusculam*: lit. o adjetivo está no diminutivo (uma história “mais longuinha”).

⁴⁹² *Ex quibus a fide dignis cognovisse*: sobre o modo como Boccaccio lida com as fontes que conseguirmos detectar, trataremos na próxima etapa do estudo.

⁴⁹³ *Letantur*: aqui por *laetantur*, do verbo *laetari* “alegrar-se”; não confundir com a passiva de *letare* (“matar”).

⁴⁹⁴ Como lembra Zaccaria, além de Eva, constam Nicaula, Atalia e Marianne, todas presentes em livros do Antigo testamento. O estudioso supõe que Boccaccio não as consideraria a partir das escrituras sagradas e sim de outras fontes. Cf. Zaccaria (p. 483, nota 9).

⁴⁹⁵ *Nec equo incedere videntur gradu*: lit. “Não parecem andar com passo igual”, a expressão de Boccaccio guarda a metáfora da vida como caminho. Zaccaria (p.27) verte “mi sembra (...) ne procedano con passo eguale”; Brown (p.13) :“they appear to proceed in different ways”.

⁴⁹⁶ *Imitantes*: literalmente “imitando”.

⁴⁹⁷ *Vestigia*: “pegadas”, “passos”, i. e. o exemplo, Boccaccio desenvolve a metáfora de vida como caminho.

⁴⁹⁸ *Clarissimas*: lit. “claríssimas”; nossa opção por traduzir *clara* por “famosa” (por exemplo, no título) aqui obscurece a bela metáfora da luz representando fama nesta passagem.

⁴⁹⁹ *Constantiam*: lit. “constância”.

mesmas, por homens devotos e eminentes na sagrada literatura e em sua venerável grandeza. Por sua vez, quanto aos méritos das mulheres pagãs, como se disse, nenhum deles foi publicado em volume específico, nem foram por ninguém demonstrados; esses é que pretendemos descrever, como que dispostos a conceder um prêmio justo. Que Deus, ele que é pai de todas as coisas, assista a esta obra devota, e permita, como protetor do trabalho que assumi, que tudo que eu venha a escrever o seja em seu verdadeiro louvor.

I. Sobre Eva, a mãe primeira⁵⁰⁰

(1) Pretendendo, pois, escrever sobre aqueles fulgores por meio dos quais mulheres insignes se tornaram famosas, não há de parecer inapropriado se o lugar do exórdio for ocupado pela mãe: já que ela, a mãe mais antiga, foi, como primeira, insigne por magníficos esplendores. (2) Com efeito, foi criada, não neste infeliz vale de misérias, no qual nós, o restante dos mortais, nascemos destinados à labuta; tampouco foi forjada pelo mesmo martelo ou bigorna, nem veio à vida chorando, lamentando o erro de nascer⁵⁰¹, ou débil, à maneira dos restantes. Ao contrário: ela nasceu de um modo inaudito a qualquer outro: tendo o excelente Criador com suas próprias mãos formado Adão a partir da lama da terra e o transferido do campo (mais tarde nomeado Damasceno) ao jardim das delícias, e nele incutido um sono brando, por meio de um artifício somente d'Ele conhecido, enquanto Adão dormia, produziu a partir de seu flanco a mulher⁵⁰². Adulta, madura para um marido⁵⁰³, e felicíssima pela amenidade do lugar e pela visão de seu Criador, imortal e senhora de todas as coisas e companheira do homem, já desperto, também por ele mesmo foi nomeada Eva.

⁵⁰⁰ Outras obras de Boccaccio em que a personagem aparece, segundo a edição de Zaccaria (p.483, n, 1) são: *Amorosa Visione*, XLIII 58; *Esposizioni Dante*, IV, esp.litt. 42-45; *De Casibus*, I 1; *Genealogia*, III 20.

⁵⁰¹ *Nascendi crime*: Brown traduz “original sin”, o “pecado original”; Zaccaria “la colpa di nascere”.

⁵⁰² *Eduxit eandem*: lit. “produziu uma (mulher) igual”. Brown: “brought forth a woman”; “ne trasse dal flanco la donna”.

⁵⁰³ *Matura viro*: preferimos uma tradução mais literal, ao passo que Brown e Zaccaria dão o sentido de “madura para o casamento”.

(3) O que de maior e o que de mais esplêndido alguma vez poderia ter acontecido a alguém ao nascer⁵⁰⁴? (4) Além disso, podemos julgá-la admirável pela beleza física. De fato, o que há do que foi feito pelo dedo de Deus que não ultrapasse em formosura os restantes? Mas a beleza pode vir a perecer com o avanço dos anos, ou a decair em meio à flor da idade por um pequeno ataque de doença: ainda assim, uma vez que as mulheres a enumeram entre as suas principais qualidades, e que já muito da glória foi consequência da beleza (devido ao julgamento confuso dos mortais), esta qualidade não somente foi colocada aqui entre os motivos de fama das mulheres como também o deverá ser nas histórias seguintes, e de modo não superficial, mas como o principal fulgor feminino.

(5) Ela, além disso, por um direito tanto de origem quanto de residência, tornou-se cidadã do paraíso e coberta por um esplendor a nós desconhecido, enquanto desfrutava avidamente das delícias do lugar com seu marido, o invejoso inimigo de sua felicidade introduziu, por meio de nefasta persuasão, no espírito de tal mulher crimes abomináveis: se contrariasse a única lei a ela imposta por Deus, ela alcançaria uma glória ainda maior. (6) Eva, em sua leviandade feminina, acredita no inimigo mais do que teria sido conveniente a ela e a nós, julgando, de modo estúpido, que subiria às mais altas posições. Antes de outra coisa, por meio de sugestão suave, arrastou para sua resolução o flexível marido. E enquanto, agindo contra a lei, ambos degustavam os frutos da árvore do bem e do mal, por causa de uma imprudente ousadia, eles mesmos e toda a sua espécie vindoura são levados da tranqüilidade e eternidade para labutas angustiantes e infeliz morte, da agradável pátria para o meio de espinheiros, glebas e rochas. (7) De fato, uma vez que a luz brilhante em que andavam envoltos os abandonara, afastando-se do lugar das delícias expulsos e exilados, cobertos de folhas⁵⁰⁵, repreendidos por seu Criador transtornado, chegaram aos campos do Hébron. (8) Ali, a egrégia mulher, famosa por tais atos, enquanto seu marido lavrava a terra o solo com a enxada, tendo sido (conforme não poucos acreditam) a primeira a inventar a arte de fiar com a roca, experimentou muitas vezes as dores do parto; com que angústias

⁵⁰⁴ *Nascenti*: lit. “a alguém que nasce”; como Brown interpretamos mais ao pé da letra: “to someone at birth”, cf. Zaccaria “a creatura”.

⁵⁰⁵ *Perizomatibus cincti*: Brown traduz “covered by a girdle of leaves”; “e ricoperti di sole foglie di alberi” (Zaccaria).

angustiou-se⁵⁰⁶ seu espírito diante da morte dos filhos e netos: suportou tudo isso de forma igualmente infeliz; e assim, que eu omita os frios e calores, e o restante dos incômodos, exausta da labuta, destinada a morrer, alcançou a velhice.

II. Sobre Semíramis, rainha dos Assírios⁵⁰⁷

(1) Semíramis foi uma insigne e antiqüíssima rainha dos Assírios; porém a distância no tempo apagou a origem de seus pais; exceto o fabuloso⁵⁰⁸, que apraz aos antigos. Esses afirmam que ela era filha de Netuno, que, por errônea credulidade, afirmavam filho de Saturno e deus dos mares. (2) Ainda que não convenha acreditar nisso, o argumento⁵⁰⁹, contudo, é de que ela foi gerada por pais nobres. Ela certamente casou-se com Nino, egrégio rei dos Assírios, e dele gerou um único filho, Nínio. (3) Subjugada toda a Ásia, e por último, os Bactros, Nino foi morto pelo golpe de uma flecha numa época em que Semíramis era uma juvenzinha, e o filho, um menino. Não julgando ser de forma alguma seguro confiar⁵¹⁰ as rédeas de tão grande império do oriente⁵¹¹ a uma criança em tão tenra idade, essa mulher teve espírito tão grande que, as nações que um homem feroz subjugara com armas e reprimira com violência, ela ousou assumir para serem governadas com arte e engenho. (4) Com efeito, por meio de certa astúcia feminina, tendo elaborado um grande estratagema, enganou os exércitos do falecido esposo. Semíramis era – e o estranhamento não causa admiração – muito parecida ao filho no que diz respeito à feição do rosto: ambos eram imberbes, a voz feminina não era diferente da de um menino naquela idade; e quanto ao porte físico, em nada, ou em muito pouco, ela diferia de seu filho em estatura (era apenas, quando

⁵⁰⁶ *Angustiis angetur*: mais uma vez Boccaccio usa enfaticamente termos de mesma família etimológica.

⁵⁰⁷ Cf. Zaccaria (p.484.): *Filocolo*, III 35, 3; *Chiose a Teseida*, VII 50; *Amorosa Visione*, VII 35; *Comedia Ninfe*, XV 12; *Fiammetta*, V 27, 6 e 30, 25; *Esposizionii Dante*, V, esp. litt., 51-64; *De Casibus*, I 3.

⁵⁰⁸ *Fabulosum*: a tendência ao evemerismo em Boccaccio. Sabe-se que a teoria evemerista é exposta por Cícero no *De natura Deorum* (2, 24-25), no *De divinatione* (2,37) e nas *Etymologiae* (7,11) de Isidoro de Sevilha. Ver nota abaixo a *argumentum*.

⁵⁰⁹ *Argumentum*: note-se que este termo se opõe aqui a *fabulosum*. Boccaccio aponta para uma tática de interpretação dos mitos que narra: o cerne da questão, a idéia central a ser extraída da *fabula*, da credulidade errante.

⁵¹⁰ *Commictere* por *commitere*.

⁵¹¹ *Tam grandis et orientis imperii*: lit. “de tão grande e oriental império”.

muito, um pouquinho maior)⁵¹². (5) Com a ajuda de tudo isso, para evitar que, durante o processo, algo pudesse revelar a fraude, cobriu a cabeça com uma tiara, tendo ocultados os braços e pernas com um véu; e, uma vez que até então isso fosse novo para os assírios, fez com que todo o povo usasse um traje semelhante, para que a novidade dos trajes não causasse surpresa nos vizinhos⁵¹³. (6) E, assim, a outrora esposa de Nino simulando ser o próprio filho, essa mulher fingindo ser menino, alcançou com admirável diligência a majestade real, a conservou junto com a disciplina militar, e, tendo mentido sobre seu sexo, produziu muitas grandes e egrégias façanhas dignas de vigorosíssimos homens. (7) E, sem se poupar de nenhum trabalho ou se amedrontar por perigo algum, no momento em que, por meio de feitos inauditos, superou todo ódio, não temeu mostrar a todos quem era, ou mesmo o que havia simulado por meio de artimanha feminina; como se quisesse revelar que não é o sexo, mas o ânimo, o que é adequado ao comando. (8) Tal fato tanto encheu de admiração àqueles que a observavam, quanto aumentou a ínclita majestade da mulher. E, para trazermos um pouco mais extensamente seus feitos a público, depois do insigne fingimento, tomadas as armas com ânimo viril, ela não só protegeu o império que seu marido granjeara, como também àquele anexou a Etiópia, que foi por Semíramis vencida em acerba e violenta guerra. E desde então voltou veementes exércitos contra a Índia⁵¹⁴, da qual, com exceção do marido, ninguém ainda se aproximara. Além do mais, restaurou a Babilônia, antiqüíssima obra de Nenrod⁵¹⁵ e naquela época uma enorme cidade nos campos de Senar, e cercou com muros de barro cozido cimentados com areia, abeto e betume, admiráveis por sua altura, espessura⁵¹⁶, bem como por seu longuíssimo perímetro. (9) E, destacando a vastidão de seus feitos, mencionemos apenas um digníssimo de ser lembrado, e de cuja factualidade se assevera com extrema certeza⁵¹⁷. Num certo dia, em tempo de paz, estando tranqüila em ócio, rodeada por suas criadas,

⁵¹² *Grandiuscula*: lit. “grandezinha”.

⁵¹³ *Accolis*: segundo o *OLD*, designa “vizinho” ou “habitante”. Brown (p. 19) e Zaccaria (p.33) traduzem “conterrâneos” e “súditos”, respectivamente: “to prevent any wonder on her *contrymen’s* part...”; “affinché la novità della moda non ingenerasse qualche sospetto nei *sudditi*”.

⁵¹⁴ *Yndos* por *Indos* acusativo pl. de *Indus*, habitante da Índia.

⁵¹⁵ Cf. Brown, “Nimrod”; e Zaccaria, “Nembrot”. Encontramos registrado na Bíblia, *Gen.* 10:10, e é mencionado como sendo bisneto de Noé.

⁵¹⁶ *Grossitie*: o termo não se encontra no *OLD*.

⁵¹⁷ Cf. Zaccaria (p. 485, nota 11): Valério Máximo, *Factorum et dictorum memorabilium*, IX 3, *Ext.* 4.

com habilidade feminina dividia os cabelos, à moda de sua pátria, penteando-o em tranças⁵¹⁸, quando, ainda não se havia terminado o penteado, aconteceu que a ela anunciaram oralmente que a Babilônia havia caído nas mãos de seu enteado. (10) Ela recebeu o fato com tanto pesar que, arremessado para longe o pente, irada, imediatamente levantando-se do ofício feminino, tomou as armas, liderando as tropas militares, tomou a válida cidade. E não recompôs a parte dos cabelos desordenados que sobravam antes de forçar à rendição a poderosíssima cidade enfraquecida por longo cerco, e de reconduzir por meio das armas os inimigos a seu domínio. (11) Durante muito tempo, uma enorme estátua feita de bronze e erguida na Babilônia representou o testemunho deste feito tão corajoso, ostentando a mulher com cabelos desengrenhados de um lado, e de outro penteados em tranças. (12) Além disso, ela fundou muitas novas cidades e realizou enormes obras, as quais, por serem muito antigas, um longo período de tempo absorveu de tal forma que, no que concerne a seu louvor, quase nada, com exceção do que foi mencionado, foi trazido⁵¹⁹ até nós.

(13) De resto, todas essas coisas, admiráveis num homem valente (quanto mais numa mulher), e louváveis e dignas de ser celebradas em perpétua memória, uma única obscena mulher manchou com a depravação. Com efeito, uma vez que essa infeliz, entre outras, era inflamada como que por uma incessante compulsão libidinosa, acredita-se que se deitou com muitos; e entre os perversos – o que é antes bestial que humano – enumera-se Nínio, filho de Semíramis, um jovem de notabilíssima beleza, que, desde que mudara de sexo com a mãe, ficava nos aposentos internos da casa⁵²⁰ debilitado pelo ócio, enquanto ela se esforçava nas armas perante os inimigos.

(14) Ó feito criminoso! Que eu omita os tempos de paz⁵²¹, entre as preocupações angustiantes dos reis, entre os combates sangrentos e, (o que é semelhante a uma desgraça) entre lágrimas e exílios, este flagelo, sem distinguir o tempo, voa ocupando imperceptivelmente as mentes incautas e, arrastando-as para o abismo, mancha todo

⁵¹⁸ *In tricas*: o *OLD* aponta para *tricae* (*pluralia tantum*) o significado de “dificuldades, complicações” (sentido 1); “nonsense” (sentido 2). Não se encontrou nos dicionários de latim clássico *tricae* com sentido de “tranças”. O *Revised Medieval Latin* nos diz que o primeiro registro do termo com esta acepção data de 1290. Zaccaria (p.35) traduz a passagem: “racclglieva i capelli in treccia”; Brown (p.21) “she was plaiting into braids”.

⁵¹⁹ Sobre o uso de indicativo no lugar do subjuntivo em orações consecutivas como essa, cf. Zaccaria (p.485, nota 12).

⁵²⁰ *In thalamis*: literalmente “nos quartos de dormir”, “nos leitos”.

⁵²¹ Brown (p. 22): “not to mention in times of peace”.

decoro com torpe estigma. (15) Semíramis foi maculada por esta peste, e enquanto pensa em destruir com astúcia o que a lascívia deturpara, afirmam que ela instituiu uma insigne lei, com que se facultava aos súditos que fizessem o quanto lhes aprouvesse no que diz respeito aos prazeres venéreos. E, temendo ser defraudada do concúbito do filho pelas mulheres da casa – segundo pensam alguns –, foi a primeira a inventar o uso dos cintos de castidade⁵²², tendo-os vestido em todas as mulheres da corte e trancado-os à chave: costume que, segundo se conta, é observado entre egípcios e africanos. (16) Porém outros escrevem que, tendo ela caído em desejo pelo filho, e, instigando a que ele, já em idade avançada, viesse a seus carinhos, foi morta por ele mesmo na época em que já havia reinado por trinta e dois anos. (17) Disso, discordam outros, dizendo que ela costumava misturar a cólera à libido, e a sempre ordenar, depois do coito, que fossem mortos aqueles que tivesse chamado para satisfazer seu desejo libidinoso, tudo isso a fim de que ocultado fosse o crime. Mas dizem ainda que ela, tendo por vezes dado à luz filhos - revelou seus adultérios por meio dos partos; e, para justificá-los é que foi promulgada a tal egrégia lei, mencionada um pouco antes. (18) Ainda que, ao que parece, Semíramis tenha escondido⁵²³ um pouco seu crime indecoroso, não pôde apagar a indignação do filho; não pôde impedir que, impelido pela ira, este matasse a sedutora rainha: ou porque suportasse menos tranquilamente ver que o que julgava ser um incesto só seu era dividido com outros, ou porque tomasse como uma vergonha para si a luxúria da mãe, ou talvez porque temesse quanto à sucessão do império a prole que estava para nascer.

III. De Ópis, esposa de Saturno⁵²⁴

(1) Ópis ou Ope, ou ainda Reia, teve, se acreditamos nos antigos⁵²⁵, nítida fama⁵²⁶ tanto nas épocas de prosperidade quanto nas de muitas adversidades. Com efeito, ela era filha de Urano, um homem poderosíssimo entre os até então rudes gregos,

⁵²² *Femoralium*: o termo não se registra no *OLD*. Brown traduz como “cinto de castidade”: “she became the original inventor of the chastity belt” (p. 23); Zaccaria: “l’uso de bracche”.

⁵²³ Boccaccio usa *contegisse* no lugar de *contexisse*.

⁵²⁴ Cf. Zaccaria (p.486): *Esposizioni Dante*, XIV, esp. *litt.*, 67; *Genealogia*, IX 1.

⁵²⁵ Cf. Zaccaria (p. 486, nota 1): Lactâncio, *Divinarum Institutionum*, I 13, 2; Sérvio, *In Aeneida*, XI 532; Santo Agostinho, *De civitate Dei*, VII 24.

⁵²⁶ *Claritate emicuit*: sobre o termo *claritas*, cf. discussão no estudo introdutório, seção 1.3.1.

e de sua esposa Vesta. (2) Sendo ao mesmo tempo irmã e esposa do rei Saturno, ela não se teria tornado egrégia por feito algum (de acordo com o que até nós chegou) se não fosse sua astúcia feminina, com a qual salvou os filhos Júpiter, Netuno e Plutão da morte compactuada por Saturno e o irmão Titã. (3) Visto que esses homens, pela ignorância e até loucura dos homens daquela época, granjearam a fama⁵²⁷ de serem importantes divindades⁵²⁸, Ópis chegou não só a ser condecorada como rainha, mas ainda por erro dos mortais, foi tida por deusa insigne e mãe dos deuses: a ela foram dedicados, por decreto público⁵²⁹, templos, sacerdotes e rituais sagrados. E esse enorme mal aumentou a tal ponto que, estando os romanos a padecer durante a Segunda Guerra Púnica⁵³⁰, homens da ordem consular foram enviados para pedir auxílio a Átalo, rei de Pérgamo, dele demandando, por meio de súplicas, uma imagem de Ópis e os ritos sagrados. Da cidade Pesinunte⁵³¹ da Ásia, uma rocha quase disforme foi tomada, levada a Roma com cuidado, recebida com alta reverência. Por fim, colocada a rocha em um templo insigne, tal qual um nume sublime e salutar à República, por muitos séculos foi cultuado em diversas cerimônias entre os romanos e ítalos.

(4) Certamente tem-se um admirável ludíbrio da Fortuna, ou antes a cegueira dos homens, ou, preferimos dizer, uma fraude e uma armadilha dos demônios, por obra dos quais ocorreu que uma mulher, perturbada por longos sofrimentos, veio por fim a morrer velha, tornada em cinza e condenada às regiões infernais, fosse tomada por deusa e por tão grande período de tempo honrada em quase todo o universo terrestre por meio de reverências divinas.

IV. Sobre Juno, deusa dos reinos⁵³²

(1) Juno, filha de Saturno e Ópis, devido ao canto dos poetas e erros dos pagãos, fez-se, entre as demais corrompidas pelo flagelo do paganismo, a mulher mais ilustre

⁵²⁷ *In claritatem... evadissent:* ou “chegaram à fama de ...”.

⁵²⁸ Mais um mito em que se mostra o evemerismo de Boccaccio, que aponta como causa para a divinização de supostos homens a ignorância dos homens antigos gregos, cf. também o último parágrafo dessa história.

⁵²⁹ *Instituto publico, constituta:* nota-se aqui o enfático emprego consecutivo de termos de mesma raiz.

⁵³⁰ *Secundo bello punico:* as datas da Segunda Guerra Púnica são: 218- 201 a.C. Cf. *OCCL*.

⁵³¹ *Pessinunte:* segundo o dicionário Torrinha, a cidade *Pessinus* (gen. *Pessinuntis*) como “Pessinunte”, uma cidade da Galácia.

⁵³² Cf. Zaccaria (p. 487): *Amorosa Visione*, XVIII 5; *Genealogia*, IX 1.

em todo o mundo. Dessa forma, os dentes silenciosos do tempo, que corroem todas as coisas, não lograram consumir até agora sua obra infame, de modo que seu nome chegou extremamente notório mesmo até nossa época. Mas na verdade, de Juno, podemos antes mencionar sua boa sorte, do que referirmo-nos a alguma obra cuja narração seja memorável. (2) De fato, ela foi gerada no mesmo parto com Júpiter (o cretense que os antigos, enganados, representavam como deus do céu), e na infância transportada para Samos, onde foi educada até a puberdade, sempre com diligência, tendo finalmente se casado com o irmão Júpiter – o que, por muitos séculos, uma estátua dela mesma num templo em Samos, testemunhou. (3) Na verdade, os habitantes de Samos estimavam que conferiria não módica glória – não só a si mesmos, como também a seus descendentes – o fato de que em seu próprio país fora criada e desposada Juno, a quem consideravam rainha do céu e deusa. Assim, para que essa lembrança não se perdesse facilmente, construíram o maior e mais admirável templo do mundo, e não somente o dedicaram à sua divindade, como também dela mandaram esculpir uma estátua em mármore de Paros, que a representava coberta com um traje de virgem nubente, colocando-a diante de seu templo.

(4) Finalmente, casada com um grande rei, na medida em que o progressivo crescimento do império e reputação de Júpiter espalhava larga e amplamente o nome dele, ela própria alcançou não módico esplendor. (5) Sem dúvida, depois que, devido a ficções poéticas e insana indulgência dos antigos, ela se tornou rainha do céu, colocaram tal mulher (que era uma rainha mortal) à frente do reino do Olimpo e de muitas riquezas, nem lhe deixaram de atribuir as leis conjugais e o auxílio às parturientes; além de muitas outras coisas das quais muito antes se deveria rir a confiar-lhes qualquer credibilidade. (6) Por isso, devido à persuasão lograda pelo inimigo do gênero humano⁵³³, foram construídos para ela muitos templos e altares por toda parte, e foram instituídos sacerdotes, jogos e sacrifícios, como era costume entre os antigos. E, para silenciarmos sobre o restante, depois de Samos, foi honrada por muito tempo com célebre veneração pelo povo argivo da Acaia⁵³⁴ e pelos Cartagineses. Por fim, tendo sido levada de Veios para Roma, foi colocada no Capitólio e no templo de Júpiter

⁵³³ Na tradução de Zaccaria (p. 45), diz-se o seguinte: “Cosi, per consiglio del demonio...” ; Brown é mais literal: “through the persuasion of the Enemy of humankind”.

⁵³⁴ *Achaye* por *Achaiae*: a região da *Achaia*, “Acaia” em português, situa-se ao norte do Peloponeso. A referência pode, metonimicamente, designar a Grécia. Cf. dicionário Torrinha.

Ótimo Máximo, sendo a ele unida de modo não diverso do que uma esposa a seu marido; e, sob o nome de rainha Juno, foi cultuada por muito tempo em diversas cerimônias pelos romanos, senhores de todo o mundo⁵³⁵, mesmo depois que na terra apareceu Deus em forma humana.⁵³⁶

V. Sobre Ceres, deusa dos cereais e rainha dos Sicilianos⁵³⁷

(1) Ceres, segundo defendem não poucos, foi antiquíssima rainha dos Sicilianos. Tamanho era seu engenho que, tendo inventado a cultura dos campos, foi a primeira entre os seus a domar bois e os habituar ao jugo. Tendo inventado o arado e a relha, por meio deles lavrou a terra para o trabalho e confiou aos sulcos as sementes; e quando elas, crescidas, deram fartíssima colheita, ensinou os homens, habituados a bolotas e frutos silvestres, a debulhar as espigas, a moer as sementes com as pedras, a produzir fermentos e a transformá-lo em alimento⁵³⁸. (2) Por causa desse seu mérito, embora fosse uma mulher mortal, julgaram que ela fosse a deusa dos cereais e, não somente a exaltaram por meio de honrarias divinas, como também a tinham como a filha de Saturno e Cibele⁵³⁹. (3) Além disso, dizem⁵⁴⁰ que tivera uma filha única com o irmão Júpiter, Prosérpina, a qual, tendo sido raptada por Orco, rei dos Molossos, causou extrema perturbação na mãe, e, segundo defendem, foi procurada por longo tempo, episódio a partir do qual se produziu pretexto para muitas fábulas. (4) Houve também uma outra Ceres em Elêusis, cidade da região Ática, famosa entre os seus pelos mesmos méritos, a quem, afirma-se Triptólemo estaria submisso⁵⁴¹. (5) Uma vez que a

⁵³⁵ *A Romanis, rerum dominis*: lit. “pelos romanos, senhores das coisas”. Agradecemos aqui a contribuição do Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos, que gentilmente nos lembrou que a passagem evoca a *Eneida* de Virgílio, I, 282: *rerum dominos*.

⁵³⁶ *Etiam... Deus homo*: “anche dopo che in terra compare il Cristo”; “even after the time of Christ” (Brown, p. 29).

⁵³⁷ Cf. Zaccaria (p. 487): *Comedia Ninfe*, XXVI 57; *Chiose al Teseida*, V 31, 1; *Esposizioni Dante*, III, esp. *litt.*, 59-61 e VI, especialmente., 9; *Genealogia*, III 4, VIII 4, X 62.

⁵³⁸ Cf. Zaccaria (p. 487, nota 1) sobre a invenção dos instrumentos agrícolas: Virgílio, *Georgicas*, I 147; Ovídio, *Fastorum*, I 401-404.

⁵³⁹ Cf. Zaccaria (p.487, nota 2): Ovídio, *Metamorfoses*, V 341 e *Fastorum*, VI 285.

⁵⁴⁰ Cf. Zaccaria (p.487, nota 3): Santo Agostinho, *De civitate Dei*, VII 20.

⁵⁴¹ Cf. Zaccaria (p. 488, nota 5): “Per la seconda Cerere cfr. Latanzio Placido (*In Statii Thebaida*, II 382) [...]”.

Antiguidade as elevou igualmente com honras divinas⁵⁴², pareceu-me ser suficiente referir-me ao engenho de ambas sob um só nome.

(6) Por Pólux! Não sei se elogio ou abomino o engenho delas. Pois quem condenaria o fato de terem sido direcionados para as cidades, vindos dos bosques, homens nômades e selvagens? Quem condenaria o fato de, vivendo ao modo das feras, os homens terem sido chamados para uma seara melhor? Quem condenaria, tendo sido trocadas as sementes por frutos, àqueles a quem são oferecidos corpos mais belos, membros mais vigorosos, e alimentos mais adequados para o uso humano? Quem condenaria transformar-se o orbe coberto de musgo, selvas e arbustos desgrenhados, em beleza, cultura e utilidade pública? Quem condenaria a transformação da época rústica em civilizada? O despertar do engenho de um estado de indolência para o de contemplação? Quem condenaria direcionarem-se a uma prática urbana ou rural as forças entorpecidas nas cavernas, e por meio delas ampliarem tantas cidades, fundando tantas novas, tantos impérios serem amplificados, a invenção e cultivo de tantos notáveis costumes? Tudo isso aconteceu após a descoberta e o conhecimento da arte da agricultura. (7) E, se tais coisas são por si mesmas bens (e penso que assim o são, segundo juízo da maioria, todas as coisas mencionadas), se alguém condenar tal arte, há de ser chamado de insensato.

(8) Mas, por outro lado, quem exaltaria a multidão disseminada, habitante das florestas, habituada às bolotas e frutos silvestres, ao leite ferino, às ervas e água corrente, tendo a mente livre de preocupações; contente apenas com a lei natural; sóbria, pudica sem conhecer o dolo, hostil tão somente às feras e aves, essa multidão que foi chamada para os alimentos mais tenros e desconhecidos? (9) Se não nos enganamos, discernimos que, por meio deles, abriu-se o caminho trilhado aos vícios, até então latentes e receosos de sair, e que foi oferecido a eles salvo conduto⁵⁴³.

(10) A partir daí os campos, até então comuns a todos, foram divididos por meio de limites e fossas, aumentam-se os encargos da agricultura e começaram a dividir os trabalhos entre os mortais; a partir daí, vêm a público os termos “meu” e “teu”, nomes verdadeiramente contrários à paz pública e privada; a partir daí a pobreza e a

⁵⁴² *Deitate et honoribus*: lit. “por meio de divindade e de honras”. Vemos aqui uma *hendíade*.

⁵⁴³ *Procedendi ...securitas*: lit. “a segurança de ir em frente”. Adotamos a solução de Brown (p. 33), “safe conduct”, cf. Zaccaria (p. 47), “fu assicurato il progresso ai vizi”.

escravidão, e ainda as disputas e o ódio, a carnificina e as guerras, e a inveja, instigando, sobrevoa em círculos.⁵⁴⁴ Esses males fizeram com que as foices curvadas, desde há pouco utilizadas na colheita, fossem transformadas em espadas agudas dirigidas contra o próprio sangue. (11) A partir deste momento, tendo sido sulcados os mares tornaram-se conhecidos o oriente para o ocidente, e, para o ocidente, o oriente⁵⁴⁵. Desde então vieram a moleza dos corpos, a engorda dos ventres, o ornamento das vestes, o desvelo na mesa, banquetes esplêndidos, o torpor e o ócio. E, para o máximo prejuízo do mundo, Vênus, que permanecera fria até aqueles dias, começou a aquecer-se; e, fato que talvez seja o pior, se as plantações prosperarem menos nas mesmas estações do ano, como acontece por ira do céu ou das guerras, sobrevém imediatamente a penúria na colheita e surge uma privação de alimentos mais duras do que a dos tempos primitivos, uma fome severa, nunca conhecida nas florestas, entra nos míseros casebres⁵⁴⁶ dos pobres, muitíssimas vezes não sem perigo aos ricos. (12) A partir deste momento nascem a magreza torpe e cansada, a palidez mortal e a debilidade das doenças (que avançam com o passo titubeante), e múltiplas causas de morte precipitada.

(13) Observadas essas coisas, junto com inúmeras outras, mal sei, ou na verdade sei, por que motivo aquele longínquo século de ouro, que foi, é verdade, grosseiro e rústico, é preferível a este nosso, de ferro, por mais ornamentado que seja⁵⁴⁷.

VI. Sobre Minerva⁵⁴⁸

(1) Minerva, ou também Palas, foi uma virgem distinta por tamanha fama que os insensatos homens pensaram que sua origem não era mortal. Dizem, na verdade, que ela teria sido pela primeira vez vista e conhecida na superfície da terra no tempo do rei Ógiges, perto do lago Tritão, não longe do golfo da Sirte Menor⁵⁴⁹. E, porque com o

⁵⁴⁴ “allora l’invidia, ovunque distruggendo, cominciò a diffondersi.” (Zaccaria, p. 47); “Hence arose poverty and servitude, as well as quarrels, hatred, cruel wars, and burning envy that spreads as swift as flight.” (Brown, p.33).

⁵⁴⁵ *Occiduis eoa et eois occidua*: tentamos manter a estrutura quiástica na tradução.

⁵⁴⁶ *Gurgustiolos*: diminutivo de *gurgustium*, “casebre”, cf. *OLD*.

⁵⁴⁷ Sobre a invenção dos instrumentos de agricultura: Virgílio, *Geórgicas* I 147; Ovídio *Fastos* I 401.04; sobre Ceres: *Metamorfoses*, V 341 e *Fastos* VI 285.

⁵⁴⁸ Cf. Zaccaria (p.488): *Chiose al Teseida*, XI 60, 8 e 61; *Comedia Ninfe*, XXVI 62; *Genealogia*, II 3, V 48.

⁵⁴⁹ *Sinu Syrtium minori*: Trata-se de um golfo perto de Cartago. Cf. Torrinha.

passar do tempo a viam fazendo muitas coisas antes não vistas⁵⁵⁰, acreditava-se⁵⁵¹ (não somente entre os rudes africanos, mas mesmo entre os gregos, povo que naquela época superava os restantes em inteligência), que ela teria sido gerada do cérebro de Júpiter, sem uma mãe, e que teria caído do céu. (2) A este ridículo erro, tanto mais crédito lhe foi dado, quanto mais oculta era a origem de Minerva. Disseram⁵⁵² que ela distinguiu-se das outras por uma virgindade perpétua; e, a fim de obter mais crédito para a história, inventaram que Vulcano, deus do fogo, isto é, o ardor da concupiscência da carne, por muito tempo com ela lutou e foi vencido. (3) Dizem⁵⁵³, além disso, que fora dela a descoberta do lanifício, outrora totalmente desconhecido a todos. Com efeito, tendo mostrado a maneira pela qual a lã é purificada dos excessos, e, amaciada por meio de dentes férreos, era posta na roca e, finalmente, levada pelos dedos à forma de fio, ela criou o ofício da tecelagem e através dele ensinou o modo pelo qual os fios seriam sucessivamente entrelaçados: ao se puxar o fio com o pente, unidos e, com o calcanhar, compactados num tecido. (4) Em elogio a seu trabalho, menciona-se aquela insigne rixa entre ela e Aracne de Colofón⁵⁵⁴. Além disso, ela descobriu o uso do azeite, por toda parte inaudito aos mortais, e ensinou os áticos a moer as azeitonas⁵⁵⁵ com o moinho e os esmagar com mós de lagar azeite. E, porque isso teria parecido de grande utilidade, acredita-se que a ela se atribuiu a vitória contra Netuno, ao se nomear Atenas a partir dela⁵⁵⁶. (5) Sustenta-se ainda que, já que fora a primeira a descobrir o uso da quadriga, também foi sua obra ensinar a técnica da fabricação de armas,, a cobrir o corpo com elas, a perfilar os homens de um exército de guerra e a instruir todas as regras aos que partem para a batalha. (6) Dizem, ademais, que ela inventou os números e os arranjou na ordem que até os dias de hoje conservamos. Além disso, acreditavam que ela foi a primeira que inventou as flautas ou “fístulas pastorais” feitas do osso da perna de

⁵⁵⁰ *Vidissent ante non visa*: buscamos reproduzir a enfática (aqui com efeito antitético) reiteração consecutiva do mesmo verbo.

⁵⁵¹ Cf. Zaccaria (p.488, nota 2): Agostinho, *De civitate Dei*, XVIII 8; Lactânio, *Divinarum Institutionum*, I 18; Eusébio Girolamo, 30 22.

⁵⁵² Cf. Zaccaria (p.488, nota 3): Lucano, *Pharsalia*, IX 350; Claudiano, *De laude Stilichonis*, III 226.

⁵⁵³ Cf. Zaccaria (p. 488, nota 4): Lactânio, *Divinarum Institutionum*, I 17, 12.

⁵⁵⁴ Cf. as fontes mencionadas por Zaccaria (p. 488, nota 5) para esta passagem: Ovídio, *Metamorfoses*, VI 23, e o próprio capítulo sobre Aracne, escrito por Boccaccio (XVIII).

⁵⁵⁵ *Bacchas* por *baccas*: *bacca* pode designar “noz”, “fruto” (*OLD*, sentido 1a), ou, mais especificamente, o fruto da oliveira (*OLD* 1b).

⁵⁵⁶ Cf. as fontes mencionadas por Zaccaria (p.488, n, 6) para esta passagem: Eusebio Girolamo, 42, II; Santo Agostinho, *De Civitate Dei*, XVIII 9.

algumas aves, ou, de preferência, do cálamo dos pântanos, e que ela expulsou tais instrumentos do céu para a terra, porque tornavam a garganta de quem soprasse inchada e o rosto disforme⁵⁵⁷.

(7) Para quê dizer mais? Mediante tamanhas descobertas, a Antiguidade, provedora pródiga da divindade, atribuiu a Minerva o nume da sabedoria. Por este motivo os atenienses foram nomeados a partir dela; e uma vez que a cidade era vista como adequada aos estudos pelos quais cada um se torna prudente e sensato, tomaram-na como deusa tutelar e a ela dedicaram sua cidadela e, tendo construído um enorme templo e consagrado à sua divindade, retrataram-na neste mesmo lugar com olhos severos⁵⁵⁸ (porque raramente se consegue identificar o propósito das intenções dos sábios)⁵⁵⁹; coberta com um capacete (querendo dar a entender com isso que os conselhos dos sábios são proteções e armaduras); vestida com uma couraça (já que que o sábio está sempre armado contra quaisquer golpes da fortuna); munida com uma longuíssima lança (para que se compreenda que o homem sábio crava suas farpas⁵⁶⁰ em lugares longínquos); e, além disso, protegida por um escudo de cristal⁵⁶¹, e nele estava gravado uma cabeça de Medusa: pretendiam com isso dizer que, ao sábio, toda aparência é transparente⁵⁶², e que, estando os atenienses sempre munidos por tamanha astúcia serpentina, aos olhos deles os ignorantes pareceriam pedras. E colocaram a coruja em sua tutela, afirmando que os prudentes vêem nas trevas assim como na luz.

(8) Enfim, a tal ponto espalhou-se a reputação dessa mulher e a reverência de seu nume larga e amplamente, e o erro dos antigos a favoreceu de tal maneira, que, por quase todo o universo, em sua honra eram construídos templos e celebrados rituais. E ela se elevou a tal ponto que no Capitólio uma cela lhe foi dedicada, perto de Júpiter Ótimo Máximo:

⁵⁵⁷ *Flantis*: embora o texto latino não indica que se trate necessariamente de Minerva a soprar, na tradução de Brown (p. 37), a boca e garganta de Minerva que ficaram deformadas: “supposedly she threw them down from heaven because they swelled her throat and deformed her face as she was playing them.” A mesma interpretação em Zaccaria (p. 51): “e che poi vedendosi, quando suonava, gonfio e deforme il viso, li avesse gettati dal cielo”.

⁵⁵⁸ *Oculis torvam*: o adjetivo *torvus*, de *torquere*, “torcer”, sugere também o olhar “de esguelha” (cf. *OLD*, sentido 1 e 2), “oblíquo”, tomado como severo, ameaçador.

⁵⁵⁹ *Tendat intentum*: mais uma ocorrência enfática de termos de mesma raiz dispostos consecutivamente.

⁵⁶⁰ *Spicula*: lit. “ferro farpado duma flecha ou lança”, “ponta dum dardo” (*OLD*, sentidos 1 e 2).

⁵⁶¹ *Cristallino* por *Chrystallino*.

⁵⁶² *Lucida...tegmenta*: “che ogni allegoria è chiara al sapiente” (Zaccaria, p. 51); “that all disguises are transparent to the wise man”. (Brown, p. 39).

e entre os mais poderosos deuses dos Romanos, foi tida como deusa, no mesmo patamar da rainha Juno.

(9) Contudo, há não poucos homens seriíssimos⁵⁶³ que asseveram a existência não de uma única Minerva, mas a descoberta de muitas que seriam nomeadas assim. Com isso, eu de boa vontade assentiria, pois tornaria maior o número de mulheres famosas.

VII. Sobre Vênus, rainha dos Cíprios⁵⁶⁴

(1) Na opinião de certas pessoas, Vênus era uma mulher cipriana; porém há divergências da parte de alguns a respeito de quem eram seus progenitores⁵⁶⁵. De fato, alguns afirmam que ela era filha de um certo Ciro e de Síria, mas outros que era de Ciro e Dione, uma mulher cipriana⁵⁶⁶. Alguns (penso que para louvar a fama de sua beleza) afirmam que ela nasceu de Júpiter e da já mencionada Dione. (2) De toda forma, julgo que, qualquer que seja o pai de quem tenha sido gerada, Vênus deve ser descrita entre mulheres famosas mais por sua ilustre beleza do que por alguma invenção indecorosa. (3) Isso porque, tanto brilho emanava do decoro de sua face e da beleza de todo seu corpo, que muitas vezes levava ao erro a credulidade dos que a contemplavam.⁵⁶⁷ Com efeito, alguns diziam que ela era a estrela celeste que chamamos de Vênus; outros, que ela era uma mulher celeste que, do colo de Júpiter, caíra na terra. (4) E, em suma, todos, ofuscados por hedionda escuridão, defendiam que era uma deusa imortal alguém que eles sabiam que era nascida de uma mulher mortal, e, sem mais nem menos, afirmavam-na mãe do infausto amor, que ficavam chamando de Cupido. Nem lhe faltavam artifícios para perturbar, com diversos gestos⁵⁶⁸, as mentes dos tolos que a

⁵⁶³ Cícero, *De natura deorum*, III 53. Cf. Zaccaria (p.489, nota 12).

⁵⁶⁴ Cf. Zaccaria (p.489): *Chiose al Teseida*, VII 25, 3; *Amorosa Visione*, XIX 13; *Genealogia*, II 53, III 22-23, XI, 4.

⁵⁶⁵ Aqui achei interessante notar que *parens*, *parentis* denomina tanto “pais” como “inventor, autor”.

⁵⁶⁶ Cícero, *De natura deorum*, III, 59. Cf. Zaccaria (p.489, nota 1).

⁵⁶⁷ Brown (p. 41): “Indeed, Venus radiated such beauty in her face and her entire body that often those who saw her could hardly believe it”, Zaccaria enfatiza o engano (*falleretur*) (p. 53, grifo nosso): “Ella splendette dunque di tanta bellezza nel volto e in tutto il corpo da **ingannare** spesso la credulità di quanti la osservavano”.

⁵⁶⁸ *Variis gesticulationis*: “with various pantomimic gestures” (Brown, p. 41); “con varia mimica” (Zaccaria, p.53).

contemplavam. (5) O efeito de seus méritos foi tal que, para aqueles que não podem resistir às obscenidades de uma mulher (as quais estou a ponto de descrever logo, porém não todas) ela era mesmo tida por filha de Júpiter, e uma das mais veneradas dentre as deusas. (6) Não só em Pafos, antiqüíssima cidade dos ciprianos, era aplacada por puro incenso (pois pensavam que a morta e incestuosa mulher se deleitaria com este odor em que ela, enquanto vivia, era envolta na imundice dos prostíbulos), mas também entre demais povos, e ainda entre os Romanos, que outrora para ela construíram um templo de nome “Mãe Vênus” ou “Verticórdia”⁵⁶⁹ e outros insígnies títulos.

(7) Mas, para quê dizer mais? Acredita-se que ela se casou com dois homens: com quem primeiramente não se sabe bem ao certo. Pois ela se casou (como dizem alguns) antes com Vulcano, rei de Lemnos, filho do cretense Júpiter. Tendo Vulcano falecido, ela se casou com Adónis, filho de Mirra e Cínara, rei dos ciprianos. (8) Isso parece mais verossímil a mim, do que se dissermos que Adónis fora o primeiro marido, e que, quer por uma compleição falha dessa mulher, quer por influência da região (onde, ao que parece, a lascívia tinha muito poder), ou por causa da malícia de uma mente corrompida, depois que Adónis morreu é que ela veio a cair em tão grande ânsia de luxúria, a qual, aos olhos não ofuscados, parecia macular toda sua famosa beleza⁵⁷⁰ por meio de numerosas fornicções. Nesta época já era sabido nas regiões vizinhas que ela fora flagrada por Vulcano, o primeiro marido, com um armígero; acredita-se que esse episódio deu lugar à fábula de seu adultério com Marte. (9) Enfim, depois de tudo isso, como que tirando da impudica face o pouco do rubor restante, e concedendo a si mesma uma licença ainda maior de cometer lascívias, tendo tramado inefáveis torpezas, ela foi a primeira a inventar o meretrício e a fundar prostíbulos, obrigou matronas a ali entrarem; hábito bastante execrável dos ciprianos, que é testemunhado por muitos séculos. (10) De fato, eles por muito tempo mantiveram o costume de enviar suas virgens para o litoral, para que copulassem com estrangeiros: parecia-lhes que, com isso, não apenas pagavam a Vênus as oferendas de sua futura castidade, como também

⁵⁶⁹ Cf. nota de Zaccaria (p. 489, n. 6) para a passagem: “Per il culto a Roma, Valerio Massimo, VIII 15, 18 (e cfr. Qui il cap. LXVII *De Sulpitia*). Per il culto a Pafos, Virgilio, *Aeneidos*, X 51; Orazio, *Carmina*, I 30; Lattanzio, *Divinarum Institutionum*, I 15, 9 e, sopra tutti, Tacito (*Historiae*, II 2 e 3), usato in *Genealogia*, III 23.”

⁵⁷⁰ *Omnem decoris sui claritatem*: lit. “toda o brilho/fama de seu decoro”. O termo *decus* aqui traz tanto o sentido de beleza (cf. acima, referência ao decoro do rosto de Vênus) quanto o de decoro moral propriamente dito.

dela requeriam seus dotes para as núpcias. (11) E esta estupidez realmente abominável introduziu-se até mesmo entre os povos itálicos, uma vez que lê-se que os locrenses por vezes fizeram o mesmo.

VIII. Sobre Ísis, rainha e deusa dos egípcios⁵⁷¹

(1) Ísis, cujo nome antes era Io, foi não só uma famosíssima rainha dos egípcios, mas também, depois, santíssima e venerável divindade desse povo. Entre os ilustres historiadores⁵⁷², entretanto, questiona-se a respeito de em que época teria vivido e de que família nascera. (2) Há os que dizem⁵⁷³, porém, que ela era filha de Ínaco, primeiro rei dos argivos, e irmã de Foroneu, os quais, segundo consta, governaram no tempo de Jacó, filho de Isaac. Outros afirmam que ela foi gerada de Prometeu, enquanto em Argos estava reinando Forbante (o que ocorreu num tempo muito posterior ao que anteriormente referimos)⁵⁷⁴. Não poucos asseveram que ela viveu nos tempos de Cécrope, rei de Atenas, e, além disso, certas pessoas dizem que ela floresceu nos tempos de Linceu, rei dos argivos. Essa variedade de versões constatável entre autores célebres não os fez faltar com a ideia central⁵⁷⁵ de que Ísis, em seu tempo, teria sido egrégia entre as mulheres e digníssima de memória.

(3) Mas, na verdade, deixadas de lado as discordâncias dos escritores - pois minha intenção é imitar⁵⁷⁶ o que pensa a maioria - pode-se dizer que ela era filha do rei Ínaco. Sobre ela, os poetas antigos compuseram a seguinte ficção. Segundo eles, essa mulher, com sua beleza encantadora, havia agradado a Júpiter, e, tendo sido por ele violentada, a fim ocultar o crime, teria sido transformada em um novilho e concedida a

⁵⁷¹ Cf. Zaccaria (p. 490): *Filocolo*, III, ii, 26; *Chiose al Teseida*, VI 38, 4; *Amorosa Visione*, XVII 1-42; *Fiammetta*, VIII 2, 2; *Genealogia*, II 4 e 19, IV 26, VII 22.

⁵⁷² *Hystoriarum scriptores*: lit. “escritores das histórias”. Pretendemos verificar, em momento futuro, o emprego boccacciano dos termos *hystoria* (por *historia*), *fabula* e similares.

⁵⁷³ Zaccaria (p.490-1, notas 1 e 2) parece identificar Eusebio Girolamo como a principal fonte para esta biografia. Ele o menciona inúmeras vezes, como neste trecho (Eusebio Girolamo 29, 19-20).

⁵⁷⁴ Zaccaria (p. 57): “ma questo regno si svolse in tempo molto posteriore”.

⁵⁷⁵ *Argumento*: mais uma vez Boccaccio usa o termo *argumentum* como algo central do mito. Esse termo certamente deverá ser levado em conta na consideração de uma teoria/prática da interpretação do mito em Boccaccio. Cf. notas *supra* e também as posteriores com observações sobre tal fato.

⁵⁷⁶ *Imitari*: interessante o emprego do termo “imitar” por Boccaccio, referindo-se a seu próprio *modus faciendi*, aos princípios de sua composição.

Juno, que a requeria. Argo, o guarda desse novilho, foi morto por Mercúrio, com o que Juno colocou um tавão⁵⁷⁷ no encalço da vaca, e assim esta, em rápida corrida, transportou-se até o Egito. Lá recuperou por si mesma a forma antiga e, de Io, passou a ser chamada Ísis. Nisso, entretanto, os poetas não diferem da verdade histórica – havendo os que afirmam que a virgem foi violentada pelo adúltero Júpiter e que foi impelida, por causa do medo do pai diante do crime cometido, a embarcar com alguns dos seus em um navio em que haveria uma vaca como insígnia. Dotada de muito engenho e enorme coragem, estimulada pelo desejo de reinar, ajudada por um vento propício, a mulher atravessou o mar até os egípcios, nesta mesma região, que se mostrou adequada a seus desejos, permaneceu.

(4) Finalmente, embora não seja conhecido o modo como ela conseguiu conquistar o Egito, acredita-se ser bastante certo que ela descobriu naquele lugar povos rudes e ociosos, ignorantes de quase todo tipo de assuntos humanos, vivendo segundo o modo das feras, mais do que como homens. Não sem trabalho e célebre zelo, a eles ensinou o cultivo das terras, e, estando essas cultivadas, o plantio das sementes e, finalmente, após a oportuna colheita da plantação, a prepará-la como alimento. Além disso, ela ensinou os nômades e quase selvagens a reunirem-se em grupo e, prescritas as leis, a viver segundo costumes civis; e o que é de longe mais extraordinário numa mulher: tendo reunido as forças de seu engenho, após inventar sinais convenientes ao ensino das letras adequadas ao idioma dos indígenas, mostra-lhe as regras de combinação. (5) Estas coisas – que eu me cale a respeito das restantes – pareciam tão maravilhosas aos homens a elas insuetos, que eles facilmente passaram a pensar que Ísis teria vindo não da Grécia, mas caída do céu, e por isso instituíram - para ela, em vida - todas as honras divinas. (6) Com efeito, sua divindade foi alvo de tão grande e infame⁵⁷⁸ veneração (tendo o diabo enganado os ignorantes), que, estando Ísis morta, em Roma (cidade que já era a dona do mundo) para ela foi estabelecido um enorme templo e

⁵⁷⁷ *Oestrum: oestrus* traduzido (cf. *OLD*, 1; Torrinha) por tавão (segundo Houaiss, do latim *tabanus*) espécie de mosca ou moscardo que persegue o gado'. Em português o termo *oestrus* gerou também “estro”, “delírio profético” (cf. Torrinha).

⁵⁷⁸ *Famosam*: Interessante notar que o *OLD*, traz como segunda acepção do verbete *famosus* o sentido “infame, mal falado”. Levando em conta a afirmação anterior de Boccaccio “*fallente ignarus dyabolo*” “infame” pareceu-nos uma boa tradução para o termo (ao passo que, visando atentar para o uso Boccacciano dos termos, normalmente temos traduzido *fama* por “reputação”, e *claritas* por “fama”, cf. *De claris mulieribus*, “*Sobre as mulheres famosas*”).

instituída uma cerimônia anual solene ao modo do rito egípcio. Não há dúvida que este erro penetrou desde as nações ocidentais até as bárbaras.

(7) Finalmente, o homem desta tão notável mulher era Ápis, a quem a enganada Antiguidade pensava que era filho de Júpiter e Níobe, filha de Foroneu. Dizem que ele, tendo concedido o reino de Acaia a seu irmão Egiáleo, reinou juntamente em Argos⁵⁷⁹ por trinta e cinco anos, retirou-se para o Egito e governou com Ísis, sendo considerado igualmente um deus, chamado Osíris ou Serápis. De todo modo, há também quem diga que um certo Telégono foi marido de Ísis, e que dela gerou Épafo. Esse, mais tarde, esteve à frente do Egito, tendo sido considerado um filho de Ísis e Júpiter.

IX. *Sobre Europa, rainha dos cretenses*⁵⁸⁰

(1) Alguns pensam que Europa era filha de Fênix⁵⁸¹; mas na verdade muitos mais dizem que ela foi gerada de Agenor, rei da Fenícia, e que possuía uma beleza tão admirável que o cretense Júpiter, mesmo sem a ter visto, foi tomado de amor por ela. (2) Como esse poderoso homem maquinava uma armadilha para raptá-la, o que, segundo se defende, se deu por meio de palavras persuasivas de uma certa pessoa, se fez com que, brincando, a virgem seguisse os rebanhos do pai, indo das montanhas até o litoral fenício. Ali, imediatamente, foi raptada e colocada em um navio - cujo distintivo era um touro branco - e levada para Creta.

(3) Penso que não se deve absolutamente exaltar a liberdade excessiva que têm as moças para vagar e dar facilmente ouvidos às palavras de qualquer um, pois com freqüência tenho lido que, ao se agir assim, não poucas vezes manchas indignas chegaram a ser gravadas na honestidade, manchas que até o decoro de uma castidade perpétua não pôde, por fim, dirimir.

(4) A partir destes fatos é evidente de onde veio a motivação para a fábula em que se lê⁵⁸² que Mercúrio havia impelido para o litoral fenício os rebanhos, e Júpiter,

⁵⁷⁹ Brown (p. 47): “Apis ruled for thirty-five years at Argos”.

⁵⁸⁰ Cf. Zaccaria (p.492): *Filocolo*, III ii, 26; *Fiammetta*, I, 17, 6-7; *Chiose al Teseida*, V 57, 1, VI 48, 4; *Amorosa Visione*, XVI 56; *Esposizioni Dante*, V, esp. Litt., 19; *De Casibus*, I 6; *Genealogia*, II 62.

⁵⁸¹ Cf. Zaccaria (p. 492, nota 1): Eusebio Girolamo, 47, 7; Homero, *Ilíada*, XIV, 321.

⁵⁸² Cf. Zaccaria (p.492, nota 4): Ovídio, *Metamorfoses*, II 833 ss.; VI 103-107; *Fastorum*, V 605.

transformado em touro, levou a nado a virgem Europa até Creta. (5) Mas os antigos divergem quanto à datação de seu rapto, pois, os que a consideram mais antiga dizem que ele se deu enquanto Dânao reinava em Argos⁵⁸³; para alguns, enquanto reinava Acrísio; e, mais recentemente, há os que dizem que ela viveu enquanto Pandíon governou aos atenienses: isso parece ser mais de acordo com o tempo de Mínio, filho de Europa. Alguns dizem que ela somente foi violentada por Júpiter e em seguida casou-se com Astério, rei dos cretenses, dele dando à luz os filhos Miníio, Radamanto e Sarpédon (os quais muitos dizem ser filhos de Júpiter, sendo que alguns afirmam que Astério e Júpiter são a mesma pessoa). (6) Embora a discussão apresente muitas fontes⁵⁸⁴, muitos asseguram⁵⁸⁵ que Europa era famosa devido a seu casamento com tamanho deus. Além disso, alguns dizem que a terceira parte do globo terrestre foi nomeada para sempre como Europa a partir de seu nome, quer porque fora de egrégia nobreza (pois de fato os fenícios, além de realizadores de grandes méritos, foram mais famosos por sua origem nobre que os demais em seu tempo), quer pela veneração de seu divino esposo, quer em homenagem a seus filhos, quer, ainda, pela precípua virtude da própria Europa. (7) De minha parte, penso efetivamente que ela foi uma insigne mulher devido às suas virtudes, e julgo isso não apenas por ter concedido seu nome a uma região do mundo, mas pela impressionante estátua de bronze que Pitágoras, ilustre filósofo de Tarento, dedicou ao nome de Europa⁵⁸⁶.

X. Sobre Líbia, rainha da Líbia⁵⁸⁷

(1) Líbia, segundo defendem antiqüíssimos autores⁵⁸⁸ – era a filha do rei dos Egípcios, Épafo, e de sua esposa Cassíope. Casou-se com Netuno, isto é, com um homem estrangeiro e poderoso, cujo nome verdadeiro não chegou até nós. Dele, deu à

⁵⁸³ Estes reinos fazem parte de histórias que se compõem de mitos de origem grega. Cf. *OCCL*.

⁵⁸⁴ *Que disceptatio cum spectet ad alios*: “La questione non ci riguarda” (Zaccaria, p. 61); “Other sources must be cited” (Brown, p. 49).

⁵⁸⁵ Cf. Zaccaria (p. 492, nota 10): Apuleio, *Myt. Vat. II e III*, Sérvio.

⁵⁸⁶ Cf. Zaccaria (p. 492, nota 12): Varrão, *De Lingua latina*, V 5, 32.

⁵⁸⁷ Cf. Zaccaria (p.492): *Genealogia*, II 20.

⁵⁸⁸ Cf. Zaccaria (p. 492, nota 1): Lactâncio Plácido, *In Statii Thebaida*, IV 737.

luz Busíris, cruel tirano do Alto Egito⁵⁸⁹. (2) Acredita-se que suas magníficas obras foram consumidas pelos anos⁵⁹⁰; mas argumentos suficientes nos mostram que teriam sido extraordinárias e que tamanha autoridade ela teria entre os seus, que toda a região da África por ela comandada foi chamada Líbia a partir de seu nome⁵⁹¹.

XI.XII. *Sobre Marpesia e Lampedone, rainhas das amazonas*⁵⁹²

(1) Marpesia (ou Martesia⁵⁹³) e Lampedone eram irmãs que se revezavam como rainhas das amazonas, e, devido a sua ilustre glória nas guerras, se autodenominaram filhas de Marte. Sua história, por seu caráter exótico⁵⁹⁴, deve ser associada a tempos mais pregressos. (2) Dizem, pois, que, partindo da Cítia (que era naquela época uma região rústica e quase inacessível aos estrangeiros, estendendo-se desde o golfo Euxino sob o Artoo (em direção ao Oceano)⁵⁹⁵, Silísios e Escolopico, jovens reais, foram repelidos por um grupo de aristocratas⁵⁹⁶. Com uma parte de sua população, chegaram a Termodonte, rio da Capadócia, e, tendo ocupado o campo do povo ciro, começaram⁵⁹⁷ a viver de pilhagem e a atormentar com seus roubos os habitantes da região. (3) Decorrido certo tempo, quase todos os nativos foram assassinados em emboscadas. Mal suportando a situação, as esposas, agora viúvas, foram inflamadas de ardente desejo de vingança, com os poucos homens que haviam sobrevivido, lançaram-

⁵⁸⁹ *Superioris Egypti*: Cf. Brown (p. 51) “Upper Egypt”; Zaccaria (p. 63) “Egitto superiore”. Segundo o *OCCL*, a região do Egito cuja capital era Tebas. Cf. Zaccaria (p. 493, nota 2); Santo Agostinho, *De civitate Dei*, XVIII 12, 38; Eusébio Girolamo, 46, 17.

⁵⁹⁰ *Consumpta*: nota-se nesta obra de Boccaccio a imagem recorrente do tempo como devorador (das obras, etc.).

⁵⁹¹ Cf. Zaccaria (p. 493, nota 3); Isidoro, *Etymologiarum*, XIV 4, i e XV 5, i.

⁵⁹² Cf. Zaccaria (p.493): *De Casibus*, I 9, *Esposizioni Dante*, IV, esp.litt., 203-211.

⁵⁹³ Este nome também não foi encontrado no Vocabulário da Academia de Ciências de Lisboa, e por isso o apontamos.

⁵⁹⁴ *Quoniam peregrina sit*: Zaccaria (p.63) vê na expressão um indício de estranheza: “la loro storia è così singulare”; Brown (p. 51): “since the sister’s history is foreign to our experience” (Brown, p. 51). O sentido de “exótico” ao adjetivo *peregrinus* é aventado no *OLD* (1 e sobretudo 2c).

⁵⁹⁵ *sub Arthoo se in Oceanum usque ab Euxino protendente*: Zaccaria (p. 63) “regione che si estende dal mar nero verso nord fino all’oceano, in quel tempo selvaggia e quasi inaccessibile agli stranieri” ; Brown segue o tradutor italiano (p. 51): “extending from the Black Sea in a northerly direction towards Ocean.”

⁵⁹⁶ *Factione maiorum*: lit. “por uma facção de mais velhos”. Seguimos aqui a leitura de Brown (p. 51) “an aristocratic faction”. cf. Zaccaria (p. 63) “per una congiura dei maggiorenti”.

⁵⁹⁷ *Cepere* por *coepere*, “começaram”.

se às armas e, já no primeiro assalto, removeram de seu território os inimigos. Desde então, por si mesmas, também travavam guerra contra os povos fronteiriços. (4) Finalmente, pensaram que, caso desposassem homens estrangeiros, haveria mais servidão do que casamento, e, ainda, que mulheres sozinhas podiam bastar-se nas guerras e nas armas. Assim, para evitar a impressão de que os deuses teriam sido mais benévolos àquelas cujos maridos a Fortuna havia conservado frente ao massacre promovido pelos vizinhos, de comum acordo caíram sobre eles e mataram a todos. Depois disso, voltando seu furor contra os inimigos, como que para vingar os homicídios dos esposos, os abateram de tal forma que deles conseguiram facilmente um pedido de paz. (5) Acordada a paz,, para conseguir sucessores, cada uma se relacionava revezadamente com homens vizinhos; e, assim que concebiam, imediatamente tornavam à pátria. Então os machos que nasciam eram mortos no mesmo instante, e as meninas eram diligentemente criadas para a milícia. Ainda em tenra idade, por meio de fogo ou de algum medicamento, impedia-se crescimento de seu seio direito, para que, quando adultas, não estorvasse a prática do arco e flecha. O seio esquerdo era deixado intacto para poderem oferecer alimentos aos nascituros; e a partir disso obtiveram a denominação de “amazonas”⁵⁹⁸.

(6) Para elas, o cuidado na educação das virgens não era o mesmo que o nosso; pois, deixada de lado a roca, a fabricação de cestas e outros ofícios femininos, era por meio da caça, corridas, da domaçaõ dos cavalos, do trabalho com armas, do constante lançamento de flechas, e de outros exercícios deste tipo que se fortaleciam as moçoilas, tornando-as mais preparadas para a atitude⁵⁹⁹ e vigor viril. (7) Por meio destas artes não só mantiveram os campos ciros, outrora ocupados pelos seus antepassados, como também, por meio de guerras, conquistaram o direito de ocupar enorme parte da Europa, grande porção da Ásia e tornaram-se um terror para todos. (8) Ademais, para que às suas forças não faltasse um governo, antes de outras Marpesia e Lampedone instituíram

⁵⁹⁸ *Amazonum vocabulum*: Brown (p. 483, nota c) explica a (provavelmente falsa) etimologia grega do termo: “Amazon is traditionally (and fancifully) derived from *á* and *mazos* (“without a breast”), e Zaccaria, por sua vez, não nos faz nenhuma observação sobre ele. O *OLD* não dá a etimologia apontada por Brown. Cf., porém, o vocábulo em Chantraine, P. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des mots*. Paris: Éditions Klincksieck, 1968; que nos indica a etimologia popular da palavra.

⁵⁹⁹ *Aptitudinem*: o termo *aptitudo* (certamente substantivo abstrato derivado de *aptus*, “apto”, “hábil”, “adequado”) não se registra no *OLD*. Zaccaria (p.65) traduz a passagem do seguinte modo: “indurivano le fanciulle, rendendole più mature alla fatica ed atte agli sforzi virili”.

a si próprias rainhas, depois de mortos os homens, e foi sob os auspícios delas – como foi acima exposto – que aumentaram⁶⁰⁰ muitíssimo seu domínio. (9) Com efeito, como eram insignes em disciplina militar, dividiram as funções entre elas: haja vista que, quando uma permanecia na guarda do reino, a outra, tendo tomado parte das tropas, avançava contra os povos vizinhos para submetê-los a seu domínio. E assim sucessivamente, obtendo enorme pilhagem, ambas ampliaram seu Estado por determinado tempo. (10) Mas, tendo Lampedone conduzido o exército contra os inimigos até um lugar mais remoto, mediante um ataque repentino dos bárbaros das regiões vizinhas, Marpesia, num excesso de autoconfiança, deixando para trás algumas filhas⁶⁰¹, foi morta com parte de suas tropas. Porém, quanto ao que tenha acontecido a Lampedone, não me recordo de ter lido.

XIII. Sobre Tisbe, virgem babilônica⁶⁰²

(1) Tisbe, uma moça babilônica, tornou-se célebre entre os mortais mais pelo desfecho de um amor infeliz do que por alguma outra obra⁶⁰³. Embora não saibamos pelos nossos antepassados⁶⁰⁴ quem tenham sido seus pais, acredita-se que ela e Píramo, um rapaz da sua idade, viveram em casas muito próximas na Babilônia. (2) Embora sua assídua convivência fosse assegurada como que por um direito resultante da

⁶⁰⁰ *Ausere* por *auxerunt*.

⁶⁰¹ *Relictis aliquibus filiabus*: Brown (p. 55), na mesma linha de Zaccaria (p. 67), interpreta a passagem como uma simples referência às herdeiras da rainha: “She was survived by some daughters”. Pela posição da expressão, a interpretamos como um relato do comportamento de Lampedone no ataque (nessa leitura, a autoconfiança diria respeito a uma ousadia da rainha, que se precipitava apenas com parte do exército contra os inimigos; “filhas” aqui poderia dizer respeito às súditas em geral).

⁶⁰² Cf. Zaccaria (p. 493): *Filocolo*, I 24, 4; *Fiammetta*, VIII 4; *Chiose al Teseida*, VII 50, 1; *Comedia Ninfe*, XXVI 36; *Amorosa Visione*, XX 43-88.

⁶⁰³ Cf. interessante nota de Zaccaria à biografia (p.493, nota 1): “[...] Il capitolo è naturalmente tratto, con riprese perfino letterali, dal noto episodio di Ovidio, *Metamorphoseon*, IV 55 ss. È uno dei non frequenti casi in cui B. ha trasfuso nella prosa grigia e uniforme un certo movimento stilistico e un’eco del commovente brano delle *Metamorfosi*. La delicata e tragica storia d’amore rivive, non senza echi della delicata terzina dantesca (*Purg.*, XXVII 37-39), nella prima parte del racconto in un’aura di affettuosa rievocazione; mentre la digressione sulla tolleranza verso l’amor giovanile, voluto da natura per assicurare il mantenimento della specie, riporta a certo lassismo del *Decameron*”.

⁶⁰⁴ *Maioribus nostris*: Boccaccio parece se referir às fontes da Antiguidade. Tal é a leitura de Zaccaria (p.67): “Non sappiamo *degli autori antichi* il nome dei suoi genitori...” e Brown (p.55): “Although we have not learned from our *ancient sources* who her parents were...” (os grifos são nossos).

vizinhança⁶⁰⁵, donde nas crianças se gerou uma feição pueril, iníqua sorte fez com que, passando-se os anos, e, sendo ambos belíssimos, a afeição pueril crescesse ao máximo ardor, e que eles, já ao se aproximarem da idade adulta, o revelassem um ao outro por meio de sinais.

(3) No entanto, já estando crescidinha, Tisbe começou a ser mantida em casa pelos pais, que tinham em vista o futuro casamento da moça. Porque ambos mal suportassem a angústia dessa situação, e ansiosamente buscassem um modo que lhes possibilitasse ao menos conversar algumas vezes, encontraram num lugar remoto da parede comum às suas casas uma pequena fenda, por ninguém vista até então. À medida que se dirigiam com mais frequência à fenda e falavam um pouco como de costume, e, ainda, tendo a parede como um obstáculo que lhes diminuía o rubor, ampliavam sua liberdade de exprimir as afeições, muitas vezes abrindo caminho a suspiros, lágrimas, ardores, desejos e todas as paixões, e algumas vezes também a pedirem mutuamente a paz dos espíritos, abraços e beijos, confiança, respeito e amor eterno. (4) Afinal, em crescente ardor, chegaram a um plano de fuga, decidindo que, na noite seguinte, o quão antes cada um pudesse enganar aos seus, sairia de sua casa; e por sua vez, se escapasse primeiro, dirigindo-se a um bosque próximo da cidade, se esconderia por um tempo na fonte perto do monumento fúnebre dedicado ao rei Nino. Primeiro Tisbe, talvez mais ardente, enganou os seus. Vestida com uma manta⁶⁰⁶, sozinha deixou a casa paterna tarde da noite, e com a lua indicando o caminho, intrépida adentrou o bosque. Enquanto esperava à beira da fonte, e, perturbada diante do que quer que se movesse⁶⁰⁷, avistando uma leoa que se aproximava, abandonou inadvertidamente a manta⁶⁰⁸ e fugiu para dentro do monumento. Porém a leoa estava alimentada, pôs-se a beber e, tendo descoberto a manta, por algum tempo nela, como é costume, esfregou e enxugou a boca sangrenta, deixando-a dilacerada pelas unhas, e saiu. (5) Entrementes, Píramo, mais tardio, tendo igualmente deixado sua casa, chegou ao bosque; quando, preocupado, através do silêncio da noite, encontrou, dilacerada e ensangüentada, a manta de Tisbe,

⁶⁰⁵ *Iure convicini quasi convictus*: note-se como Boccaccio enfatiza a lógica por meio do uso de termos de mesma família dispostos proximamente.

⁶⁰⁶ *Pallio*: na Antiguidade, o termo *pallius* (pálio) designa um manto tipicamente grego. Cf. *OLD*, sentido 1.

⁶⁰⁷ Sugestão do Professor Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos.

⁶⁰⁸ *Inadvertenter*: não encontramos o termo (nem no *OLD*). Assim, supusemus ser *in + adverto + ter* (desinência de advérbio de modo).

concluiu que ela havia sido devorada por uma fera, e encheu o lugar com muito pranto, acusando a si mesmo, miserável, pois cruelmente produzira a causa da morte de sua muito amada donzela. Desprezando o restante de sua vida, moribundo, após desembainhar a espada que trouxera consigo, à beira da fonte a enterrou em seu peito.⁶⁰⁹

(6) Sem demora, Tisbe, julgando que a leoa havia bebido e ido embora, para não dar a impressão de decepcionar o amante, ou não mantê-lo em suspenso por muito tempo, começou a voltar para a fonte pé ante pé. (7) Já próxima, apavorada, ao ouvir Píramo ainda palpitando, quase se afastou novamente. Porém com a luz da lua percebeu que era seu Píramo⁶¹⁰ que ali jazia; e enquanto se dirigia apressada a seus braços, descobriu-o estirado em sangue derramado da ferida e já vertendo o último suspiro.

(8) Ela, embora primeiro atordoada com a visão, e, enfim, triste e com enorme pranto, tentou inutilmente auxiliá-lo e conservar sua alma com beijos e abraço durante algum tempo. (9) Mas, não podendo escutar⁶¹¹ palavra alguma e percebendo que nenhum efeito tinham os beijos tão ansiados no ardente desejo da véspera, e além disso, vendo o amante apressar-se para a morte, concluiu que ele estava morto por não a ter encontrado. Assim, decidiu ir com seu rapaz ao encontro do amargo destino; persuadiam-na igualmente o amor e a dor. Arrancou do fundo da ferida a espada e com enorme gemido e pranto invocou o nome de Píramo, pedindo-lhe que olhasse sua Tisbe ao menos enquanto ela morria, e esperasse a sua alma sair do corpo, a fim de que lado a lado caminhassem para qualquer que fosse sua morada.

(10) Coisa admirável de se dizer!⁶¹² Em vias de se extinguir, o discernimento do morto reconheceu o nome da amada donzela e não suportou negar seu último pedido: na morte, abriu os pesados olhos e olhou para aquela que o invocava. (11) Ela imediatamente deitou-se sobre o peito do jovem - e também sobre a espada - e, derramado seu sangue, seguiu a alma do já falecido. E assim, àqueles que a invejosa fortuna não consentiu que se unissem em um sereno abraço, não pôde impedir de misturar o infeliz sangue de ambos.

⁶⁰⁹ *Moribundus... suo*: procuramos manter aqui a expressiva ordem de palavras do texto latino, que, ao antepor o adjetivo *moribundo* ao ato, antecipadamente aponta a morte da personagem.

⁶¹⁰ *Pyramum...Pyramus*: mantivemos repetição do nome presente no texto latino.

⁶¹¹ *Aurire* por *haurire*..

⁶¹² Sugestão do Professor Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos.

(12) Quem não se compadecerá dos jovens? Quem não concederá ao menos uma só lágrima a tão infeliz fim? O que assim fizer⁶¹³ será feito de pedra. Crianças amaram: mas não por isso mereciam um sangrento infortúnio. O amor é um erro comum aos que estão na flor da idade, mas não é um crime horrendo aos solteiros, pois seria possível conduzir-se ao matrimônio. A odiosa sorte procedeu mal, e talvez os miseráveis pais também o tenham feito. (13) Isso porque os ardores dos jovens devem ser contidos gradualmente, evitando que os lancemos desesperados contra o precipício ao desejarmos tolhê-los com repentino obstáculo. (14) O ardor do desejo é de vigor imoderado, quase uma peste e flagelo⁶¹⁴ comum aos jovens, em quem, por Pólux!, ele deve ser tolerado com ânimo paciente. Isso porque a natureza das coisas é que deseja que assim ocorra, ou seja: que enquanto estamos no vigor da idade, inclinemo-nos espontaneamente à prole, para que o gênero humano não desapareça, se o coito for adiado para a velhice.

XIV. *Sobre Hipermnestra, rainha dos argivos e sacerdotisa de Juno*⁶¹⁵

(1) Hipermnestra, famosa por sua origem e dignidade, foi filha de Dânao (rei dos argivos) e esposa de Linceu. Entretanto, conclui-se a partir das histórias dos antigos⁶¹⁶ que houve outrora, no Egito, dois irmãos, filhos do velho Belo, preeminentes por seu notável império: um deles se chamava Dânao, o outro, por sua vez, Egisto. (2) A fortuna de suas proles não foi igual, embora em número fossem equivalentes: pois Dânao teve cinquenta filhas, e cinquenta filhos teve Egisto.

(3) Ora, desde que Dânao soube de um oráculo que seria morto pela mão de um sobrinho, e era afligido por grande temor em segredo - uma vez que não soubesse quem, dentre tão enorme multidão, seria aquele de cujas mãos devia suspeitar, -, aconteceu que, estando os filhos de um e outro já na adolescência, Egisto pediu que todas as filhas de Dânao fossem unidas em casamento aos seus filhos. (4) O que Dânao, tendo

⁶¹³ Aqui completamos a idéia em português, seguindo as traduções de Zaccaria e Brown, respectivamente: “Chi la negasse, avrebbe il cuore di pietra” (p.71), “ Such a person must be made of stone” (p. 59).

⁶¹⁴ *Flagitium*: lit. “escândalo, vergonha, depravação”. Traduzimos por “flagelo” para manter, em parte, a sonoridade.

⁶¹⁵ Cf. Zaccaria (p. 493): *Filocolo*, III 35-9; *Fiammetta*, V 5, 18 e VI 14, 7; *Chiose al Teseida*, I 7, 1; *Genealogia*, II 22-24.

⁶¹⁶ Cf. Zaccaria (p. 493, nota 1): Lattanzio Placido, *In Statii Thebaida*, II 222; Orósio, I ii, 1.

arquitetado um cruel crime, de boa vontade concedeu. Prometidas as filhas aos sobrinhos, enquanto era preparado o sacrifício nupcial, com maior cuidado incitou cada uma delas a que, se quisesse a sua ventura, na primeira noite de núpcias, quando percebesse que o marido estava cheio de vinho e de comida, e atado a um sono pesado, matasse-o com o ferro. (5) Por ordem do pai - levadas as facas secretamente para seus quartos - todas mataram os jovens bêbados pela embriaguez da véspera⁶¹⁷, mas do outro lado, somente Ipermestra absteve-se de fazer isso. (6) De fato, a virgem já entregara seu coração a Lino (ou Linceu), seu esposo, como é de costume das jovens: tendo visto o marido, ama-o imediatamente, e assim compadeceu-se dele. Então, com enorme mérito próprio, absteve-se do nefasto assassinato e convenceu o jovem da fuga, colocando-o em segurança. (7) Mas na verdade, depois que, ao amanhecer o cruel pai aplaudiu junto com as restantes o crime realizado, só Hipermestra foi censurada e presa em um cárcere, de forma que durante algum tempo lamentou o piedoso feito⁶¹⁸.

(8) Ai, miseráveis mortais, com quanta cobiça e quão fervente ânimo desejamos as coisas que não de perecer! E, desprezando mirar a ruína⁶¹⁹, se temos a oportunidade, por que vias execráveis subimos às alturas <por meio de que crimes conservamos as coisas a que ascendemos>⁶²⁰, como se pensássemos poder firmar com feitos obscenos a inconstante fortuna!⁶²¹(9) E, o que é ridículo, com que crimes, com quão celerados feitos tentamos, não digo prolongar⁶²², mas perpetuar o efêmero e frágil período⁶²³ desta vida, quando vemos os restantes ir em rápida marcha para a morte! (10) Com quais planos detestáveis, com quais obras infandas irritamos o julgamento de Deus! Para não mencionar outros, que Dânao sirva de testemunha infanda. Enquanto ele se esforça por ampliar com abundante sangue dos sobrinhos os seus já trêmulos anos, privou-se de

⁶¹⁷ *Externa*: Zaccaria diz (p. 494, nota 3) que manteve a forma encontrada no Autógrafo Laurenzziano, mas que acredita tratar-se de uma variante de *hesterna*.

⁶¹⁸ Cf. Zaccaria, nota 5, p. 494: Ovídio, *Epistulae*, XVI, I; Orósio, I 11, I.

⁶¹⁹ *Occasum*: lit. “a queda”, “o pôr-do-sol”, “o ocaso”.

⁶²⁰ Segundo a edição de Zaccaria, o trecho *quibus sceleribus conscensa seruamus* não consta no Autógrafo Laurenzziano, mas se trata de uma “sicura lacuna meccanica che va colmata coll’ausilio di tutti gli altri mss.” (p. 494, nota 6 a *Ypermestra*).

⁶²¹ Nos parágrafos 8 a 9 vemos mais uma digressão boccacciana acerca do aprendizado moral das histórias que narra; nele destaca-se o papel da fortuna.

⁶²² *Longare*: o vocábulo não se registra no *OLD*.

⁶²³ *Dieculam*: dim. de dies, “die”, i. e. o “curto prazo”,

toda uma linhagem⁶²⁴ robusta e esplêndida de netos, e arruinou-se com uma perene infâmia. O malfazejo homem pensou que os poucos e moribundos anos de sua velhice deveriam ser colocados à frente da flor da juventude de seus sobrinhos. (11) Outro talvez os julgasse como que mais úteis, desde que ele os preservasse honradamente; mas, na verdade, ter procurado prolongar a sua velhice por meio das feridas a jovens filhos pode ser visto como, com razão, um feito desumano. (12) E, fato que muito de ignomínia acrescenta, não armou as mãos dos guardas para o crime, mas as próprias filhas, de tal forma que ele não só matou os sobrinhos, mas teve as filhas desgraçadas pelo feito criminoso, as quais, por amor,⁶²⁵ poderia ter honradas. Enquanto deseja conservar a vida com este crime, não nota o quanto de audácia, o quanto de fraude, quanto de detestável excesso, de infausto exemplo⁶²⁶ seria deixado para as perniciosas⁶²⁷ mulheres futuras. (13) A perfídia fez espezinhar-se o juramento conjugal. Quando um piedoso pai devera ter ordenado que levassem para os quartos nupciais os fachos sagrados, o nefasto ordenou que levassem espadas. Quando nos habituamos a encorajar as filhas ao amor conjugal, ele as excitava para o ódio e assassinato, e porque o homem não ousou acometer contra todos, enviou as filhas contra cada um deles. Não tendo atentado contra eles durante o dia, preferiu que isso fosse realizado durante a noite; não tendo atacado nas trincheiras, mandou que o fosse nos leitos nupciais; não se dando conta de que, quantos anos tirava ao frescor da juventude dos sobrinhos através de crime e fraude, tantos desonrados séculos de seu ignominioso crime reservava para si mesmo. E apenas um descendentes dele, que pudera ter cinquenta por direito, foi conservado: um inimigo merecidamente letal⁶²⁸. (14) Enfim, a mão deste, querendo o justo julgamento de Deus, o truculento velho não pôde evitar, e nem tampouco que seu nefasto sangue se derramasse, o qual havia comprado com tanto sangue dos sobrinhos.

⁶²⁴ *Splendida nepotum nudavit acie*: leve, irônica ambiguidade pode-se ver na escolha lexical do termo *acies* que, designando aqui “linhagem” (*OLD*, sentido 6, prevê esse uso poético para o sentido de “batalhões”, “fileiras de soldados”), também poderia significar “espada”, em provável alusão ao modo como Dânao privou-se de descendentes. Cf. Brown (p. 63, grifo nosso), “he deprived himself of a vigorous and distinguished *line* of grandchildren [...]”.

⁶²⁵ *Pietate*: termo de difícil tradução em português quando da versão de textos antigos. Brown aqui o verte diretamente por “piety”; Zaccaria por “amore”.

⁶²⁶ *Exempli*: mais uma vez o autor se preocupa não apenas com o feito, mas com o seu caráter exemplar, o que sublinha a importância da imitação na obra em estudo.

⁶²⁷ *Pernitiosis* por *perniciosis*.

⁶²⁸ Cf. Zaccaria (p. 494, nota 8): “Per rispettare il *qui* di Aut. Laur. (rispetto al *cui* di altri mss.) mi sembra opportuno sottintendere un *ei* davanti *hostis* nella proposizione successiva. *Letalis* è aggiunto in Aut. Laur., nella ottava fase redazionale.”

Enfim, Dânao, ou repellido, ou exilado, ou convocado, atravessou os mares em direção à Grécia e manteve sitiado o reino dos argivos por meio de seu engenho e forças. (15) Há os que digam⁶²⁹ que o crime mencionado anteriormente foi perpetrado por Dânao na Grécia; mas em qualquer lugar que tenha sido executado, ele caiu morto por Lino, lembrado da truculência. No lugar dele, o próprio Lino governou os argivos, e, tirando do cárcere Ipermestra, com auspícios melhores, uniu-se a ela em casamento e a fez companheira em seu reino. (16) Ela não só resplandeceu como rainha, mas tornou-se sacerdotisa da argiva Juno, e mostrou-se ornada pelo brilho de duplo esplendor. E, ao passo que as irmãs se conduziram para torpe infâmia, ela mesma, por sua recomendável piedade, transmitiu-nos o seu nome insigne e digno de louvor.

XV. *Sobre Níobe, rainha dos tebanos*⁶³⁰

(1) Entre as mulheres egrégias uma muitíssimo conhecida, por quase todo povo, foi Níobe.⁶³¹ Isso porque era descendente do antiqüíssimo e renomadíssimo Tântalo, rei dos Frígios, e portanto irmã de Pélope, tendo-se casado com Anfião - rei dos tebanos e homem famosíssimo naquela época, tanto por ser filho de Júpiter, quanto por se valer de precípua eloquência. Dele, enquanto perseverava a glória de seu reino, pariu sete filhos, e o mesmo tanto de filhas. (2) Ora, esse fato, que a uma pessoa sábia certamente deveria ter sido favorável, foi uma ruína, sendo ela soberba. De fato, sendo tão exaltada pelo esplendor de sua conspícua prole, quanto pelo fulgor dos seus antepassados, ela ainda ousou falar contra os deuses. Com efeito, estavam um dia os tebanos agitados, por ordem de Manto, filha do adivinho Tirésias, ao redor de um sacrifício para Latona, mãe de Apolo e Diana, em culto às divindades dignas de veneração, segundo a antiga superstição. Até que, Níobe saltou ao meio, como que agitada por delírios, rodeada pelo olhar dos filhos e distinta pelos sinais da realeza, gritando com força que aquela seria evidentemente uma demência dos tebanos: dispor sacrifícios a Latona e preferir uma

⁶²⁹ Cf. Zaccaria (p. 494, nota 9): “Eusebio-Girolamo, 46, 8-13 e 47, 22. Le prime nove parole del paragrafo 15, presenti in L, mancano in Vu.”

⁶³⁰ Cf. Zaccaria (p. 495): *Chiose al Teseida*, V 58, 1 e X 8, 1; *Amorosa Visione*, VII 46 e XXXV 26-36; *Comedia Ninfe*, XXIX 5; *Genealogia*, XII 2; *De Montibus*, s.v *Sypilum*.

⁶³¹ Nessa passagem os tradutores consultados divergem ligeiramente: Zaccaria (p. 76) traduz como um superlativo absoluto: “Niobe è donna, tra le nobili, quasi ovunque ben nota”; Brown vê um superlativo relativo (p. 67): “a mais famosa das mulheres nobres” (“Practically the most famous of noble woman was Niobe”).

mulher estrangeira, nascida de Titã, filho de Celo⁶³², a qual dera à luz dois filhos gerados de tão grande adultério, a ela mesma, a rainha dos tebanos, nascida do rei Tântalo, e que dera à luz quatorze filhos aos tebanos (que ali estavam de testemunha), gerados do cônjuge. Dizia que, portanto, a ela, como que mais digna, seriam devidas aquelas cerimônias. (3) E então, decorrido pouco tempo, aconteceu que, diante de seus olhos, todos os filhos, que florescia em bela juventude, sucubiram rapidamente a uma peste letal, não sobrando sequer um. E Anfião, tendo sido subitamente privado de quatorze filhos, compelido pela dor, com a própria mão foi transpassado pela espada. Os tebanos estimam que tais coisas se deram devido à ira celeste, daqueles que estariam vingando a injúria contra a divindade. (4) Porém Níobe, sobrevivente em meio a tantos cadáveres e triste viúva, tornou-se tão grande e obstinadamente taciturna que parecia mais uma pedra imóvel do que uma mulher. (5) Por este motivo, logo depois os poetas criaram⁶³³ a história fictícia em que ela foi transformada em uma estátua de pedra, perto de Sipilo, no lugar onde foram sepultados os filhos⁶³⁴. (6) É duro e bastante odioso observar, não direi tolerar, os homens soberbos; porém, no que toca às mulheres, isso é fastidioso e insuportável: pois enquanto, na maioria das vezes, a natureza os produziu com ânimo ardente, a elas produziu, certamente, de engenho suave e de virtude frouxa, mais aptas às suntuosidades do que aos mandos. (7) Por esse motivo é menos surpreendente que a ira de Deus contra as soberbas seja mais acentuada e o julgamento mais severo todas as vezes que aconteça de elas ultrapassarem os limites de sua debilidade, assim como fez a insensata Níobe, zombada por um ardil da fortuna⁶³⁵, e ignorante do fato de que ser mãe de ampla prole não é obra da virtude da parturiente, mas da natureza, que dirige para a mãe⁶³⁶ a benevolência do céu. (8) Então, a ela seria

⁶³² Cf. Zaccaria (p. 495, nota 2): Myt. Vat., I 187: “Latona Cei *gigantis* filia”; Myt. Vat., II 17: “Titanis filiam”.

⁶³³ Cf. Zaccaria (p. 495, nota 3); Ovidio, *Metamorfoses*, VI 146-312 e Latânio Plácido, *In Statii Thebaida*, III 191.

⁶³⁴ Cf. Zaccaria (p. 496, nota 4): “[...] Due osservazioni: Niobe non é considerata sorella di Pelope, ma – sulla scorta di Ovidio, *Metamorphoseon*, VI 174 – è semplicemente nata da Tantalos ‘*et una Peliadum*’. Inoltre, l’inciso ‘*secundum vero alios sex tantum ex utroque sexu*’ è stato soppresso nella stesura finale. La notizia, forse attraverso Lattanzio Placido, (*In Statii Thebaida*, VI 117), derivava da Omero, *Iliados*, XXIV 603-604, citato in *Genealogia*, XII 2.”

⁶³⁵ *Fortune lusa fallacia*: note-se a aliteração em *f e l* nesse excerto que se refere à fortuna.

⁶³⁶ *In se*: entendemos que o reflexivo aqui tanto pode se referir ao sujeito da oração principal no período (Níobe) quando ao sujeito da oração em que aparece, a natureza. Brown (p.69) traduz “who bend’s Heavens goodness **to that end**” (grifo nosso); a tradução de Zaccaria (p. 81) vai no sentido que entendemos: “che verso la madre(...)”.

suficiente – ou melhor, era um dever – ter agradecido a Deus pelas graças concedidas, antes que ter procurado para si quaisquer honras divinas, como se tivesse sido sua obra ter dado à luz tão numerosa e conspícua prole. (9) Enquanto agiu com soberba mais do que com prudência, fez com que, viva, chorasse seu infortúnio, e que, depois de muitos séculos, o seu nome fosse odiado pela posteridade.

XVI. *Sobre Isifile, rainha de Lemnos*⁶³⁷

(1) Isifile foi uma mulher insigne, tanto pela devoção⁶³⁸ que demonstrou a seu pai quanto por seu exílio infeliz, pela morte do pupilo⁶³⁹ Arquémoro⁶⁴⁰, e pelo auxílio aos recém-nascidos, que ela encontrou em tempo oportuno. (2) Com efeito, foi filha de Toante, rei dos habitantes de Lemnos, que governava no tempo em que uma célebre fúria subveio às mentes das mulheres da ilha, as quais, indomáveis, desejavam livrar-se por completo do jugo dos homens⁶⁴¹. (3) Dando pouca atenção⁶⁴² ao poder do velho rei, e unida a elas Isifile, chegaram unânimes ao plano: na noite seguinte, com espadas enfurecer-se-iam contra todo e qualquer homem: não faltou à resolução empenho. (4) Ora, enquanto enfureciam-se as restantes, veio à mente de Isifile um plano mais ameno, pois considerou que seria desumano manchar-se com sangue paterno. Tendo revelado ao pai o crime das restantes, ele foi enviado em um navio para Quios a fim de que fugisse da ira pública. Imediatamente, construída uma enorme pira, ela fingiu que prestava ao pai as derradeiras exéquias. Como todas acreditaram nisso, foi colocada no trono do pai, no lugar do rei, e feita rainha pelas ímpias mulheres.

(6) Sem dúvida, santíssima é a devoção dos filhos para com os pais; pois o que é mais conveniente, mais justo, mais louvável que a eles retribuir, com humanidade e dignidade? Certamente nada! Fracos, é através de seu esforço que recebemos os

⁶³⁷ Cf. Zaccaria (p.496): *Filocolo*, III 18-22 e IV 141, 1; *Chiose al Teseida*, VI 14, 1; *Fiammetta*, VIII 17, 3-4; *Amorosa Visione*, VIII 18, IX 24 e XXI 19-51; *Allegoria mitologica*, 234; *Genealogia*, V 29.

⁶³⁸ *Pietate*: nota-se a dificuldade de tradução do conceito de *pietas*, cf. nota supra.

⁶³⁹ *Alumni*: outro termo de difícil tradução é *alumnus*, que pode denotar a criança a quem se amamenta (nesse caso Isifile seria sua ama de leite), ou ainda discípulo.

⁶⁴⁰ *Archemori*: Arquémoro também é conhecido como Ofeltes, cf. Brown (p. 484, nota a à biografia XIV).

⁶⁴¹ *Subtrahendi colla indomita ...jugo*: lit. “de tirar do jugo seus pescocos indomáveis”. Temos uma imagem da agropecuária, remetendo aos animais presos ao carro pelo pescoço.

⁶⁴² *Parvipenso*: cf. Verbete *pendo* no *OLD*, acepção 6b.

alimentos, somos protegidos com zelo, com incessante amor somos educados para a idade adulta, instruídos nos costumes e em conhecimento, e ainda valorizados com honras e talentos, tornamo-nos fortes em engenho e costumes.

(7) Como tais pensamentos vieram a Isifile ao cuidar do pai, ela foi reunida, não sem merecimento, às mulheres ilustres⁶⁴³. Então, enquanto reinava, quer impulsionado pela força dos ventos, quer levado por alguma intenção, Jasão, dirigindo-se com os Argonautas para Colcos, ocupou o litoral; porém, enquanto as mulheres em vão tentavam impedi-los, ele foi recebido com hospitalidade e no leito de Isífile. (8) Visto que de Jasão, que partia, ela pariu filhos gêmeos, e, segundo a lei de Lemnos, era impelida a deportá-los (segundo contam alguns), ordenou que os bebês fossem levados para serem criados pelo avô em Quios. (9) A partir disso descobriu-se que, estando salvo o pai, Isífile enganara as restantes, e assim avançou-se contra ela. A custo, tendo embarcado em um navio, foi salva do furor público, e, enquanto procurava o pai e os filhos, foi capturada por piratas e lançada à escravidão. Tendo suportado os mais vários trabalhos, foi dada como presente ao rei Ligurgo da Nemeia, e encarregada de cuidar do pequenino Ofeltes, filho único de Liguro. (10) Enquanto se dedicava a esta tarefa, o exército de Adrasto, rei dos Argivos, estava passando por ali, indo para Tebas, e com uma sede periclitante devido ao calor. Questionada, ela mostrou a fonte Langia, tendo deixado o pupilo na relva, entre as flores⁶⁴⁴. (11) Mas enquanto expunha suas desventuras passadas a Adastro, que a interrogava, Isífile foi reconhecida por Euno e Toante, seus filhos já adultos, que estavam militando para o rei, e assim levada à esperança de um destino melhor. Mas, ao descobrir que o pupilo, que estava brincando entre as plantas, foi morto pelo golpe da cauda de uma serpente, com muito pranto agitou quase todo o exército, sendo por ele e pelos filhos subtraída de Ligure, que enlouquecia de dor. Salva, ela foi destinada para outros eventos e uma morte por mim desconhecidos.

⁶⁴³ *Illustribus mulieribus*: interessante notar o uso da palavra *illustris* neste momento. O autor, que em seu Proêmio define o sentido de *claris* presente no título de sua obra (“notáveis, famosas” são as mulheres que ficaram conhecidas por seus feitos, sejam eles bons ou ruins. Cf. estudo introdutório), parece que aqui define realmente o que é ser **ilustre** para uma mulher. Ela é virtuosa, portanto, não é apenas “famosa”. E aqui parece que o autor toscano exalta um comportamento de característica fortemente cristã: honrar o pai e a mãe.

⁶⁴⁴ Cf. a expressiva ordem de palavras de Zaccaria (p. 85) “Richiestane, la giovane indicò la fonte Langia, lasciando intanto abbandonato in un prato, in mezzo ai Fiori, il Piccolo Ofelte.”

XVII. Sobre Medeia, rainha dos colcos⁶⁴⁵

(1) Medeia, crudelíssimo exemplo⁶⁴⁶ da antiga perfídia, era filha de Eeta (ilustríssimo rei dos colcos e cônjuge de Perse⁶⁴⁷): suficientemente bela e doutíssima⁶⁴⁸ em malefícios. (2) Na verdade, qualquer que fosse o mestre que a tenha instruído, ela conhecia intimamente, melhor que ninguém, as forças das ervas; sabia perfeitamente perturbar o céu por meio de palavras encantadas⁶⁴⁹, incitar de dentro das cavernas ventos, causar tempestades, fazer parar os rios, fabricar venenos, compor fogos elaborados com a finalidade de formar quaisquer incêndios e realizar todo tipo de coisas deste gênero. (3) E não lhe foi atribuído um ânimo divergente de suas artes – o que de longe era pior -, pois estando estas em falta, pensava ela com leviandade no uso da espada.⁶⁵⁰

(4) Jasão da Tessália - jovem notável naquele tempo por sua bravura⁶⁵¹ - foi enviado por seu tio Pélias (que em verdade tramava contra a vida do sobrinho), sob o pretexto de uma gloriosíssima expedição contra os colcos visando furtar o velo de ouro. Cativada pela superioridade de tal homem, Medeia o amou ardentemente e fez com que, para cair em suas graças, um levante popular suscitasse a guerra contra seu próprio pai. Assim apresentava-se a Jasão a oportunidade de alcançar o seu desejo.

⁶⁴⁵ Cf. Zaccaria (p. 497): *Filocolo*, III, 18-23; *Chiose al Teseida*, I, 102, 2; *Fiammetta*, VIII, 17, 6; *Amorosa Visione*, XXI, 52-88; *Esposizioni Dante*, VII, esp. all., 123; *Genealogia deorum*, IV, 12.

⁶⁴⁶ *Documentum*: parece significativo observar-se já na introdução à personagem o uso do termo *documentum* (“ensino”, “modelo”, “exemplo”, “prova”), cuja etimologia evoca tanto o verbo *docere*, “ensinar”, quanto a permanência do episódio na memória (*-mento*, de mesma família do verbo *memini*, “lembrar-se de algo”, Cf. sentido 1 do *OLD*).

⁶⁴⁷ Cf. Zaccaria (p. 497, nota 1): “[...] Per Medea, in generale, cfr. Ovidio, *Metamorphoseon*, VII 1-ss., *Epistulae*, XII.”

⁶⁴⁸ *Sevissimum...clarissimi...doctissima*: notável acumulação de superlativos nesta frase inicial da biografia de Medeia.

⁶⁴⁹ *Cantato carmine*: lit. “por poemas cantados”, i.e. por encantamentos. Cf. Zaccaria (p.85) “formule rituali”.

⁶⁵⁰ *Ferro uti*: literalmente, “fazer uso do ferro”, por metonímia, já presente na literatura latina (cf. *OLD*, verbete *ferrum*, sentido 4), “da espada”.

⁶⁵¹ *Virtute*: aqui parece que Boccaccio usa o termo *virtus* (da mesma família de *vir*, “varão” e de *vires*, forças) num sentido próximo à sua etimologia: “valor”, “bravura”. Cf. Brown (p. 75), que traduz por “prowness” (“proeza”); cf. Zaccaria (p. 85): “il suo valore”. Ovídio, no livro VII das *Metamorfoses*, vv. 26-27, utiliza o mesmo termo para descrever Jasão, e o tradutor F.J. Miller verte o termo *virtus* por “manhood” (p.345). Cf. Capítulo III deste estudo.

(5) Que homem sensato chegaria a pensar que, de uma única mirada de seus olhos, pudesse derivar o extermínio de um opulentíssimo rei? Então, cometido tal crime, tendo merecido a consideração do amado jovem, arrastando junto consigo todos os bens⁶⁵² paternos, lançou-se a uma fuga secreta. E, não contente com tão grande crime, direciona seu espírito truculento para algo ainda pior.

(6) Certa de que Eeta⁶⁵³ seguiria os fugitivos, ela, a fim de o reter na ilha Tomitânia do rio Fásis, pela qual o perseguidor teria de passar, ordenou que se despedaçassem e espalhassem em toda parte pelo campo os membros de Absirto ou Egiáleo, filho de seu pai que ela, em tal circunstância, arrastara consigo como companheiro de fuga. Desse modo, enquanto o genitor reunisse as partes do infeliz e lhes desse lágrimas e um túmulo, ao mesmo tempo daria aos fugitivos a oportunidade da fuga. (7) Sua previsão não a enganou: exatamente assim aconteceu.

(8) Enfim, quando Medeia, após inúmeras errâncias, chegou à Tessália com Jasão, encheu seu sogro Éson de tamanha alegria (tanto devido à volta do filho, quanto devido à vitória obtida, aos despojos de guerra e ao ilustre casamento), que este parecia ter sido chamado de volta à flor da idade. Mas, intencionando adquirir o reino em favor de Jasão, por meio de sua arte, a mulher semeou a discórdia entre as filhas e Pélias, e as munuiu miseravelmente contra o pai. (9) Ademais, decorridos os anos, quando se tornou odiosa a Jasão e foi destituída de seu lugar por Creúsa, filha de Creonte, rei dos coríntios, Medeia, intolerante e indignada, tramou muitos ardis contra Jasão⁶⁵⁴, e desencadeou com seu engenho a total consumação do palácio e de Creúsa, filha de Creonte, por meio de fogo volátil. E, diante dos olhos de Jasão, trucidou os filhos que dele gerara, fugindo para Atenas, onde, casada com o rei Egeu, logo gerou dele um filho, Medo (nome que veio do materno). Em seguida, como em vão tivesse tentado matar com veneno o regressante Teseu, ela pela terceira vez fugiu. Tendo voltado às graças com Jasão e sido expulsa junto com ele de toda a Tessália por Egiáleo⁶⁵⁵, filho de

⁶⁵² *Substantiam*: entre os sentidos do termo *substantia*, estão desde os mais materiais (cf. Brown [p.75]: “al her father’s wealth”) até mais abstratos (“essência”), Consideramos que o termo “bens” recupera ambos os significados. Cf. ainda Zaccaria (p. 87) “tutte le sostanze del padre”.

⁶⁵³ *Oetam*: no *OLD* registra-se a forma *Aeeta*. No dicionário Torrinha registram-se as versões *Aeeta* ou *Aeetes* para o nome do pai de Medeia.

⁶⁵⁴ Mantivemos aqui a repetição do texto boccacciano.

⁶⁵⁵ Boccaccio usa o nome Egiáleo para duas personagens diferentes: seu irmão e um filho de Pélias.

Pélias⁶⁵⁶, repatriou-se na Cólquida e restituiu ao reino o velho e exilado pai deste. (10) O que, precisamente, tenha feito após isso, ou sob que céu, ou ainda em que dia ou com que tipo de morte terminado os seus dias, não me lembro de ter lido nem de ter ouvido.

(11) Mas, que eu não deixe passar em silêncio: não se deve conceder aos olhos uma total liberdade. Isso porque, ao olharmos, reconhecemos os esplendores, inculcamos inveja⁶⁵⁷, atraímos tudo quanto é concupiscência; através do olhar, a avareza é provocada, a beleza é louvada, o desalinho e a pobreza são condenados sem merecimento; e porque são juízes não doutos e acreditam somente no que é superficial, muitas vezes antepõem ao sacro o que é ignominioso; às verdades, as coisas falsas, e às alegrias, as angustiantes. E à medida que recomendam o que deveria ser enjeitado e prazeres efêmeros, corrompem os espíritos não raro por meio de torpíssima desonra.

(12) Os olhos, néscios, são capturados, arrastados, arrebatados e retidos por mordazes iscas⁶⁵⁸: pela beleza (mesmo pela desonesta), pelos movimentos lascivos⁶⁵⁹, pela petulância juvenil. E uma vez que são a porta da alma, por eles a libido envia mensagens à mente, através deles o desejo insufla suspiros e incute cegas chamas, por eles o coração deixa escapar lamentações e manifesta seus sentimentos sedutores.

(13) Os olhos, se alguém tivesse de fato sensatez, ou seguramente os fecharia, ou os levantaria para o céu, ou ainda os mergulharia na terra. A eles, nenhum caminho entre tais instâncias é porventura seguro; ou, se for necessário deles fazer uso, devem ser coibidos com estrito freio, para que não caiam em lascívia. (14) A natureza designou aos olhos que fossem portas, não para que fossem fechados somente no sono, mas para que barrassem o que é nocivo. Sem dúvida, se a poderosa Medeia os tivesse fechado, ou os dirigido para outra parte quando os ergueu ávida na direção de Jasão, teria permanecido por muito tempo o poder do pai, a vida do irmão e, intacta, a virtude de sua virgindade: todas estas coisas pereceram por causa da impudicícia dos olhos.

⁶⁵⁶ “Ma cacciata com lui dalla Tessaglia, per ordine di Agialeo figlio di Pelia, ritornò alla Colchide e restaurò nel regno il vecchio padre, già esule.” (Zaccaria, p. 87); “Restored to Jason’s good graces, she was turned out of Thessaly with him by Aegialeus, son of Pelias” (Brown, p. 77).

⁶⁵⁷ *Inuidiam*: o termo *inuidia* é da mesma família do verbo *uidere*, “ver”.

⁶⁵⁸ *Mordacibus uncis*: lit. “por ganchos/anzóis mordazes”.

⁶⁵⁹ Cf. Referência à Vênus na biografia de Tisbe (XIII).

XVIII. Sobre Aracne, mulher Colofónia⁶⁶⁰

(1) Aracne⁶⁶¹, mulher asiática e plebéia, era filha de Ídmon de Colofón, tintor de lãs. Embora de origem menos célebre, deve ser exaltada por alguns méritos. (2) Na verdade, afirmam os antigos⁶⁶² que seu invento foi o uso do linho, e também que ela foi a primeira a criar redes (se eram para caça de aves ou pesca, é incerto). E como seu filho, cujo nome era Clóster⁶⁶³, tinha descoberto fusos próprios ao lanifício, alguns pensam⁶⁶⁴ que ela teve a primazia da arte da tecelagem em seu tempo, e que, acerca dessa arte, era de tão grande engenho que fazia com dedos e fios, espátula e outras coisas adequadas a tal ofício⁶⁶⁵, o que o pintor realizava com o pincel: ofício que certamente não deve ser desprezado numa mulher.

(3) Ora, à medida que ouvia falar que ela mesma estava célebre por sua reputação - não só em Ifeis, onde morava e possuía uma oficina de tecelagem, mas em toda parte -, a tal ponto exaltou-se que ousou entrar em uma disputa contra Palas⁶⁶⁶, inventora daquela arte. E como não conseguiu suportar tranquilamente ser superada, enforcou-se com uma corda.⁶⁶⁷ A partir disso, deu-se ensejo para invenções⁶⁶⁸: pois, como a aranha em nome e em atividade apresenta semelhanças com Aracne, e como o inseto pendura-se por um fio (e ela mesma pendurou-se por uma corda),⁶⁶⁹ disseram⁶⁷⁰

⁶⁶⁰ Cf. Zaccaria (p. 498): *Filocolo*, I 35, 2; III 24, 5; III 65, 4; V 95, 2; *Comedia Ninfe*, IX 10; *Chiose al Teseida*, XI 61, 3; *Amorosa Visione*, XXXV 13-18; *Allegoria mitologica*, 237; *De Casibus*, I 18; *Genealogia*, II 3.

⁶⁶¹ Aracne já foi citada na biografia de Minerva (VI).

⁶⁶² Aqui a fonte antiga seria Plínio, *Naturalis historia*, VII 196. Cf. Zaccaria (p. 498, nota 1 de XVIII. *De Aragne Colophoniam muliere*).

⁶⁶³ Interessante notar que Cloto (*Clotho, us*) era o nome de uma das parcas que fiava.

⁶⁶⁴ Cf. Zaccaria (p. 498, nota 2): Ovidio, *Metamorfoses*, VI 18 ss.; Virgílio, *Geórgicas*, IV 246; Sérvio, *In Georgica* Ibid.

⁶⁶⁵ *Offitio* por *officio*.

⁶⁶⁶ Cf. biografia VI.

⁶⁶⁷ *Induto laqueo vitam finivit*, literalmente, “acabar com a vida por meio de um nó/laço vestido”, i.e. “enforçar-se”. A tradução de Zaccaria e Brown trazem o mesmo sentido, a ver: “Non sapendo poi reggere all’onta di essere vinta, si impiccó.” (p. 91); “Arachne, however, was unable to endure defeat with resignation and she hanged herself.” (p.81).

⁶⁶⁸ *Fingentibus*: mais uma vez Boccaccio usa o verbo *ingere* “forjar”. “criar” (da mesma origem do termo “ficção”,) para referir-se a aspectos mais fantásticos das histórias que narra (quer atribuídos aos poetas, quer ao povo).

⁶⁶⁹ *Laqueo*: traduzimos *laqueum* (lit. “laço”/nó, cf. nota acima) por “corda”, para dar sentido em português.

⁶⁷⁰ Cf. Zaccaria (p.498, nota 5): Ovidio, *Metamorfoses*, VI 139-45; Lactâncio Plácido, *In Statii Thebaida*, XI 401 e Dante *Purg.*, XII 43-45).

que, por compaixão dos deuses, Aracne foi transformada em aranha, e que se dedica ao antigo trabalho com assíduo cuidado. (4) Alguns ainda dizem que, embora a mulher, disposta a morrer tivesse colocado em si a corda, intervindo o auxílio dos seus, não teria morrido, e livrava-se da dor com a ocupação mencionada.

(5) Ora, se neste momento há alguém que acredite superar os restantes em algo, peço que diga – que o diga, se desejar, a própria Aracne: se acaso ela pensava poder mover o céu e trazer para si todos os méritos, ou, melhor ainda, por meio de súplicas e merecimentos, que poderia trazer em seu benefício de preferência o próprio Deus, criador de todas as coisas, de forma que, despido o cerne de sua munificência, o impeliria a derramar sobre ela todas as graças, deixados de lado os restantes. Mas o que pergunto? Parece que ela assim pensou: feito estultíssimo, por Hércules! (6) A natureza move o céu com lei eterna, e oferece engenhos próprios às mais variadas das coisas. Eles se tornam entorpecidos pelo ócio e pela preguiça, mas por meio de esforços e exercício, alcançam o brilho e a capacidade máximas das coisas. E, sob estímulo dessa mesma natureza, incitante, somos levados, pelo desejo, ao conhecimento de todas as coisas, e é claro que não com a mesma habilidade ou sorte.

(7) E, se assim é, o que impede que muitos possam se equiparar na mesma coisa? Por isso quem pensar que sozinho, entre tão inumerável multidão de mortais, pode prevalecer sobre os demais no caminho para a glória, é alguém de mente insensata. Sem dúvida eu preferiria que Aracne fosse para nós a única nessa situação ridícula, embora sejam inúmeras as pessoas enlaçadas em tamanha demência, que, enquanto levam a si mesmos para o precipício da tola presunção, fazem de Aracne um menor motivo de riso.

XIX. XX. *Sobre Oritiia e Antíope, rainhas das amazonas*⁶⁷¹

(1) Oritiia - que foi insigne antes de tudo por sua admirável e perpétua virgindade -, era filha de Marpesia, e depois desta foi rainha das amazonas junto com Antíope, a quem alguns julgam⁶⁷² ser sua irmã. Com sua consorte no reino, Antíope, Oritiia foi tão valorosa nas guerras que ampliou o império das amazonas com muitas honras; e a tal

⁶⁷¹ Cf. Zaccaria (p.498): *De Casibus*, I 9 e 11.

⁶⁷² Cf. Zaccaria (p. 498, nota 1): Justino, II 4, 20.

ponto gerou elogios a si por sua disciplina militar que Euristeu, rei de Micenas, julgava difícil poder obter, guerreando, o boldrié⁶⁷³ dessa mulher. E por esse motivo, os mesmos dizem⁶⁷⁴ que a Hércules, em débito com Euristeu, foi ordenado que o trouxesse, como trabalho máximo. (2) Realmente exímia glória é para essa mulher o fato de que, contra si, devido à esplêndida virtude de suas armas, foi lançado Hércules, que a tudo superava. Tendo ele iniciado a campanha e ocupado o litoral das amazonas com nove grandes navios, estando Oritiia ausente e as amazonas perturbadas, elas – por estarem em pouco número e incautas - facilmente ofereceram a vitória contra si. Então, capturadas Menalipe e Hipólita, irmãs de Antíope, depois de concedido o boldrié da rainha, Menalipe foi devolvida. (3) Contudo, ao ouvir que Teseu, um dos membros da expedição, levava Hipólita, Oritiia convocou aliados e ousou fazer guerra contra toda a Grécia. Mas, tendo havido um desacordo, abandonada pelos aliados, ela foi superada pelos atenienses e retornou para seu reino. Não me lembro de ter lido o que ela tenha feito posteriormente.

XXI. Sobre a sibila Eritreia, ou Erifile⁶⁷⁵

(1) Eritreia ou Erifila foi uma das sibilas e uma mulher muito insigne. Na verdade, alguns pensam⁶⁷⁶ que foi dez o número das sibilas e distinguem cada uma pelos nomes próprios. Visto que eram muito hábeis no vaticínio, todas elas assim são chamadas. (2) Com efeito, *syos*, em língua eólica corresponde a *deus* em latim⁶⁷⁷ e *biles*, a *mentem*. E por esta razão *sybille* é como se fosse *mente diuine* [“na mente divina”], ou *mente gerentes* [“que traz deus na mente”]. (3) De todas estas veneráveis sibilas, contam que ela foi a mais célebre, e que sua origem vem dos babilônios, muito

⁶⁷³ *Baltheum* por *balteum*. O boldrié (*balteus* ou *balteum*) era um tipo de cinta. Segundo Houaiss, “tira de couro ou de pano passada de um ombro ao quadril oposto, podendo sustentar espada ou qualquer outra arma”. A descrição no *OLD* (1ª do verbete) vai no mesmo sentido, acrescentando que tal cinta era decorada de forma elaborada.

⁶⁷⁴ Cf. Zaccaria (p. 498, nota 2); Orósio, I 15, 7; Sérvio, *In Aeneida*, XI 661.

⁶⁷⁵ Ao que consta na edição de Zaccaria (p. 499), tal personagem não aparece em nenhuma outra obra de Boccaccio.

⁶⁷⁶ Cf. Zaccaria (p. 499, nota 2): Varrão em Latânio, *Divinarum Institutionum*, I 6, 8 e Isidoro, *Etymologiarum*, VIII, 8, 1.

⁶⁷⁷ “‘sios’ in eólico corresponde al ‘deus’ latino” (Zaccaria, p. 95); “*sios* corresponds to the latin word *deus*” (Brown, p. 42).

tempo antes da guerra de Tróia. De acordo com o que pensam alguns⁶⁷⁸, ela foi uma profetisa⁶⁷⁹ no tempo de Rômulo, rei dos romanos. (4) O nome dela - segundo dizem alguns - foi Erifile, mas passou a ser chamada Eritréia porque por muito tempo havia morado na ilha Eritréia e nesse mesmo lugar foram descobertos muitos de seus cantos mágicos⁶⁸⁰. (5) Então, na visão de Deus, tamanha foi a força de seu engenho ou eloquência, e o mérito de sua devoção, que foi por causa de sua dedicação vigilante, e não por dádiva divina, que ela mereceu – se for verdade o que é lido sobre ela – descrever com tamanha clareza as coisas futuras que aquilo parecia mais um evangelho do que uma predição. (6) Aos gregos que perguntavam a ela, descreveu tão claramente em oráculo seus sofrimentos e a destruição de Ilioneu, que, mesmo depois do acontecimento, não se passou a conhecer mais claramente do que antes qualquer aspecto dele. (7) Assim, também o império dos romanos e variados acontecimentos tão antes de seu início, ela resumiu em poucos e verdadeiros dizeres, de forma que mais parece ter escrito um breve resumo⁶⁸¹ em nossa época do que predito o futuro. E - o que é muito maior em meu juízo - revelou os arcanos da mente divina, nunca preditos antes salvo por imagens dos antigos e ideias implícitas nos profetas, ou mais precisamente, por palavras do Espírito Santo proferidas por profetas: o mistério da encarnação do Verbo, vida e obra do Filho, a traição, a prisão, zombarias e a desonrada morte, o triunfo da ressurreição, a ascensão e volta no juízo final: dessa forma, parece que ela prescreveu a história, mais do que ter que predito acontecimentos que estavam por vir⁶⁸². (8) Por estes méritos julgo Eritréia ter sido muitíssimo amada também por Deus e deve ser mais venerada que o restante das mulheres pagãs. (9) Além disso, há os que afirmam que ela floresceu em perpétua virgindade, no que eu facilmente acreditaria: tamanha luz sobre os fatos futuros não teria podido brilhar em um peito contagiado. (10) Em que tempo, ou em que parte ela tenha morrido, tudo isso se apagou.

⁶⁷⁸ Cf. Zaccaria (p. 499, nota 5): Santo Agostinho, *De civitate Dei*, XVIII, 23, 1.

⁶⁷⁹ O sentido se dá por analogia com a palavra *vaticinator* (masc.) “um profeta” “vidente”.

⁶⁸⁰ *Carmina*: para *carmen* (pl. *carmina*) como “cantos mágicos” ou “profecias”, entre outros sentidos ligados à religião e magia, cf. *OLD* sentido 1 ao verbete.

⁶⁸¹ *Epythoma* por *epitoma* (raro em latim clássico) ou *epitomes*, cf. *OLD*.

⁶⁸² Cf. Zaccaria (p. 499, nota 8): “Agostino, *De civitate Dei*, XVIII 23, 70, che riprende Lattanzio, *Divinarum Institutionum*, IV 18.”

XXII. Sobre Medusa, filia de Forco⁶⁸³

(1) Medusa era filha e herdeira do riquíssimo rei Forco. Seu opulentíssimo reino situava-se no mar Atlântico e, segundo alguns acreditavam, equivaleria às ilhas Hespérides. (2) Se podemos dar crédito aos antigos, ela foi de beleza tão admirável que não apenas superava as restantes, mas também, como se diante de uma espécie de maravilha⁶⁸⁴ sobrenatural, o desejo de vê-la atraía para si muitas pessoas.⁶⁸⁵ (3) Ela realmente tinha uma cabeleira áurea e abundante, decoro notável do rosto, e corpo esguio e de digna estatura; mas, entre outras coisas, ela tinha um tão amplo e plácido⁶⁸⁶ vigor nos olhos que convertia aqueles a quem olhasse benignamente em seres quase imóveis e inconscientes⁶⁸⁷. (4) Além disso, alguns afirmam que ela foi extremamente hábil na agricultura, e que por esse motivo ela obteve o cognome de Górgona: seu empenho admirável, associado à sagacidade, não só conservou as riquezas pertencentes ao pai, mas também as aumentou imensamente⁶⁸⁸, a tal ponto que os que a conheciam acreditavam que ela ultrapassava em tesouros qualquer rei do ocidente. (5) E assim, tanto pela beleza como também pela riqueza e sagacidade, alcançou enorme reputação entre as nações mais remotas. (6) Na verdade, por meio deste célebre boato ela alcançou, entre outros povos, até os argivos. Dentre eles, Perseu, a flor da juventude grega, tendo ouvido o relato de suas qualidades, caiu em desejo de ver a belíssima⁶⁸⁹ mulher e de apoderar-se de seus tesouros. E assim, tendo embarcado no navio cuja insígnia era o cavalo Pégaso, foi levado para o ocidente com admirável rapidez. Em lá chegando, servindo-se de prudência e de armas, apoderou-se da rainha e do ouro, e voltou para os seus carregando⁶⁹⁰ ricos despojos. (7) A partir disso, teve lugar a

⁶⁸³ Cf. Zaccaria (p.499): *Chiose al Teseida*, I 3, 3; *Esposizioni Dante*, IX, esp. all.,39-59; *Genealogia*, IV 31 e X 10-11.

⁶⁸⁴ *Admirande...mirabile*: perdemos em nossa tradução (“admirável” ... “maravilha”) a retomada de termos de mesma família, evidente na passagem de Boccaccio.

⁶⁸⁵ Aqui, mais uma vez, agradecemos a gentil contribuição do Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos, que nos lembrou da semelhança existente entre a passagem e o episódio da matrona de Éfeso, presente no *Satyricon* de Petrônio.

⁶⁸⁶ Cf. estudo mencionado por Zaccarias (p. 500, nota 3): Martellotti, G. “L’aggettivo *placidus* in B.” in *Studi in onore di A. Schiaffini*. Roma: 1965, pp.650-56.

⁶⁸⁷ Cf. Zaccaria (p. 500, nota 4): Sérvio, *In Aeneida*, VI, 289.

⁶⁸⁸ *Sed in immensum ausit: ausit por auxit*. Mesmo uso que aparece na biografia XI, XII em “*suum plurimum imperium ausere*” (Zaccaria p. 64).

⁶⁸⁹ *Spetiosissimam* por *speciosissima*.

⁶⁹⁰ *Honustus* por *onustus*.

ficção⁶⁹¹ poética, na qual lemos que Medusa Górgona costumava petrificar os que encarasse, e que seus cabelos foram transformados em serpentes, por causa da cólera de Minerva, cujo templo aquela violara ao se deitar com Netuno, gerando Pégaso; e que, ainda segundo os poetas, Perseu, montado em seu o cavalo alado, voou para o reino de Medusa, e o dominou usando o escudo de Palas. (8) A posse de ouro é infeliz; porque, se permanece escondido, ao proprietário não é de proveito algum; se resplandece, nascem mil emboscadas daqueles que o cobiçam; e mesmo se dele permanecem longe as mãos dos violentos, preocupações angustiantes não cessam aos possuidores; pois o repouso do espírito é afugentado, tira-se o sono, o temor é introduzido, a fé é reduzida, a suspeita aumenta e, em resumo, impede-se ao miserável de usufruir minimamente da vida. Se por acaso o ouro se extingue, transformado em pobre, o avaro passa a ser atormentado por angústias: o generoso o elogia; o invejoso ri; o pobre consola e todo povo canta, em forma de fábula, suas dores.

XXIII. *Sobre Íole, filha do rei dos etólios*⁶⁹²

(1) Íole, filha de Êurito, rei da Etólia, foi a mais bela de todas as virgem daquela região. Há os que digam que ela foi amada por Hércules, conquistador do mundo. Embora Êurito tivesse prometido as suas núpcias a ele, dizem que, por persuasão do filho, a negou-a ao pretendente. Por causa disso, o irado Hércules moveu uma violenta guerra contra o próprio Êurito e o matou. Tomada a província, roubou a diletíssima Íole para si. (2) Porém ela, certamente mais afetada pela morte paterna do que pela estima pelo esposo, ávida de vingança, por meio de admirável e constante astúcia, escondeu sua intenção com um falso amor; e, com carícias e certa lascívia artificiosa, atraiu Hércules para tão ardente amor dela, o bastante para perceber que, o que pedisse, por ele não seria negado. (3) E desde então, como se achasse horrível o áspero traje do amante, ordenou ao severo esposo, antes de outras coisas, que tirasse a clava com a qual domara os monstros, que tirasse a pele do leão da Neméia, insígnia de sua força, e o fez tirar a coroa de choupo, sua aljava e flechas. (4) Como estas coisas não foram suficientes para

⁶⁹¹ Cf. Zaccaria (p. 500, nota 7): “Teodonzio citato in *Genealogia*, X 11 (da Lucano, *Pharsalia*, 1 cit. , e Ovidio, *Metamorphoseon*, IV 774 ss.)”

⁶⁹² Cf. Zaccaria (p. 500): *Filocolo*, IV 41, 9; *Chiose al Teseida*, VII 50, 1; *Amorosa Visione*, XXVI 5 e 27; *De Casibus*, I 18; *Genealogia*, XIII 1.

seu espírito, com ofensas⁶⁹³ premeditadas e ainda mais audácia atacou o inimigo desarmado⁶⁹⁴. Em primeiro lugar instruiu-o a ornar os dedos com anéis, untar a áspera cabeça com unguentos de Cipro, e separar com um pente os cabelos eriçados⁶⁹⁵, untar com nardo a ríspida⁶⁹⁶ barba e, além disso, enfeitar-se com guirlandas delicadas e um turbante meônio⁶⁹⁷. Depois, ordenou que ele vestisse vestes purpúreas e trajes macios, pensando a juvenzinha – com talento inato para as fraudes⁶⁹⁸ - ser de muito mais decoro tornar efeminado tão robusto homem com lascívia a matá-lo com a espada ou com venenos. (5) Mas, não julgando que isso tinha satisfeito o suficiente⁶⁹⁹ sua indignação, obrigou-o a, além disso, abandonar-se a tal estado de frouxidão⁷⁰⁰, que, sentado à maneira feminina entre as mulherzinhas, narrava as historietas⁷⁰¹ de seus trabalhos e, tomando para si as linhas, fiava a lã na roca, e os dedos, os quais no berço, ainda infante, enrijecera para aniquilar serpentes, então, já em idade robusta, ou melhor, em idade avançada, ele amolecia para afinar os fios⁷⁰². Com efeito, aos que querem ver os

⁶⁹³ *Telis praecogitatis*: lit. “com dardos premeditados”.

⁶⁹⁴ *Inhermem* por *inermem* (ac. de *inermis*, de *in* + *arma*, i.e. “sem armas”).

⁶⁹⁵ *Hirsutos* por *hirsutos* (cf. *hirsutus* “coberto de pelos, de espinhos, etc.”, *OLD*, 1a).

⁶⁹⁶ *Hyspidam* por *hispidam* (cf. *hispidus* “coberto de pelos”, “peluda”).

⁶⁹⁷ *Meonia* por *maeonia*, “da Meônia”. Alusão a Homero e/ou às Musas (cf. *OLD* e *Torrinha*).

⁶⁹⁸ *Erenata*: Zaccaria na nota 2 (p. 500) da biografia em questão (XXIII), explicita que o vocábulo não foi encontrado nem mesmo no vocabulário de léxico medieval, e que aparece em outros trechos do texto de Boccaccio. Segue a transcrição da nota: “*erenata* qui, come – in analogo contesto - in LXXXVIII 7 (*De Cleopatra*): vocabulo non registrato neppure dai lessici medievali. In Terenzio, *Adelphoe*, III 128 e in Apuleio, *Metamorphoseon*, IV 11 e IX 6 si incontra *e re nata*, col significato di *pro eventu rei*. Il B. sembra usare in nesso unico l’espressione col valore di *ex re (=reapse) nata*: ‘nata davvero, nata proprio, o in realtà, per le frodi’.” Sobre a fraude de Iole, Zaccaria ainda comenta: “In *De casibus*, I 18 sono attribuite a Deianira le arti (*decipule*) per le quali Ercole fu costretto ad umili servizi, fino a quello di tessere e filare (ma nello stesso capitolo: “Herculem Yole blanda seduxit”; e cfr. XXIV, nota 4).”

⁶⁹⁹ *Satis...satisfactum*: ênfase obtida por um uso próximo de termos de mesma raiz.

⁷⁰⁰ *Mollitiei*: a *mollitia*, lit. “moleza”, i.e. “frouxidão” era característica associada às mulheres, designando falta de virilidade nos homens. Cf. *OLD*, sentido 1.

⁷⁰¹ *Mulierculas...fabellas*: note-se o uso de diminutivo depreciativo de *mulier* (mulher) e de *fabulla* (“história”, “mito”) respectivamente. O sentido do termo *fabulla* em *De claris mulieribus* de Boccaccio (e sua contraparte “história”) merece investigação mais aprofundada.

⁷⁰² *Digitosque...molliret*: a passagem apresenta diversas construções antitéticas, obtidas por recursos de contraste. Por exemplo, os verbos de sentido opostos *durauerat ...molliret*, respectivamente “endureceu” e “amolecia”, ambos tendo como objeto *digitos*, “dedos”; a simetria, demarcada com recursos sonoros *ad extinguendos ... angues/ad extenuanda fila*, contribui também para o contraste entre o Hércules criança e o mais maduro, no momento da descrição.

fatos, tem-se um exemplo⁷⁰³ nada pequeno da fraqueza humana e das astúcias femininas.

(6) Em suma, com este estratagema pleno de artifícios, a jovem vingou a morte do pai, com perpétuo estigma de vergonha para Hércules, não através das armas, mas de dolo e lascívia; e fez-se digna de eterno nome. (7) Com efeito, quantos foram os triunfos, obtidos derrotando quaisquer monstros, o vitorioso Alcides⁷⁰⁴ conduziu a Euristeu, tantos foram aqueles com que a própria Iole, vencedora do glorioso homem, triunfou. (8) Esse impulso⁷⁰⁵ pernicioso habituou-se a se incutir em meninas atraentes⁷⁰⁶ e a apoderar-se muitíssimas vezes de jovens lascivos e ociosos. E, por ter entrado no peito endurecido de Hércules, Cupido – que escarnece da seriedade e é exímio cultor da frouxidão - é mais monstruoso do que foram os que este tantas vezes domara pessoalmente. (9) Essa história deve incutir nos zelosos da própria saúde não pouco de temor, e mesmo exterminar seu torpor; pois é evidente o quão forte e o quão ameaçador seja o potente inimigo. (10) Portanto, deve-se vigiar, e por nós os corações devem ser munidos com muito vigor; pois ele não há de se lançar sobre os que estão contra sua vontade. Então, deve-se resistir desde o princípio. Os olhos devem ser contidos para que não vejam as vaidades, os ouvidos devem ser tapados, ao modo de escudos, e com assíduos trabalhos, deve-se oprimir a lascívia. (11) Pois, sem dúvida, Cupido se apresenta brando aos incautos, e benévolo, no primeiro contato; e se é recebido com alegre esperança, agrada logo ao ingressar, aconselha os ornamentos dos corpos, os modos refinados, gracejos urbanos, danças, cantos e poemas, jogos, banquetes⁷⁰⁷ e coisas semelhantes. (12) Mas na verdade, depois, que, dado estúpido assentimento, se apodera do homem por inteiro e, subtraída sua liberdade, lançadas as mentes às prisões e laços, os desejos são levados para além de qualquer esperança. Então, ele incita

⁷⁰³ *Argumentum*: novamente Boccaccio denota preocupação com o “argumento” central da história que narra.

⁷⁰⁴ *Alcides*: é outro nome dado a Hércules. Significaria “descendente de Alceu”, que era o pai de Hércules. Cf. *OCCL*.

⁷⁰⁵ *Passio*: “an affection of the mind, passion, emotion” (*OLD* 1).

⁷⁰⁶ *Delitiosas* por *deliciosas*. Cf. *deliciosus* (não registrado no *OLD*), i.e. “pleno de deleites”, atraente (cf. *delicia* *OLD* 1c, “physical attributes (of a person) tending to please, charms”). Cf. Brown (p. 93) segue Zaccaria (p.103): respectivamente “voluptuous”, “volutuose”.

⁷⁰⁷ *Commessiones* por *comissiones*: *comissatio* (do verbo (de *comesse*, comer) designa “refeição fora de hora”, “desregramento” “orgia”, cf. *OLD*.

suspiros, oprime os engenhos em artimanhas⁷⁰⁸, eliminando qualquer diferença entre vícios e virtudes (contando que se atinja o que é desejado), elencando como inimigos quaisquer obstáculos que se lhe impuserem.

(13) A partir daí, enquanto as flamas queimam o coração dos infelizes, há tantas idas e vindas, num caminhar infatigável, na busca exaustiva do ser amado que da visão tão reiterada, sempre se geram novos ardores. E, já que não há lugar para prudência, vai-se às lágrimas, repetem-se súplicas untadas em melosas carícias, instruem-se cafetinas, prometem-se presentes, presenteia-se, e se os rejeita. Por vezes, enganam-se os guardas, e tomam-se corações cercados de vigilâncias, chegando-se, afinal, aos ardentes abraços. (14) Então, o conselheiro dos crimes e inimigo do pudor, tendo afugentado o rubor e a honestidade, e como que preparado o lamaçal aos porcos, une os amantes, ganindo para as seduções da cópula. Depois disso, rejeitada a sobriedade, ardendo em Ceres e Baco, convida-se Vênus, e eles se consomem em torpe⁷⁰⁹ excesso por toda a noite.

(15) Nem mesmo diante disso esse furor é extinto, mas, pelo contrário, muitíssimas vezes amplia-se em uma maior insânia. A partir daí, resulta que Alcides se arruíne naquela detestável submissão, que sejam esquecidas as honras, que se desperdicem os bens, munidos os ódios, e que sejam introduzidos, muitíssimas vezes, os perigos da vida. E essas situações não são privadas de dores: alternam-se a rixa e tênues momentos de paz, de novo, as suspeitas e o ciúme, destruidor dos corpos e das almas. (16) Por outro lado, se os amantes não persistem em seu desejo, então o amor, carente de razão, acrescenta às esporas sua chibata, amplifica as preocupações, acumula desejos, leva a dores quase intoleráveis, e aos que devem ser tratados não há remédio a não ser as lágrimas, queixas e, algumas vezes, a morte. Vai-se consultar velhinhas⁷¹⁰, consultam-se magos⁷¹¹, experimentam-se as forças das ervas, dos feitiços⁷¹² e dos malefícios, carícias são revertidas em ameaças, a agressividade é preparada, maljura-se o frustrado amor. E

⁷⁰⁸ *Premittit in artes ingenia*: “Espremer os engenhos em artes, artimanhas”- parece que a posição do termo *artes*, como que presa entre *premittit* e *ingenia*, não foi determinada ao acaso.

⁷⁰⁹ *Spurcido*: termo não registrado no *OLD*, que apresenta similares como *spurcus* (entre seus sentidos: “dirty, filthy, foul”; sentido 2 “morally polluted”).

⁷¹⁰ *Anicule* por *aniculae*; pl. de *anicula* “an old-woman” (*OLD*); o contexto permite a interpretar que se trata de “adivinhas”, cf. Zaccaria (p. 105) “indovine”; Brown (p. 97) “fortunetellers”.

⁷¹¹ *Caldei*: Zaccaria (p. 105) “maghi”; Brown (p. 97) “astrologers”.

⁷¹² *Carminum*: vemos que o termo *carmen* aparece mais uma vez como referência a encantamento (cf. *OLD* sentido 1, cf. biografia de Medeia, XVII).

não deixa de ocorrer que algumas vezes esse artífice dos males introduza tamanho furor que lança os miseráveis às forcas e espadas.

(17) Ó, quão doce, quão suave este amor! A quem, quando devemos fugir com horror, exaltamos como a um deus, o cultuamos, rogamos suplicantes, fazemos sacrifícios em lágrimas e suspiros, oferecendo-lhe vergonhas, adultérios, incestos, e o coroamos com nossas impudicícias!

XXIV. *Sobre Dejanira, esposa de Hércules*⁷¹³

(1) Dejanira – como alguns afirmam – era filha de Eneu, rei dos habitantes da Etólia, e irmã de Meléagro: virgem de beleza tão insigne, que, visando às suas núpcias, houve uma contenda entre Aquelau e Hércules. (2) Mas, desde que o êxito foi concedido ao vitorioso Hércules, ela foi amada pelo centauro Nesso. E, quando a levava da Caledónia para a sua pátria, Hércules atrasou-se no rio Ébena da Caledónia⁷¹⁴ (cheio pelas chuvas dos dias anteriores) e encontrou, diante de si, o apaixonado Nesso. Este, como estava a cavalo, oferecia-se obsequioso a Hércules para transportar Dejanira à outra margem do rio⁷¹⁵. (3) Tendo Hércules cedido à proposta, disposto a atravessar a nado depois da esposa, o outro (como que tomando posse do objeto de seu desejo)⁷¹⁶, assim que atravessou o rio, arremessou-se em fuga levando a amada. (4) Como não pudesse alcançá-lo a pé, Hércules lançou contra o fugitivo uma flecha impregnada com o pus do animal de Lerna⁷¹⁷. Quando Nesso o sentiu, julgando que estava morto, entregou no mesmo instante a Dejanira uma veste impregnada com seu sangue, afirmando que se a vestisse, sanguinolenta como estava, poderia atrair Hércules de tudo que fosse exterior, direcionando ao seu amor. Crédula, Dejanira – considerando a veste

⁷¹³ Cf. Zaccaria (p. 501): *Amorosa Visione*, XXVI 11ss.; *Chiose al Teseida*, VII 50, 1; *Rime*, XXXVI 49; *Buccolicum*, XI 205; *De Casibus*, I 18; *Genealogia*, IX 17; *Esposizioni Dante*, XII, esp. litt., 45-53.

⁷¹⁴ *Calidonia...Calidone*: mantivemos a repetição presente no próprio texto latino.

⁷¹⁵ *Ultero* tem várias significações. Achamos esta a melhor, mas assim traduz Zaccaria: “Nesso, amante di Deianira, che si offriva ossequiosamente a trasportare, come centauro, la donna di là del fiume”. (p. 107); e Brown “Since he was on horseback, Nessus volunteered to help Hercules by taking Deianira to the other side” (p. 99).

⁷¹⁶ *Quasi voto potitus*: concisa a expressão latina. Cf. Zaccaria (p.107) “quasi fosse già divenuto in possesso della donna desiderata”; Brown (p.98) “his prayers having, as it were, been answered”.

⁷¹⁷ Aqui Boccaccio se refere à Hidra de Lerna, uma espécie de cobra com inúmeras cabeças que, ao serem cortadas, eram logo substituídas por outras. Matá-la foi o segundo trabalho do herói. Cf. *OCCL*.

como um enorme presente – a conservou secretamente por muito tempo, mas a enviou cuidadosamente (através de seu jovem criado Licáon) a Hércules, quando este estava amando Ônfale, ou Íole. (5) Porém, quando, por sua vez, ele com seu suor dissolveu o sangue, ficando impregnado de veneno, e tendo-o absorvido pelos poros, enlouquecido espontaneamente se jogou ao fogo, deixando-se consumir. (6) E, assim, Dejanira, viúva de tão grande homem, ao tentar atraí-lo para si, perdeu-o, ao mesmo tempo em que expiou o assassinato de Nesso.

XXV. Sobre Jocasta, rainha de Tebas⁷¹⁸

(1) Jocasta foi rainha de Tebas, famosa mais por seu infortúnio do que por seus méritos, ou reinado. Na verdade, como provinha da esplêndida estirpe dos primeiros fundadores de Tebas, a virgem casou-se com Laio, rei de Tebas. Tendo dele concebido um filho, obrigada a lançá-lo às feras diante da predição adversa a Laio recebida do oráculo, abandonou com pesar o recém-nascido.

(2) Quanto a ele, embora a mãe julgasse que houvesse sido devorado no mesmo instante, foi educado pelo rei dos coríntios como um filho. Estando esse já em idade adulta, depois que Laio foi por ele morto na Focéia, a viúva tomou-o como desconhecido, desposou-o e dele gerou os filhos Eteócles e Polinices, e outras tantas filhas, a saber Ismene e Antígona.

(3) E quando parecia feliz tanto pelo reino quanto pela prole, através de uma revelação dos deuses, ela soube que era o seu filho quem ela julgava ser seu legítimo esposo. Ainda que ela mesma suportasse a dor com extremo pesar, ele, porém, com mais pesar o fazia, tanto que, diante da vergonha do crime impetrado contra seu pai, passa a desejar uma noite eterna e despojou-se dos olhos e do reino.

(4) Assumindo o reino, os filhos discordes, quebrados os pactos, entraram em guerra. E a despeito da grande tristeza de Jocasta⁷¹⁹, muitas vezes combatiam como adversários; porém com maior pesar ainda ela ouviu que os combatentes haviam sido mortos por mútuos golpes em duelo. (5) Não suportando esta dor a miserável mãe e avó,

⁷¹⁸ Cf. Zaccaria (p.502): *Filocolo*, II 32, 3; *Comedia Ninfe*, XXXIII 2; *Chiose al Teseida*, V 13, 2; *Fiammetta*, VIII 9, 2-16; *Amorosa Visione*, XXXIV 22; *De Casibus*, I 7; *Genealogia*, II 69-70).

⁷¹⁹ *Grandi Yocaste Tristitia*: Zaccaria (p. 502, nota 2) aponta aqui uma referência a “tristizia de Iocasta” em Dante (*Purg.* XXII 56).

eis que podia vislumbrar: o irmão Creonte já rei; cego e prisioneiro o filho e marido⁷²⁰; as filhas Ismene e Antígona enlaçadas a uma fortuna oscilante. Mediante isso, estando já idosa, com a espada lançou fora o espírito relutante e cansado dos males, e acabou com as inquietações junto com a vida. (6) Há, entretanto, os que pensam⁷²¹ que ela não conseguiu suportar por tanto tempo seus erros criminosos, e, sobretudo ao ter visto Édipo arrancando os olhos, naquele mesmo momento acometeu contra si mesma.

XXVI. Sobre a sibila Amalteia⁷²² ou Deífobe⁷²³

(1) Acredita-se que a virgem Amalteia, a quem alguns também chamam Deífobe, filha de Glauco, era originária de Cumas calcídica, antiga cidade da Campânia. Como era uma das sibilas, alguns pensam que ela floresceu no tempo da destruição de Tróia⁷²⁴, e que alcançou tão longa idade que teria chegado até o tempo de Tarquínio Prisco⁷²⁵, rei dos romanos. (2) A ela, a virgindade era, segundo o testemunho dos antigos⁷²⁶, tão valiosa que, nem mesmo em tão grande intervalo dos séculos, tolerou ser desonrada⁷²⁷ por contato masculino algum. E, embora as obras dos poetas afirmem⁷²⁸ que ela foi amada por Febo e que obtivera através do favor dele os longevos⁷²⁹ anos e a divindade, eu, entretanto, julgo que foi do próprio Sol, que ilumina todo homem que vem a este mundo, que ela (por causa do mérito de sua virgindade) recebeu a luz do vaticínio, e, que por meio desta predisse muitas coisas e escreveu a respeito do que há

⁷²⁰ *Orbum filium virumque captivum*: lit. “preso o filho e o marido cativo”. Visando à clareza, a significativa, enfática disposição dessas palavras no texto latino não foi preservada em nossa tradução.

⁷²¹ Cf. Zaccaria (p. 502, nota 5): Sêneca, *Édipo*, 1040-1041; Estácio, *Tebaida*, XI 635 ss.

⁷²² Cf. nota de Zaccaria para a grafia do nome da biografada (p. 502, nota 1): “La grafia *Almathea* (per *Amalthea* como in Papia s.v. *Sybilla*), registrata da Lattanzio, *Divinarum Institutionum*, I 6, 10; Servio, *In Aeneida*, VI 72; Isidoro, *Etymologiarum*, VIII 8, 5 è di Aut. Laur. e di altri mss. Nel titolo Aut. Laur. dà *Deyphile* sybilla. Ho corretto in *Deiphebe*, forma che ritorna due volte nel testo e che riecheggia Virgilio, *Aeneidos*, VI 36 (*Deiphobe* Glauci) e Servio, *In Aeneida*, VI 36 (*Deiphebe* Glauci, in qualche codice).”

⁷²³ Cf. Zaccaria (p. 502): *Filocolo*, II 15, 8; *De Montibus*, s.v. *Avernus* (in *de lacubus*).

⁷²⁴ A destruição de Troia data aproximadamente de 1250 a.C., segundo o *OCCL*.

⁷²⁵ Tarquínio Prisco, um rei romano “semilendário” (“semi-legendary”), teria vivido entre 616-579 a.C. Cf. *OCCL*.

⁷²⁶ Cf. Zaccaria (p.503, nota 3): Virgilio, *Eneida*, III 145; Sérvio, *In Aeneida*, III, 445.

⁷²⁷ *Fedari* por *Foedari*.

⁷²⁸ Cf. Zaccaria (p. 503, nota 4): Sérvio, *In Aeneida*, VI 321; *Myt. Vat.*, I 153 e II 87.

⁷²⁹ *Longevos* por *Longaevos*.

de acontecer. (3) Sobre isso, ademais, dizem ter existido no litoral de Baias, ao lado do lago de Averno, um insigne oráculo (o qual eu efetivamente vi), e ouvi dizer que ali se conserva o nome dela até os dias de hoje. Ainda que tenha sido corroído pelo passar de muitos anos e também um pouco arruinado pela falta de cuidado, o oráculo conserva a antiga majestade em suas ruínas e oferece até agora, aos que o fitam, a admiração por sua magnitude. (4) Além disso, há quem diga⁷³⁰ que ela apresentou a Eneias, fugitivo, o caminho⁷³¹ às regiões inferiores⁷³², no que eu mesmo não acredito, mas sobre isso falaremos em outra ocasião⁷³³. (5) Porém, os que pensam que Amalteia viu muitos séculos afirmam que ela veio para Roma e levou para Tarquínio Prisco nove livros. Desses, quando o preço⁷³⁴ por eles requerido foi recusado por Tarquínio, ela queimou três diante dos olhos dele. E, no dia seguinte, requereu pelos seis livros restantes aquele mesmo valor que antes pedira pelos nove, asseverando que, se o valor não lhe fosse dado, haveria de queimar outros três imediatamente e, ainda no dia seguinte, os restantes. Com isso, Tarquínio consente com o que é pedido. (6) Como ele os preservou, foi descoberto pela posteridade que os livros continham todo o destino dos romanos. Por este motivo, depois desses acontecimentos, os romanos os conservaram com máxima diligência, e recorriam a eles mesmos conforme a exigência⁷³⁵ das ocasiões, como se a um oráculo, para consultar sobre o futuro. (7) Contudo, para mim é duro acreditar que esta mulher foi a mesma que Deífobe, ainda que se leia que ela terminou os seus dias entre os séculos, e que, por muito tempo, o túmulo dela foi indicado pelos habitantes neste mesmo lugar.

(8) Portanto, através de nossos esforços e da graça divina tornamo-nos ilustres: e essas coisas não são negadas a ninguém que delas se faça merecedor. Se isso considerássemos, perceberíamos claramente que, devido à perda de tempo - entorpecidos pela preguiça - somos levados do útero para o túmulo, mesmo se

⁷³⁰ Cf. Zaccaria (p.503, nota 7): Virgílio, *Eneida*, VI 268 ss.

⁷³¹ Aqui seguimos a tradução de Zaccarias (p.111): “Altri dicono che ella indicò ad Enea fuggitivo la **via** per scendere all’inferno” (grifo nosso), uma vez que *ducatus* só apresenta o seguinte significado no *OLD*: “the position or function of a leader, leadership”..

⁷³² Cf. *OLD* (sentido 2): “of or inhabiting the underworld, infernal (esp.deities)”.

⁷³³ Cf. Zaccaria (p. 503, nota 8): “In *Esposizioni Dante*, Im esp.litt., 45 il tema è ripreso, ma senza apprezzamenti di credibilità.”

⁷³⁴ *Precium* por *Pretium*.

⁷³⁵ *Exigentia* consta no *Revised Medieval Latin Word-List*, com o sentido de “exigência, necessidade, demanda”. Segundo esse dicionário, o primeiro registro desta forma parece ser de 1185.

morrermos idosos. (9) Finalmente, se as mulheres vigilantes são fortes por seu engenho e dom de adivinhação, o que se deve pensar a respeito dos miseráveis homens, nos quais a aptidão⁷³⁶ para todas as coisas está mais disponível? Se a apatia for rechaçada, certamente alcançariam a mesma divindade.⁷³⁷ (10) Portanto, que chorem e se consumam aqueles dos quais um tão grande presente foi tomado pela inércia; e que confessem ser, entre os homens vivos, pedras! Assim acontecerá quando confessarem seu crime, mudos.

XXVII. Sobre Nicóstrata ou Carmenta, filha do rei Íon⁷³⁸

(1) Nicóstrata, a quem depois se chamou Carmenta entre os itálicos, foi filha do Íon, rei dos árcades. Segundo alguns, ela casou-se com o árcade Palante; segundo outros, foi sua nora. Não só pelo fulgor de seu reino foi insigne: sem dúvida foi doutíssima nas letras gregas e de engenho tão versátil que, com dedicação diligente, introduziu-se até nas artes do vaticínio, e tornou-se vate largamente conhecida. (2) Uma vez que, muitas vezes, mediante pedidos ou mesmo de espontânea vontade, ela expunha em forma de poesia fatos futuros, ela - tal como se seu nome original, “Nicóstrata”, tivesse sido abolido pelos latinos - passou a ser chamada⁷³⁹ “Carmenta”⁷⁴⁰. (3) Além disso, ela foi mãe de Evandro, rei dos árcades, que, segundo a lenda dos antigos⁷⁴¹ - quer porque era um homem eloquente e facundo, quer por sua astúcia - teria sido gerado de Mercúrio. (4) Depois de ser expulso do reino de seu avô - por ter, segundo dizem

⁷³⁶ *Aptitudo* é registrada pelo *Revised Medieval Latin* com o sentido de “aptidão, faculdade, qualidade especial”. O primeiro registro do termo parece ser datado de 1190.

⁷³⁷ Cf. a tradução de Zaccaria e Brow, respectivamente: “Se sapessero cacciare l’ignavia, certo diverrebbero come dei” (p.113) ; “If they were to reject idleness, surely they could attain that same divine quality?” (p.105).

⁷³⁸ Cf. outras obras de Boccaccio em que Carmenta aparece: *Teseida* VI 35, I; *Epistole*, XVIII; *De casibus*, IV 1; *Genealogia*, V 51 e XII 66). Cf. Zaccaria, p. 504.

⁷³⁹ Cf. Zaccaria (nota 4, p. 504): “Servio, *In Aeneida*, VIII 51; Solino, I 10; Aurelio Vittore, *Origo gentis romanae*, V 2.”

⁷⁴⁰ O substantivo *carmen* em latim clássico tem muitos significados, entre eles o de “cantos mágicos”, “encantamento” (*OLD* sentido 1b), “oráculo ou profecia” (*OLD* sentido 1c); “poesia ou canto” (*OLD* verbete *carmen*, sentido 3). Boccaccio aventa uma origem etimológica para o nome próprio *Carmenta*, algo como “a que profere oráculos em forma de cantos mágicos/ de poesia”.

⁷⁴¹ Cf. Zaccaria (p.504, nota 5): “*Genealogia*, XII 66: per la paternità è cittato Paolo da Perugia; per la causa dell’attribuita paternità, Teodonzio.”

alguns⁷⁴², matado seu verdadeiro pai por acidente; ou ainda por ter, conforme agrada a outros⁷⁴³, entrado em desavença com seus concidadãos devido a um outro motivo - , Evandro foi aconselhado pela mãe Carmenta, que em seu vaticínio prometia grandes coisas, caso ele buscasse os lugares que ela indicasse. Tendo ela se tornado sua companheira de viagem, embarcados nos navios, saíram do Peloponeso com vento favorável, em direção à foz do rio Tibre, chegando junto com parte do povo e com a própria mãe como guia, ao monte Palatino, a que ele deu o nome do pai Palante, ou do filho⁷⁴⁴, e onde depois a imensa Roma foi fundada: com os seus e com a mãe estabeleceu-se e construiu a cidade dos palantinos. (5) Sem dúvida, tendo descoberto que os indígenas eram homens quase selvagens⁷⁴⁵ (ora, admita-se que tinham aprendido há muito tempo a semear plantações com a ajuda de Saturno, que era um fugitivo; mas eram habituados a pouco ou nenhum uso das letras, e isso mesmo em relação ao grego), e prevendo muito adiante, por meio de sua mente divina, quanta celebridade estava preservada na posteridade para o lugar e para a região, Carmenta pensou que seria indigno que seus grandes feitos⁷⁴⁶ fossem mostrados aos séculos futuros pelo intermédio de línguas estrangeiras⁷⁴⁷. Então, dedicou-se com todas as forças de seu engenho ao afã de produzir para aqueles povos um alfabeto próprio, totalmente diferente daquelas das demais nações; e, para que isso fosse alcançado, não lhe faltou Deus. (6) Pois por graça divina aconteceu que, tendo criado os novos caracteres segundo o idioma⁷⁴⁸ itálico, ela

⁷⁴² Cf. Zaccaria (p.504, nota 6): “Servio, *In Aeneida*, VIII 51, citato in *Genealogia*, XII 66.

⁷⁴³ Cf. Zaccaria (p.504, nota 7): “*Genealogia*, V 51: ‘*que [Carmenta] cum Evander putativum patrem seu verum potius occidisset casu, ut quidam volunt, seu, ut aliis videtur, seditione suorum e regno pulsus avito [...] cum eo ad Ytaliam devenit etc.*’ La fonte per la seconda versione è Ovidio, *Fatorum*, I 451 ss.”

⁷⁴⁴ Cf. Zaccaria (p.504, nota 8): “Per la derivazione di *Pallanteum* da Pallante, nonno (non padre), Servio (*In Aeneida*, VIII 51) cita Virgilio, *Aeneidos*, VIII 54; per la derivazione dal figlio cfr. Isidoro, *Etymologiarum*, XV 3, 5; per la doppia versione, *Myt. Vat.*, II 113.”

⁷⁴⁵ Gostamos da solução de Zaccaria, e a mantivemos: “Carmenta trovo gli indigini quase selvaggi...” (p.115).

⁷⁴⁶ *Magnalia*: “e ritenendo sconveniente che le sue *grandi imprese* fossero narrate alle generazioni future in una lingua straniera” (Zaccaria, p. 115); “and so she thought it unworthy that their great deeds should be told to future generations in a foreign tongue” (Brown, p. 107).

⁷⁴⁷ *Exterarum literaurm*: lit. “de letras estrangeiras”, “de escritos estrangeiros”.

⁷⁴⁸ Segundo o *OLD*, o verbete *idioma* tem a seguinte acepção: “A special term or phrase used by an individual or group.” A definição não se encaixa no conceito de “idioma” assim como o conhecemos atualmente, com sentido de “língua falada por um povo”. Porém, devido ao contexto, traduzimos assim, na esteira de Zaccaria “idioma” (p.115) e Brown “language” (p. 107).

ensinou a maneira de combiná-los, satisfeita por ter produzido apenas dezesseis⁷⁴⁹ letras, do mesmo modo que Cadmo, fundador de Tebas, inventara muito tempo antes o alfabeto para os gregos. Até os dias de hoje chamamos suas letras de “latinas”, e as temos como um presente dela, ao que alguns homens sábios teriam acrescentado, oportunamente, outras letras além das dadas, sem que nenhuma das antigas fossem recusadas. (7) Embora os habitantes do Lácio estivessem muito admirados do vaticínio daquela mulher, este invento foi, por outro lado, visto como tão maravilhoso que os homens rústicos teriam acreditado piamente que Carmenta não era um ser humano, mas sim uma deusa. Por causa disso, enquanto ela vivia a celebravam com honras divinas, e, quando morreu, construíram um templo em seu nome na parte mais baixa do monte Capitolino, onde ela vivera. E, para sua perpétua memória, chamavam as adjacências de Carmentália, a partir de seu nome. (8) É fato que nem Roma, já grandiosa, permitiu que se destruísse o santuário; além disso, mesmo a porta da cidade, a qual os cidadãos naquela região construíram quando houve a necessidade, chamaram de “carmental” por muitos séculos, a partir do nome de Carmenta⁷⁵⁰.

(9) A Itália foi, outrora, mais do que o restante das regiões do mundo, florida por muitas qualidades e iluminada por uma luz quase celestial. Mas⁷⁵¹ tão esplêndido fulgor não foi obtido somente sob o seu céu. Pois da Ásia veio a opulência e o mobiliário real; a nobreza do sangue⁷⁵² foi obtida primeiramente com os troianos, embora os gregos tenham acrescentado muitas coisas. Os egípcios deram as artes da aritmética e da geometria; a filosofia, a eloquência e quase todas as artes mecânicas⁷⁵³ foram recebidas também dos gregos. (11) Saturno exilado trouxe a agricultura, até então conhecida por poucos; e o infausto culto dos deuses foi trazido pelos etruscos, e tornado um hábito por

⁷⁴⁹ Cf. Zaccaria (nota 11, p.504): “Macrobio, *Saturnalia*, I 5, i; Gellio, *Noctes atticae*, I 10, 2.”

⁷⁵⁰ Cf. Zaccaria, nota 12, p.504: “Solino, I 13. La lunga digressione, che segue da qui alla fine, e che ha accenti sinceri di convinto elogio delle lettere e della loro vera patria italiana, manca in Vu (ma non in L): forse perché non era ancora stata scritta nel primo autografo del B. quando ne fu tratto l’antografo di Vu (cfr. Zaccaria, *Le fasi...*, p. 287).”

⁷⁵¹ Mantivemos a solução de Brown, que explicita (com um “but”, p. 109) a nuance adversativa, em relação a oração anterior, da ideia que se vai expressa na que se inicia.

⁷⁵² *Claritas*: aqui, no sentido de “renome”, “distinção”, cf. *OLD* verbete *claritas*, sentido 5.

⁷⁵³ Derivado do grego, o adjetivo *mechanicus* designa “of or concerned with machines mor engineering, mechanical” (*OLD*). Brown traduz: “almost all of mechanical arts” (p.54); Zaccaria: “e quasi ogni arte meccanica” (p. 117).

Numa Pompílio⁷⁵⁴. Atenas, primeiro, e em seguida os decretos do senado e os césaes, instituíram as leis públicas; Simão Pedro⁷⁵⁵ trouxe de Jerusalém⁷⁵⁶ o sumo sacerdócio e a religião pura. Por outro lado, os romanos antigos inventaram a disciplina militar, e, com ela, junto com a força das armas e dos corpos, e com íntegro amor à república, alcançaram eles mesmos o império de todo o mundo. (12) Do que foi dito até agora, fica suficientemente claro que Carmenta concedeu aos nossos antepassados as letras do alfabeto, depois que já tinha chegado da Arcádia⁷⁵⁷ à região itálica. (13) Assim, acredita-se que ela foi a primeira a ter concedido as sementes da gramática⁷⁵⁸ as quais os antigos levaram com êxito a uma colheita mais vasta com o passar dos tempos, e Deus foi tão favorável a elas que, tomando-se imensa parte da glória que tinham as letras gregas e hebraicas, usam-se por uma vasta extensão de terras (quase toda Europa) as nossas letras⁷⁵⁹. Estampados com essas letras, brilham inúmeros volumes de todos os assuntos⁷⁶⁰: os feitos notáveis dos homens e as maravilhas⁷⁶¹ de Deus são preservados pela eterna memória para que, com o auxílio dos caracteres, conheçamos as coisas que nós mesmos não pudemos ver. Por meio deles transmitimos nossos desejos e acolhemos

⁷⁵⁴ Cf. verbete “Numa Pompilius”, no *OCCL*: “Numa Pompilius, in legendary Roman history, successor of Romulus as second king of Rome. He had, according to tradition, a long and peaceful reign (715-673 a.C.) [...]”.

⁷⁵⁵ *Simon Petrus*: “Simão Pedro”, “São Pedro” (cf. *Segunda Epístola de Pedro*, I, v.1).

⁷⁵⁶ *Ierosolimis* por *Hierosolyima* (termo registrado no *OLD*): “Jerusalém”.

⁷⁵⁷ *Arcada* por *Arcadia* (termo não registrado no *OLD*).

⁷⁵⁸ *Grammatica*: “The study of literature and language, ‘grammar’ (incl. exegesis, literary criticism, etc., as well as grammar in modern sense” (*OLD*). Para sentidos de *grammatica* em Roma antiga e modernos, cf. ainda Pereira, M. A. *Quintiliano gramático: o papel do mestre de Gramática na Institutio oratória*. (2ª ed.) São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. v. 1. Zaccaria traduz: “è fama che insegnò anche i primi elementi di grammatica che gli antichi col tempo perfezionarono” (p.117); Brown traduz: “She is also believed to have planted the first seeds of grammar”(p.111).

⁷⁵⁹ “God so favored Carmenta’s achievements that the Hebrew and Greek languages have lost the greatest part of their glory while a vast area covering almost all of Europe uses our alphabet.” (Brown, p.111); “e Dio le fu in essi così propizio che una parte di Gloria fu tolta alle lingue ebraica e greca, mentre quasi tutta l’Europa, per un vasto territorio, usa oggi la nostra lingua” (Zaccaria, p. 117).

⁷⁶⁰ Segundo o *Revised Medieval Latin*, desde 1184, o termo *facultas* é empregado também com o sentido de “ramo” ou “área de estudos”. Cf. *OLD* sentido 1c ao verbete: “the potential field of one’s power, scope, range”. “Risplendono infiniti volumi di tutte le discipline, scritti in caratteri latini, e per essi si serba perpetua memoria delle grandi imprese divine ed umane” (Zaccaria, p. 117); “an infinite number of books on all subjects has rendered the Latin alphabet illustrious: in its letters is preserved a perpetual remembrance of divine and human accomplishments so that with the help of Latin characters we know things which we cannot see.” (Brown, p.111).

⁷⁶¹ Cf. novamente o termo *magnalia*. Ver nota supra.

com boa fé sobre os alheios. Através das letras unimo-nos a amigos distantes e conservamos a amizade por meio de mútuas correspondências. (14) Na medida do possível elas descrevem Deus para nós. Designam o céu, as terras, os mares e o conjunto de todos os seres vivos; não há nada que procures saber (dentre o que é possível) que não o possas estando atento a elas. Em poucas palavras: quaisquer das obras que não possam ser abarcadas e retidas pela extensão da mente humana são confiadas a sua fidelíssima custódia. (15) Entretanto, ainda que muitos desses méritos⁷⁶² caibam também a outros alfabetos, isso não tira em nada a relevância do nosso. Porém, dentre tão egrégias qualidades, algumas perdemos, outras demos, e algumas, na prática, mais mantemos o nome, até hoje, do que sua função. (16) Mas, independente do que, por nossa culpa, a fortuna tenha feito do restante das qualidades, nem a rapacidade germana, nem o furor gaulês, nem a astúcia inglesa⁷⁶³, nem a violência espanhola e nem mesmo a inculta barbárie ou o insulto de alguma outra nação pôde em qualquer momento subtrair a tão grande, tão notável e tão oportuna glória do nome latino, de forma que pudessem - ou ousassem - dizer que fosse seu por direito os primeiros rudimentos das letras, e muito menos que a gramática foi descoberta sua. Fomos nós mesmos que descobrimos a ambas, e assim até mesmo as demos espontaneamente, porém, tais coisas para sempre foram marcadas como sendo vocábulos latinos. (17) Por conseguinte, quanto mais longe são levadas, tanto mais se ampliarão os louvores e honrarias do nome latino, prestam testemunho muito claro⁷⁶⁴ do antiquíssimo decoro de sua excelência e engenho, bem como preservam uma prova incorrupta de nossa perspicácia⁷⁶⁵, mesmo que os bárbaros não se dignem a reconhecê-la. Por tão notável fulgor, ainda que devamos agradecer a Deus, seu provedor, devemos a Carmenta muito mérito, afeição e crédito. Diante disso, para evitar que possamos, por pessoa alguma, ser repreendidos como ingratos - e com razão -, é extremamente pio que elevemos tal dádiva com todas as nossas forças em direção a eterna memória.

⁷⁶² Seguimos aqui a tradução de Zaccaria: “e tuttavia, anche se alcuni di questi meriti toccano ad altri alfabeti[...]” (p.119), cf. ainda Brown: “Nor does the fact that a number of the same advantages may be true of other alphabets detract in the least from the merits of our own.” (p.111).

⁷⁶³ Termo registrado no *Revised Medieval Latin Word-List*. Segundo este vocabulário, a forma *anglicus* aparece em textos pouco anteriores ao ano de 1087, e recorre até meados de 1450, com o sentido de “inglês”.

⁷⁶⁴ Cf. *OLD* (*clarus*, sentido 4): “Distinct, unambiguous, clear, plain”.

⁷⁶⁵ Tanto o Gaffiot quanto o Saraiva registram a forma *perspicacitas* como o mesmo que *perspicacia*. Com esta grafia, o *OLD* parece não registrar nenhum dos dois termos.

XXVIII. Sobre Prócris, esposa de Céfalos⁷⁶⁶

(1) Prócris⁷⁶⁷ nasceu de Pandíon, rei dos Atenenses, e casou-se com Céfalos, filho do rei Éolo. Da mesma forma que, por sua cobiça, foi odiada pelas matronas virtuosas, foi estimada pelos homens, uma vez que, através dela, foi descoberto o vício do restante das mulheres. (2) Isso porque, embora os jovens esposos⁷⁶⁸ estivessem contentes com o feliz e justo amor, aconteceu para o infortúnio deles que Aura, ou melhor (segundo agrada a alguns) uma certa Aurora - uma mulher de beleza admirável -, fosse tomada por um desejo por Céfalos. Durante algum tempo, ela em vão empenhou-se em atrair com seus pedidos para si o jovem, que estava preso pela paixão por sua Prócris. (3) Então disse, indignada com a situação: “Tu te arrependerás, Céfalos, por ter amado Prócris tão ardentemente: descobrirás que ela, eu garanto, preferiria o ouro a teu amor, se houver quem a tente”. Escutando isso o jovem, ávido por tirar a prova, partiu, fingindo uma longa viagem e, retornando a marcha para a pátria, testou a constância da esposa com presentes, através de um intermediário⁷⁶⁹. (4) Por maiores que fossem, os presentes prometidos não puderam, ao primeiro arrojado, comovê-la. Então, tendo perseverado, e, aumentando o número de jóias⁷⁷⁰, finalmente o intermediário dobrou o espírito hesitante da moça, e a ele foram prometidos a noite e abraços desejados, se o ouro garantido fosse entregue. (5) Em seguida, Céfalos, consternado pela tristeza, revelou que questionara, ardilosamente, o amor frívolo de Prócris. Ela, enruborizada de

⁷⁶⁶ Segundo Zaccaria, Prócris aparece nas seguintes obras boccaccianas: *Filocolo*, II 2, 14 e II 57, 9; *Comedia Ninfe*, XVII 1; *Amorosa Visione*, XXII 64-88; *Genealogia*, XII 72 e XIII 65 (Cf. p. 504).

⁷⁶⁷ Cf. nota 1 de Zaccaria à biografia de Prócris: “Pocri è la grafia del titolo e del testo in Aut. Laur. Ed è costante nelle opere del B. (cfr. “Cultura neolatina”, XX, 1960, p.75). In *Genealogia*, XII 72 Procri é detta figlia *Erychthonii seu Erithei*; così anche in XIII 65, da Ovidio (*Metamorphoseon*, VII 697: *Erechteus*). Qui, l’autore ha confuso Pocri con Progne figlia di Pandione. L’errore si spiega col fatto che anche Pandione fu figlio *Erychtonii*. Igino, *Fabulae*, 48 e 241 dà anche Cefalo figlio di Pandione; e Servio, *In Aeneida*, VI 445 dice Progne *Yphili filiam*”. (p.504-5).

⁷⁶⁸ *Vir et uxor iuuenes*: lit. “os jovens marido e esposa”. Aqui seguimos a tradução de Brown, por achá-la fluente: “The Young couple loved each other...” (p. 113).

⁷⁶⁹ Cf. nota de Zaccaria: “Donato traduce *per messi*. In Ovidio, *Metamorphoseon*, VII 794-865, fonte diretta di questo capitolo, insieme con *Ars amatoria*, III 697-8, Céfalos si presenta direttamente a Pocri, travestito, e la alletta coi suoi doni fino ad ottenerne l’amplesso. Così anche in *Genealogia*, XIII 65, dove Céfalos si finge mercante, sia nel racconto ripetuto da Servio, *In Aeneida*, VI 445, sia in quello parafrasato dal citato passo di Ovidio.” (nota 3, p. 505).

⁷⁷⁰ Encontramos o termo no *Media Latinitatis*: *iocale*, “jóia”.

vergonha e impelida⁷⁷¹ pelo⁷⁷² remorso por seu crime, imediatamente retirou-se para a floresta e entregou-se à solidão. O jovem, porém, impaciente de amor, tendo dado o seu perdão espontaneamente, com súplicas reconciliou-se com aquela que o estava evitando. Mas o que isso importa? Contra o remorso a condescendência não tem força alguma. (6) Prócris, então, passa a ter o espírito agitado por sentimentos variados e a ser impelida pelo ciúme. E, para evitar que, eventualmente, o marido fizesse contra ela, por meio das carícias de Aurora o mesmo que, contra ele, fizera ela própria, comprada com ouro, começou a segui-lo secretamente, enquanto ele caçava por rochedos, por altas cadeias de montanhas e pelos retiros dos vales. (7) Aconteceu que Prócris, enquanto se movia escondida entre pastagens dos vales, canas e pântanos, foi tida pelo marido por uma fera, e morreu varada por uma flecha.

(8) Não sei que coisa é preferível dizer: que na terra nada é mais poderoso que o ouro, ou que nada é mais tolo que procurar pelo que não se quereria encontrar. Enquanto prova duma e doutra coisa, a insensata mulher encontra para si o indelével estigma e a morte, a qual de modo algum procurava. (9) Mas, que eu deixe de falar sobre o desejo imoderado do ouro, pelo qual quase todos nós, tolos, somos arrastados; e me digam, por favor, o que os tão arrebatados pelo obstinado ciúme experienciam de proveitoso, que decoro, que elogio, e que glória alcançam?⁷⁷³ (10) Em minha opinião, esta é com certeza uma ridícula doença da mente, que tem origem na fraqueza de quem a sofre, uma vez que a temos visto somente entre aqueles que se julgam tão pouco virtuosos que, facilmente, admitem que qualquer pessoa venha a ser colocada à sua frente.

⁷⁷¹ *Impulsa por impulsa.*

⁷⁷² *Conscientia impulsa facinoris*: literalmente “movida pela consciência do feito criminoso”: na tradução de Zaccaria (“spinta dal rimorso della colpa”, p.111).

⁷⁷³ Gostamos da disposição do Zaccaria para esse trecho, e a adotamos por achar mais fluente em português: “Ma, lasciando stare l’immoderata brama dell’oro, dalla quale pur troppo quase tutti stoltamente ci lasciamo trascinare; mi dicano, di grazia, quanti son presi da così cieca gelosia: che vantaggio conseguono, che onore, che gloria, che lode?” (p.123).

XXIX. Sobre Argia, esposa de Polinices e filha do rei Adrasto⁷⁷⁴

(1) Argia, uma mulher grega, era filha do rei Adrasto, e sua origem nobre remonta até os antigos reis argivos. De uma beleza admirável, assim como ofereceu aos contemporâneos uma alegre imagem de si mesma, deixou para a posteridade um perene, castíssimo e distinto testemunho de amor conjugal. Por este motivo, seu célebre nome chegou até os nossos dias com um notável brilho. (2) Então, depois de se ter casado com Polinices (filho de Édipo, rei de Tebas), estando o marido exilado quando deu à luz seu filho Tessandro, ao perceber que aquele se inquietava em meio a preocupações mordazes diante da traição do irmão, ela foi solidária em suas ansiedades, e não só comoveu o pai, já velho, com lágrimas e súplicas, mas se munuiu contra Etéocles, que, opondo-se às leis acordadas com o irmão, estava ocupando tiranicamente⁷⁷⁵ o reino dos tebanos. E para evitar que uma resposta funesta do oráculo causasse um desastre, Argia (libertando-se dos vícios da natureza feminina) deu de boa vontade a Eurídice, esposa do profeta Anfiarau, aquele precioso colar, outrora infausto às matronas tebanas. A partir disso, Anfiarau, que estava se escondendo, foi descoberto e dirigiu-se para Tebas, mas com um presságio funesto. (3) Depois de muita matança nos combates, os comandantes restantes foram assassinados e Adrasto foi desprovido das forças militares e praticamente desterrado⁷⁷⁶. Quando a inquieta esposa ouviu que o corpo insepulto de Polinices jazia entre o resto dos cadáveres do ignóbil e despedaçado vulgo, tendo imediatamente renunciado ao esplendor e conforto do aposento real e colocado à parte a brandura do leito e a debilidade do sexo feminino, tomou o caminho para os acampamentos. (4) Não a aterrorizaram as mãos ímpias dos que estavam ocupando os caminhos, nem as feras, nem as aves que rodeiam os cadáveres humanos, nem os espíritos dos mortos que, como pensam os tolos, voam ao redor, e nem – o que parecia

⁷⁷⁴ Cf. Zaccaria (p.505) para as outras obras boccaccianas em que Argia aparece: *Chiose al Teseida*, V 59, 3; *De casibus*, I, 18; *Genealogia*, VII 51 e XIII 45.

⁷⁷⁵ *Tyrannice* por *tyranice*: i.e. ao modo de um *tyrannus*. O termo *tyrannus* em latim clássico não tem apenas o sentido que se costuma atribuir a tirano (governante autoritário, déspota, segundo significado previsto no *OLD*), pois designa também um rei (sentido 1, “in general, a monarch, sovereign”) por exemplo.

⁷⁷⁶ *Semifugato*: o termo *semifugatus* não é registrado no *OLD*. Nossa tradução se guiou pela etimologia *semi* (“half”, *OLD*) + *fugatus* (*fugo*, “desterrado” no sentido 2b, “to drive into exile” *OLD*). Cf. porém a tradução de Zaccaria “Dopo molti scontri e stragi, tutti gli altri duci furono uccisi; e Adrasto, rimasto privo di aiuti, fu messo in fuga.” (p.125); e Brown “Heavy losses in battle, including the deaths of the other commanders, had left Adrastus helpless and half-routed.” (p.117).

mais terrível – o édito de Creonte que ordenava - prevendo como sanção a pena de morte – que ninguém prestasse honras fúnebres aos mortos, quem quer que fossem. Ela, pelo contrário, com ânimo ardente e aflito, no meio da noite, entrando no campo de batalha, revolvia ora uns, ora outros corpos de homens mortos, que exalavam um tétrico odor, a fim de reconhecer, com o auxílio de uma fraca tocha, o rosto deteriorado do amado esposo; e não desistiu antes de encontrar aquilo que procurava. (5) Ó coisa admirável! A face já consumida pela ferrugem das armas, coberta por uma crosta de poeira e salpicada pelo sangue já apodrecido – que não poderia ser reconhecida por ninguém, por Pólux! – não pôde ser ocultada da apaixonadíssima esposa. Nem a sujeira do semblante corrompido pôde afastar os beijos da mulher, nem a ordem de Creonte pôde impedir os murmúrios, as lágrimas, os fogos⁷⁷⁷; pois muitas vezes ela buscou seu sopro vital beijando sua face, lavou com lágrimas os membros fétidos, e repetidamente em voz alta chamou de volta a seus abraços o morto, e, para que nenhum aspecto do religioso dever fosse negligenciado, entregou-o às chamas que já ardiam, guardou em uma urna o que fora consumido, e tendo o fogo revelado o pio feito, não receou sofrer a prisão e a espada do severo rei.

(6) Inúmeras vezes, muitas mulheres choraram as doenças, os cárceres, a pobreza e os vários infortúnios dos maridos, enquanto perseverava, entretanto, a esperança de uma fortuna mais amena e era afastado o pavor de uma mais severa. (7) Ainda que isto pareça louvável, não se pode dizer, contudo, que é uma extrema prova⁷⁷⁸ de amor à altura do que se podem chamar as⁷⁷⁹ de Argia. Ela dirigiu-se para campos inimigos, embora pudesse chorar em sua pátria; manuseou um fétido cadáver, o que poderia ter ordenado a outros; reservou às chamas uma honra real enquanto era suficiente, examinada a natureza das circunstâncias, tê-lo sepultado secretamente; bramou lamentações feminis, quando podia transitar calada; e nem tinha o que esperar do exilado, e já morto, marido; embora existisse o que temer do inimigo. (8) Assim o verdadeiro amor, a confiança íntegra, a santidade da esposa e a sua castidade inviolada a

⁷⁷⁷ *Ignes*: Brown traduz “immolation of the corpse” (p. 119); Zaccaria: “il rogo del cadavere” (p. 125).

⁷⁷⁸ *Inditium* por *indicium*.

⁷⁷⁹ *Obsequia*:entenda-se *feralia obsequia* (“funeral rites or offerings”, *OLD*, verbete *obsequium*, sentido 4).

puderam exortar: e por este mérito Argia faz juz a ser louvada, venerada e exaltada com um esplêndido panegírico⁷⁸⁰.

XXX. Sobre Manto, filha de Tirésias⁷⁸¹

(1) Manto, filha de Tirésias, o maior adivinho dos tebanos, foi insigne no tempo do rei Édipo e de seus filhos. (2) Sob os ensinamentos do pai, ela foi de engenho tão ágil e capaz que aprendeu tão perfeitamente a piromancia (antiquíssima descoberta dos caldeus, ou – como pensam outros⁷⁸² – de Nenrode⁷⁸³, que em sua época ninguém conhecia melhor os movimentos, as cores, e os sons das chamas, nas quais dizem existir – desconheço por meio de qual trabalho diabólico – descrições de fatos futuros. (3) Além disso, com o olhar perspicaz interpretou as entranhas das bestas, os fígados dos touros e as vísceras de quaisquer outros animais, atraiu muitíssimas vezes (segundo se crê) espíritos impuros com seus artifícios e impeliu os fantasmas dos mundos inferiores a falar e emitir respostas sonoras àqueles que os questionavam. (4) Ora, depois que tinham tombado os reis argivos que haviam sitiado⁷⁸⁴ Tebas, entraram em guerra e Creonte se apoderou do governo da cidade, Manto – como agrada a alguns⁷⁸⁵ – fugindo do novo rei, refugiou-se na Ásia e lá instituiu um templo para Apolo de Claros⁷⁸⁶, extremamente famoso posteriormente por sua adivinhação, e deu à luz Mopso, ínclito profeta de seu século, de quem, é verdade, a Antiguidade não soube dizer quem era o

⁷⁸⁰ *Splendido ...praeconio*: Interessante destacar o uso explícito da palavra *praeconium* aqui, na medida em que fornece um elemento textual que favorece a inserção das biografias no gênero epidítico.

⁷⁸¹ Uma biografia de Manto também aparece na obra boccacciana *Genealogia* (VII 51).

⁷⁸² Cf. nota de Zaccaria (p. 505, nota 1): “Né Isidoro, *Etymologiarum*, VIII 9, 13, né Servio, *In Aeneida*, III 359 alludono alla invenzione di tali arti.”

⁷⁸³ Transcrevemos a nota já registrada na biografia de Semíramis (II): Cf. Brown, “Nimrod”; e Zaccaria, “Nembrot”. Encontramos o nome registrado na Bíblia, *Gen.* 10:10, e é mencionado como sendo bisneto de Noé.

⁷⁸⁴ Cf. nota de Zaccaria (p.505, nota 2): “*Obsiderant* in Aut. Laur.; segue una parola difficilmente leggibile (*intraxent* ?), interlineata da mano posteriore.”

⁷⁸⁵ Cf. nota de Zaccaria (p. 505, nota 3): “Pomponio Mela, I 17, citato anche in *Genealogia*, VII 51, Cfr. Anche *de montibus*, s.v. *Clarius*.”

⁷⁸⁶ *Clarii Apollinis*: *Claros*, nome de cidade na Jônia devotada a Apolo; donde o epíteto *Clarius* ao deus Apolo, cf. *OLD* verbetes *Claros* e *Clarius*.

pai. (5) De outro modo, alguns ainda pensam e dizem⁷⁸⁷ que ela, com alguns de seus companheiros, vagou por muito tempo depois da guerra de Tebas, e que finalmente chegou à Itália, onde, unida a um certo Tiberino, dele concebeu e pariu um filho, a quem chamavam Citeono⁷⁸⁸, também denominado Bianor por alguns⁷⁸⁹. E, em seguida, depois de seguir com sua prole para a Gália Cisalpina, onde, tendo descoberto nas vizinhanças do lago Benaco locais pantanosos, protegidos por sua⁷⁹⁰ natureza, ela estabeleceu sua morada no meio do pântano, sobre uma ilhota que se elevava acima da água - quer para que assim pudesse dedicar-se mais livremente a seus encantamentos, quer para conduzir o restante de sua vida de maneira mais tranquila -, e nesse mesmo lugar depois de um tempo morreu e foi sepultada. (6) Afirmam ainda que, em volta de seu túmulo, Citeono construiu uma cidade para os seus, e chamou-a Mântova, a partir do nome de sua mãe. (7) Outros pensavam⁷⁹¹ que ela, na realidade, preservou a sua virgindade até a morte com inabalável resolução: sem dúvida, uma florescente e santíssima obra, muito louvável, se não a tivesse arruinado com suas artimanhas nefastas, e conservasse a virgindade para o verdadeiro Deus, a quem deve ser dedicada⁷⁹².

XXXI. Sobre as esposas dos Míniás⁷⁹³

(1) O número e os nomes das esposas dos Míniás⁷⁹⁴ nos foram omitidos ou por causa da preguiça dos escritores daquela época, ou por culpa do passar dos anos: fato certamente indigno, uma vez que mereceram ser exaltadas em precípua glória, por um

⁷⁸⁷ *Cithconum*: para o aportuguesamento do termo, partimos da forma empregada por Brown, *Citheonus*. Sobre o nome do personagem, cf. nota de Zaccaria (p. 505, nota 4): “Isidoro, *Etymologiarum*, XV i, 59.”

⁷⁸⁸ Cf. nota de Zaccaria (p.505, nota 5): “*Genealogia*, VII 51: ‘*Citheonus [...] filius fuit Tyberis...*’ [...]”.

⁷⁸⁹ Cf. nota de Zaccaria (p.506, nota 6): “Virgílio, *Bucolica*, IX 60.”

⁷⁹⁰ Cf. nota de Zaccaria (p.506, nota 7): “*sui*, per errore, in Aut. Laur.”

⁷⁹¹ Cf. nota de Zaccaria (p.506, nota 8): “Stazio, *Thebaidos*, IV 463-68, X 597: dai versi del IV libro – come è noto – derivò anche Dante (*Inf.*, XX 82) l’immagine di Manto ‘*vergine cruda*’”.

⁷⁹² Em nota (p. 506, nota 9), Zaccaria afirma que o capítulo de Manto, presente no *De Claris*, difere daquele da primeira redação (no manuscrito Vu).

⁷⁹³ Segundo Zaccaria, as esposas dos Míniás também aparecem na *Consolatoria*, 1130, de Giovanni Boccaccio. Outro dado importante ainda é apontado pelo tradutor italiano: “Il capitolo, presente em L, manca em Vu” (p.506).

⁷⁹⁴ *Minyae*: “the descendants of Minyas king of Thessaly, esp. the Argonauts (said to be mostly his grandchildren)” (*OLD*).

feito nada ordinário. (2) Mas desde que tal foi o parecer da invejosa⁷⁹⁵ fortuna, adornaremos com quanta arte nos for possível, por meio de digno elogio⁷⁹⁶, as inominadas⁷⁹⁷ e tentaremos – na medida de nossas forças - levá-las à memória da posteridade, como bem merecem.

(3) Os Mínius eram, pois, os jovens mais esplêndidos dentre os companheiros de Jasão e dos Argonautas, de não pouca nobreza. Quando chegaram à Grécia, concluída a expedição à Colquida e deixado para trás seu antigo território, eles elegeram sua morada em Esparta. (4) Amigavelmente, os espartanos não só lhes concederam a condição de cidadãos, como também os receberam entre os senadores e governadores de seu Estado. Mas de tão esplêndida munificência os seus sucessores não se lembraram, e ousaram querer submeter a liberdade pública à ignominiosa escravidão. (5) De fato, naquele tempo, eles eram jovens poderosos, brilhantes não só por causa de seu fulgor, mas porque emitiam uma luz muitas vezes mais intensa⁷⁹⁸, devido aos parentescos com as famílias nobres de Esparta. Na verdade, entre outras coisas, eles⁷⁹⁹ tinham belíssimas⁸⁰⁰ esposas, descendentes de nobilíssimos cidadãos, e, por Deus, isto não era uma parte sem importância da glória mundana: a isso somava-se um enorme séquito⁸⁰¹. Por esse motivo,, os Mínius não se sentiram gratos à pátria comum pela felicidade recebida, mas a atribuíam a seus próprios méritos. Por esse motivo, tanto se deixaram levar pela tolice⁸⁰², que pensaram que deveriam ser preferidos aos restantes. Daí incorreram no

⁷⁹⁵ *Visum est ... invidenti*: interessante o uso das palavras *videri* (“parecer”), *inuidens* (“invejando”) e, ambas da mesma raiz do verbo *videre* (“ver”), com referência à fortuna.

⁷⁹⁶ *Praeconio*: o termo *praeconium* em latim clássico significa, entre outros, “proclamação pública”, “anúncio público”, “publicidade” (para o último sentido, cf. *OLD* sentido 1c “the action of blazoning abroad”).

⁷⁹⁷ *Innominata*: o termo *innominatus* não se registra no *OLD* (cf. *innominabilis*, “that can not be named”).

⁷⁹⁸ *Septigemina...luce*: o termo, provavelmente um composto de *septies* + *gemina*, não se registra nos dicionários consultados. Zaccaria traduz “di grandissima fama” (p.131); Brown, “many times more brilliant” (p.125), interpretando o adjetivo *geminus* como “intenso” (sentido não registrado no *OLD*, mas sim nos dicionários Saraiva e Gaffiot).

⁷⁹⁹ Seguimos aqui a edição de Brown, que opta *eis* (forma estampada no manuscrito, cf. Brown, p. 487, tomada por dativo de posse (ao passo que na edição de Zaccaria estampa-se *ei*).

⁸⁰⁰ *Spetiosissime* por *speciosissimae*.

⁸⁰¹ *Clientele*: o cliente era “a person who attached himself to one of greater influence or political power (*patronus*) for protection, a client.” (cf. *OLD*, verbete *cliens*).

⁸⁰² *Fatuitati*: o termo *fatuitas* designa “foolishness, stupidity” (*OLD*). Brown traduz: “they allowed themselves to be carried away to such a height of foolishness” (p.125); Zaccaria traduz “e per questo orgoglio si lasciarono trascinare a tal punto di stoltezza” (p.131). Cf. ainda nota

desejo de poder, e depois expuseram temerariamente seus esforços para ocupar o Estado. (6) Por causa disso, descoberto o seu crime, foram apanhados, entregues ao cárcere e condenados, como inimigos de Estado, à pena de morte pela autoridade pública⁸⁰³. (7) E, na noite seguinte, enquanto os carrascos (segundo um antigo costume dos espartanos⁸⁰⁴) os deviam levar para a morte⁸⁰⁵, as tristes e chorosas esposas encetaram um plano inaudito a favor da absolvição dos condenados, e não desviaram a atenção do que fora planejado. (8) Então, quando o dia já caía em noite, com vestidos em desalinho, o rosto velado e banhadas pelas lágrimas, facilmente obtiveram dos guardas a permissão de entrar no cárcere – já que eram mulheres nobres - para que vissem os maridos que estavam prestes a morrer. (9) Quando chegaram até eles, não perderam tempo com lágrimas e lamentação, mas, tendo explicado imediatamente o plano, mudaram os trajes com os homens, escondendo-lhes as faces à maneira feminina, e, enquanto choravam, com os olhos voltados para o chão e fingindo tristeza, e ainda com as trevas da noite e o respeito devido a mulheres nobres a seu favor, enganaram os guardas e fizeram sair àqueles que estavam na iminência de morrer, ficando elas mesmas no lugar dos condenados. A fraude não foi descoberta até que, tendo chegado os executores dos castigos para que levar os condenados, reconheceram-se as mulheres no lugar dos homens.

(10) Certamente é grande a lealdade e egrégio o amor das mulheres. Mas deixemos de lado o ludíbrio da fraude para com os guardas, a salvação oferecida aos condenados, o que tenha sido visto pelos senadores, e o que se seguiu desde então: contemplemos um pouco as forças do sacro amor conjugal e a coragem das mulheres. (11) Segundo um princípio da natureza, firmado o antigo e indissolúvel laço, alguns pensam que nenhum ódio há de ser mais pernicioso⁸⁰⁶ do que o das esposas dissidentes⁸⁰⁷; da mesma forma, o amor das que estão em acordo com os maridos supera outros tipos de amor. Com efeito, o amor aceso pelo fogo da razão não queima até a

de Zaccaria (nota 2, p. 507): “*fatuitati* in Aut. Laur., e in generale nei mss.: si tratterà di costruito anomalo?”

⁸⁰³ Interessante notar a aliteração em /k/ do período em latim: *causam...detecto crimine, capti carcerique...capitali supplicio....publica*.

⁸⁰⁴ Cf. a sequência de Zaccaria, que mantivemos: “La notte seguente, mentre i carnefici, secondo l’uso spartano, stavano per dar loro la morte...” (p. 131).

⁸⁰⁵ Literalmente: “enquanto a morte devesse ser levada para eles pelos carrascos”.

⁸⁰⁶ *Pernitiosius* por *perniciosius*.

⁸⁰⁷ *Dissidentium coniugum*: “delle mogli in discordia coi mariti” (Zaccaria, p. 133); “of discontented wives” (Brown, p. 127).

loucura, mas aquece até o contentamento⁸⁰⁸, e liga os corações com tão grande ternura que sempre querem e não querem todas as coisas igualmente⁸⁰⁹. E, acostumado a tão pacífica união, nada deixa escapar para perpetuá-lo, nada faz tepidamente ou sem firmeza; e, se porventura a fortuna for-lhe inimiga, suporta por vontade própria sofrimentos e perigos, muito atento planeja sua salvação, descobre remédios e produz estratégias, se a necessidade assim exigir. (12) Este agradabilíssimo amor, também fortificado pela convivência pacífica, excitou com tamanho fervor os ânimos das esposas dos Mínia que, estando os cônjuges em perigo e premidas as forças do engenho, as armadilhas que antes não podiam ver, elas, inventaram: aprestaram os instrumentos, a sucessão das coisas, o tempo e disposição do que deveria ser feito para que enganassem os guardas severos e alertas. Afastada a névoa de sensualidade⁸¹⁰, notando elas que nenhum recurso honesto deve ser deixado de lado quando se trata da salvação de um amigo), e tendo sido a devoção despertada no recôndito refúgio de seu coração, a fim de livrar do perigo, elas se lançaram àquele temerário ato de coragem de tal forma que aqueles que a autoridade pública condenara, o amor conjugal íntegro absolveu; aqueles que a autoridade relegara ao cárcere, o amor deixou sair; aqueles de quem um castigo rígido e capital parecia se apoderar foram tirados da mão dos carrascos e devolvidos à segurança e à vida. E o que parece mais extraordinário⁸¹¹, enganada a autoridade das leis, e zombada a decisão pública, a autoridade dos senadores e o desejo de todo Estado, para que fosse concluído o que desejavam não recearam fechar-se no lugar dos condenados, sob o poder dos guardas enganados. (13) Não sou, por Pólux, capaz de admirar suficientemente tão sincera fidelidade, tão íntegro amor. E por esse

⁸⁰⁸ *Complacentiam*: para o verbete *complacentia* encontramos “contentamento” no dicionário de latim medieval, o *Media Latinitatis*. Zaccaria traduz: “Riscaldato da fuoco rationale, l’amore non brucia fino a condurre alla pazzia, ma piuttosto riscalda a compiacere” (p.133); Brown: “For this fire of love, when ignited by reason, does not inflame to madness but warms to mutual accord” (p. 127).

⁸⁰⁹ Conforme aponta Zaccaria (p.132), aqui notamos mais uma vez a aliteração em /k/ do latim: “... *complacentiam calefacit...caritate corda copulat...cuncta...*”.

⁸¹⁰ Zaccaria e Brown também usam o termo “sensualidade” para *sensualitas*, a ver: “Dissipata ogni nebbia si sensualità (...)” (p.133-4); “Abandoning the clouds of sensuality (...)” (p.127).

⁸¹¹ De acordo com o *Revised Medieval Latin Word List*, *permaximus* é uma variação de *premaximus*, *premaximus*: extraordinário, extremamente grande. Não se registra *permaximus* no *OLD*, e sim *premaximus*. No *Torrinha* há *permaxime*, “extremamente, o mais possível”. Seguimos a ideia e também a tradução de Zaccaria: “Ma soprattutto – e ciò sembrò straordinario (...)” (p.135); Brown traduz: “The most extraordinary thing is that these women [...]” (p.129);

motivo tenho para mim que, se tivessem amado sem firmeza, se tivessem sido ligadas por um vínculo frágil - e tendo-lhes sido permitido entorpecer-se pelo ócio em casa -, não teriam realizado tão grandes feitos. Entretanto, para concluir muitas coisas brevemente, ousou dizer que elas foram legítimos e indubitáveis homens, e que os jovens Míncias mostraram-se as mulheres que fingiam ser⁸¹².

XXXII. Sobre Pentesileia, rainha das Amazonas⁸¹³

(1) A virgem Pentesileia foi rainha das Amazonas, e sucedeu às rainhas Oritiia e Antíopa⁸¹⁴. De quais pais foi gerada, entretanto, não li⁸¹⁵. Dizem que ela, tendo desprezado a beleza de sua ínclita figura e vencido a fraqueza do corpo feminino, começou a tomar as armas de seus antepassados, a cobrir a cabeleira áurea com um elmo, a munir seu flanco com a aljava, e, à maneira dos soldados, não das mulheres, a conduzir cavalos e carros: com forças e disciplina ousou mostrar-se mais admirável que as rainhas anteriores. (2) Consta também que a ela não faltou um engenho vigoroso, uma vez que, conforme se pode ler, o uso do machado⁸¹⁶, desconhecido até a sua época, foi descoberta sua. (3) Ela – como agrada a alguns –, tendo ouvido sobre a virtude do troiano Heitor, pôs-se a amá-lo ardentemente sem nunca o ter visto. Com desejo de conceber dele prole ínclita para a sucessão do reino, ao ser requisitada a ir em socorro dele contra os gregos, diante de tamanha oportunidade, facilmente foi, com o seu maior contingente⁸¹⁷. (4) Desejando agradar a Heitor mais pelas armas e pela virtude do que pela beleza, ela não se apavorou com a célebre fama dos líderes gregos, e entrou

⁸¹² Cf. nota de Zaccaria (nota 3, p. 507): “Il capitolo è tratto da Valerio Massimo, IV 6, *Ext.* 3. Ivi il testo critico dà *Minyae*; ma esiste la lezione *Moeniae*. Il caldo e appassionato elogio dell’amor coniugale si contrappone all’invettiva del cap. XXIII: più spontaneo e convinto nella celebrazione, più forzato e convenzionale nella condanna, questo B. della maturità”.

⁸¹³ Outras obras de Boccaccio em que a personagem Pentesileia consta, segundo Zaccaria: *Amorosa Visione*, VIII 77; *Esposizioni Dante*, IV, esp. Litt., 203 (p.507).

⁸¹⁴ Cf. biografia XIX-XX do *De Claris*.

⁸¹⁵ Cf. a primeira nota de Zaccaria a essa biografia (p.507): “La fonte del capitolo è Giustino, II 4, 20 e 31. Al tempo dell’*Amorosa Visione* il personaggio era noto al B. attraverso il *Roman de Troie* e l’*Eneide*. Dei commentatori virgiliani Servio-Donato (*Servius auctus*) dà la notizia che i genitori di Pentesileia furono Marte ed Otrere: notizia che il B. dichiara qui di non conoscere. Naturalmente il *Servius auctus* non gli era noto.”

⁸¹⁶ Sobre a invenção do machado, na nota 2 a essa biografia, Zaccaria (p.507) indica: “cfr. Stazio, *Thebaidos*, XII 525; Ovidio, *Metamorphoseon*, XII 610-611; Plínio, *Naturalis historia*, VII 56, 201.”

⁸¹⁷ Cf. Brown: “she fell readily upon the chance to help him...” (p.131); Zaccaria: “trovo facile apresto per scendere in campo in suo aiuto” (p.137).

muitíssimas vezes nos combates dos inúmeros soldados⁸¹⁸. Algumas vezes, derrubava com uma lança, às vezes abria com a espada os que se colocavam à sua frente, e muitíssimas vezes com o arco pôs em debandada os batalhões inimigos: enfim, de tal forma realizou tantos tão grandiosos feitos, e de modo viril, que fez com que o próprio Heitor⁸¹⁹, ao observá-la, a admirasse. (5) Afinal, quando um dia a guerreira⁸²⁰ lutava sozinha contra inimigos reunidos em denso bloco e mostrava-se, mais do que de costume, digna de tão valoroso amante, estando muitos dos seus já mortos, recebeu um golpe letal, e, infeliz, caiu morta em meio aos gregos por ela ali derrubados. (6) Outros, na verdade, pensam que ela, estando Heitor já morto, aportou em Troia e ali mesmo - segundo o que se escreve – foi morta em uma violenta batalha.

(7) Seria possível que algumas pessoas chegassem a admirar mulheres que, ainda que extremamente armadas, ousaram em algum momento lançar-se contra os homens, se não afastasse essa admiração o fato de que essa prática faz converter as coisas em outra natureza⁸²¹: assim agindo, ela e outras semelhantes se fizeram, nas armas, muito mais homens do que aqueles que a natureza fez de sexo masculino, mas que a ociosidade e a volúpia converteu em mulheres ou lebres com elmos⁸²².

XXXIII. Sobre Polixena, filha do rei Príamo

(1) A virgem Polixena foi filha de Hécuba e de Príamo, rei dos Troianos: jovencinha de tão florescente beleza que foi capaz de introduzir a chama da paixão no severo peito do pelíades Aquiles, e (numa armadilha planejada pela mãe Hécuba) conduzi-lo à noite, sozinho, até seu assassinato no templo de Apolo Timbreu. (2) Por

⁸¹⁸ *Sepissime certamina frequentium armatorum placere*: talvez se possa ler uma hipálage do texto latino: a idéia de quantidade (*frequentium*) que sintaticamente, modifica os soldados (*armatorum*), semanticamente qualificaria os combates (*certamina*).

⁸¹⁹ Na edição italiana, Zaccaria (p. 136) mantém a versão do manuscrito, em que, na verdade, aparece *herculem*, e não *hectorem*. Zaccaria também não acrescenta nenhuma nota a respeito disso, apenas traduz a passagem como “Heitor”. Porém Brown faz a menção em suas notas (p. 487), e altera o texto latino, utilizando a forma acusativa de *Hector*.

⁸²⁰ *Virago*: “a woman having the qualities of a man; a physically strong woman; a warlike or heroic woman (esp. applied to goddesses)”, *OLD*.

⁸²¹ Cf. Zaccaria: “ma la meraviglia cesserà in chi consideri che l’uso si muta in una seconda natura.” (p.137); Brown: “But admiration will cease if we remember that practical experience can change natural dispositions.” (p.131).

⁸²² Cf. nota 5 de Zaccaria (p.508): “*lepores galeatos* é espressione del poeta Cornificio tolta da Eusebio Girolamo, 159, 3-4 (e già si legge in Paolino minorita, trascritto in Zib. Mglb, f. 186).”

causa disso - e menos porque foram derrubadas as forças troianas e destruída Tróia -, é que ela foi levada por Neoptólemo até o túmulo do pai para a expiação a seus manes; e nesse mesmo lugar – se é possível dar algum crédito aos escritos dos antigos⁸²³ - vendo que o cruel jovem desembainhou⁸²⁴ a espada, enquanto os demais presentes choravam ao redor, a inocente ofereceu a garganta com espírito tão inabalável e fisionomia tão corajosa, que tanto a grande admiração de sua força quanto a piedade⁸²⁵ pela que parecia comoveram os ânimos.

(3) Deveras grandioso e digno de memória é o fato de a tenra idade, o sexo feminino, a brandura da realeza e a transformação de sua fortuna não terem podido oprimir o grande espírito da virgem, e isso, principalmente, sob a espada do inimigo vitorioso⁸²⁶ diante da qual as mentes valentes de homens egrégios às vezes hesitam e muitíssimas vezes se esgotam. (4) Eu facilmente poderia acreditar nisso como uma obra da generosa natureza, com o intuito de mostrar, por meio de tal desdenho da morte, que mulher ela teria produzido, se a fortuna inimiga não a tivesse arrebatado tão cedo⁸²⁷.

XXXIV. Sobre Hécuba, rainha dos Troianos⁸²⁸

(1) Hécuba, a mais famosa rainha dos troianos, foi a um só tempo exímio fulgor de esplendor efêmero⁸²⁹ e prova indubitável dos infortúnios⁸³⁰. Segundo alguns⁸³¹, ela

⁸²³ Cf. Zaccaria (p. 508, nota 1): “In *Genealogia*, I. Cit., il B. cita come fonti Euripide <in tragedia cui titulus Plydorus>; e più sotto: <Seneca tragicus [...] in Troade [195]>. La prima fonte non era nota al B. al tempo della composizione del *De mulieribus* secondo A. Pertusi, *La scoperta di Euripide nel primo umanesimo*, in <Italia Medioevale e Umanistica>, III, 1960, p. 147 (...). In Ovidio, *Metamorphoseon*, XIII 449 ss. e Seneca, *Troades*, 168 si devono identificare le opere alle quali, secondo il B. <fides ulla prestari potest> (...)”.

⁸²⁴ *Expeditisse* por *expedivisse*.

⁸²⁵ Cf. Brown: “that everyone was moved equally by admiration for her strenght and by regret for her death” (p.133); Zaccaria: “suscitando così non minore ammirazione per la sua fortezza che pietà per la morte” (p.139).

⁸²⁶ *Sub victoris et hostis gladio*: lit. “sob o gládio do vitorioso e do inimigo”. Optamos por resolver a hendíadis em nossa versão, como fizeram Zaccaria: “sotto il ferro del nemico vincitore” e Brown “especially under the sword of a victorious enemy” (p.133).

⁸²⁷ Cf. Zaccaria (p.508, nota 2): “Altre fonti del capitolo: Servio, *In Aeneida*, III 321 e, forse, Myt. Vat., I 240; II 205.”

⁸²⁸ Segundo Zaccaria (p.508), a personagem figura nas seguintes obras boccaccianas: *Filocolo*, II 17, 17; *Fiammetta*, VIII 10; *Amorosa Visione*, IX15 e XXXIV 65; *De Casibus*, I 12; *Genealogia*, XII 43.

⁸²⁹ Os tradutores apresentam a passagem da seguinte forma: “Hecuba, the most famous queen of the Trojans, provides a notable illustration of fleeting glory [...]” (Brown, p.135); “Ecuba, illustrissima regina di Troia, fu ad un tempo splendido esempio di fortuna caduca [...]”

foi filha de Dimante, filho de Aone⁸³². (2) Outros, porém, julgam-na⁸³³ filha de Cípselo, rei da Trácia, e eu mesmo também penso dessa forma, uma vez que assim julga a maioria. A virgem casou-se com o ilustre Príamo, rei dos troianos, e dele concebeu e deu à luz dezenove filhos, de ambos os sexos, entre os quais está aquela exímia luz de frígia proibidade, Heitor. Tamanho foi seu fulgor na guerra que, não só se fez tão esplêndido por eterna fama, mas ainda enobreceu os pais e a pátria com glória perene. (3) Porém o fulgor de Hécuba não proveio somente da beleza de um reino fecundo ou da serenidade de sua numerosa prole, mas, ao contrário, tornou-se muito conhecida mesmo em partes longínquas do mundo por causa de sua premente fortuna adversa. (4) Por Heitor, sem dúvida, queridíssimo a ela, e por Tróilo – jovem que já estava ousando feitos maiores que suas forças -, ambos mortos pela mão de Aquiles, e também pela sólida base do reino, quase destruída por aquela matança, ela chorou com muita tristeza. (7) Assim ela, digna de compaixão, viu Páris assassinado por Pirro; em seguida Deífobo, com o nariz e as orelhas amputados e morto ignominiosamente; Troia ser queimada por fogo dânao; Polites ser dilacerado no colo do pai; o próprio Príamo, já velho, ser estripado nos altares domésticos; a filha Cassandra, a nora Andrômaca e a si mesma - prisioneiras - serem arrastadas pelos inimigos; Políxena ser degolada diante do túmulo de Aquiles; e o neto Astíanax, tirado do esconderijo, ser lançado do rochedo. (6) E por último, descobriu o jovem Polidoro enterrado no litoral da Trácia, morto devido ao ludíbrio de Polimnestor, e chorou. (7) Tantas vezes e de tal forma foi oprimida por essas horríveis dores, que alguns pensam⁸³⁴ que ela insandeceu-se⁸³⁵ e que passou a

(Zaccaria, p.139); preferimos manter o termo *fulgor*, que logo adiante será referido a Heitor, filho da personagem biografada.

⁸³⁰ Cf. Zaccaria: “Ecuba, illustrissima regina di Troia, fu ad un tempo splendido esempio di fortuna caduca, e prova sicura delle miserie umane.” (p.139).

⁸³¹ Cf. Zaccaria (p. 508, nota 1): “Omero, *Iliados*, XVI 717-18; in Franceschino degli Albizzi, p. 541: ‘Ecuba *Adimantis* filia’”.

⁸³² Cf. “Secondo alcuni fu figli di Dimante, figlio di Aonio” (Zaccaria, p. 139); “In some accounts she was the daughter of Dymas, son of Aon.” (Brown, p. 135).

⁸³³ Cf. Zaccaria (p. 508, nota 2): “*De Casibus*, 1. Cit.; *Genealogia*, VI 14. Secondo A. Pertusi, *La scoperta...*p. 146, n.I, la paternità di Cisseo è ricavata da una nota di Leonzio alla traduzione dell’*Ecuba* di Euripide, nota citata in *Genealogia* XII 43 (cfr. ora anche, dello stesso Pertusi, *Leonzio Pilato fra Petrarca e Boccaccia*, Venezia, Roma, 1964, pp. 252 e 309); però la notizia è anche in Servio, *In Aeneida*, VII 320 e X 705.”

⁸³⁴ Cf. Zaccaria (p. 508-9, nota 3): “Il ricordo più recente e più vivo è quello dell’immagine ossessiva di Ecuba nella celebre similitudine dantesca (*Inf.*, XXX 20); le fonti classiche sono invece: Cicerone, *Tusculanae Disputationes*, III 26, 63; Lattanzio Placido, *In Statti Achilleida*, I

uivar pelos campos trácios à maneira dos cães, e que assim morreu, tendo sido sepultada em um túmulo da praia de Helesponto, para o qual foi dado o nome de “Cinossémate”⁸³⁶ por sua causa. (8) Vários outros dizem⁸³⁷ que ela foi levada pelos inimigos na condição de escrava junto com os restantes, e, para que não faltasse a ela uma única parcela de infortúnios, viu por fim Cassandra, estando Agamenão já morto, ser degolada por ordem de Clitemnestra.

XXXV. *Sobre Cassandra, filha de Príamo, rei dos troianos*⁸³⁸

(1) Cassandra foi filha de Príamo, rei dos troianos. Segundo asseveram os antigos⁸³⁹, ela tinha a capacidade do vaticínio: se tal capacidade foi adquirida por meio de estudo, se recebida como presente de Deus, ou - de preferência - por meio de uma artimanha diabólica, isso não nos é suficientemente certo. (2) Entretanto, é afirmado por muitos⁸⁴⁰ que ela, muito antes do rapto de Helena, anunciou, muitíssimas vezes e com clara voz, a audácia de Páris, a chegada da filha de Tíndaro, o longo cerco da cidade e a derradeira destruição de Príamo e de Troia. Por esse motivo, como nenhuma credibilidade era dada ao que ela dizia, contam⁸⁴¹ que foi castigada pelo pai e pelos irmãos com açoites. Por isso, até mesmo uma história foi inventada, a saber: que ela foi amada por Apolo, e que foi procurada para deitar-se com ele. Dizem que a moça prometeu entregar-se a ele se, antes, a ela fosse dado o conhecimento dos fatos futuros.

22; Solino, X 22; Pomponio Mela, II 2 (26); oltre, naturalmente, Ovidio, *Metamorphoseon*, XIII 423 ss. [...]”.

⁸³⁵ *Rabies*: “madness, mad passion” (*OLD*, sentido 2a). Cf. Zaccaria “divenuta rabbiosa” (p.141); Brown: “caused Hecuba to go mad” (p.137).

⁸³⁶ Brown explica em nota (p.488, nota b) que “Cynossema” era o nome de um promontório na península da Trácia, e que este nome deriva do termo grego para “túmulo do cão”. Cf. também outro relato (apontado pela tradutora) em que o termo aparece: Ovídio, *Met.*XIII, 565. Cf. ainda a tradução de Brown: “in a mound named ‘Cynossema’ after her” (p.137) e Zaccaria: “e fu sepolta in una collina del lido d’Ellesponto, che da lei fu detta *cinosema* (cioè monumento della cagna)” (p.141).

⁸³⁷ Cf. Zaccaria (p. 509, nota 4): “Igino, *Fabulae*, iii: fonte indiretta, poichè il B. non lo conosce, anche se lo cita in *Genealogia*, VIII 17 e in *Esposizioni Dante*, IV, esp.litt., 214, mas attraverso Servio (cfr. n. 273, p. 836 in ed. Padoan).”

⁸³⁸ Cf. Zaccaria para outras obras boccaccianas em que a personagem aparece: *Comedia Ninfe*, XVIII 23; *Consolatoria*, 1129; *Genealogia*, VI 16.

⁸³⁹ Cf. Zaccaria (p. 509, nota 1): “Virgilio, *Aeneidos*, II 246.”

⁸⁴⁰ Cf. Zaccaria (p.509, nota 2): “Darete Frigio, 8; Servio, *In Aeneida*, II 247.”

⁸⁴¹ Cf. Zaccaria (p.509, nota 3): “Darete Frigio, II (“*quam Priamus abstrahi et inclusi iussit*”; e cfr. *Genealogia*, VI 16).

(3) Como ela, tendo recebido o combinado, negou o prometido, e como Apolo já não podia tomar o que concedeu, falou⁸⁴² que ele acrescentou algo ao que fora assegurado: ninguém haveria de acreditar no que ela dissesse. Tendo assim acontecido, tudo o que Cassandra dizia era tomado por todos como dito sem fundamento. (4) Porém, Cassandra foi desposada por certo jovem nobre, de nome Corebo, a quem perdeu na guerra antes de ser levada por ele ao leito nupcial⁸⁴³. Por fim, quando tudo ruía⁸⁴⁴, foi capturada e coube por sorteio a Agamenão. Quando foi levada por ele a Micenas, predisse a morte dele e as insídias preparadas por Clitemnestra. (5) Como nenhuma credibilidade foi dada às suas palavras, depois de mil perigos enfrentados no mar⁸⁴⁵, chegou com Agamenão em Micenas, onde, depois que este foi morto pela esposa criminosa, também ela mesma foi degolada por ordem de Clitemnestra⁸⁴⁶.

XXXVI. Sobre Clitemnestra, rainha dos habitantes de Micenas⁸⁴⁷

(1) Clitemnestra foi filha⁸⁴⁸ de Leda e de Tíndaro, rei da Ebália, e irmã de Castor, Pólux, e Helena. A virgem casou-se com Agamenão, rei de Micenas. (2) Mesmo sendo bastante célebre por sua origem e pelo seu casamento, tornou-se mais célebre ainda por causa de seu crime abominável⁸⁴⁹. De fato, enquanto o marido Agamenão estava comandando as tropas dos gregos em Tróia, e, embora já tivesse dado à luz a muitos filhos dele, caiu de amores por Egisto, um jovem desocupado e ocioso que era filho do falecido Tiestes e Pelopeia, e que se abstinha das armas por causa do

⁸⁴² Cf. Zaccaria (p.509, nota 4): “Myt. Vat., I 180; II 196.”

⁸⁴³ Cf. Zaccaria (p.509, nota 5): “Virgílio, *Aeneidos*, II 341 citato in *Genealogia*, VI 16. Anche Girolamo, *Adversus Iovinianum*, I 307 (in P.L., XXIII 283, 307) allude alla verginitá di Cassandra.”

⁸⁴⁴ Zaccaria e Brown traduzem como “Troia”: “caduta la città” (p.143); “after the fall of Troy” (p.139).

⁸⁴⁵ Cf. versão de Zaccaria e Brown, respectivamente: “dopo innumerevoli pericolose tempeste” (p.143); “After a long and dangerous voyage...” (p.139).

⁸⁴⁶ Cf. Zaccaria (p.509, nota 6): “Seneca, *Agamemnon*, 798; Omero, IV 535, citati in *Genealogia*, I. Cit.”

⁸⁴⁷ Cf. Zaccaria (p. 509) para outras obras boccaccianas em que a personagem figura: *Filocolo*, III 35,5; *Amorosa Visione*, XXV 6; *De Casibus*, I 14; *Genealogia*, XI 7 e 9; XII 15.”

⁸⁴⁸ Cf. Zaccaria (p. 509, nota 1): “*Genealogia*, XI 7 e 9: ivi é detta figlia di Leda e di Giove da Myt. Vat., III 15. La paternità di Tindaro per cui B. propende anche in *De casibus*, I 14 (e vedi *Chiose al Teseida*, VI 25) deriva da Servio, In *Aeneida*, VIII 130 (per la questione cfr. Sotto, il cap. XXXVII, *De Helena*).”

⁸⁴⁹ *Nephario* por nefario.

sacerdócio. Conforme pensam alguns⁸⁵⁰, foi seguindo os conselhos do velho Náuplio, pai do falecido Palamedes, que ela se lançou nos braços de Egisto, e também em sua cama. (3) E deste crime seguiu-se que, motivada, seja pelo temor (devido ao crime executado) de Agamenão que voltava, seja pela persuasão do amante e desejo de reinar, ou ainda pela indignação por causa de Cassandra (que era trazida por Agamenão a Micenas), a intrépida mulher, com ânimo munido com crimes e por meio de um delito audacioso, insurgiu-se contra o marido, que voltava de Troia vitorioso e cansado pelas tempestades marítimas: com uma alegria fingida no rosto o recebeu no palácio. Então - conforme pensam alguns⁸⁵¹ - ordenou que o marido fosse morto pelas mãos do amante, que o surpreendeu em emboscada, enquanto ele jantava e já estava ficando embriagado talvez com o vinho. (4) Outros dizem que⁸⁵², enquanto ele estava deitado, envolvido nas vestes que uma vitória requeria, a esposa adúltera (como se estivesse prestes a realizar uma festa ainda mais notória para os gregos) o persuadiu mansamente a vestir trajes pátrios, os quais, antes, ela mesma confeccionara para a ocasião. A ele, a audaciosa ofereceu trajes sem abertura para a cabeça, e, quando o esposo já tinha colocado os braços pelas mangas e, enroscado, procurava por onde pudesse passar a cabeça, praticamente imobilizado foi pego pelo adúltero assassino (persuadido por ela), e assim Agamenão, sem ver ninguém, foi assassinado. Feito isto, Clitemnestra apoderou-se de todo o reino e o governou, junto com o adúltero⁸⁵³ Egisto, por sete anos.

(5) Quando, entretentes, tornou-se adulto, Orestes, filho de Clitemnestra e Agamenão (a quem os amigos protegeram em segredo do furor da mãe), resolveu

⁸⁵⁰ Cf. Zaccaria (p. 509, nota 2): “Leonzio Pilato citato in *Genealogia*, X 59, XI 9 e XII 10. Ha indicato il Pertusi, *Leonzio Pilato...*, pp. 367 e 373, che Leonzio ha combinato in questa notizia gli *scholia* Tzetzes in *Lycophronis Alexandram*, 386, 1093, 772 (ed. E. Scheer, *Lycophronis Alexandra*, II, *Scholia continens*, Berolini 1908, p. 312, 4-24) con Servio, *In Aeneida*, VIII 9: seppure la fusione non si debba allo stesso B. Igino, *Fabulae*, 117 scrive invece che Clitemnestra decide con Egisto di uccidere Agamennone “*cum audisset ab Oeace Palamedis fratre, Cassandram sibi pellicem adduci.*”

⁸⁵¹ Cf. Zaccaria (p. 509, nota 3): “Servio, *In Aeneida*, XI 267 (ed ivi il rinvio a Giovenale, *Satyrae*, VIII 216).”

⁸⁵² Cf. Zaccaria (p. 509, nota 4): “Servio, *In Aeneida*, 1. Cit.; Seneca, *Agamemnon*, 867 citato in *Genealogia*, XI 9. Le due versioni, senza citazione di fonti, anche in *De casibus*, I 14. Per il travaso delle fonti (con Servio, Ovidio, *Ars amatoria*, I 333-4) dal *Filocolo* alla *Genealogia*, cfr. A. E. Quaglio, *Tra fonti e testo...* (i), pp. 362-3. Osservò giustamente il Branca (comm. *Amorosa Visione*, 582) che le leggende classiche sono rievocate dal B. con un “senso schematico”; e lo dimostra il pedisequo ripetersi di particolari, come quello della morte di Agamennone, delle opere giovanili a quelle della vecchiaia.”

⁸⁵³ Mantivemos a repetição do termo *adulterus* (“adúltero”) como no texto boccacciano.

vingar-se da mãe contra a morte do pai, e, tendo esperado o momento adequado, tirou a vida dela junto com a do amante.

(6) Não sei qual aspecto eu devo censurar mais: se o crime ou a audácia. Sobre o primeiro, posso dizer que o ínclito homem não merecera um mal tão grande; sobre o segundo: quanto menos era conveniente à pérfida mulher, mais abominável a audácia se tornava. Porém ainda tenho o que elogiar, a saber: a virtude de Orestes, a qual não permitiu que, por piedade da mãe torpe, o corajoso vingador deixasse de se lançar contra a morte imerecida do pai, nem que o filho fizesse contra a mãe, merecedora do mal, aquilo que o genitor, menos merecedor, sofrera nas mãos do adúltero sacerdote, comandado pela torpe mulher. O sangue derramado do pai foi expiado com o sangue derramado daqueles por meio de cuja ordem e obra o haviam derramado, de forma que o crime se virou contra os autores.

XXXVII. *Sobre Helena, esposa do rei Menelau*⁸⁵⁴

(1) Helena foi uma mulher conhecidíssima pelo mundo inteiro, tanto (como pareceu a muitos) por sua lascívia, quanto pela longa guerra travada por sua causa. Era filha de Tíndaro⁸⁵⁵, rei da Ebália, e de Leda, uma mulher belíssima, e também esposa de Menelau, rei de Esparta. (2) Sua beleza foi tão célebre – conforme afirmam todos os antigos gregos e, depois deles, os latinos⁸⁵⁶ – que facilmente sobressaía diante de outras. (3) De fato, ela cansou até mesmo Homero, homem de engenho divino, (para não falar dos restantes), antes que ele a pudesse descrever em verso de modo conveniente o bastante, de acordo com os preceitos. Além disso, múltiplos pintores e escultores, todos

⁸⁵⁴ Cf. Zaccaria (p. 510) para outras obras boccaccianas em que figura a personagem: “*Filocolo*, II 26, 12; III 35, 6; *Amorosa Visione*, VIII 70 e XXVII 40; *Consolatoria*, 1129; *Rime*, LV 1-4; *Chiose al Teseida*, VII 50; *Esposizioni Dante*, V, esp. litt., 100-14; *Buccolicum*, V 36; *De casibus*, I 12; *Genealogia*, XI 8 e XII 3.”

⁸⁵⁵ Cf. Zaccaria (p. 510, nota 1): “In *Esposizioni Dante*, V, esp. litt., 102 il B. distingue i poeti dalle “istorie”. Per i primi Elena fu figlia di Giove e Leda, secondo la favola sopra citata (XXXVI, n. 1) per Clitennestra; secondo le “istorie” fu invece figlia di Tindaro e Leda. Nel *De mulieribus* è riportata la versione “istoriale”, nella *Genealogia* la finzione dei poeti. In *Esposizioni Dante*, nell’opinione che Dante avesse nominato Elena proprio come un personaggio vissuto, il B. dà la preferenza alla versione “istoriale”, riprendendo tuttavia – o ripromettendosi di riprendere – dalla *Genealogia* altre notizie che avrebbero potuto essere utili (cfr. G. Padoan, *L’ultima opera di G. B.: Le ‘Esposizioni sopra il Dante’*, Padiva 1959, p.30).”

⁸⁵⁶ Cf. Zaccaria (p. 510, nota 2): “Per i greci il B. si riferisce ad Omero, più sotto citato; per i latini a Cicerone, *De inventione*, II ii citato in *Genealogia*, XI 8.”

muitos egrégios, encarregaram-se da mesma empreitada a fim de deixar para a posteridade, se pudessem, pelo menos uma imagem de tão notável beleza. (4) Entre eles, foi contratado pelos habitantes de Crotona por uma grande quantia em dinheiro, Zêuxis de Heracléia, famosíssimo pintor em sua época, que, preferido aos demais, dedicou todo seu engenho e recursos artísticos para representá-la com seu pincel⁸⁵⁷. E, como nenhum outro modelo tinha além do poema de Homero e da enorme fama universal, e visto que por meio destes dois recursos pudera conceber a face e o resto da personagem em sua mente, o pintor pensou que poderia apreender a divina imagem⁸⁵⁸ de Helena a partir de muitas outras belíssimas formas e expor a designada mulher àqueles que a requeriam. Mediante seu pedido, foram expostos pelos habitantes de Crotona, em primeiro lugar, belíssimos jovens e também moças; de todos, dentre os mais belos, ele escolheu os cinco dignos de serem observados por sua especial formosura. Uma vez que, a partir da beleza de todos foi composta uma única forma, tendo ele utilizado todas as forças de seu célebre engenho, é difícil acreditar que ele tenha conseguido apreender⁸⁵⁹ inteiramente, através da arte, o que desejava. (5) Tal fato não me surpreende: pois quem, com o pincel da pintura ou o cinzel⁸⁶⁰ da escultura seria capaz de retratar a alegria dos olhos, a branda afabilidade de toda a sua face, o sorriso celestial e os diversos e formosos movimentos da face em harmonia com as diferentes atitudes e palavras? Esta é uma tarefa somente da natureza. (6) Portanto, ele fez o que pôde, e o que pintara, ficou para a posteridade como sendo a beleza celestial de um retrato. (6) Donde, por causa do brilho estrelado dos seus olhos, por causa de sua luz insólita aos mortais; por causa da candura insigne da sua face e pela áurea abundância de uma esvoaçante cabeleira, que então lhe caía pelos ombros na forma de insinuantes cachos; por causa da elegante e melodiosa suavidade da voz e não menos por causa de

⁸⁵⁷ Cf. Zaccaria: “Fra questi Zeusi di Eraclea, famosissimo pittore del tempo, incaricato com ingente compenso dai Crotoniesi e preferito ad altri, pose tutto il suo ingegno e le sue forze d’artista a rappresentarla col pennello.” (p.147).

⁸⁵⁸ *Effigies*: “an artistic representation, statue, portrait” (*OLD*, sentido 1), ou ainda “copy, reproduction” e “outward appearance” (sentidos 2 e 4).

⁸⁵⁹ Cf. Zaccaria (p. 510, nota 3): “*percipere* in Aut. Laur.; *perficere* in altri mss.: e sembra lezione migliore; ma la prima non é da escludere.”

⁸⁶⁰ Seguimos aqui Zaccaria, que traduz: “com lo scalpello nella scultura” (p.149); cf. Brown: “sculptor’s chisel” (p.145). A forma *celum*, que aparece às vezes na variante *selum*, segundo o *Revised Medieval Latin Word List*, data de cerca de 1285-1290. É derivada da forma *caelum*: cinzel, instrumento do entalhador. Para *caelum* com o sentido de cinzel, cf. dicionários *OLD*, Gaffiot e Saraiva.

certos movimentos, tanto da boca rósea perfumada de canela quanto da esplêndida fronte e do pescoço branco como marfim erguendo-se das veladas delícias de seu colo (que devem ser percebidos somente através do ritmo de sua respiração), alguns autores⁸⁶¹ criaram a fábula que descreve Helena como sendo filha de Júpiter transformado em cisne⁸⁶², para que ela, além da beleza que pudera ter recebido da mãe, fosse percebida como fruto de uma divindade infundida, que os artistas, com seu engenho, com pincéis e com cores não podiam representar. (7) Antes de outros, Teseu foi atraído de Atenas até a Lacônia por sua beleza tão admirável; e, audacioso, raptou a donzela em tenra idade, enquanto ela se exercitava na palestra⁸⁶³, segundo o costume pátrio. E ainda que não tenha podido roubar dela nada mais que poucos beijos, imprimiu-lhe uma espécie de⁸⁶⁴ mácula em sua vacilante virgindade. (8) Aos irmãos, que a requeriam, foi entregue por Electra, mãe de Teseu (ou, como pensam alguns, por Proteu, rei egípcio), enquanto Teseu estava ausente. E finalmente, com idade oportuna, casou-se com o esposo Menelau, rei dos espartanos, de quem pariu uma única filha, Hermíone⁸⁶⁵. (9) Depois disto, passados os anos, Páris voltou à Troia - ele que fora abandonado no Ida por causa de um sonho da mãe ainda grávida e, que, sem ser reconhecido, venceu em luta o irmão Heitor, e evitou a morte mostrando brinquedos de criança que foram identificados pela mãe⁸⁶⁶. Lembrou-se, então, da promessa feita a ele por Vênus de que teria uma lindíssima esposa, por causa da sentença proferida por ele

⁸⁶¹ Cf. Zaccaria (p. 510, nota 4): “*acutiores* é di Aut. Laur.; *autores*, più ovvio, in altri mss., tradotto “autori” da Donato e in più chiara corrispondenza con “i *poeti* [Elena fingono] essere stata figlia di Giove” di *Esposizioni Dante*, V, esp. litt., 102; ma la lezione di Aut. Laur. non si può ripudiare. Il Padoan, *L’ultima opera...* 1. Cit. rileva il valore stilistico del brano che in *Esposizioni Dante* traduce il periodo che qui inizia. Anche il testo latino si stacca dal comune andamento espositivo.”

⁸⁶² *Cignum* por *cycnus*.

⁸⁶³ Sobre o episódio ocorrido em local dedicado a exercícios físicos (sentido atribuído a “palestra” em Houaiss), anota Zaccaria (p. 510, nota 5): “Per il “palestral gioco” e il rapimento cfr. *Chiose al Teseida*, VII 4.”

⁸⁶⁴ Não se registra no *OLD* o termo *aliqualis*, forma datada de 1230 (segundo o *Revised Medieval Latin*): “uma espécie de; um tipo de”.

⁸⁶⁵ Cf. Zaccaria (p. 510, nota 7): “Ovidio, *Heroides*, VIII *passim*, citato in *Genealogia*, XII 13.”

⁸⁶⁶ Cf. Zaccaria (p. 511, nota 8): “Cfr. *Esposizioni Dante*, V, esp. litt., 130: “mostrare le sue *crepundie* le quali Ecuba vedute riconobbe.” Cf. ainda *OLD*, *crepundia*: “A child’s rattle (often tied round the neck and used as a means of identification)””; e tradução de Zaccaria (p. 149): “I sonagli della sua infanzia”; e Brown: “certain baby toys” (p.145).

no Ida⁸⁶⁷; por isso, ou – como pensam outros⁸⁶⁸ – porque estava prestes a pedir que se devolvesse Hesíona, depois de construídos os navios, unido a um cortejo real, saiu do Ida e dirigiu-se para a Grécia, onde foi recebido com hospitalidade por Menelau. (10) Ali, quando viu a conspícua Helena de beleza celestial, gracejando de modo lascivo⁸⁶⁹, vestida em traje régio e desejando ser contemplada, foi imediatamente cativado; e nutrido as esperanças pela maneira com a qual ela se comportava, procurou o momento certo e, cintilando os olhos de paixão, furtivamente introduziu em seu peito impudico o fogo de seu amor. A fortuna favoreceu sua empresa: pois, por exigência da ocasião, Menelau dirigiu-se para Creta, deixando lá Páris. (11) Segundo agrada a alguns, como ambos ardiam com igual paixão, aconteceu que Páris, de comum acordo, levou para a pátria o fogo visto durante o sono por Hécuba, e cumpriu, assim, as profecias. À noite, arrebatou da costa lacônica Helena (que estava acordada) junto com a maior parte dos tesouros de Menelau, ou – como apraz a outros – ele a levou da ilha vizinha Citera, enquanto ela estava em um templo por conta de um sacrifício que deveria ser cumprido segundo o rito pátrio, e a embarcou na frota, que estava a postos. Depois de muitos perigos, chegou com ela a Troia: onde foi recebida por Príamo com precípua homenagem, pensando o rei ter antes apagado a mancha da injúria gerada pela detenção de Hesíona, presa por Télamon, do que ter acolhido na pátria a destruição cabal de seu reino. (12) Por causa da sedução daquela mulher, toda a Grécia foi abalada. E, como todos os príncipes gregos davam mais peso à injúria de Páris do que à lascívia de Helena, depois de reclamarem-na muitas vezes⁸⁷⁰ em vão, unânimes conspiraram para a queda de Troia. Reunidas as forças, com mil ou mais navios carregados⁸⁷¹ de armamentos; ocuparam o litoral entre Sigeu e Reteu, promontórios da Frígia, e sitiaram

⁸⁶⁷ Cf. Zaccaria (p. 511, nota 9): “*Chiose al Teseida*, VII 50.”

⁸⁶⁸ Cf. Zaccaria (p. 511, nota 10): “Esona, figlia di Laomedonte re di Troia, esposta al mostro marino, dopo il famoso tradimento del padre, e liberata da Ercole, fu data sposa a Telamone (Igino, *Fabulae*, 89). Dal marito condotta a Salamina, fu invano richiesta da Priamo per mezzo di Paride. Fallita la legazione, Paride, col consenso del padre, allestí una flotta e si presentò all’isola di Citera (Darete Frigio, 3; Lattanzio Placido, *In Statii Achilleida*, I 21, citato in *Genealogia*, XI 8.”

⁸⁶⁹ *Lasciuio*: “to act without restrain, be lax or undisciplined, run riot”, *OLD* (sentido 3a).

⁸⁷⁰ *Sepius* por *saepius*.

⁸⁷¹ *Honustis* por *onustis*.

Troia⁸⁷², enquanto os troianos resistiam inutilmente. (13) De dentro dos muros da cidade sitiada, Helena certamente pôde efetivamente ver quanto valor tinha sua beleza: avistando todo o litoral tomado por inimigos, e todas as coisas serem devastadas a ferro e fogo, os combates assolarem os povos, que iam em direção à morte por mútuas feridas, e todas as coisas serem manchadas tanto com sangue grego quanto troiano. (14) Helena foi efetivamente tanto reivindicada quanto retida com tão obstinado propósito que, enquanto não foi restituída, por dez anos perseverou o cerco e a matança sangrenta de muitos dos nobres. Durante a carnificina, já mortos Heitor e Aquiles, e depois de Páris ter sido assassinado por Pirro, cruelíssimo jovem, Helena casou-se uma segunda vez, unindo-se a Deífobo, mais jovem - como se a ela parecesse pouco ter pecado só uma vez. (15) Por fim, tentou-se com uma traição aquilo que parecia não poder ser obtido pelas armas: Helena, que dera o motivo para o cerco, a fim de contribuir para a ruína e com o intuito de obter a reconciliação com o primeiro marido, colocou-se, voluntária e conscientemente, contra Troia. E, depois que os gregos ardidamente tinham simulado a sua partida, na ocasião em que os troianos, fatigados pelos fatos decorridos e com o ânimo festivo por renovada alegria, estavam vencidos pelo banquete e imersos no sono, Helena começa a fingir uma dança, e, com uma tocha acesa no momento oportuno, chama de volta os atentos gregos. Estes, ao retornarem, devolveram Helena a Menelau vinte anos após o rapto, depois de terem entrado silenciosamente pelas portas abertas na cidade semi-adormecida, tendo essa sido incendiada e Deífobo assassinado de maneira cruel⁸⁷³.

(16) Outros, é verdade, afirmam⁸⁷⁴ que Helena foi raptada por Páris sem seu consentimento, e por isso mereceu ser levada pelo marido. Este, quando voltava com ela à Grécia, fortemente desnorreado por tempestades e ventos contrários, foi obrigado a

⁸⁷² *Ylionem*: *Ylio* aparece em Boccaccio como substantivo de terceira declinação (ao passo que em latim clássico se registra *Ilium* (de segunda declinação). O termo *Ylio* não tem registro nem no *Revised Medieval Latin* nem no *Orbis Latinus*.

⁸⁷³ Cf. Zaccaria (p. 511, nota 13): “Ditti Cretese, IV 22: ma il particolare della restituzione, dopo vent’anni dal rapimento, deriva da Omero (*Iliados*, XXIV 765), attraverso Leonzio (cfr. Pertusi, *Leonzio Pilato...*, p. 374). Per la figura colla fiaccola in pugno, splendente sullo sfondo guerresco, come in *Amorosa Visione*, VIII 70, il ricordo à da Virgilio, *Aeneidos*, II 567 ss. È qui omessa la lunga discussione, svolta in *Genealogia*, XI 8, circa l’età di Elena e la durata della sua permanenza a Troia dopo il rapimento.”

⁸⁷⁴ Cf. Zaccaria (p. 511, nota 14): “*Genealogia*, XI 8: “alii tamen dicunt a Menelau ultro susceptam eo quod vi, non sponte sua rapta fuerit”; la fonte è Servio, *In Aeneida*, I 526. Per il soggiorno in Egitto cfr. Servio, *In Aeneida*, XI 262.”

desviar o curso para o Egito, onde foi recebido pelo rei Pólipo. Depois disso, acalmado o mau tempo, foi recebido em Esparta junto com a esposa recuperada, quase oito anos depois da destruição de Troia. (17) Porém, quanto tempo ela mesma veio a viver depois destas coisas, o que teria feito, ou sob que céu tenha morrido, não me lembro de ter lido em parte alguma.

XXXVIII. Sobre Circe, filha do Sol⁸⁷⁵

(1) Circe, famosíssima mulher até os dias de hoje por seus encantamentos, foi, segundo atestam os versos⁸⁷⁶ dos poetas – filha do Sol e da ninfa Persa (filha de Oceano), e irmã de Eetes, rei dos colcos. Foi dita filha de Sol, julgo eu, porque florescera com singular beleza, ou porque era extremamente instruída no que concerne ao conhecimento das ervas, ou ainda porque foi habilíssima em seus afazeres: características que, segundo pensam os matemáticos⁸⁷⁷, o Sol atribui a cada pessoa que nasce, influenciando sobre as diversas disposições do espírito. (2) Porém de que forma ela, deixada a Cólquida, se tenha dirigido para a Itália, pouco me lembro de ter lido. Todas as histórias⁸⁷⁸ afirmam que ela habitou o monte Eteono, na região dos volscos, o qual até os dias de hoje chamamos Circeu a partir de seu nome. E, uma vez que nada sobre tão célebre mulher lê-se fora do âmbito da poesia, depois de referirmos sucintamente a

⁸⁷⁵ Segundo Zaccaria (p. 511), a personagem também figura nas seguintes obras boccaccianas: *Allegoria mitologica*, 233; *De casibus*, I 18; *Genealogia*, IV 14.

⁸⁷⁶ Cf. Zaccaria (p.511, nota 1): “Omero (*Odyssea*, X 139) citato in *Genealogia*, IV 14 e VII 3 (e per la derivazione da Leonzio cfr. Pertusi, *Leonzio Pilato...*, pp.270 e 315); per la paternità del sole e per il fratello Eeta cfr. Cicerone, *De natura deorum*, III 21, 54 (e qui XVII, n. I); per l’errore in *Genealogia*, IV 11 di aver creduto di trovare ivi testimonianza che Eeta fosse invece figlio di Asteria, cfr. Hortis, *Studj...*; p. 446, n.I. Naturalmente, oltre che ad Omero, si riferisce a Ovidio e Virgilio nei testi sotto citati.”

⁸⁷⁷ *Mathematici*: Zaccaria traduz por “astrologi” (p.155).

⁸⁷⁸ Cf. Zaccaria (p.510, nota 2): “Servio, *In Aeneida*, III 386: *qui nunc Circeius mons a Circe dicitur, aliquando, ut Varro dicit, insula fuit [...] Aeea dicta*. Plinio, *Naturalis historia*, III 5,56 parla di Circeo come di una città del Lazio, un tempo isola, secondo Omero. In *Odyssea*, X 194 *Eea* è l’isola cui approda Ulisse sfuggito ai Lestrigoni. Ora Circe è sorella di *Eeta* che conosciamo come re della Colchide e *Eea* è nome mitico della Colchide (perciò Plinio, *Naturalis historia*, VI 4,13 ricorda nella Colchide le città di *Circaeum* e di *Aea*). Su questi precedenti si può spiegare perché il B. scriva che il nome di *Circeo* fu prima *Oetheum* (così anche in *De montibus*, s.v. *Circes*: *Circes seu Circeus mons Italie [...] asserunt hunc olim a continenti fuisse disiunctum, non quidem freto sed paludibus et Oseum, alias Otheum ante nominatum [...] Tandem ex Albanis montibus limus effluens completis paludibus eum fecit terre continuum.*) Anche per Ovidio, *Metamorphoseon*, XIV 348 Circe si fermò *in monte Latii in Volscis*, che da lei prese il nome di *Circeo*.”

esses poemas, investigaremos - na medida que meu engenho alcançar - o sentido da história a que se tem dado crédito⁸⁷⁹. (3) Dizem, então, antes de outras coisas, que todos os marinheiros, que, ou de propósito, ou levados por uma tempestade – aportavam nas praias do referido monte (outrora uma ilha) eram transformados em feras de variadas espécies, por meio de fórmulas mágicas ou de beberagens venenosas daquela mulher. Entre tais homens estavam os companheiros⁸⁸⁰ do errante Ulisses, tendo ele mesmo se salvado mediante o conselho de Mercúrio. (4) Dizem⁸⁸¹ que, quando ele, com a espada desembainhada, ameaçou de morte a feiticeira, os companheiros reduzidos a animais retornaram à sua antiga forma, e que, servindo-se da morada de Circe durante um ano, teve com ela um filho, Telégono, até que Ulisses, absolutamente decidido, deixou-a. (5) Sob este invólucro penso que estão escondidos os seguintes significados: há quem diga⁸⁸² que uma mulher, não longe de Caieta, cidade da Câmpania, foi poderosíssima no que concerne às forças e ao discurso, e que, contanto que obtivesse o que queria, não fazia grandes esforços para conservar sua castidade livre de mácula. E assim, ela não só atraiu às suas carícias com agrados e belas palavras muitos dos que se aproximaram de sua praia, mas também impeliu outros ao roubo e a pirataria. A alguns, desprezando qualquer senso de honestidade, ela induziu a praticar negócios e comércio por meio de ludíbrios, e a muitos ensoberbeceu em conseqüência de seu singular amor. Desta forma, é justificável que se pudesse acreditar que tais homens, cuja razão humana parecia ter sido subtraída através de obra da funesta mulher – teriam sido por ela transformados em feras para compensar seus crimes⁸⁸³. (6) Observados os costumes dos homens e das mulheres, podemos suficientemente compreender, a partir deles, que existem muitas Circes por toda parte, e muitos mais homens transformados em bestas por sua lascívia e por seu erro. (7) Porém Ulisses, advertido pelo conselho de Mercúrio, mostra de

⁸⁷⁹ Cf. Zaccaria (p.155): “dopo una breve esposizione del racconto di quei testi, cercherò, per quanto può il mio ingegno, di esporre l’intenzione di quanti loro credono.”; Brown (p.151) “after touching briefly on their reports I shall explain, to the best of my ability, the meaning of what they believe.”

⁸⁸⁰ *Sotios* por *socios*.

⁸⁸¹ Cf. Zaccaria (p. 512, nota 3): “Orazio, *Carmina*, III, 29, 8; Ovidio, *Fastorum*, III 92.”

⁸⁸² Cf. Zaccaria (p. 512, nota 4): “Servio, *In Aeneida*, VII 19.”

⁸⁸³ Cf. traduções de Zaccaria e Brown, respectivamente: “Così si credette meritamente che fossero mutati in bestie per opera di Circe coloro che, per le arti della perfida Donna, pareva fossero stati privati della ragione umana.” (p. 157); “We would thus be right in believing that the men changed into the kinds of wild beasts appropriate to their misdeeds were those who had lost their human reason through this unfortunate woman’s influence.” (p.153).

maneira bastante clara que as armadilhas dos adutores não podem atar o homem prudente, mas ao contrário: com seus exemplos muitas vezes liberta os que estão atados pelo laço. (8) É evidente que o restante é muito pertinente à história: nela consta que Ulisses ficou com Circe durante algum tempo. Conta-se⁸⁸⁴, ademais, que essa mesma mulher foi esposa de Pico, filho de Saturno e rei dos latinos, e que a ele ensinou a arte de pressagiar. Conta-se ainda que, por ciúme (porque Pico se apaixonava pela ninfa Pomona) ela o transformou em uma ave com o seu nome. Ele tinha, na verdade, um grifo⁸⁸⁵ doméstico, de cujo canto e movimentos se tomavam augúrios sobre os fatos futuros; e como ela conduzia sua vida segundo a movimentação do grifo, diz-se⁸⁸⁶ que ele foi transformado em tal ave. (9) Quando, como ou onde Circe morreu, não descobri.

XXXIX. Sobre Camila, rainha dos volscos⁸⁸⁷

(1) Camila foi uma insigne donzela, muito digna de ser lembrada, e rainha dos volscos. Ela foi gerada por Métabo, antiquíssimo rei dos volscos, e por sua esposa Casmila, tendo sido, ao nascer, a causa da morte da mãe. Por isso, como ela morreu depois que deu à luz a pequenina, somente uma letra do nome materno foi suprimida pelo pai Métabo, que chamou a filha de Camila para que se sentisse um pouco confortado⁸⁸⁸. A fortuna desta moça certamente desde o dia em que nasceu foi de fato

⁸⁸⁴ Cf. Zaccaria (p. 512, nota 5): “Servio, *In Aeneida*, VII 190; Ovidio, *Metamorphoseon*, XIV 336 ss.; *Myt. Vat.*, I, 182, II 213 (e cfr. *Genealogia*, VIII 10).”

⁸⁸⁵ Cf. verbete no Houaiss: “animal fabuloso, com cabeça, bico e asas de águia e corpo de leão (Possui dupla natureza: divina, representada pelo espaço aéreo, próprio da águia, e terrestre, representada pelo leão. Tais animais simbolizam, ainda, respectivamente, a sabedoria e a força.)”.

⁸⁸⁶ Cf. Zaccaria (p. 512, nota 6): “Tra il penúltimo e l’ultimo periodo sono qui insirite in Vu e L le seguenti righe: ‘*Verum ego hanc Circem eandem non puto cum ea que Ulixem detinuit, non enim conveniunt tempora utriusque. Sunt insuper qui dicant hanc Glaucum marinum deum amasse et Scyllam virginem, eo quod amaretur a Glaucio, in marinum transformasse monstrum quod quidem non ab aliquo mulieris huius actu, sed ab eventu continuo tractum est; cum id grece Glaucus sonet quod albedo latine, et cum spuma maris alba sit et excreba in cautes et saxa, quorum plurimum in suis radicibus abundat Circeus mons, generetur seu causetur, dictum est Circem Glaucum adamasse et quoniam id contigit in freto siculo apud Scylle scopolum fictum est Scyllam Glaucum adamasse.*’”

⁸⁸⁷ Segundo Zaccaria (p. 512), a personagem também figura nas seguintes obras boccaccianas: *Amorosa Visione*, IX 31; *Chiose al Teseida*, VI 53, i; *Esposizioni Dante*, I, esp. litt., 137e 141.

⁸⁸⁸ Alguns tradutores interpretaram como causal a relação entre as orações dessa passagem, cf. Zaccaria: “Poiché nascendo fu causa di morte alla madre, il padre, per consolarsi, chiamò la

cruel, pois, logo depois do enterro da mãe, Métabo, expulso do reino por causa de uma súbita revolta dos concidadãos de Priverno, partindo em fuga, nada pôde levar para o exílio além de sua pequenina filha, a quem amava mais do que tudo. (3) Indo para o exílio, embora⁸⁸⁹ o miserável fugisse sozinho e a pé, e levasse nos braços a companheira Camila, chegou até o rio Amaseno⁸⁹⁰, cheio pela chuva da véspera. Posto que não podia atravessar a nado, impedido pelo peso da menina, chegou a uma favorável resolução inspirado por Deus, que não queria que aquela que viria a ser uma célebre donzela fosse arrebatada por um destino ignóbil. (4) Então, ele prendeu a filha (enrolada por em cortiça de sobreiro⁸⁹¹) a uma lança que por acaso levava consigo, e a dedicou a Diana, se ela a mantivesse a salvo. Com o braço, vibrou a lança com todas as suas forças e arremessou-a com a filha até a margem oposta, seguindo-a imediatamente a nado. Como a encontrou, por uma dádiva de Deus, ilesa, ele, feliz mesmo na adversidade, dirigiu-se a um refúgio das matas, e não sem muito esforço criou sua menininha com leite de animais selvagens⁸⁹². (5) Quando ela chegou a uma idade mais vigorosa, começou a cobrir o corpo com peles de feras, a lançar flechas com os braços e lançar pedras com as fundas; a manejar os arcos, a carregar aljavas, a perseguir e ultrapassar na corrida cervos e cabras silvestres; a desprezar todas as atividades femininas e a conservar, acima de qualquer coisa, a virgindade inviolada; a zombar dos amores dos jovens, a recusar em absoluto os pedidos de casamento de poderosos nobres, e a colocar-se inteiramente à

figlia, dal nome della madre, diminuito di una sola lettera, Camilla.” (p.157); Brown: “For this reason, and to confort himself, Metabus named the child Camilla after her mother (with only the letter *s* removed).” (p.155).

⁸⁸⁹ *Cum ...efugeret*: interpretamos uma nuance concessiva na passagem que descreve o sucesso de parte da empreitada do pai de Camila, a despeito das condições desfavoráveis. Zaccaria: “Il misero, fuggendo a piedi e portando fra le braccia, come compagna, Camilla, giunse al fiume Amaseno, che era in piena per le piogge dei giorni precedenti” (p.159) ; Brown: “As the wretched man made his way on foot, accompanied only by Camilla whom he carried in his arms, he reached the Amasenus River.” (p.155).

⁸⁹⁰ Cf. Zaccaria (p. 512, nota 1): “*De montibus*, s.v. *Amasenus* in *de fluminibus*.”

⁸⁹¹ *Suber*: “the cork-oak”(OLD). Quanto a nossa tradução por “sobreiro”, cf. Houaiss: “árvore de até 15 m (*Quercus suber*), da fam. das fagáceas, nativa da Europa e do Norte da África, com folhas coriáceas e frutos comestíveis, tb. cultivada como ornamental e esp. pela casca espessa, de que se extrai a cortiça do comércio; alcornoque, alcornoque, carvalho, carvalho-cortiça, carvalho-corticeiro, sobreira, sobreiro.”

⁸⁹² Cf. Zaccaria (p. 512, nota 2): “In *Esposizioni Dante*, I, esp. litt., 139: ‘allevò questa sua figliuola alle poppe di una cavalla’. Il passo dell’Eneide (XI 570-571), che è fonte del capitolo, suggerisce al B. nel *De mulieribus* l’espressione testuale (‘lacte ferino’) e nelle *Esposizioni* il particolare della cavalla nutrice. Servio, In *Aeneida*, I 571, spiegava al B.: *armentalis equae, indomitae, unde sequitur ‘lacte ferino’.*”

disposição de Diana, a quem o pai a dedicara. (6) Fortalecida a donzela por meio de tais exercícios, foi chamada de volta ao pátrio reino, e manteve sua intenção com resignada firmeza⁸⁹³. Então, depois que Eneias, vindo de Troia, tomou Lavínia como esposa, gerando o início de uma guerra entre ele e o rútilo Turno, após ambos reunirem suas tropas por toda parte, Camila, apoiando o lado de Turno, veio auxiliá-lo com um grande exército de volscos. Inúmeras vezes ela irrompeu armada contra os troianos⁸⁹⁴, e, lutando energicamente, num único dia matou muitos deles. Enquanto perseguia, por último, um certo Corebo⁸⁹⁵, sacerdote de Cibele, ávida por suas armas, foi ferida mortalmente sob o seio, com uma flecha lançada por um certo Arunte, da parte dos inimigos; assim, para o máximo prejuízo dos rútilos, ela caiu moribunda, e entre as amadas práticas militares, faleceu⁸⁹⁶.

(7) Gostaria que as meninas dos dias de hoje levassem Camila em consideração: e, ao observarem a donzela já crescida e dona de si, atravessando - a seu bel prazer - ora extensos campos, ora florestas e tocas de feras levando a aljava, suprimindo com perpétuo esforço a lascívia dos instintos sedutores; fugindo das delícias e da suavidade das comidas refinadas e das bebidas elaboradas, e rejeitando, com ânimo inabalável, sem falar nos abraços, mas também as palavras dos jovens de sua época: que as moças de agora, advertidas, aprendam o que seria conveniente na casa do pai, nos templos e nos teatros, nos quais uma multidão de espectadores e rigorosíssimos censores dos costumes se reúnem. Que aprendam, por exemplo, a não dar ouvidos aos pouco respeitosos, a refrear a boca com seu silêncio e os olhos com a circunspeção, a compor seus modos e a reprimir todas as suas atitudes com o peso da respeitabilidade, a evitar a

⁸⁹³ *Inflexo*: aqui Zaccaria e Brown vertem o adjetivo *inflexus* como “inflexível”: “ma mantenne inflessibilmente il suo proposito” (p.159); “but remained inflexible in her resolve” (p.157), ambos consideram, pois, o *in-* num sentido privativo; porém *inflexus* significa em latim clássico “curvado”, “comovido”, “enternecido” (cf. *OLD*); também o *Revised Medieval Latin* registra *inflexus* apenas com o sentido de flexionado.

⁸⁹⁴ Cf. Zaccaria (p. 512, nota 3): “*In Teucros* è di Aut. Laur.; stampe e mss. Danno *In Phrigios* per uniformarsi a Virgilio, *Aeneidos*, XI 769.”

⁸⁹⁵ Cf. Zaccaria (p. 512, nota 4): “*Chloreus* in Virgilio, *Aeneidos*, XI 768; ma *Corebus* in alcuni mss.”

⁸⁹⁶ Cf. Zaccaria (p. 512, nota 5): “Molto simile il racconto di *Esposizioni Dante*, I cit. Ivi *Metabo* appare re di Priverno (e anche qui è cacciato ‘*Privernatum [...] sediktione*’). Manca nel nostro capitolo il particolare, col rinvio a Virgilio, *Aeneidos*, VII 808, della velocità e della leggerezza del corpo di Camilla, per cui cfr. *Chiose al Teseida*, VI 53, i.”

ociosidade, as comilanças⁸⁹⁷, a suntuosidade excessiva, as danças e a companhia dos jovens. E que compreendam que não é santo e nem está de acordo com a castidade escolher somente aquilo que nos apraz, e fazer tudo o que nos é permitido; de forma que, tornadas mais prudentes, florescendo em louvável virgindade, e obedecendo aos mais velhos, cheguem amadurecidas às sagradas núpcias⁸⁹⁸.

XL. Sobre Penélope, esposa de Ulisses⁸⁹⁹

(1) Penélope, filha do rei Icário⁹⁰⁰ e esposa de Ulisses (homem absolutamente intrépido), foi um santíssimo e eterno exemplo de inviolada retidão e de destemperedada pudicícia para as damas. (2) As forças de sua castidade sem dúvida foram testadas severamente pela fortuna, mas em vão. Isso porque, depois que ela - ainda uma jovem donzela, que era de se estimar também por causa da beleza de sua figura - pelo pai foi unida a Ulisses, e dele deu à luz Telêmaco, então, eis que Ulisses foi chamado (ou melhor, quase arrastado à força) para a campanha da guerra de Troia, e assim Penélope foi deixada por ele com o pai Laertes, já velho, com a mãe Anticleia, e com o pequeno filho. (3) Sem dúvida, durante a guerra, Penélope não sofreu nenhuma injúria além dos dez anos sem marido. Entretanto, quando Troia foi destruída, e os líderes retornavam para casa, a notícia era de que alguns haviam sido lançados contra os rochedos por uma tempestade no mar, ou que tinham sido impelidos para uma praia estrangeira, ou que haviam sido devorados pelas ondas, que poucos deles teriam sido recebidos em pátria: apenas era incerto o curso que tomaram as naus de Ulisses. (4) Por isso, como não tornava à pátria, nem parecia ter sido visto por qualquer pessoa de maneira alguma, o homem longamente esperado foi dado como morto. A mãe Anticleia, digna de piedade, dando crédito a isso, acabou com a vida enforcando-se para aliviar sua dor. (5) Penélope, no entanto, embora quase sempre suportasse a ausência do marido com

⁸⁹⁷ *Commesationes*: o termo não se encontra nos dicionários consultados; a tradução que propomos se baseia na palavra *comesor* (que, segundo o *OLD*, significa: “A glutton, gourmand”). Zaccaria traduz: “i disordini” (p.161); Brown: “feasting” (p.159).

⁸⁹⁸ Cf. Zaccaria (p. 512, nota 6): “Manca in Vu e L tutta la digressione finale: che è certamente più voluta che ispirata o convinta.”

⁸⁹⁹ Cf. Zaccaria (p. 513) para outras obras boccaccianas em que a personagem figura: *Filocolo*, III 5, 15 e IV 26, 3; *Amorosa Visione*, XXVII 80; *Genealogia*, V 44, X 59, XI 40 e XII 69.

⁹⁰⁰ Cf. Zaccaria (p. 513, nota 1): “ Omero, *Odyssea*, I 329 citato in *Genealogia*, V 44 (e cfr. Pertusi, *Leonzio Pilato...*, p. 311).”

grande dificuldade, ainda muito mais aflita suportou a funesta conjectura de sua morte. (6) Mas depois de muitas lágrimas e de muitíssimas vezes ter chamado Ulisses em vão, decidiu, com ânimo resolutivo, envelhecer em castíssima e perpétua viuvez, em companhia do velho Laertes e do filho Telêmaco. (7) Contudo, como a sua aparência formosa, suas louváveis maneiras e seu egrégio nascimento despertaram o interesse de alguns dos nobres de Ítaca, Cefalônia e da Etólia, que passaram a amá-la e desejá-la, ela foi enormemente incomodada por seus assédios. (8) Como a esperança de vida ou da volta de Ulisses parecesse ser diminuída pouco a pouco a cada dia, aconteceu que, quando, diante da repugnância causada pelos pretendentes⁹⁰¹, Laertes se retira para o campo, eles próprios ocuparam o palácio de Ulisses, e muitíssimas vezes, com toda força que podiam, pediam Penélope, com rogos e conselhos, em casamento. (9) A mulher, por sua vez, temendo que o propósito de seu sacro peito fosse violado (já percebendo que o caminho pelo qual poderia recusar os pedidos havia desaparecido), pensou - certamente esclarecida pela luz divina - que os inimigos deveriam ser enganados, ao menos por algum tempo, com astúcia e com o estabelecimento de um prazo final⁹⁰². Então ela pediu aos perseguidores que permitissem que ela esperasse por algum tempo o marido, até que pudesse terminar de tecer uma trama, que ela, segundo o costume das mulheres reais, havia começado. (10) Visto que os egrégios competidores facilmente o consentiram, com feminina astúcia a rainha, tecendo por meio de engenhosa dedicação, desmanchava à noite (desfazendo os fios secretamente) aquilo que ela mesma parecia acrescentar à obra durante o dia. (11) Como, por meio desse artifício, ela iludira durante algum tempo aqueles que, em assíduos banquetes, consumiam os bens de Ulisses em seu palácio, e agora parecia que já não podia enganá-los por mais tempo, aconteceu que, pela piedade de Deus, Ulisses – navegando desde o reino dos Feácios⁹⁰³ - chegou à Ítaca, sozinho e despercebido, vinte anos depois da sua partida, e se aproximou de seus pastores intencionando perguntar a respeito da condição do que era seu. Uma vez que, astuciosamente, se apresentasse vestido como um

⁹⁰¹ *Procatorum*: o *Revised Medieval Latin* registra *procator* com o sentido de sedutor. No *OLD* encontramos *procatio*: “the act of wooing, suit”. Saraiva e Gaffiot também não trazem esse adjetivo.

⁹⁰² Seguimos em parte a tradução de Zaccaria: “[...] penso di ingannare quei nemici, almeno per qualche tempo, coll’astuzia di fissare un termine.” (p. 163).

⁹⁰³ Cf. Zaccaria (p. 513, nota 2): “*Pheycum* in Aut. Laur. (come in *Genealogia*, XIV 13: cfr. Hecker, *B. Funde...*, pp. 232 e 316; *Phenicum* in altri mss.”

mendigo, foi recebido amigavelmente por Sibote⁹⁰⁴, seu porqueiro já velho, e pelo relato desse pôde compreender a situação de quase todos os seus bens. Então avistou Telêmaco voltando do reino de Menelau e secretamente se deixou reconhecer por ele, revelando todo seu plano. Dessa forma, Ulisses foi levado à pátria, ainda incógnito, por Sibote⁹⁰⁵. (12) Quando viu os pretendentes tomarem suas coisas daquele modo, e a casta Penélope recusando os pedidos de casamento deles, furioso, junto com o porqueiro Sibote⁹⁰⁶, seu pastor Filisto, e com o filho Telêmaco, fechadas as portas do palácio, insurgiu-se contra os pretendentes que estavam se banquetando e matou Eurímaco, filho de Pólipo, Antínoo, Anfião, Clisipo⁹⁰⁷ de Samos, Agelão⁹⁰⁸ e outros que suplicavam em vão o seu perdão. Junto a eles, Ulisses também matou Melântio, seu cabreiro, que fornecia armas aos inimigos, e as mulheres que trabalhavam em sua casa, as quais ele soubera terem colaborado com os pretendentes. Assim, ele libertou sua Penélope das perfídias dos sedutores. Finalmente, quando ela pôde (ainda que com dificuldade) reconhecê-lo, foi inundada por uma enorme alegria e recebeu o homem que há tanto tempo era esperado. Porém, afirma um certo Lícofron, o último dos poetas da Grécia, que - aconselhada pelo velho Náuplio (homem que, praticando o lenocínio, conduzia para o meretrício quase todas as esposas dos gregos para vingar Palamedes, seu filho) - Penélope mantivera relações íntimas com algum dos pretendentes. (14) Que esteja longe de mim acreditar que Penélope, célebre nos registros de muitos autores por sua castidade, fosse algo além do que muitíssimo casta, havendo um único contrário aos que assim afirmam⁹⁰⁹. Sua virtude é seguramente tanto mais célebre e mais

⁹⁰⁴ *Sybotēs*: “a swineherd” (*OLD*), “porqueiro”. Boccaccio atribui o nome “Sibote” (conforme o aportuguesamos) ao porqueiro Eumeu, tendo levado em consideração sua profissão. Cf. nota abaixo.

⁹⁰⁵ Cf. Zaccaria (p. 513, nota 3): “Curioso equivoco, per cui *sybotēs*, appellativo per indicare il mestiere di Eumeo (anche in Igino, *Fabulae*, 125-126: “pervenit ad quandam casam ubi erat nomine Eumeus *sybotēs*”), diventa nome proprio, qui, come più sotto: “*irritatus cum Sybote sebulco et Phylitia opilione suo*”. Anche il nome Philetius (dall’omerico *Philoitios*) è deformato in *Phylitia*.”

⁹⁰⁶ Mantivemos, aqui, a repetição do termo que consta no texto boccacciano.

⁹⁰⁷ *Clisippum*: o nome foi aportuguesado, uma vez que não o encontramos (com esta grafia) nos dicionários consultados.

⁹⁰⁸ *Agelaum*: o nome foi aportuguesado, uma vez que não o encontramos (com esta grafia) nos dicionários consultados.

⁹⁰⁹ Cf. Zaccaria (p. 513, nota 4): “Anche in *Genealogia*, V 44, X 59, XII 69 è citato, attraverso Leonzio Pilato, Licofrone (*Schol. Tzetzae in Lycophr. Alex.*, 776, ed. Cit., p. 645, 18-20), come fonte della notizia dei diversi connubi tra Penelope e i proci, da uno dei quali sarebbe nato Pan (e in *Genealogia*, XII 69: “eo quod eloquentia quesitus videatur, [Pan] Mercurii filius

recomendável quanto mais rara de ser encontrada: perturbada por enorme disputa, tanto mais constante a inabalável a mulher perseverou.

dictus est”. (cfr. Pertusi, *Leonzio Pilato...*, pp. 271, 314-15 e 373 e Ricci, *Studi...*, p. 19. Ma il B. respinge decisamente la notizia. In Igino, *Fabulae*, 127 è detto di un altro più tardo matrimonio di Penelope con Telegono, figlio di Ulisse e Circe, da cui nacque Italo *qui Italiam ex suo nomine denominavit*.”

BIBLIOGRAFIA

Obras de Boccaccio

- BAROIN, J., HAFFEN, J. «*Boccacce. Des cleres et Noble Femmes*». Paris : Annales Littéraires de l'Université de Besançon, 1993.
- BOCCACCIO, G. *Boccaccio on Poetry*. Trans. Charles G. Osgood. Princeton: Princeton University Press, 1930.
- BOCCACCIO, G. *Decamerão*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1970.
- BOCCACCIO, G. *Decameron*. Vol. I e II. Milão: Oscar Mondadori, 2009.
- BOCCACCIO, G. *De Claris Mulieribus/Die Groben Frauen*. Stuttgart: Reclam, 2003. Trad. e Notas de Irene Ergen e Peter Schmitt.
- BOCCACCIO, G. *Famous Women*. Edited and Translated by Virginia Brown. The I Tatti Renaissance Library. Cambridge/London: Harvard University Press, 2001.
- BOCCACCIO, G. (a cura di Gianni Villani). *Vita di Petrarca*. Roma, Salerno Editrice, 2004.
- BRANCA, V. (a cura di-). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Verona: Arnoldo Mondadori editore, 1967-1970, Vol. X a cura di Vittorio Zaccaria ([Milão] 1967; 2ª edição, 1970).

Autores antigos

- ARISTOTLE. *Poetics*. Translated by Stephen Halliwell. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1995.
- BESSONE, Federica. P. *Ovidii Nasonis Heroidum epistula XII: Medea Iasoni*. Firenze : Le Monnier, 1997.
- CICERO, *De Inventione*. With an English Translation by H. Rackham. The Loeb classical Library. London; Cambridge-Mass.:W. Heinemann; Harvard University Press, 1967.
- CICERO. *De Oratore*. The Loeb classical Library. London; Cambridge: Heinemann; Harvard University Press, 1976-82.
- GONÇALVES, Simone Ligabo. *As Heróides de Ovídio: uma tradução integral*. São Paulo, 1998, dissertação de mestrado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.
- HESÍODE. *Théogonie, Les Travaux et les Jours, Le Bouclier*. Paris, Les Belles Lettres, 1986. Traduit par Paul Mazon.
- OVID. *Heroides. Amores*. (Trad. Grant Showerman). Harvard University Press, 1996.
- OVID. *Metamorphoses. Books I-VIII*. (Trad. Frank Justus Miller). Cambridge and London :Harvard University Press, 1999.
- OVIDE. *Les Métamorphoses. VI-X*. Paris, Les Belles Lettres, 2000.
- OVIDE. *Les Métamorphoses. I-V*. Paris, Les Belles Lettres, 1999. Texte établi et traduit par Georges Lafaye.
- OVÍDIO. *As Metamorfozes*. Tradução de Antônio Feliciano de Castilho. Rio: Organização Simões Editora, 1959.

- OVÍDIO. *Metamorfoses*. São Paulo: Hedra, 2000. Tradução do latim para o português de Bocage.
- OVIDIUS Naso, Publius. *Metamorphoses*. [Books] V – VIII. Hill, Donald E. [Hrsg.] Warminster, Wilts.: Aris & Phillips, 1992.
- ROLFE, J.C. (Ed. e Trad.). *Suetonius*. Vol. I. London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1998.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução e notas de Odorico Mendes. São Paulo, Campinas: Ateliê Editorial e Editora da Unicamp, 2005.

Obras de Referência

- BELL, R.E. *Women of classical mythology. A biographical dictionary*. New York: Oxford University Press.
- BOSSUAT, R ; PICHARD, L ; RAYNAUD, G. *Dictionnaire des lettres françaises. Moyen Age*. Fayard, 1^o ed.: 1964.
- BRUSCAGLI, R., TELLINI G. “Giovanni Boccaccio” in *Letteratura e storia. Dalle origini all’età comunale*. Vol. I. Firenze: Sansoni, 2005.
- BRIOSCHI, F.; GIROLAMO, C. (a cura di-). *Manuale di letteratura italiana. Storia per Generi e Problemi. Dalle origini alla fini del quattrocento*. vol.I.Torino: Bollati Boringhieri, 1998.
- CART, A. (et.al.). *Gramática Latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des mots*. Paris: Éditions Klincksieck, 1968.
- CONTE, G. B. *Latin literature. A history*. Trad. J. B. Solodow. Londres: John Hopkins University Press, 1994.
- CUNHA, C., CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lexikon, s.d.
- ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 1967.
- ERNOUT, A., THOMAS, F. *Syntaxe Latine*. Paris: Klincksieck, 1959.
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris: Hachette, 1934.
- GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin dictionary*. Oxford: Clarendon, 1982.
- GRIMAL, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. Paris: PUF, 1988.
- HARVEY, P. *Dicionário Oxford de cultura clássica*. Trad. M. G. Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Objetiva, 2007.
- HOWATSON, M.C. (ed.). *Oxford companion to classical literature*. New York: Oxford University Press, 1997.
- LATHAM, R. E. *Revised Medieval Latin Word-List From Bristish Sources and Irish Sources*. British Academy. London: Oxford University Press, 1989 (1^a edição, 1965).
- MUSCETTA, Carlo. "Giovanni Boccaccio". *Letteratura italiana Laterza*. Bari: Laterza, 1989.
- NIERMEYER, J.F. *Mediae Latinitatis Lexicon Minus*. Leiden, E.J. Brill, 1954-1976.

- PARATORE, E. *História da literatura latina*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Gulbenkian, 1983.
- RICCI, L.B. “Bibliografia Essenziale” in *Boccaccio*. Roma: Salerno Editrice, 2000.
- ROCHA PEREIRA, M. H. *Estudos de História da Cultura Clássica II. Cultura Romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, 3ª Ed.
- SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.
- SILVERA BUENO, F. *Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa*. v. III. São Paulo: Edição Saraiva, 1965.
- SMITH, W. (Ed.). *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*. I, II, II vols. London: 1851.
- TORRINHA, F. *Dicionário Latino Português*. Porto: Gráficos Reunidos LDA, 8ª edição.
- Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa. Imprensa Nacional de Lisboa, 1940.

Outros estudos

- AUERBACH, E. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997.
- BALDSON, J. P. V. D. *Auctoritas, Dignitas, Otium, Classical Quarterly*, 10, 1960, pp. 43-50.
- BARCHIESI, A. "Otto punti su una mappa dei naufragi", *MD*, 39, 1997, pp. 209-226.
- BARCHIESI, A.; HARDIE, P. “The Ovidian career model: Ovid, Gallus, Apuleius, Boccaccio” in Hardie, P.; Moore, H. (ed.). *Classical Literary careers and their reception*. Cambridge University Press, 2010, pp. 59-88.
- BERSCIN, W. (Heidelberg); GÖRGEMANNS, H. (Heidelberg). "Biography", *Brill's New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmut Schneider. Brill, 2009. Brill Online. Universitaetsbibliothek Heidelberg. March 2009.
- BILLANOVICH, G. *I primi umanisti e le tradizioni dei classici latini*, Friburgo, 1953, pp. 1-176.
- BLOCH, R. H. *Misoginia Medieval. A Invenção do Amor Romântico Ocidental*. Tradução de Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- BRANCA, V. *Boccaccio Medievale*, Firenze, 1956, pp. 185-205.
- _____. *Boccaccio: The Man and His Works*. (Trad. R. Monges). New York, 1976.
- _____. “Introduzione” in Boccaccio. *Decameron*. A cura de Vittore Branca. Milano: Oscar Mondadori, 2009, pp. xi-xlvi.
- _____. *Tradizione delle opere di Giovanni Boccaccio*, Roma, 1958.
- _____. “Profilo Biografico” in BRANCA, Vittore (a cura di-). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Verona: Arnoldo Mondadori editore, 1967-1970, Vol. I([Milão] 1967; 2ª edição, 1970).
- BRANCA, V.; ZACCARIA, V. “Un altro codice del ‘De mulieribus claris’ del Boccaccio” in *Studi sul Boccaccio* 24 (1996), 3-6.
- BREMMER, J. (ed.). “What is a Greek Myth?” in BREMMER, J. *Interpretations of greek mythology*. London, Routledge, 1994.
- BROWN, V. “Introduction” in BOCCACCIO, G. *Famous Women*. The I Tatti Renaissance Library. Cambridge, MA, and London, England: Harvard University Press, 2001.

- BROWN-GRANT, R. "Des Hommes et des Femmes Illustres: Modalités Narratives et Transformations Génériques chez Pétrarque, Boccace et Christine de Pizan", in DULAC, L., RIBÉMONT, B. *Une Femme de Lettres au Moyen Age: Études autour de Christine de Pizan. Medievalia*, 16, Études Christiniennes. Órleans: Paradigme, 1995, pp. 469-479.
- CARDOSO, I. T. *Theatrum mundi: Philologie und Nachahmung*. In: Schwindt, J. H. (ed.). (Org.). *Was ist eine philologische Frage?* Frankfurt: Ed. Suhrkamp, 2009, v., p. 82-111.
- CASA, A. *Le Donne Degli Elegiaci Latini. Dalle Elegie di Catullo. Tibullo, Ligdamo, Propertio, Ovidio*. Torino, Loescher Editore, 1981.
- CASELLA, M. T. "Il Valerio Massimo in volgare, dal Lancia al Boccaccio", *IMU*, 1963, VI, pp.49-136.
- CAVALLARI, D. N. *O Decameron de G. Boccaccio: alguns traços de intertextualidade*. Recorte (Três Corações), v. 5, p. 4, 2006
- CERBO, A. "Il 'De mulieribus claris' de Giovanni Boccaccio", *Arcadia, Accademia Letteraria Italiana, Attie e Memorie*, 7 (1974), pp. 51-75.
- _____. *Metamorfosi del mito classico da Boccaccio a Marino*. Pisa: Edizioni ETS, 2001.
- CONTE.G.B ; BARCHIESI, A. "Imitazione e arte allusiva. Modi e funzioni dell'intertestualità" in Cavallo, G; Fedeli, P; Giardina, A. (ed.). *Lo spazio letterario do Roma antica. La produzione del testo*. Vol. I. Roma: Salerno Editrice, 2004, pp. 81-114.
- CONTE, G. B. *The Rhetoric of Imitation: Genre and Poetic Memory in Virgil and Other Latin Poets*. Cornell University Press, 1986.
- COULTER, G.C. "Boccaccio's acquaintance with Homer", *Philological Quarterly*, V, 1926, pp. 44-53.
- COULTER, C.C. "Boccaccio's Archeological Knowledge", *American Journal of Archaeology*, Vol. 41, número 3, 1937, pp.397-405.
- _____. "Boccaccio's Knowledge of Quintilian", *Speculum*, 1958, XXXIII, pp. 480-496.
- CURTIUS, E. R. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Editora Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo, 1996. Tradução Teodoro Cabral e Paulo Rónai.
- DUBY, G. *Idade Média, Idade dos Homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DUBY, G; PERROT, M (orgs.). *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1990.
- FERA, V. "La filologia del Petrarca e i fondamenti della filologia umanistica" in *Quaderni Petrarqueschi*, IX, X, 1992-1993, Firenze, Casa Editrice Le Lettere, pp. 367- 391.
- FOUCAULT, M. *O que é um autor?* (Tradução de Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro). Lisboa: Vega, 1992.
- FOWLER, D. *Roman Constructions. Readings in Postmodern Latin*. Oxford University Press, 2000.
- FRANKLIN, M. *Boccaccio's Heroines: Power and Virtue in Renaissance Society (Women and Gender in early modern world)*. Ashgate Publishing, 2006.
- GARIN, E. *Idade Média e Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1994.
- GATHERCOLE, P.M. "French Translators of Boccaccio", *Italica*, vol. 46, nº 3, 1969, pp.300-309.

- _____. "Illuminations on the French Manuscripts of Boccaccio's *De Claris Mulieribus*", *Italica*, Vol. 42, n° 3, 1965, pp.213-217.
- GENTILI, B; CERRI, G. *Le teorie del discorso storico nel pensiero greco e la storiografia romana arcaica*. Roma: Edizioni dell'ateneo, 1975.
- GRIMAL, P. (ed.) *Histoire mondiale de la femme*. Paris: Nouvelle Librairie de France, 1974.
- GUGLIELMINETTI, Marziano. "La tecnica dell'allusione" in CAVALLO, G; FEDELI, P; GIARDINA, A. (org.). *Lo spazio letterario di Roma antica. L'attualizzazione del testo*. Vol. IV. Roma: Salerno Editrice, 1999, pp. 11-45.
- HALLIWELL, S. *The Aesthetics of Mimesis. Ancient Texts and Modern Problems*. Princeton University Press, 2002.
- HARDIE, P. (ed.) *The Cambridge Companion to Ovid*. UK: Cambridge University Press, 2002.
- HARDIE, P. *The Epic Successors of Virgil: A Study in the Dynamics of a Tradition*. Cambridge University Press, 1993.
- HARDISON, O. B. Jr. *The Enduring Monument : A study of the Idea of Praise in Renaissance Literary Theory and Practice*. Chapel Hill, North Carolina: University of North Carolina Press, 1962.
- HAUVETTE, H. *Boccace. Étude biographique et littéraire*, Paris: Colin, 1914.
- HECKER, O. *Boccaccio-Funde*, Braunschweig, 1902.
- HORTIS, A. *Studi sulle opere latine di Giovanni Boccaccio*. Trieste, 1879.
- HYDE, T. "Boccaccio: The Genealogies of Myth", *PMLA*, vol. 100, n°5, 1985, pp. 737-745.
- IANNI, E. "Dei Manoscritti Autografi di Giovanni Boccaccio", *MLN*, vol. 86, n°1, 1971, pp.99-113.
- JEANROY. A. "Boccace et Christine de Pizan: Le *De Claris Mulieribus* principale source du *Livre de la Cité des Dames*", *Romania* 48, 1922, pp. 147-154.
- JOCELYN, H.D. "Giovanni Boccaccio's interpretations of Graeco-Roman myths and the constraints and impulses of his own times", *Die Allegorese des antiken Mythos*. Harrassowitz Verlag, 1997, pp. 253-265.
- JORDAN, C. "Boccaccio's In-famous Women: Gender and Civic Virtue in *De mulieribus claris*." In *Ambiguous Realities: Women in the Middle Ages and Renaissance*, ed. Carole Levin and Jeanie Watson, 25-47. Detroit: Wayne State University Press, 1987.
- KALLENBORG, C. "Boccaccio's Dido and the Rhetorical Criticism of Virgil's *Aeneid*", *Studies in Philology*, vol. LXXXII, n°4, University of North Carolina Press, 1985.
- KOLSKY, S. *The genealogy of women: studies in Boccaccio's De Mulieribus Claris*. New York: Peter Lang Publishing, 2003.
- _____. *Ghost of Boccaccio: Writings on Famous Women in Renaissance Italy*. Brepols Publishers, 2005.
- KRAUS, C.S. "Historiography and Biography" in HARRISSON, S. (ed.) *A companion to Latin Literature*. Blackwell Publishing, 2007.
- KRISTELLER, P. O. (edited by Michael Mooney). *Renaissance thought and its sources*. New York: Columbia University Press, 1961.
- KRISTELLER, P.O; RANDALL, J.H. "The study of the philosophies of the Renaissance", *Journal of the History of Ideas*, vol. I, n° 2. London, New York, San Francisco: Johnson Reprint Corporation, 1941.

- LE GOFF, J. *Os Intelectuais da Idade Média*. RJ: José Olympio Editora, 2003.
- LORD, M. L. “Boccaccio’s ‘Virgiliana’ in the ‘Miscellanea Latina’”. *IMU*, 1991, n°34, pp.127-197.
- MARGARET, F. *Boccaccio’s Heroines. Power and Virtue in Renaissance Society*. Ashgate, 2006.
- MAZZA, A. “L’inventario della *parva libraria* di Santo Spirito e la biblioteca del Boccaccio”, *Italia medioevale e umanistica* 9, 1966, pp. 1-74.
- MCLEAN, I. *The Renaissance Notion of Woman: A study in the Fortunes of Scholasticism and Medical Science in European Intellectual Life*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- MCLEOD, G. *Virtue and Venom: Catalogues of Women from Antiquity to the Renaissance*. University of Michigan Press, 1991.
- MORGANTI, B.F. *Invective Contra Medicum de Francesco Petrarca: Tradução, Ensaio Introdutório e Notas*. Campinas, 2008, tese de doutorado do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP.
- MORSE, R. *The Medieval Medea*. Cambridge: D.S.Brewer, 1996.
- MURPHY, J. *Rethoric in the Middle Ages: A history of Rethorical Theory from St. Augustine to the Renaissance*. Berkeley: University of California Press, 1974.
- MUSTL, D. “Il Pensiero Storico Romano” in CAVALLO, G; FEDELI, P; GIARDINA, A. (Ed.). *Lo Spazio Letterario di Roma Antica. La produzione del testo*. Vol. I. Roma: Salerno Editrice, 2004.
- NERI, M. L; NOVAK, M. G; PETERLINI, A. A. (org.). *Historiadores Latinos. Antologia Bilíngue*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PARODI, E.G. “Osservazioni sul ‘cursus’ nelle opere latine e volgari del B.”, *Miscellanea storica della Valdelsa*, 1913, pp. 231-248 (ora in *Lingua e letteratura a cura di G. Folena*, Venezia: 1957, pp. 485-492).
- PASQUALI, G. “Arte allusiva”, in *Pagine stravaganti*. Firenze: Sansoni, 1968, v. II.
- PEREIRA, M. A. *Quintiliano gramático: o papel do mestre de Gramática na Instituição oratoria* (2ª ed.). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. v. 1.
- PERTUSI, A. “Euripide nel primo umanesimo”, *Italia Medioevale e Umanistica*, III, 1960, pp. 101-152.
- PETRARCA. *Prose*. Milano, Napoli: Riccardo Ricciardi Editore.
- PETRARCA. *Res Seniles. Libri I-IV*. Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 2006. A cura di Silvia Rizzo, con la collaborazione di Monica Berté.
- PHILLIPPY, A. P. “Establishing authority: Boccaccio’s *De claris Mulieribus* and Christine de Pizan’s *Cité des Dames*”, *Romanic Review* 77, 1986, 167-193.
- PRATA, Patrícia. *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*. Campinas: 2007. Tese de doutorado do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP
- RADCLIFF-UMSTEAD. “Boccaccio’s Adaptation of Some Latin Sources for the Decameron”, *Italica*, vol. 45, n°2, 1968, pp. 171-194.
- REYNOLDS, S. *Medieval Reading. Grammar, Rethoric and the Classical Text*. Cambridge University Press, 1996.
- RICCI, L. B. “La produzione latina” in *Boccaccio*. Roma: Salerno Editrice, 2000, pp. 207-26.
- RICCI, P.G. “Le fasi redazionali del *De Mulieribus Claris*” in *Studi sulla vita e le Opere Del Boccaccio*, Milano, Napoli, Ricardo Ricciardi Editore: 1985, pp.125-135.

- _____. "Studi sulle opere latini e volgari del Boccaccio", *Rinascimento*, X, n°1, 1959, pp. 3 ss.; 2ª série, II, 1962, pp. 20 ss.
- RIZZO, S. "Petrarca, il latino e il volgare" in *Quaderni Petrarqueschi*, VII, 1990, Firenze: Casa Editrice Le Lettere, pp.7-40.
- _____. "Il latino del Petrarca e il latino dell'umanismo" in *Quaderni Petrarqueschi*, IX, X, Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 1992-1993, pp. 349-365.
- ROUSE, Richard and Mary. *Preachers, Florilegia, and Sermons*. Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 1979.
- SABBADINI, R. *Le scoperte dei codici latini e greci ne' secoli XIV e XV*. Firenze: G.C. Sansoni Editore, 1967. Edizione anastatica con nuove aggiunte e correzione dell'autore a cura di Eugenio Garin.
- SILVA, Mariana Musa de Paula e. *Artesque locumque: espaços da narrativa no livro V das Metamorfoses de Ovídio*. Campinas, 2008, tese de mestrado do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP.
- THOMPSON, D. *The Three Crowns of Florence: Humanist Assessments of Dante, Petrarch, and Boccaccio*. New York: Harpers, 1972.
- TORRETTA, L. "Il liber *De Claris Mulieribus* di Giovanni Boccaccio", *Giornale storico della letteratura italiana*, 1902, vol. 39, pp.252-292, vol. 40, pp. 35-65.
- TRAVERSARI, G. "Appunti sulle redazioni del 'De claris mulieribus' di Giovanni Boccaccio", *Miscellanea di studi critici pubbl. in onore di G. Mazzoni*, I, Firenze: 1907, pp. 225-251.
- TREVIZAM, M. *A elegia erótica romana e a tradição didascália como matrizes compositivas da Ars Amatoria de Ovídio*. Campinas, 2003, dissertação de tese de mestrado do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP.
- _____. "Incorporação de um mito ovidiano (*Metamorfoses*, VI 412-647) à *Philomena* de Chrétien de Troyes", *Phaos*, 2005, 127-146.
- TUVE, R. *Allegorical Imagery: Some Medieval Books and Their Posterity*. Princeton: Princeton University Press, 1966.
- USSANI, V. Jr. "Alcune imitazioni ovidiane del Boccaccio", *Maia*, 1948, I, pp. 289-306.
- VASCONCELLOS, P. S. *Efeitos Intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo: Humanitas, 2001.
- _____. *Reflexões sobre a noção de arte alusiva e intertextualidade na poesia latina, Clássica*, São Paulo, 2011 (no prelo).
- VENINI, P. *Sulla tecnica compositiva Suetoniana*. Pavia, 1975.
- WILKINSON, L.P. *Ovid recalled*. Cambridge: Cambridge University Press, 1965.
- WILLS, J. *Repetition in Latin Poetry. Figures of Allusion*. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- ZACCARIA, V. "Introduzione" in BRANCA, V. (a cura di-). *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*. Verona: Arnaldo Mondadori editore, 1967-1970, vol. X a cura di Vittorio Zaccaria, Milão: 1967; 2ª ed., 1970.
- _____. "Le fasi redazionali del "De Mulieribus", *Studi sul Boccaccio*, I, 1963, pp. 253-332.
- _____. "Apunti sul latino del Boccaccio nel 'De mulieribus Claris' (dall'autografo Laur. Pl. 90 sup. 98)", *Studi sul Boccaccio*, III, 1965, pp. 229-46.
- _____. "Boccaccio e Tacito" in G. Tournoy, ed., *Boccaccio in Europe. Proceedings of the Boccaccio Conference*. Louvain: December, 1975, pp. 221-37.

ZAPPACOSTA, G; ZACCARIA, V. "Per il testo del 'De Claris Mulieribus'", *Studi sul Boccaccio* 7 (1973), pp. 239-270.